

Skyshade

Alex Aster

From the #1 *New York Times*
bestselling author of **LIGHTLARK**

SKYSHADE



ALEX ASTER

From the #1 *New York Times*
bestselling author of **LIGHTLARK**

SKYSHADE



ALEX ASTER



SKYSHADE

ALEX ASTER

THE LIGHTLARK SAGA
BOOK 3



AMULET BOOKS • NEW YORK





NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Dados de catalogação na publicação foram solicitados e podem ser obtidos na Biblioteca do Congresso.

ISBN 978-1-4197-7378-5 eISBN

979-8-88707-518-1

Texto © 2024 Alex Aster

Design de livro por Chelsea Hunter

Publicado em 2024 pela Amulet Books, uma marca da ABRAMS. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão por escrito do editor.

Os Amulet Books estão disponíveis com descontos especiais quando comprados em quantidade para prêmios e promoções, bem como para arrecadação de fundos ou uso educacional. Edições especiais também podem ser criadas conforme as especificações. Para detalhes, entre em contato com specialsales@abramsbooks.com ou pelo endereço abaixo.

Amulet Books® é uma marca registrada da Harry N. Abrams, Inc.

ABRAMS A Arte dos Livros

195 Broadway, Nova York, NY 10007 abramsbooks.com

OceanofPDF.com

Para qualquer um que já buscou força nos outros e a encontrou em si mesmo.

OceanofPDF.com



LAR

Isla Crown observou o homem que amava desaparecer enquanto o mundo caía. O outro homem que amava agarrou seu braço com a esperança desesperada de se agarrar a um sonho antes de acordar. Seu estômago caiu; seus ouvidos zumbiram — Espadas se chocando e dreks uivantes se transformaram em silêncio.

“Você está em casa,” Grim disse, sua voz quebrando em alívio; e então ela foi enredada no lugar familiar contra seu peito, sua bochecha abaixo de seu coração. Foi instinto respirá-lo, segurá-lo perto.

Casa. Algo em sua medula se desenrolou.

Outra parte recuou.

Ela se afastou. Olhou para baixo. Sua armadura e mãos estavam cobertas de sangue. Seus lábios tinham gosto de sal — suor e lágrimas da batalha. Ela considerou tudo o que tinha feito... tudo o que ela era...

Ela queria correr. Ela queria destruir esses corredores do mesmo jeito que fez no primeiro dia em que se conheceram, ela queria voltar para Lightlark, de volta para os braços de Oro—

Mas ela estava ali por um motivo. Isla mataria Oro ou Grim, de acordo com o oráculo. Era o destino. Agora, sabendo o que ela tinha feito no passado, todas as pessoas que ela tinha matado... ela não confiava em si mesma para não machucar o rei Sunling.

Grim se aproximou dela lentamente, timidamente. Sua voz era gentil.

“Coração.” Ele ofereceu sua mão novamente, seus nós dos dedos em carne viva e cobertos com o que tinha que ser sangue dele e de Oro.

Coração. O dela estava partido ao meio. Uma parte o queria mais do que tudo — lembrado. Outra queria esfaqueá-lo no peito novamente.

Ela pegou a mão dele.

Os ombros largos de Grim derreteram-se em alívio até que ela disse:

"Leve-me lá."

Ele sabia o que ela queria dizer. Por mais que ela quisesse odiá-lo, por mais que ela desejasse que seu ódio por ele se fixasse, criasse raízes em seus ossos e crescesse como um jardim negligenciado, ele a conhecia. Ele realmente a conhecia. "Isa

—"

"Leve. Eu. Lá." Sua voz era um som gutural áspero. Ela poderia ter se teleportado com seu dispositivo ou com o poder dele, mas a ideia de usar qualquer resquício de habilidade depois de ver o que tinha feito com ele a fez querer vomitar. Grim a estudou por mais um momento antes de enrolar seus dedos nos dela, e então a sala desapareceu. Seu estômago revirou novamente.

Cinzas grudavam em toda a superfície da paisagem, uma camada de neve envenenada.

Casas jaziam em pilhas carbonizadas como madeira de pira. Nada mais se mantinha de pé.

A aldeia estava de joelhos.

Seu grito cortou o silêncio como uma foice. Corpos grandes e pequenos se curvaram contra o chão e endureceram em escombros.

Alguns eram formas indefiníveis contra a pedra.

Você fez isso, disse uma voz em sua mente. Monstro.

Não. Ela não tinha a intenção, ela—

Memórias passaram rapidamente por baixo de seus cílios. Ela se viu visitando este site, lamentando a mesma ação no passado. Doeu. Doeu muito; ela era uma ferida que se recusava a cicatrizar. Ela queria sangrar.

Ela merecia sangrar.

Ainda assim, sua dor não significava nada: aquelas pessoas estavam mortas por causa dela.

Por causa do seu poder.

Ela se virou para Grim, com os olhos ardendo. “Você deveria me prender. Eu— eu sou uma criminosa. Sou pior do que qualquer ladrão ou assassino, eu—” Grim a pegou quando ela começou a desmaiar.

“Isso não foi intencional”, ele disse, firmando os ombros dela.

Ela engasgou com a respiração. “A intenção importa quando centenas de pessoas estão mortas?”

Seus olhos estavam tristes. “Sim.”

Ela se afastou dele. “Você diria isso. Claro, você diria isso.”

Lágrimas ficaram presas no fundo da garganta enquanto ela pensava na batalha em Lightlark, sangue por todo lado, dreks rasgando o céu com suas garras. Ciel morrendo, Avel embalando o corpo de seu gêmeo. “Eles não precisavam morrer.” Um soluço raspou suas costelas. “Por que, Grim?”

Por que você teve que atacar?”

“Você sabe por quê.” Suas palavras eram silenciosas. Ele se aproximou, mas ela andou para trás, recusando-se a preencher a lacuna entre eles.

Ela sabia. Ela quase conseguia ver agora, a ação que havia causado toda essa morte — o poder incontrolável que ela havia liberado para salvar Grim, matando-a no processo.

Ele a trouxe de volta, ao ligar sua vida à dela, mas era apenas uma solução temporária. Apenas o portal de Lightlark para outro mundo com poder infinito oferecia uma solução permanente.

“Você poderia ter me contado. Poderíamos ter conversado sobre isso.

Poderíamos ter contado a Oro—”

“Oro morrerá se usarmos o portal. Ele não teria concordado com isso.”

Ele ficou quieto por um momento. Então, “Você não teria concordado com isso.”

Claro, ela não teria feito isso. O portal de Lightlark foi construído na fundação da ilha. Usá-lo significaria a morte de Lightlark e Oro, que estava vinculado a ele como rei.

Ela balançou a cabeça, estremeando com a morte ao seu redor. "Você realmente teria deixado Lightlark cair? Você teria condenado o resto dos reinos enquanto liderava o seu para um mundo do qual não sabemos nada? Por uma mulher?" Não fazia sentido.

Grim franziu a testa. "Não por uma mulher," ele cuspiu, como se as palavras o insultassem. Ele deu um passo em direção a ela. "Por minha esposa."

Esposa. A palavra desbloqueou mil memórias deles, um ano antes do Centenário. Brigando. Apaixonando-se. Casando-se. Todos os momentos

dos quais ela não se lembrava, até recentemente. Ela fechou os olhos com força, frustrada.

"Você sabe o que quero dizer. Uma vida para arriscar milhares. Isso é criminoso.

Egoísta. Monstruoso."

Isla podia sentir Grim se aproximando. Quando abriu os olhos, ele estava bem na sua frente. "Coração", ele disse firmemente. Os espinhos em seus ombros o faziam parecer um demônio. Sua armadura manchada de sangue brilhava ao luar. "Se travar uma guerra por uma mulher é um crime, então, por favor, me considere um criminoso." Mais perto. "Se matar milhares para mantê-la viva é errado, então me considere um vilão."

Ela agora tinha que inclinar a cabeça para vê-lo claramente. Ele se inclinou.

Sua respiração era quente contra sua boca. "Se amar você tanto assim é minha ruína... então considere-me já de joelhos."

A voz dela tremeu. "Isso é nojento. Você—você é um monstro." Ela disse as palavras e sabia que isso a tornava uma hipócrita. O chão em que estavam agora, as centenas de mortes ao redor deles... ela tinha feito isso por ele. Para salvá-lo.

Nós somos monstros, Hearteater, Grim havia dito a ela, lá no Centenário. Ele estava certo.

Mas isso não significava que ela não pudesse mudar.

Grim havia prometido acabar com a batalha, se ela retornasse com ele.

Muitas vidas já haviam sido perdidas. Lightlark estava perdendo. “Chame de volta todos os seus guerreiros e dreks. Imediatamente.”

“Já está feito.” Em sua mão, a espada que controlava as bestas aladas apareceu. “Acabou.”

Era a mesma espada que eles tinham procurado, no passado. A que ela mesma tinha destrancado para ele usar.

Isso foi tudo culpa dela.

Os dreks mataram tantos. Ela levou seus amigos ao derramamento de sangue.

As forças do próprio marido os haviam eliminado.

Os sobreviventes devem pensar que ela é uma traidora. Eles devem pensar que ela estava mentindo para eles esse tempo todo. Esse fato a matou, mas seus sentimentos não importavam se ir com Grim garantisse a

segurança deles. “Comande todos os dreks para permanecerem no subsolo e coloque a espada de volta no covil do ladrão. Jure que nunca mais a usará.”

Ela esperava que Grim resistisse mais, mas as palavras saíram facilmente de sua boca: “Eu juro.”

Ela forçou a sorte. “Jure que não vai tentar usar o portal de novo.”

Dessa vez, ele não disse nada.

“Jure.”

“Se eu fizer isso, você morrerá aqui”, disse Grim. “Todos nós morreremos.”

A vida de Grim estava ligada à de todos os seus súditos. Agora, todos os destinos deles estavam ligados ao dela. Ela olhou ao redor, para os corpos. As vidas que ela já havia tirado. “Você não deveria ter se ligado a mim.” Ela fechou os olhos novamente e lágrimas rolaram pelo seu rosto.

O polegar de Grim traçou o maxilar dela, enxugando as lágrimas. “Eu faria de novo,” ele disse, sua voz um raspar profundo contra o ouvido dela.

“Eu faria mil vezes, coração; você deveria saber disso. Eu escolherei você ao invés do mundo todas as vezes.”

O que significava que cabia a ela salvá-lo.

OceanofPDF.com



TRONO

Isla poderia ter se trancado em seu quarto por meses, ela poderia ter se afogado em arrependimento e tristeza. Ela tinha no passado, a primeira vez que descobriu o que tinha feito.

Mas suas lágrimas não impediriam Grim de usar o portal em Lightlark.

Elas não a ajudariam a entender a profecia mortal do oráculo. Elas não garantiriam que sua morte não condenasse milhares. Somente ação o faria.

Então ela enterrou seus sentimentos o mais fundo que pôde e decidiu que a única maneira de garantir que Grim não planejasse pelas costas dela novamente era participar de todas as reuniões. De todos os eventos.

Desempenhar o papel de sua esposa, porque isso lhe daria acesso.

Começando com a cerimônia de enterro, na manhã seguinte. Grim havia dado a ela seu quarto — o quarto deles — e ela acordou ao amanhecer. Lynx quase destruiu os estábulos de Grim nos momentos em que eles se separaram, e agora ele a observava do canto do quarto — seus olhos verdes fervendo de preocupação — enquanto ela trançava o cabelo em uma coroa, no estilo Nightshade.

Ela escolheu seu vestido cuidadosamente. Aqui, cercada por inimigos, sua imagem importaria.

Foi por isso que, quando ela estava pronta, ela pegou seu colar de rosas douradas com dedos trêmulos. Era a única coisa que lhe restava de Oro, além de suas memórias. Lágrimas escorrendo pelo seu rosto, ela o soltou e o deslizou para dentro do bolso.

No espelho, ela mal se reconheceu. O verde e o vermelho selvagens estavam quase desaparecidos — substituídos por um vestido preto com

rosas bem leves enfeitadas no corpete. Ela parecia a esposa devotada de uma Nightshade.

Era mentira, ela pensou, enquanto se conectava ao estoque de armas de Grim.

Foi lá que ela encontrou o estoque do elixir de cura, aquele que os Wildlings estavam fazendo para a batalha. Boa parte dele já tinha sido usada, mas ela pegou a maioria do que sobrou, desenhou sua poça de estrelas e as enviou para a enfermaria de Lightlark.

Era um risco, mas centenas de guerreiros feridos morreriam sem as propriedades curativas. Era o mínimo que ela podia fazer para ajudar, depois de trazê-los para a batalha. Nightshade tinha campos infinitos de nightbane, a flor da qual o elixir era feito. Eles não sentiriam falta disso.

Ela fechou o portal e estava de volta ao seu quarto pouco antes de Grim bater.

“Você não precisa ir,” ele disse, estudando os olhos inchados dela. Ele levantou uma mão como se fosse limpar uma lágrima do maxilar dela; mas então, vendo a expressão no rosto dela, pareceu pensar melhor.

A voz dela estava fria. “Eu sei. Eu vou de qualquer jeito.”

Em Nightshade, corpos eram enterrados. Guerreiros eram colocados para descansar em um trecho sagrado de terra com vista para a costa, sob montes de cinzas.

O ar cheirava a carne e sal. Ele soprou seu cabelo para trás, revelando os grampos pretos que ela havia adicionado. Eles tinham pontas de diamantes pretos para complementar sua capa. O colar que Grim havia lhe dado, com o grande diamante preto brilhante, agora estava propositalmente visível contra sua garganta.

Alguns ficaram boquiabertos. Ela ouviu sussurros sobre a pedra em volta do pescoço. Era um símbolo do casamento deles. Talvez eles não acreditassem que a união deles era real até verem o colar.

Não pareceu fazer diferença para as famílias Nightshade que a olhavam com ódio enquanto ela andava pelas fileiras do cemitério, em direção aos montes mais novos. Ela não podia culpá-los.

“Traidora. Você não pertence aqui”, ela ouviu alguém murmurar. Eles estavam certos. Ela pertencia a Lightlark, lamentando as mortes das pessoas que lutaram

ao seu lado. Agora, ela fingia honrar os mesmos

guerreiros que os haviam abatido. Ela sentia nojo, ódio e raiva ao lado de famílias que gritavam de tristeza.

Também, culpa.

Flashes de cinzas e ossos encheram seus sonhos. Lynx a acordou naquela manhã com um cutucão de cabeça. Os lençóis estavam no chão.

Havia arranhões em seus braços, como se ela tivesse se arranhado. Suas costelas ainda doíam de seus soluços torturantes.

Agora ela enterrou essas emoções. Não era hora de sentir nada. Não quando esse mesmo poder ruinoso formigava logo abaixo de sua pele, esperando para ser liberado.

Enquanto Grim falava em memória dos mortos, ela se agarrou a cada palavra, buscando indícios de um plano velado ou ameaça contra Lightlark.

Tudo o que ele ofereceu foram condolências. Uma fila de guerreiros estava atrás deles, suas cabeças abaixadas e espadas firmemente cravadas na terra. Quando o discurso de Grim terminou, ele acenou com a mão, e algumas das cinzas que cobriam os túmulos subiram em direção ao céu.

“Minha corte se reunirá na sala do trono esta noite para discutir nossos planos”, Grim disse a ela, após se reunir com cada família.

Ela manteve um torno em torno de suas emoções, para que ele não se perguntasse por que havia despertado seu interesse. "Há um lugar para mim?" Ela estudou seu rosto, procurando por qualquer irritação em seu pedido.

Ela não encontrou nenhuma. “Sempre há um lugar para você”, ele disse. “Eu mesmo fiz seu trono.”

Ele tinha: Ela se lembrava agora. Grim tinha criado isso com suas próprias sombras.

Horas depois, ela caminhou em direção ao trono como um fantasma.

Memórias borradas, passado e presente sangrando juntos até que fossem um.

Ela se lembrou do ultraje quando Grim a anunciou como sua esposa para sua corte — como sua igual — logo antes de partirem para o Centenário. Grim deixou claro que qualquer um que não a respeitasse não tinha um lar em Nightshade, e então a dissidência não foi apagada, não foi arrancada pela raiz e banida, mas permitida a crescer como uma erva daninha em segredo.

Esta sala... estes tronos... Ela reconheceu estes rostos que a encaravam, o espaço cheio até a borda com soldados de alta patente e nobres.

Eles se curvaram para ela porque Grim os teria estripado se não o fizessem. Só ele permaneceu de pé. Ele a observou caminhar em sua direção com uma admiração tipicamente reservada aos deuses. Mas não havia deuses ali. "Seu governante retornou." Ninguém ousou protestar.

Uma mulher observava do canto da sala, uma palma descansando na intersecção das espadas curvas que formavam um “X” em seu peito. Isla sentiu um vestígio de reconhecimento de seu passado. Era a general de Grim, Astria. Seu longo cabelo preto estava preso em uma única trança.

Suas maçãs do rosto altas e pálidas faziam seu rosto parecer ainda mais severo.

Seus olhos escuros deslizaram de volta para Isla, depois de varrer a sala em busca de qualquer ameaça contra Grim; e eles se estreitaram, como se estivessem avistando a maior ameaça de todas. Desde o primeiro momento em que se conheceram, Isla soube que o general de Grim não a desgostava... ela apenas não confiava nela.

Astria seria um problema. Estar ali, na terra do inimigo, significaria mentir para Grim. Isla precisaria esconder seu verdadeiro propósito enquanto buscava identificar suas opções. O senso de razão de Grim estava nublado por seus sentimentos por ela, mas seu general veria as coisas claramente.

Isla chegou ao fim do corredor, e Grim pegou sua mão. Ele a ajudou a subir em seu trono.

Sombras se moviam curiosamente sob sua pele como extensões do próprio Grim, mas ela não ousou recuar quando a multidão se levantou.

Isla teve a súbita vontade de liberar seu poder. Ela estava cercada por inimigos. Alguns desses rostos ela reconheceu não do passado, mas do campo de batalha.

Por Oro, ela se sentaria entre eles. Ela descobriria seus planos. E, se eles colocassem ele e Lightlark em risco, ela os deteria.

"E agora?" Uma voz ousou quebrar o silêncio. Isla conhecia apenas um soldado tolo o suficiente para falar tão ousadamente. Ela encontrou a fonte imediatamente, um homem corpulento que era difícil de não notar.

Ele usava uma armadura moldada para sua grande estatura. Seu cabelo era uma única e longa mecha no centro de sua cabeça. Ninguém ousava ficar muito perto dele, mesmo com suas mãos cobertas. Parecia que ninguém queria ser pego tocando nele. Ele era um poderoso Nightshade que podia controlar uma pessoa tocando-a, uma habilidade em seu reino que se tornou rara ao longo dos séculos. Grim não reconheceu o homem, que continuou falando como se tivesse um desejo de morte.

"Estávamos vencendo. Não pense que não sabemos por que recuamos." Ele olhou fixamente para ela, o olhar fixo na pedra descansando entre suas clavículas. "Aquele colar. É uma abominação para—"

"Tynan." A voz de Grim era tão fria e cortante quanto as sombras que paravam abaixo dela. Ninguém ousou mover um músculo. "Meu pai era conhecido por tirar a língua dos soldados, você vai se lembrar. Seguir ordens não requer falar, não é o que ele costumava dizer?" Ele franziu a testa. "É um milagre que ele tenha deixado você ficar com a sua. Talvez isso precise ser corrigido."

Para seu crédito, Tynan se manteve firme, embora seus dedos envoltos em metal se chocassem de raiva. Ele era perigoso. Mas não para Grim. O

poder de Grim era tão inegável quanto a maré. A força dele era sentida na sala. Ele poderia matar cada um deles sem deixar seu trono, e todos sabiam disso.

"Centenas foram perdidas", Tynan continuou, com a voz trêmula de fúria.

"Por uma mulher, por—"

Grim levantou a mão, e Tynan congelou. A Nightshade fez um som gorgolejante. "Aquela mulher é minha esposa," Grim disse claramente. "E

sua governante. Você a serve.” Ele soltou, e Tynan cambaleou para frente.

“Agora curve-se.”

“Governante, eu—”

“Eu disse reverência.”

Isla observou o homem, com os olhos brilhando de ódio, enquanto ele caía de joelhos.

"Mais baixo."

O homem colocou as mãos no chão, a manopla batendo na pedra.

"Mais baixo."

Os ombros de Tynan tremeram com uma raiva inegável enquanto ele pressionava a testa no chão.

“Agora,” Grim disse, recostando-se na cadeira. Sua voz tornou-se quase casual. “Podemos ter recuado... mas não perdemos Lightlark.”

Isla parou.

Ela virou a cabeça muito lentamente para encarar Grim. Ele nem olhou para ela. O pânico se espalhou como veneno pelo seu peito. “Muito pelo contrário”, ele continuou. “Nós recuperamos nossa maior chance de dominar a ilha. Três governantes fundaram Lightlark, incluindo meu ancestral.” Só então ele se virou para ela. “E a dela.”

Isla não estava respirando.

“O rei de Lightlark está apaixonado por ela”, Grim disse, como se fosse uma piada. Como se ela tivesse sido uma espiã enviada para fazer Oro, rei de Lightlark, se apaixonar por ela para ganhar acesso ao seu poder. A corte riu. Os soldados começaram a murmurar. Sua raiva se transformou em um incêndio. As mãos de Isla agarraram a lateral do trono, as bordas afiadas das sombras cravando-se em suas palmas, quase tirando sangue. Ela queria silenciá-los todos. Ela queria afogá-los com o poder que surgia como uma onda desonesta dentro

dela. Ela queria estrangular Grim.

Especialmente quando ele disse, sorrindo, “Agora temos tudo o que precisamos para tomar Lightlark.”

Isla observou cada soldado e membro da corte de Grim saindo da sala, seu sangue fervendo a tal ponto que era de se admirar que ela não tenha pegado fogo.

Finalmente, as portas se fecharam atrás do último deles.

A lâmina dela estava na garganta dele em um instante. Ela o prendeu em seu trono.

Suas palavras tremeram de raiva e traição. “Seu manipulador, vilão—”

“Por mais que eu adorasse ouvir o final dessa frase”, disse Grim, parecendo despreocupado com a lâmina sob seu queixo, “guarde suas farpas para outra ocasião, quando você realmente tiver motivos para me odiar”.

Ela mostrou os dentes. Tudo o que ele tinha acabado de dizer—

“Não estou planejando invadir Lightlark, coração.”

Ela piscou, incrédula. “Você acabou de dizer—”

“Eu sei o que eu disse. Eu disse a eles o que eles queriam ouvir, para ganhar algum tempo.” Ele procurou os olhos dela. “O portal teria salvado você... e também teria salvado meu povo.”

Ela abaixou a lâmina um pouquinho. Isso, ela não esperava. “Salvou eles de quê?” Os dreks eram a maior ameaça deles no passado, mas eles se foram. Grim os banuiu para baixo, e escondeu a espada novamente, assim como ela havia pedido.

“Tempestades”, ele disse simplesmente. “As mais mortais que você pode imaginar.”

Foi a primeira vez que ela ouviu falar disso. E ela havia explorado Nightshade por um ano antes do Centenário.

Ele deve ter percebido a confusão dela, porque ele disse: “Eles costumavam acontecer a cada poucos séculos, intermitentemente, depois décadas, depois a cada poucos anos. Eles são imprevisíveis, e cada um piorou. Centenas morrem durante a temporada de tempestades.”

Centenas? Ela franziu a testa e ele assentiu.

“Não é só o clima. Eles trazem doenças. Criaturas. Vilas inteiras foram devastadas por feras à noite. As tempestades são mais mortais que as maldições, até. Os dreks apareceram durante uma delas e nunca mais foram embora.”

“Como você sabe que haverá uma temporada de tempestades?”

“Há sinais”, ele disse. “As marés mudam. Certos animais se enterram.

Isso dura cerca de três meses. O inverno inteiro dessa vez, se eu tivesse que chutar.”

Isla engoliu em seco. Centenas de Nightshades estavam em perigo, então. Talvez já estivessem condenados. Sua própria expectativa de vida era incerta... se ela matasse Grim para cumprir a profecia, todos eles pereceriam...

Não. Ela se recusou a aceitar esse destino. O oráculo fez parecer que seu futuro estava gravado em pedra, mas se houvesse uma maneira de contornar isso, ela a encontraria.

“Eu te ajudo. Eu te ajudo a parar as tempestades.”

Ele levantou uma sobrancelha para ela. “Você não acha que eu tentei?”

“Você nunca tentou comigo.” Eles já tinham trabalhado juntos antes.

As memórias disso a cegaram por um momento. Sua respiração ficou instável. “Trabalhe comigo. Ganhe mais tempo para nós, o suficiente para encontrarmos outra solução que não seja o portal.”

Dê a ela tempo suficiente para mudar seu destino.

Ele hesitou. Então, assentiu.

Ela suspirou, recostando-se, apenas para perceber que ainda o estava prendendo com as pernas.

O olhar de Grim deslizou lentamente por seu corpo, parando na bainha de seu vestido, subindo alto por sua coxa. Sua pele formigava de frio.

Por um momento, ela imaginou a mão dele se enrolando em volta do quadril dela, arrastando-a para frente contra cada centímetro dele. Ela imaginou arquear as costas, puxando o vestido sobre a cabeça e—

Não era imaginação dela, ela percebeu. Era uma lembrança de algo que eles tinham feito, e suas bochechas queimaram. Grim a observou com olhos escurecidos, suas mãos firmemente coladas nas laterais de seu trono.

Ele era seu inimigo. Ela estava enojada com seus pensamentos.

Esqueça de enterrar seus sentimentos. Ela precisava sufocá-los.

Queimá-los. Ela se levantou, ajeitando seu vestido. "Amanhã, então." Ela deu seu sorriso mais doce. "Se eu descobrir que sua ameaça de Lightlark é real, encontrarei um uso para todas aquelas lâminas bonitas que você deixou para mim no meu quarto." Havia fileiras delas, todas perfeitamente anguladas para caber nos muitos bolsos finos das calças penduradas em seu guarda-roupa. "Só porque somos casados, não pense que não vou te estripar." Só quando ela chegou à porta ela o ouviu dizer: "Eu não esperaria nada menos, esposa."

OceanofPDF.com



FORJA

Antes de trabalhar com Grim para deter as tempestades, ela precisava fazer algo por si mesma.

Enterrar seus sentimentos não tinha funcionado, não realmente. Ela não podia confiar em si mesma para mantê-los sob controle, e agora sabia a ruína que eles poderiam causar quando misturados com suas habilidades.

Ela precisava garantir que nunca mais mataria outro inocente. Ela precisava manter seus poderes contidos.

Apenas uma pessoa sabia como criar tal encantamento, e a última vez que ela o viu, ela enfiou uma faca em seu olho.

“Aqui para pegar o outro?”, disse o ferreiro. Ele estava sentado em sua forja, de costas para ela enquanto polia algo em sua mesa de trabalho.

Mesmo sentado, ele era mais de uma cabeça mais alto que ela.

Ela se lembrou de como aquele homem imponente a havia caçado pela floresta como uma presa, sentindo seu sangue. Ele ansiava por sua habilidade, para martelar suas armas. Naquela época, ela se achava impotente. Ela não havia entendido por que ele estava tão desesperado por seu sangue, mas agora entendia. Era arriscado viajar até ali sem contar a Grim. O ferreiro tinha mais do que alguns motivos para querer machucá-la.

“Se você está se perguntando se eu vou drenar seu sangue encantador, permita-me acabar com esse medo,” ele disse, sem se virar. “Você é a última pessoa neste mundo que eu mataria.”

Ela franziu a testa, parcialmente insultada. “Por quê?”

“É melhor você me usar vivo.”

Isso a fez parar. “E para que exatamente você planeja me usar?”

Ele não respondeu. Ele apenas continuou seu polimento.

Ela passou a língua pelos dentes. Melhor pular direto para o assunto.

“Preciso de uma maneira de restringir meu poder. Mantê-lo sob controle. Você pode fazer algo assim?”

Uma vez, ela sonhou em ter habilidade. Agora que tinha acesso a mais poder do que qualquer um em todos os reinos, ela faria qualquer coisa para que isso fosse tirado dela. Isso a transformou em uma arma que ninguém — incluindo ela mesma — podia controlar.

Sua mente lançou as imagens. Cinzas. Sombras de corpos. Morte—

A cadeira dele rangeu violentamente sob seu peso. “Eu poderia com o metal adequado. É raro, no entanto. Cobiçado. Vou ter que derreter outras criações para fazê-lo.” Ele a estudou por um momento. Dois. Seu olhar deslizou para o colar dela, e seus olhos brilharam com interesse. Ela se perguntou se era sua própria criação. “Minha ajuda tem um custo.”

Ela estava feliz em pagar. Qualquer coisa para sufocar o poder como fogo em suas veias, qualquer coisa para aliviar o medo de que qualquer reviravolta emocional levaria a mais mortes. “Tudo bem. Quanto?”

“Não é moeda. Eu quero algo que só você pode me dar.”

Isla se lembrou do que ele dissera, sobre como ela só era valiosa para ele viva. Era porque ele precisava de sangue fresco? Sua mão avançou em direção à adaga embainhada contra sua perna. Ele era o homem mais alto que ela já tinha visto. Ela pensou que ele poderia esmagar seu crânio em suas mãos sem muito esforço. Ela se perguntou se agora seria um bom momento para correr. “O que você quer?”

O ferreiro a encarou, um único olho cheio de fogo. “Eu quero que você me mate.”

Isla piscou para ele. “Eu-eu não tenho certeza se entendi.”

“Você entende perfeitamente.”

Seu pedido não fazia sentido. “Por que eu?” Ele poderia ter encontrado a morte de várias maneiras ao longo dos séculos, se fosse isso que ele quisesse.

Foi quando ela se lembrou do que o ferreiro lhe dissera logo depois que ela enfiou a adaga no olho dele. "Você não deveria ser capaz de fazer isso."

“Um governante muito antes de Grimshaw me amaldiçoou para nunca ser capaz de morrer, para que eles nunca se livrassem das minhas habilidades.” Ele gesticulou para sua forja. “Ninguém mais neste mundo pode criar o que eu posso. Eles sabiam disso.”

“Meu talento contorna isso.”

“O talento do seu pai,” ele corrigiu. Era raro que não-governantes nascessem com talentos, mas seu pai tinha sido poderoso e imune a maldições.

Ele conheceria o pai dela. Ela tinha uma necessidade aguda de drená-lo para obter detalhes, de pedir qualquer migalha de seu pai que ele pudesse lhe dar, mas o ferreiro não parecia ter a intenção de satisfazê-la por muito tempo, e ela tinha assuntos mais urgentes. Como o ferreiro pedindo para ela acabar com sua vida.

Isla não queria que mais ninguém morresse por suas mãos. Esse era o propósito de usar o metal em primeiro lugar.

Ele pareceu sentir a indecisão dela. “Permita-me a misericórdia do descanso”, ele disse. Isla se perguntou sobre a ideia de viver para sempre.

Nunca ter a paz da morte.

“Você tem
certeza?” Ele
assentiu.

“Tudo bem. Vou te dar até o fim do inverno para mudar de ideia. Se você ainda quiser isso... eu farei.”

A forma montanhosa do ferreiro pareceu encolher um pouco em alívio.

Então, ele se virou em direção à sua forja.

Ela o observou retirar duas adagas de sua parede de criações.

Pareciam antigas, seus punhos cobertos de símbolos que ela não entendia.

E suas lâminas... brilhavam intensamente, mais do que deveriam em suas condições. Perto do fogo, na luz brilhante... o metal quase brilhava. Ele não perdeu um momento antes de derretê-las. Chamas irromperam de um dispositivo, enchendo a forja com calor.

Observar o ferreiro fundir era hipnotizante. Ele trabalhava com perícia, diligência. Sob seu processo, o estranho metal mudou de cor, antes de derreter completamente. Ele brilhava intensamente em sua nova forma, como uma tigela de estrelas. Ele não usou um molde. De alguma forma,

ele foi capaz de despejar o metal líquido em suas mãos, sem queimá-las.

De alguma forma, ele foi capaz de moldá-lo ele mesmo.

Esse era o seu poder.

De repente, ela se arrependeu de ter feito um acordo para matá-lo em alguns meses.

O metal começou a endurecer sob seus dedos. Antes de endurecer, ele fez sinal para que ela estendesse as mãos. Ela o fez, imaginando se seria queimada pelo material empolado, mas sob seu controle, elas não tocaram sua pele enquanto ele as fechava em volta de seus pulsos. Com um movimento de seus dedos, o metal esfriou completamente.

Então, estava feito.

“O que é esse metal?”, ela perguntou. Ele brilhava intensamente sob a luz, como se mil diamantes estivessem presos dentro.

“É feito de sombra”, ele disse. “Feito de poder antigo.”

“Eles não vão quebrar?”

Ele balançou a cabeça. “Ele foi projetado para que somente a pessoa que os coloca possa liberá-los. E eu. Meus encantamentos sempre têm salvaguardas.”

Ótimo. Ela não pediria para ele soltá-los tão cedo, no entanto. No momento em

que as pulseiras se fecharam em seus pulsos, seus ombros caíram de alívio. Seus olhos ardiam com lágrimas não derramadas.

Estava tão... quieto. Ela quase tinha esquecido como era sua mente, sem ter que bloquear constantemente as conexões infinitas esperando para serem formadas ao seu redor. Tinha funcionado. Seu poder tinha acabado.

Grim insistiu em jantar com ela antes de começarem a trabalhar juntos. Ela correu para a sala vários minutos atrasada, apenas para encontrá-lo sentado perfeitamente imóvel no final da mesa, parecendo contente em esperar para sempre, se necessário.

Assim que ela entrou, ele se levantou, seus olhos se arregalando levemente, como se ela fosse algo para se admirar. Ele olhou para o vestido dela — longo e incrustado com milhares de contas pretas. Ele estava esperando em seu guarda-roupa. Parecia que ele tinha cumprido sua promessa de contratar um alfaiate para ela, depois de ter rasgado

tantos de seus vestidos. Ela o usava porque era esperado. A última coisa de que ela precisava era da corte de Grim questionando seus motivos ainda mais do que já questionavam.

Grim não pareceu nem um pouco suspeito. Ele sorriu.

Então seus olhos pousaram nas pulseiras dela.

“Devoradora de corações,” ele disse cuidadosamente, sua voz profunda fazendo seu peito ficar apertado. “Se você se lembra, há um armário de joias para você do lado de fora dos seus aposentos.” Havia.

Estava cheio de pedras preciosas antigas de séculos, a maioria com diamantes negros. Não que nenhuma dessas pedras rivalizasse com a que estava contra sua garganta.

Ela o ignorou e as faíscas ridículas se espalhando por ela com algo tão simples quanto a voz dele enquanto ela caminhava para seu assento em frente ao dele na longa mesa. Ambos estavam sentados nas cabeceiras.

Isso tornou o jantar impraticável. Agora, enquanto ele continuava a estudar suas pulseiras, ela estava grata pelo espaço entre eles.

Até que Grim apareceu ao seu lado e gentilmente pegou seu pulso na palma da mão.

Ele sibilou, tocando o metal. “O que você fez, coração?”

“O que eu tinha que fazer”, ela disse, voltando sua atenção para a taça de vinho na sua frente. Tinha um cheiro levemente floral. Ela tomou um gole.

“Você não precisa se esconder,” Grim disse. “Não comigo. Não aqui.

Nunca.”

Ela queria dizer a ele que era ali que ela mais precisava se esconder, porque apesar de odiá-lo, ela o amava, e esse amor a fez fazer coisas horríveis.

Ela queria dizer a ele que se lembrava de tudo em detalhes vívidos.

Como a vez em que eles tinham esquecido completamente o jantar, e Grim tinha envolvido o quarto em sombras e a deitava nesta mesma mesa e—

Grim deve ter sentido a mudança nas emoções dela, porque seus olhos escureceram. Como se ele também estivesse se lembrando.

Ele olhou para o lado da mesa, como se pudesse ver a memória. Como se pudesse sentir o gosto dela.

Isla engoliu em seco, e o olhar dele se voltou para a garganta dela. O

colar dela de repente pareceu muito pesado contra ela, embora raramente a tivesse incomodado antes.

Sua pele formigou por instinto, e—

“Você visitou o ferreiro.” Suas palavras interromperam seus pensamentos.

Ela não negou. Grim apenas franziu a testa e então retornou ao seu assento do outro lado da mesa.

Eles comeram em silêncio. A refeição estava perfeita; ele tinha propositalmente garantido que suas comidas favoritas estivessem prontas

— vegetais carbonizados, grãos temperados, batatas com manteiga. Ainda assim, ela não disse uma palavra, e coube a Grim quebrar a tensão.

“Seu leopardo mordeu o jardineiro”, ele disse. À noite, Lynx dormia com Isla; mas naquele dia, ela o deixara vagar livremente.

Isla franziu a testa. “O que o jardineiro fez? O lince não morde sem provocação.”

Grim estreitou os olhos. “Aquela besta tentou me morder. E eu não fiz nada além de dar abrigo e alimentá-lo.”

“Você o provoca com sua presença.” Ela tomou outro gole de vinho.

Grim se recostou. Ele pegou seu próprio vinho. Casualmente o virou na taça. “Então, é isso? Você vai fingir que me odeia?”

Ela saiu da cadeira e ficou de pé em um momento. “Não estou fingindo,” ela cuspiu, olhando feio.

Ele também se levantou. “Sério? Eu consigo sentir suas emoções, coração. Se você vai mentir, deveria melhorar nisso.”

As mãos dela tremiam ao lado do corpo com raiva. “Não estou mentindo”, ela disse, levantando a voz. “Você só está mentindo para si mesmo se pensou que travar uma guerra me traria de volta aqui para ser sua esposa amorosa, ingênua e idiota!”

Qualquer diversão deixou a expressão de Grim. “Eu não travei uma guerra para trazer você de volta aqui. Eu fiz isso para tentar te salvar.”

“E como isso funcionou?” ela perguntou, sua voz ecoando pela sala.

Grim ficou em silêncio. Seus olhos não estavam mais brilhando.

Qualquer luz neles havia se apagado. Ela o havia machucado. Ótimo.

Eles se encararam de cada ponta da mesa, com os peitos arfando e o coração dela batendo forte.

Ela queria machucá-lo ainda mais.

Ela queria correr para os braços dele.

Ela era composta por duas pessoas: Isla, de antes do Centenário, que se casou com o governante Nightshade; e Isla, de depois, que lutou contra ele.

“E-eu não posso fazer isso,” ela disse, falando sério. Ela não podia sentar ali jantando, fingindo que Grim não tinha sido seu inimigo apenas alguns dias antes. Ela não podia fingir que ele não era mais seu inimigo.

Ela não podia fingir que não havia uma profecia que dizia que ela tinha a mesma probabilidade de matar Oro quanto ele.

Ela correu para a porta. Grim apareceu na frente dela bem quando ela estendeu a mão para a maçaneta.

“Por favor,” ele disse, seus olhos arregalados. Desesperado. “Por favor, não vá. Sinto muito. Me odeie,” ele implorou. “Me odeie o quanto quiser.

Me odeie para sempre. Só—só não vá embora.” Ele deu um passo em direção a ela. “Eu te amo, Isla. Eu preciso de você.”

Ela não precisava da habilidade de Grim de ler emoções para entender as profundezas da devastação em seus olhos. Para saber que ela realmente era seu coração, o centro de sua vida, e que ela havia sido arrancada dele. Ela o havia deixado.

Ela escolheu Oro, e isso claramente deixou sua marca.

Mas ele fez isso consigo mesmo.

Sua voz tremia quando ela disse: “Você me teve. E você me perdeu por conta própria.”

Ela não achava que a devastação dele poderia aumentar, mas aumentou. E dessa vez, quando ela passou por ele, ele não a impediu.

OceanofPDF.com



ESPIRITUAL

Isla olhou para o colar contra seu pulso e desejou poder arrancá-lo.

Ela realmente não podia fazer isso. Sentada em frente a Grim, dormindo no quarto que eles uma vez dividiram — era muito fácil cair no passado. Muito fácil esquecer que metade do seu coração pertencia a outra pessoa — alguém para quem ela lutou contra o desejo de correr de volta a cada momento desde que se separaram.

Oro. Seus olhos ardiam ao pensar nele. Ao lembrar-se do olhar de pura devastação em seu rosto quando ela pegou a mão de Grim. Mesmo quando eles estavam quase indo embora, ele a alcançou.

Ele estendeu a mão para ela.

Fazia apenas dois dias, mas parecia uma vida inteira longe dele. As mãos dela estavam fechadas em punhos, as palmas das mãos machucadas mordendo de dor. Não era assim que a batalha deveria ser.

Agora, ela deveria estar em um trecho de areia dourada, só ele e ela, tudo o que Oro mais gostava em seu lugar favorito. Ela fechou os olhos e quase podia ver e sentir — sua bochecha pressionada contra seu peito quente, sua mão fazendo carícias preguiçosas em suas costas nuas, o sol implacável queimando contra cada centímetro de sua pele.

Ela abriu os olhos.

Em vez disso, ela estava neste castelo frio. Olhando para si mesma em um espelho.

Desejando nunca ter concordado em usar esse maldito colar.

Nada iria quebrá-lo, ela havia tentado. Somente em sua morte ele seria liberado.

Em breve, então.

Sua mandíbula se apertou; seus dentes rangeram juntos. Chega. Ela estava farta de especular sobre quanto tempo lhe restava, ou o significado da profecia, ou se

seu destino poderia ser mudado. Ela precisava de respostas.

Infelizmente para ela, a única pessoa que poderia dá-los a ela — o oráculo que havia dado a profecia em primeiro lugar — estava morto.

Ela suspirou, indo em direção ao guarda-roupa e então parou.

O oráculo estava morto... mas ela tinha irmãs. Outros oráculos que não despertavam há milhares de anos. Cleo os havia capturado.

Algo perigoso — algo como esperança — começou a florescer em seu peito.

Se ela encontrasse a frota de Cleo, se ela encontrasse os oráculos...

eles poderiam lhe contar mais sobre a profecia. Sobre o tempo que ela tinha deixado. Talvez até mesmo como mudar seu destino.

Era um risco. Cleo era sua inimiga agora mais do que nunca. Isla não tinha poderes; seria fácil matá-la, se conseguisse localizar a frota do Moonling. Os navios de Cleo poderiam estar em qualquer lugar. Eles provavelmente já estariam voltando para a nova terra dos Moonling agora.

Não, ela percebeu. Não a Cleo que ela conhecera. Cleo queria passar pelo portal mais do que tudo; era a única maneira de se reunir com seu filho. Ela não iria simplesmente recuar para sua ilha — ela teria um plano.

O poder de portal de Grim era essencial para chegar ao outro mundo.

Cleo tentaria convencer Grim a reconsiderar sua decisão.

O Moonling estaria indo para Nightshade.

Os passos de Isla eram silenciosos enquanto ela andava pela sala.

Mesmo que ela estivesse certa, o mar era vasto. A jornada de Lightlark para Nightshade era longa.

Se ao menos ela pudesse voar. Se ao menos ela não tivesse desistido de seus poderes.

Ela poderia se teleportar de volta para o ferreiro agora mesmo. Ele poderia tirar

as pulseiras. Seria tão fácil. Ela poderia até mesmo fazê-lo colocá-las de volta depois...

Isla arrancou esse pensamento pela raiz. Era assim que começaria.

Desculpa após desculpa, razão após razão, até que as pulseiras estivessem mais fora do que dentro.

Até que algo terrível aconteceu novamente.

As cinzas. A ruína. Os corpos—

Não. Ela não precisava de poder. Ela não precisou dele durante a maior parte de sua vida.

Ela encontraria a frota de Cleo sem ele.

Um buquê de flores estava do lado de fora da porta dela. Rosas vermelho-escuras. Ela queria queimá-las.

Uma nota foi anexada. Estava rabiscada em sua caligrafia afiada, a mesma caligrafia do convite para sua manifestação durante o Centenário.

Sinto muito, ele disse. Por favor, jante comigo. De novo.

Ela não iria. Ela havia deixado as flores intocadas. Mas enquanto ela dava uma volta nas costas de Lynx, mentalmente considerando maneiras de encontrar a frota de Cleo, ela se lembrou de outra criatura.

Um pequeno feixe de escamas.

Ela passou o resto do dia procurando por ele no castelo, sem sorte. Ele também não estava nos estábulos. No fim da tarde, seu peito se contorceu de preocupação.

Onde ele estava?

Grim parecia inteiramente satisfeito em vê-la naquela noite. Ele se levantou imediatamente quando ela entrou, então se teleportou até a cadeira dela para puxá-la para ela.

Nos primeiros minutos, eles comeram a comida em silêncio: ele olhando para cima a cada poucos momentos, estudando-a, como se catalogasse o que ela gostava e não gostava; ela tentando o seu melhor para não se importar que ele tivesse planejado meticulosamente cada prato para coincidir com as coisas que ela gostava. De novo. Tiras de carne temperada cozidas por completo, grãos macios, vegetais de raiz espiralados em tiras. Havia um prato de sobremesa de chocolate. Claro que havia.

Estar tão perto dele fez as memórias se expandirem, como se fossem um mar tentando afogá-la. Algumas, com a pequena criatura.

“Onde... onde ele está?” ela perguntou, com o coração apertado.

E se o pequeno dragão estivesse morto? Ela não falava o nome dele há eras.

“Wraith.” Sua voz falhou ao dizer a palavra.

O sorriso de Grim a deixou à vontade. Ele não necessariamente gostava da criatura, mas nem ele era sinistro o suficiente para sorrir com sua morte.

“Eu estava me perguntando quando você perguntaria.”

“Eu o procurei no castelo.”

Grim fez um som divertido. “Ele não dorme mais dentro de casa.”

Ela se lembrou de Grim olhando furiosamente sempre que o pequeno dragão tomava seu lugar na cama. Ela olhou para ele. “Por que não?”

“Eu vou te mostrar.” Isla o seguiu para fora das portas da sala de jantar, para uma sacada larga e ondulada. O sal queimava suas narinas, seu cabelo chicoteado para trás descontroladamente. Ela apertou os olhos. Tudo o que conseguia ver era um oceano sem fim. “Espere aqui,”

Grim disse antes que ela pudesse fazer perguntas, e então ele se foi.

Isla batia os dedos contra a pedra impacientemente enquanto esperava. Ela esperava que Grim tivesse tratado bem Wraith em sua ausência. Ele era apenas uma pequena criatura precisando de ajuda.

Ela se lembrou do dia em que o encontrou lutando para andar, com a perninha machucada. Ela a curou lentamente com o elixir dos selvagens.

Ele chorava quando ela esfregava o nightbane, e ela o segurava com força até que ele dormisse. Ele era pequeno o suficiente para caber diretamente sobre o peito dela, e era onde ele preferia ficar, apesar dos resmungos de Grim de que o dragão havia roubado sua esposa.

Aquele momento, aquela vida, já pareceu um lar. Agora, ela se lembrava e se sentia vazia.

Ela estava debruçada sobre a sacada, se perguntando por que Grim havia dito para ela esperar ali e por que ele estava demorando tanto, quando uma rajada de ar a fez voar para trás.

A pedra cravou-se fortemente em suas costas quando ela caiu.

Asas esculpidas à meia-noite bloqueavam completamente a lua, lançando sombras com garras na sacada. Seu cabelo chicoteava atrás dela enquanto batiam. Com um raspar horrível, garras quase tão grandes quanto seu corpo agarraram a saliência, fazendo com que pedaços de pedra se desintegrassem no oceano. As garras eram familiares. Uma era ligeiramente torta.

Espectro.

O pequeno pacote de escamas era agora um dragão adulto. E Grim estava montando nele.

Ainda esparramada no chão, sem ousar se mover um centímetro, ela observou o dragão abaixar a cabeça para estudá-la. Sua mão tremia enquanto ela se movia lentamente para tocar seu rosto. Suas escamas estavam frias. Ele a cheirou.

Então o dragão se inclinou para trás e gritou para o céu. Ela estava fora de seus pés em um momento quando Wraith a jogou no ar com seu nariz.

Ele a pegou usando seu pescoço, e ela deslizou por suas escamas ásperas, evitando cair por pouco quando Grim a pegou pela parte de trás de seu vestido, fazendo as contas voarem. Ele a puxou para a frente dele enquanto Wraith gritava alegremente em direção às estrelas.

Os olhos de Grim pareciam brilhar sob o céu noturno. “Eu nunca o vi tão animado.”

Isla o encarou boquiaberta. “Como—faz apenas alguns meses. Ele—”

“Cresceu.”

Foi um eufemismo.

“Você quer montá-lo?” ele perguntou.

Antes que ela pudesse responder — e a resposta foi não, pois esta era apenas outra forma de voar, que ela decididamente odiava — Wraith alçou voo, e Grim a agarrou pela cintura para evitar que ela fosse cortada em pedaços contra o penhasco.

O grito dela foi engolido pelo vento enquanto Wraith disparava para as nuvens. “Segure firme”, Grim sussurrou em seu ouvido, e isso significava segurá-lo. Ela sentou-se de frente para ele, pressionada firmemente contra seu torso, sua cabeça enfiada em seu peito. Suas pernas envolveram sua cintura. Montando nele.

Era uma posição infeliz, mas ela não ousou afrouxar o aperto em volta do pescoço dele, não quando a alternativa significava cair no chão abaixo.

Seus tornozelos travaram atrás dele, e ela sentiu Grim ficar parado embaixo dela. Isso era familiar. Mesmo quando o medo caiu em seu estômago, uma brasa de calor também caiu. Ele tomou conta de todos os seus sentidos. Ele cheirava a sabão e tempestades e algo distintamente dele, e ela lutou contra o impulso de correr os lábios em seu pescoço, sua

mandíbula. Ele parecia estar lidando com um nível semelhante de contenção.

Não. Ele era o inimigo dela. Ela o desprezava.

“Wraith,” Grim finalmente disse, sua voz um sussurro escuro contra o ouvido dela, deslizando por sua espinha enquanto ele instruía o dragão a pousar. Quando ele o fez — e não gentilmente — Isla se esfregou contra Grim com o impacto, e ela fez um som como um gemido. Grim fez um som como um rosnado.

Então, Wraith se virou, e Isla deslizou para uma pilha indigna no chão.

Ela não podia ficar muito chateada com a criatura; ele ainda era jovem.

Wraith sorriu para ela com seus dentes enormes, no que teria sido um sorriso horripilante se ela não visse nele um vislumbre do pequeno dragão que ele já fora. Ele se abaixou para esfregar sua cabeça contra a dela, o que a derrubou de costas.

Grim tentou e falhou em esconder sua risada enquanto a observava do outro lado da clareira. “Ele ainda está se acostumando com seu tamanho.”

Wraith bufou, como se pudesse entender as palavras de Grim. Então o dragão procedeu a fazer a última coisa que Isla esperava, que era rolar preguiçosamente de costas.

Grim suspirou de forma longa e sofrida. “Criatura insolente,” ele disse.

Então, Grim fez a última coisa que ela esperava e começou a esfregar o estômago do dragão.

O pé de Wraith se movia loucamente de prazer, e Isla observava boquiaberta.

Grim deu de ombros. “Era mais fácil quando ele era do tamanho de um escudo.”

“E como exatamente ele se tornou do tamanho de uma colina?”

Grim continuou enquanto se virava para encará-la. “Foi difícil retornar sem você,” ele disse calmamente. Sua voz lhe disse que difícil era uma maneira suave de dizer. “Sentimos sua falta.” Ele olhou para Wraith.

“Vocês criaram um vínculo”, ela disse, maravilhada, pensando em sua própria conexão com Lynx.

Ele assentiu. “Era o que ele precisava para crescer. Aconteceu rápido.” Uma onda de felicidade a atingiu ao pensar que ambos encontrariam tal vínculo. Apoiando-se um no outro.

Rapidamente murchou quando ela se lembrou do porquê, exatamente, ele havia retornado sem ela. Ele havia tirado suas memórias. Ele a havia deixado fora de seus planos. Ele havia tomado decisão após decisão sem ela.

Ele pareceu sentir a mudança de emoções dela, porque seu tom ficou sério. Ele andou até ela e fez outra coisa inesperada. Lentamente, sem deixar o olhar dela, ele se ajoelhou e abaixou a cabeça diante dela. Ele era tão alto que seus olhos estavam no nível do peito dela. "Sinto muito", ele disse. "Quando voltei, me arrependi de tirar suas memórias todos os dias.

Foi minha culpa que tudo isso tenha acontecido. Eu... tudo o que eu sempre tentei fazer foi proteger você."

"Mentindo para mim?" ela disse, sua voz afiada como a lâmina em sua coxa.

"Transformando-me em algum peão? Algum fantoche sem noção?"

"Eu não—"

"Você fez", ela disse. "Você fez isso repetidas vezes, e eu confiei em você, como um idiota." Ele cambaleou para trás, como se as palavras dela o tivessem queimado.

Isla fechou os olhos. Ela queria deixá-lo ali, de joelhos. Ela queria dizer a ele que o odiava.

Mas ela percebeu que poderia usar o arrependimento dele a seu favor.

"Se você realmente está arrependida, então jure que nunca mais vai trabalhar pelas minhas costas. Jure que nunca vai executar um plano sem me contar. Jure pelo nosso casamento." Ela agarrou a pedra em volta do pescoço.

Grim se levantou em toda sua altura. Ele pressionou sua mão sobre a dela, no diamante negro que agora sempre permanecia visível. "Eu juro, coração."

Palavras significavam pouco, ela sabia disso, mas ela podia ver o arrependimento no rosto de Grim. Ela sabia o quanto o casamento deles significava para ele.

Ela esperava que fosse o suficiente para impedi-lo de destruir o mundo, simplesmente para mantê-la.

Eles deveriam estar trabalhando juntos. "Você disse que as tempestades trouxeram criaturas mortais. Como o quê? Onde?"

“Posso levá-lo a um lugar que foi particularmente atingido amanhã, se desejar.”

Ela assentiu. Ela queria ver. Ela queria entender as tempestades e a devastação que estava por vir para eles.

Ela queria que ele se distraísse de seus próprios planos. Pois, enquanto voavam de volta para o castelo, Isla observava os movimentos de Grim cuidadosamente. A colocação de suas mãos. As escamas que ele tocava, em uma comunicação sem palavras com Wraith. Como ele se curvava contra o vento.

Ela observou, pois tinha acabado de descobrir uma maneira de encontrar Cleo.

Grim poderia tê-los transportado para a vila em meio segundo. Em vez disso, ela perguntou se eles poderiam levar Wraith.

“Você—você acha que poderia me ensinar a montá-lo?” O tom dela era casual. Curioso, até.

Isla esperava que ele visse através dela, percebesse que ela devia ter um motivo oculto se realmente quisesse aprender a pilotar a criatura que quase a fez vomitar no dia anterior. Em vez disso, ele apenas sorriu. Algo sobre isso fez com que parecesse que uma lâmina estava raspando suas entranhas.

“Claro, coração”, ele disse.

Lá estava ela, aquela lâmina novamente.

Wraith dormia em um estábulo feito especialmente para ele, do outro lado do castelo, longe do resto dos animais. Aparentemente, houve algum tipo de incidente que exigiu sua realocação. Algo sobre tentar brincar com as outras criaturas com os dentes...

As asas do dragão se ergueram alegremente quando ele a viu. Ele abaixou a cabeça, para que ficasse no mesmo nível da dela. Sorriu.

Ele soltou o ar, e a força que saiu de suas narinas quase a derrubou.

Grim a pegou com uma mão firme contra sua espinha. Ela tentou não se concentrar na maneira como ele levemente correu os dedos por suas costas antes de soltá-la.

A cabeça de Wraith abaixou para o chão quando Grim se aproximou, não em deferência, mas em comando claro. Ele queria que sua cabeça

fosse esfregada, e Grim obedeceu, acariciando o ponto entre seus olhos.

Wraith fez um som profundo de satisfação.

Ele olhou por cima do ombro para ela. “Você pode se teleportar para as costas dele — com seu dispositivo, é claro. Ou montá-lo assim.” Ela observou Grim escalar sem esforço as escamas de Wraith.

Parecia fácil o bastante. Ela se aproximou de Wraith. Esfregou a mão exatamente onde Grim tinha feito, o que fez o dragão sorrir. Os dentes dele eram quase tão grandes quanto o corpo inteiro dela.

Estremecendo, ela agarrou uma das escamas dele. Era áspera sob sua palma, e firme. Quando ele era menor, suas escamas eram lisas, quase macias, mas agora eram fortes como uma armadura. Com um pouco de manobra, ela ganhou apoio, subindo primeiro em seu ombro, depois em suas costas. Ela se sentou na frente de Grim, deixando alguma distância entre seus corpos.

“Posso?”, ele perguntou.

Ela olhou para baixo e viu as mãos dele pairando a poucos centímetros da cintura dela. Ela assentiu; então os dedos dele estavam se curvando ao redor dos quadris dela, e ele estava deslizando-a sem esforço em sua direção, até que ela alcançou um lugar onde suas pernas estavam quase perfeitamente moldadas à espinha de Wraith.

"Melhorar?"

Ela assentiu, não confiando que sua voz soaria nem remotamente casual, não quando ele ainda a estava tocando.

“Encontrar lugares para se segurar é obviamente importante”, ele disse, sua voz bem no ouvido dela. Uma de suas mãos cobriu levemente a dela. “Aqui.” Ele guiou a mão dela para uma crista. “E aqui.” Ele agarrou seus dedos ao redor dos dela, mostrando-lhe o lugar certo. “Sua audição é impecável. Ele pode ouvir instruções mesmo nos ventos mais cortantes.”

Ela esperava que nem ele nem Grim pudessem ouvir as batidas ridículas do seu coração enquanto ela se recostava, encontrando-se acomodada bem entre as pernas dele.

“Você tem que se sentar tão perto?” ela disse bruscamente, sua voz muito rouca.

Grim não disse nada enquanto se afastava dela. Ótimo. Ela se inclinou para frente e para trás, testando sua posição. Ela secou as mãos suadas nas calças, então agarrou os lugares que Grim havia indicado.

“Vá em frente, Wraith,” ela disse, queixo erguido, quando teve certeza de que estava pronta. Isla esperava uma subida lenta. Mais alguns momentos para se preparar mentalmente.

Em vez disso, Wraith deu apenas um passo antes de disparar em direção às nuvens.

Seu estômago embrulhou; ela perdeu completamente o controle. Ela voou para trás, voando sem fôlego por meio segundo até que ela colidiu com o peito de Grim, e ele enrolou um braço ao redor dela, prendendo-a contra ele. De alguma forma, ele manteve o controle, mesmo que ele estivesse segurando apenas com uma mão. Uma onda de escuridão a fez perceber que ele estava usando suas sombras para se manter firme.

“Isso é trapaça,” ela disse a ele, a voz ofegante de pânico. Essas mesmas sombras se aproximaram dela. Elas se enrolaram em seus quadris gentilmente, reverentemente, extensões dos próprios braços de Grim.

Grim fez um som divertido. “Que maneira interessante de dizer obrigado.” Ele se inclinou para dizer bem contra a têtpora dela, “Você é quem decidiu abrir mão dos seus poderes, Hearteater. Você não pode me culpar por usar os meus.”

O vento picou suas bochechas. Wraith mergulhou, e ela usou o impulso para avançar, para longe de Grim e de volta para suas posições de mão. Ela não teria suas sombras a mantendo segura quando ela montasse Wraith sozinha.

Ela precisaria aprender a fazer isso da maneira mais difícil.

Seus dedos estavam escorregadios de suor. Suas coxas queimavam com o esforço enquanto ela lutava para ficar parada. Seus olhos lacrimejavam com a

velocidade de Wraith. Wraith se inclinou levemente, e ela cerrou os dentes contra uma onda de náusea enquanto olhava para o chão bem abaixo.

Ela se perguntou, por um momento, sobre a primeira vez que Grim montou Wraith. Ele não era particularmente conhecido por sua paciência.

Parte dela desejava poder ver, a maneira como eles tinham se unido.

Quando ela teve quase certeza de que não iria escorregar, ela arriscou uma olhada nas asas de Wraith.

Eles eram gloriosos — ligeiramente translúcidos e maciços, a luz filtrando-se como uma sombra. Ele voou pelo céu em um arco suave.

Na maioria das vezes, de qualquer forma. Quando eles pegaram um rastro de vento, Wraith virou bruscamente, seguindo a corrente. Ele claramente ainda era uma criança brincando com uma habilidade recém-descoberta, inclinando-se de um lado para o outro, depois para cima e para baixo.

Seus braços tremiam com o esforço de segurar. Seu estômago embrulhou.

“Wraith,” Grim disse suavemente. “Isla vai vomitar, vai cair em mim, e eu vou estar muito menos inclinado a esfregar sua barriga.”

Wraith se endireitou imediatamente. O passeio foi tranquilo por vários minutos, até que ele começou a descer.

"Você vai se lembrar, o pouso dele precisa de algum trabalho", Grim sussurrou atrás dela, sombras circulando sua cintura mais uma vez.

"O que-"

Sua voz foi engolida pelo vento quando eles de repente caíram o que pareceu uma milha de uma só vez. Seu corpo se ergueu das costas de Wraith, pairando, até que as sombras se apertaram, puxando-a de volta para o lugar. Sua respiração ficou presa no peito quando o chão apareceu.

Mais perto. Mais perto.

As asas de Wraith se abriram por apenas um momento antes de pousarem, e

então eles estavam deslizando pela terra, suas garras rasgando um pedaço de terra agrícola, terra explodindo por toda parte, antes de finalmente parar na borda de uma vila.

O dragão olhou para eles por cima do ombro, sorrindo.

Grim suspirou de forma sofrida e então os teletransportou para longe de suas costas. A vila era composta de casas pitorescas construídas de pedra de rio ou madeira. Ela podia ver a borda de uma praça modesta, com carroças vendendo produtos. Havia o começo de uma cerca construída ao redor de tudo, parando quase completa, como se alguém tivesse desistido pouco antes de terminar. Algumas pessoas eram visíveis além dela, mas elas não estavam se movendo.

Não, eles estavam parados. Olhando fixamente.

O homem mais próximo deles deixou cair a colheita que estava carregando, sua boca se abriu enquanto Wraith virava de costas, sacudindo o próprio chão, esperando ter seu estômago arranhado. Grim o ignorou.

Silêncio, depois gritos. Vindo principalmente de crianças, que gritavam animadamente enquanto inundavam os buracos na parede não concluída, seguidas por mães que gritavam com muito menos excitação.

Quando viram Grim, até as crianças pararam. Curvaram-se. Houve sussurros — governante.

Então, a atenção deles se voltou para Isla. Mais sussurros. Eles se curvaram novamente. Alguns a olharam com desconfiança. Algumas mães olharam para ela com mais medo do que o dragão atrás dela.

Ela estava acostumada com isso.

Enquanto os outros pareciam congelados em choque, uma velha senhora andou livremente além da pequena multidão que se formou. Ela usou o que parecia um atizador de fogo para apoiar seu andar. Seu cabelo era prateado, seus olhos eram afiados e seu sorriso era gentil.

“O que te traz à nossa aldeia?” ela perguntou, sua voz estrondosa completamente em desacordo com sua idade.

Grim se virou para olhar para Isla. Ele iria seguir o exemplo dela, aparentemente. Ela se endireitou. Havia muito sangue em suas mãos, mas parar as tempestades poderia significar salvar centenas de pessoas. Ela precisava saber o que estava enfrentando. “Nós—nós tínhamos algumas perguntas sobre as tempestades alguns anos atrás, e a besta que elas trouxeram. Você se lembra?” Grim a havia informado antes de eles saírem do castelo. Esta vila havia sido atacada por uma criatura que ninguém nunca tinha visto antes, ou desde então.

“Lembra?”, disse a velha. “Ainda estou encontrando manchas de sangue nas tábuas do meu assoalho.”

Isla engoliu em seco.

“Sigam-me.” Isla e Grim trocaram um olhar; então Isla assentiu. A mulher os levou pela longa estrada empoeirada, os olhos dos moradores os seguindo o tempo todo, até que chegaram em frente à casa dela. Ela

apontou para lugares no chão de sua modesta cozinha que estavam inegavelmente manchados de carmesim.

“Esgueirei-me pela janela. Ataquei meu marido. Ele sobreviveu, de alguma forma, embora não com todos os membros. Ele se foi agora.”

“Sinto muito por isso.” Isla hesitou. “Como era a aparência? A criatura?”

A mulher franziu os lábios. Rugas brotaram deles como raízes em seu rosto pálido. “Dentes. É disso que me lembro. Muitos dentes. De formato estranho também... aglomerando a boca. Parecia uma sombra, quase, deslizando pelo chão.”

A criatura foi eventualmente morta, Grim explicou. Seus dentes foram vendidos ao longo do tempo. Não havia mais nada para eles olharem.

A velha sacudiu a cabeça. Ela afundou no assento com um gemido. “Eu sempre disse que aquelas malditas tempestades estavam piorando. Elas são prenúncios do fim, eu te digo.”

Os outros aldeões contaram histórias semelhantes. Alguns morreram correndo para fora de suas casas na noite, graças à maldição. Outros foram atacados pelos grandes dentes que eram descritos de forma ligeiramente diferente, dependendo

de quem estava falando.

A maioria era bem menos acolhedora do que a velha, pelo menos, para Isla. Ela não deixou de notar a maneira como a estudavam quando achavam que ela não estava olhando, como se ela fosse mais uma criatura, vinda para arruiná-los.

Ela também notou como eles olhavam para Grim — não com medo, o que ela esperava, mas com reverência. Alguns usaram a oportunidade para expor queixas, e Grim tomou notas. Ele prometeu soluções. Ele fez planos para que pessoas em sua corte acompanhassem cada preocupação.

Ela não sabia por que isso a chocou, mas chocou.

Todos os aldeões pareciam aterrorizados com o início de outra temporada de tempestades. Alguns começaram a trabalhar empacotando seus pertences mais valiosos e deixando-os perto de suas portas. Havia túneis construídos abaixo de Nightshade durante as maldições, para permitir viagens noturnas. Eles já tinham sido usados como abrigos antes, mas as tempestades eram imprevisíveis, caindo sem aviso. Matando antes que alguém tivesse a chance de correr.



Enquanto eles saíam, Isla revirava as palavras da velha em sua cabeça.

Ela havia chamado as tempestades de prenúncios do fim. Ela não conseguia parar de pensar nisso. Especialmente quando, poucos dias depois, a temporada de tempestades começou mais cedo.

TEMPESTADE

O vento sacudia as janelas. A chuva batia no vidro com a força de estrelas cadentes. Parte dela estava congelada.

Ela ficou parada, observando. Ouvindo. Mesmo através do exterior de pedra grossa, ela podia ouvi-lo agora, uivando. O céu tinha adquirido um tom estranho. Espirais de verde e roxo atingiam o pico entre as nuvens, iluminadas por flashes de luz.

A pedra retumbou com o trovão.

As palavras da velha normalmente seriam um aviso suficiente para mantê-la dentro de casa... mas a tempestade foi o disfarce perfeito para seus próprios planos.

Antes que ela pudesse pensar melhor, ela estava em suas roupas de treinamento e se teleportando para o estábulo especialmente feito por Wraith. Sua cabeça estava abaixada em tédio, mas ele se levantou quando ela deu um passo em sua direção. Ele mostrou seus grandes dentes para ela.

Os guardas normalmente patrulhavam do lado de fora. Esta noite, eles protegiam o exterior do castelo, os lados que não estavam voltados para o penhasco, contra quaisquer criaturas. Ela os observou das janelas, formando um perímetro, enfeitados com armaduras grossas. Grim disse a ela para ficar dentro — o palácio era bem construído. Era seguro.

Ela precisava se apressar. As escamas escuras de Wraith brilharam quando ele saiu sob o luar. A chuva correu por elas.

O clima pode ser bom para ficar escondido, mas tornaria muito mais difícil permanecer.

Talvez isso tenha sido um erro. Talvez não tenha valido a pena o risco...

Uma lembrança de Oro surgiu em sua mente. Sentada entre as flores silvestres.

Seu colar de rosas douradas ainda estava pendurado em seu pescoço.

De acordo com a profecia, ela poderia enfiar uma lâmina diretamente no coração dele.

Ela pensou na vila. Nas cinzas. Na ruína.

Do jeito que estava, a morte dela seria o fim de todos naquela ilha.

Incluindo Grim.

Se alguém sabia como mudar seu destino ou prolongar sua vida, eram os oráculos.

Ela deu um passo à frente. Wraith também, como se fosse encontrá-la.

“Você me deixaria cavalgar em você? Sozinha? Na tempestade?”

Em resposta, Wraith se abaixou, oferecendo seu pescoço para ela escalar. Ela só conseguiu subir três escamas, antes de escorregar, mal se segurando. Seu coração estava na garganta. Ela não ousou respirar até se arrastar para as costas dele. Seu aperto era hesitante, na melhor das hipóteses. Ela engoliu em seco. Ela nem precisou dizer uma palavra. No momento em que seu assento estava seguro, Wraith deu um passo à frente. Outro. E então disparou para as nuvens.

O céu rugia como um campo de batalha. Trovões e relâmpagos duelavam, um atacando e o outro respondendo. A noite parecia se despedaçar ao redor dela, e a chuva estava mais espessa do que deveria, atingindo como estrelas de arremesso. Isla se abaixou, segurando Wraith com força, o medo se instalando em seu estômago.

Não era só a altura. Algo sobre essa tempestade estava errado. Ela não deveria estar ali em cima. Não sozinha. Não quando sua vida agora estava ligada a todas as Nightshade.

“Cuidado!” ela gritou, enquanto uma árvore de tamanho normal era lançada em direção a eles. Wraith se moveu no último minuto, derrapando

para a esquerda, e ela lutou para continuar, seus dentes deslizando dolorosamente juntos enquanto ela abafava um grito. Uma floresta inteira havia sido arrancada pela tempestade, e ela os circundou, voando, cavalgando ventos sem fim.

Wraith se moveu para desviar de cada árvore, e seu estômago embrulhou quando ele se virou bruscamente para cima, para voar mais longe nas nuvens.

Lá em cima, o céu mudou de tom. Era o que ela tinha visto em fragmentos, da janela do castelo. As nuvens tingidas de roxo, o tom esverdeado. Ela sentiu o gosto do poder em sua língua, sentiu o cheiro, como cobre, como sangue. Poder de quê? Eles subiram mais e mais alto, até que estavam encharcados nele. O ar parecia mais pesado, leve, pleno.

Um raio caiu, não muito longe. Brilhou como um galho em chamas.

As asas de Wraith batiam mais rápido, disparando como uma flecha pelo céu, desviando de projéteis. Ela segurou firme enquanto ele desviava.

Era uma maravilha que ela não tivesse escorregado. Apenas o medo a mantinha firme. Sua cabeça estava abaixada. Pedras de gelo batiam contra seus braços, certamente deixando hematomas. Ainda assim, ela se segurou.

O roxo se aprofundava quanto mais eles avançavam. O verde parecia brilhar.

Do nada, seu peito começou a doer.

O coração dela. Começou a queimar, como se as costuras da cicatriz estivessem se rompendo. Ela arriscou um olhar para baixo, meio que esperando ver sua blusa encharcada de sangue, mas não havia nada além de chuva.

Com as mãos firmemente presas contra os sulcos de Wraith, ela se dobrou enquanto a dor se tornava lancinante, como se uma lâmina estivesse cortando seu coração pouco a pouco, tentando arrancá-lo através de suas costelas. Ela gritou.

Wraith virou-se para encará-la. Ela mal conseguia ver a terra abaixo; era um borrão abaixo deles. Seu aperto aumentou.

Então, um clarão de luz. Um monstruoso relâmpago brilhou no céu.

Ela os cegou. Wraith não viu a árvore até que fosse tarde demais. Ela caiu contra eles com tanta força que Isla foi arrancada de suas costas.

E então, ela estava caindo.

Ela gritou até sua voz ficar rouca, e seus membros se debateram impotentes. A força do ar era muito forte; ela não conseguia mover o braço, não conseguia puxar o colar. Não conseguia alcançar o bastão estelar que ela tinha enfiado em sua espinha. Não conseguia fazer nada enquanto o vento uivava ao seu redor, e ela caiu ao lado da chuva.

Seu corpo rompeu a tempestade, arremessando-se em direção ao chão. Ele correu para encontrá-la.

Com um baque de tirar o fôlego, ela foi jogada para trás contra uma balança. Wraith a pegou na espinha, a poucos metros da terra. Ele se empinou, e o corpo dela voou para longe novamente com a força, mas suas mãos seguraram.

Ele abaixou-se novamente, e ela se moldou a ele.

Volte. Volte. Era a voz da sobrevivência em sua cabeça, sabendo que não teria sorte na próxima vez que caísse. Isso foi imprudente. Tolo.

Mas ela precisava encontrar os oráculos esta noite. Grim não podia saber que ela os estava procurando; ele não podia saber sobre a profecia.

Especialmente porque ela poderia muito bem matá-lo para cumpri-la.

A menos que ela pudesse mudar o destino. As informações dos oráculos poderiam salvar a todos. Era isso que a mantinha em movimento.

Abaixo, o oceano rugia, salpicado de espuma branca, como se o mar tivesse criado dentes. As águas entre Lightlark e Nightshade eram vastas.

Parte dela sabia da impossibilidade de encontrar qualquer coisa ali, especialmente na escuridão, mas Cleo tinha uma armada inteira. Eles estariam juntos, como uma legião.

Ela esperava ter sorte. Ela esperava estar certa.

A tempestade enfraqueceu para longe de Nightshade, mas não desapareceu completamente. A frota de Cleo estaria navegando para longe dela? Ou eles estariam aproveitando o poder das ondas viradas para cima para chegar a Nightshade ainda mais rápido?

Por horas, ela observou a escuridão infinita abaixo dela, esperando por qualquer sinal do Moonling, sem nunca afrouxar o aperto.

Nada além de ondas.

Ela quase desistiu. Quase disse para Wraith voltar.

Então ela viu. Velas brancas como fitas na tempestade, chicoteando violentamente. Centenas delas. Era uma maravilha que a tempestade não as engolisse completamente.

Lá.

O navio de Cleo era o maior. Tinha velas extras que ondulavam como seda.

“Continue circulando, mas mais alto”, ela disse a Wraith.

Então ela saiu do lado dele, segurando seu bastão estelar.

Por um momento, ela caiu novamente, avançando rapidamente pela tempestade.

Então, ela estava em um convés.

Os joelhos dela dobraram sob ela; suas pernas enfraqueceram de lutar para ficar nas costas de Wraith. Ela caiu contra um pilar, escondendo-se atrás dele, a chuva cobrindo seu cabelo sobre seu rosto. A madeira abaixo era carvalho branco, trabalhada a partir da floresta pálida que ela tinha visto na Ilha da Lua.

Gritos giravam ao redor dela, Moonlings lutando para domar o mar e manter o navio estável. Ela precisava se mover. Rapidamente, ela olhou ao redor, apertando os olhos através da tempestade. Uma luz. Havia uma luz acesa, no que parecia ser o alojamento do capitão. Cleo.

Os oráculos provavelmente estariam abaixo. Outro toque de seu bastão estelar, e foi para lá que ela foi.

Estava mais quieto aqui embaixo. Ela respirou fundo, tremendo, sem perceber o quão fria a chuva estava até que ela saiu dela.

Suas pernas tremeram quando ela se levantou, encostando-se em um barril. Ela

deslizou a tampa com um grunhido. Comida. Quase todos os barris estavam cheios dela. Ainda assim... os Moonlings não durariam para sempre com água e peixes sem reabastecimento.

Qual era o plano deles? Grim permitiria que eles pegassem comida de Nightshade?

Não importava agora. Tudo o que importava era encontrar os oráculos.

A última vez que ela os viu, eles estavam congelados no gelo. Ela se perguntou se Cleo os descongelou ou os manteve presos.

Só havia uma maneira de descobrir. Ela abriu cada barril, cada caixa, até seus braços ficarem doloridos.

Nenhum sinal deles.

Ela procurou cada centímetro do casco. Ela considerou que eles poderiam estar em outro navio, mas não... Cleo não deixaria ninguém tão importante quanto os oráculos sair de sua vizinhança.

Eles estavam lá em cima, então. Se fossem libertados do gelo, poderiam ser trancados em uma sala. Ela tocou seu bastão estelar.

Estremeceu, imaginando se estava prestes a ser cercada por Moonlings.

O quarto em que ela apareceu estava, felizmente, vazio. Ondas batiam nas janelas. O navio de madeira gemia.

O espaço era grande. Luxuoso, até. Ela olhou ao redor, procurando por qualquer sinal de que os oráculos pudessem estar hospedados ali.

Quanto mais ela olhava, mais percebia que cada parte da cabana tinha sido meticulosamente trabalhada. Piso de pedra da lua. Painéis habilmente esculpidos.

Era uma sala digna de um governante.

Uma tábua do assoalho rangeu atrás dela.

Antes que ela pudesse dar um único passo, o mar atravessou a janela, derrubou-a e jogou-a contra a parede.

O corpo de Isla tremeu enquanto ela se debatia contra as amarras geladas. Ela estava presa, esparramada, assim como tinha estado durante o Centenário.

Cleo inclinou a cabeça para ela, observando com os lábios franzidos.

“Você deve gostar de ser capturada. Você é muito boa nisso.”

Isla cuspiu nos pés de Cleo, e o gelo endureceu ainda mais, quase a sufocando. Então, de repente, o gelo se transformou em água, e ela caiu no chão, ofegante. Ela agarrou sua adaga imediatamente. Segurou-a na frente dela enquanto se levantava, pronta para atacar.

Cleo parecia entediada. “O que você quer, pequeno Wildling?”

Não adiantava esconder. Cleo poderia tê-la matado, e ela não o fez.

Deve haver uma razão.

Os dentes dela batiam. “Os oráculos. Onde eles estão?”

A resposta de Cleo foi imediata. Sem emoção.

“Morta.” Algo dentro de Isla murchou. “Você está mentindo.” “Você não vale a pena mentir para

você,” Cleo disse categoricamente.

Isla cravou sua adaga no coração de Cleo num piscar de olhos.

O Moonling mal olhou para ele.

“Por quê?” Isla exigiu. Sua mão tremia.

Cleo apenas piscou. “Não é óbvio? Eu peguei as profecias deles e os matei para que eu fosse a única a saber o futuro.”

A fúria lutou dentro de Isla. Ela desejou seus poderes, para que pudesse despedaçar o navio, para que pudesse destruir o céu e o mar como uma

tempestade. Era essa raiva perigosa, essa serpente dentro dela sempre pronta para atacar, era por isso que ela precisava manter as pulseiras. Ela sabia disso, mas ainda ansiava por esse poder para que pudesse pintar o céu com a sombra de sua raiva sem fim.

“O que eles disseram?” Isla rugiu, sabendo que era tola por sequer perguntar. Mas ela tinha que tentar.

O sorriso de Cleo era serpentino. "Tanta coisa sobre você. Nada disso eu vou compartilhar, é claro." Num piscar de olhos, o Moonling a atingiu em cheio no peito, mandando-a para trás com um chicote de água. Sua adaga atingiu o chão. Meia dúzia de lâminas de gelo estavam posicionadas na garganta de Isla, como um colar da morte. Cleo estava acima dela, ainda divertida. "Não tema. Seu fim chegará com o tempo, mas não das minhas mãos." Com o tempo.

Isla teria dado tudo para saber quando. Para saber como. Para saber como pará-lo. Para saber qualquer tipo de explicação, ou orientação, ou esperança de que o oráculo estava errado, e seu destino poderia de fato ser mudado.

Ela se sentia tão sozinha. As únicas duas pessoas em quem ela queria confiar eram aquelas que ela corria o risco de matar.

“Eu te darei qualquer coisa,” Isla disse, falando sério. A raiva tinha sido apagada e substituída por puro desespero. Ela estava tremendo, de costas para o canto da sala. Ela nunca se sentiu tão impotente, e isso não tinha nada a ver com sua falta de habilidades. Qual era o sentido de ter qualquer poder, se ela não conseguia nem controlar seu próprio destino?

Ela nunca imaginou estar voluntariamente à mercê do Moonling, mas por isso, ela imploraria. “Por favor. Você deve querer alguma coisa. Diga-me o que os oráculos disseram, e eu a ajudarei a conseguir.”

“Tudo o que eu quero é meu filho de volta.”

A única maneira de fazer isso era ir para o outro mundo, onde as almas poderiam ressurgir. Chegar lá exigiria a morte de todos os Lightlark.

Milhares, incluindo Oro. Não era uma opção.

Cleo pareceu ver isso em seu rosto, porque sua expressão endureceu

completamente. “Vá embora agora. Não me faça tentar o destino.” Isla agarrou seu dispositivo de portal e obedeceu.

Levou horas para levar Wraith para casa. Transpor os dois enquanto voava com seu starstick não funcionou. Ela teve que esperar até que eles alcançassem a terra, onde ela poderia desenhar sua poça. Quando eles passaram e chegaram ao estábulo, a tempestade estava quase no auge.

Wraith rolou para o lado e adormeceu imediatamente. Isla estremeceu enquanto se teleportava de volta para seu quarto, mal encontrando o olhar de Lynx enquanto ele rosnava para ela, descontente. Ela fechou as portas do banheiro e estremeceu enquanto se abaixava na banheira fumegante, a que ela uma vez dividiu com Grim.

Agora era só ela, joelhos contra o peito, lágrimas escorrendo lentamente pelo rosto.

Os oráculos estavam todos mortos. Não havia mais ninguém para perguntar sobre o destino dela.

Não sobrou ninguém para ajudar a cumprir a profecia.

Não havia opção fácil. Cada uma a quebraria de maneiras diferentes.

Oro era a escolha óbvia. A vida dela não estava ligada à dele.

Ela recusou. Ela o amava — e, mesmo que não amasse, não poderia condenar todo o seu povo e a ilha.

A morte de Grim também mataria milhares, incluindo ela.

Então, é claro, havia o fato de que ela poderia não ter muito tempo de vida de qualquer maneira. Quanto tempo vincular a vida de Grim à dela lhe daria? Os oráculos poderiam saber.

Enquanto ela segurava firmemente as bordas da banheira, apertando os lábios contra um grito frustrado que acordaria metade do castelo, parte dela desejou sua vida antes do Centenário. Uma tola trancada em uma sala de vidro, pensando que a única coisa que ela iria querer era liberdade.

Ela permaneceu na banheira até a água esfriar.

A primeira coisa que aconteceu pela manhã foi uma batida na porta dela. Ela esperava encontrar Grim lá, para visitar as outras vilas afetadas pelas tempestades.

Em vez disso, ela encontrou um atendente. Ele estava parado do outro lado do corredor, como se tivesse medo de se aproximar dela.

"Sim?"

"Você tem visitas", ele disse. "Eles estão esperando na sala do trono."

Ela franziu a testa. "Eu? Quem?"

"Seus guardiões."

OceanofPDF.com



MALDIÇÃO NOITE

“A última vez que te vi, você tentou me matar”, disse Isla.

Terra apenas bufou em diversão distorcida enquanto a observava. “A última vez que te vi, você estava sangrando até se esgotar por poder.” Ela inclinou a cabeça. “Como isso funcionou para você?”

Isla pode ter se lançado contra ela antes. Agora, depois da noite passada, ela não se incomodou em invocar a raiva. Ela estava esgotada.

E Terra estava certa. Sangrar-se para amplificar suas habilidades tinha sido imprudente.

Ainda assim, quanto mais ela encarava sua antiga professora, parada ali como se não tivesse mentido para ela por toda a sua vida, mais uma fúria crescia em seus ossos. Odiá-la era fácil. Terra havia segurado seus membros em chamas, a havia abandonado no meio de uma tempestade, a havia deixado inconsciente com o punho de sua espada inúmeras vezes durante o treinamento.

Poppy, por outro lado... Isla observou sua guardiã arranhando nervosamente suas unhas contra suas saias grossas e quis afundar no chão. Poppy segurou sua mão enquanto ela recebia tratamento para os ferimentos que recebeu durante o treinamento. Poppy cantarolou enquanto fazia chá cheio de favo de mel. Se Terra tinha sido a lâmina, Poppy tinha sido o bálsamo. “Passarinho—”

“Não me chame assim”, Isla retrucou.

“Isla,” Poppy corrigiu, seus olhos disparando para Terra nervosamente.

“Podemos retornar outra hora, se—”

“Eu bani você,” Isla disse, sua voz aumentando. “Você matou meus pais.

Você matou o último governante de Wildling. Você—”

Terra suspirou impacientemente, e a raiva que Isla tentou enterrar voltou a subir. “Eu esperava que sobreviver ao Centenário te tornasse menos tolo.”

O ar ao redor dela mudou, ficou mais afiado. A cor sumiu do rosto de Poppy enquanto ela olhava para algum lugar atrás de Isla.

“Você vai tomar cuidado com a forma como fala com minha esposa em nossa casa.” A voz de Grim era tão penetrante quanto a lâmina em seu lado. Teria feito o sangue dela gelar, se ela não fosse a esposa em questão.

Terra não parecia preocupada que Grim pudesse transformá-la em cinzas sem nem mesmo um olhar, enquanto ela soltava uma risada. “E

uma covarde também? Precisando do seu marido demônio para defendê-la?”

Ela deu um passo à frente, sacando sua lâmina da bainha. Em meio segundo, ela estava mirada na garganta de Terra.

“Fale com qualquer um de nós desse jeito de novo, e você verá que não será capaz de falar nada,” ela disse firmemente. Poppy empalideceu ainda mais. “Eu posso ter salvado sua vida durante o Centenário, mas não estou além de arrancar sua língua do seu crânio.” A violência de suas palavras a chocou, mas ela não voltou atrás. Ela não se encolheu em si mesma.

Se Terra não gostasse, então ela só poderia culpar a si mesma. Era isso que seu guardião a havia treinado para ser.

Terra quase pareceu impressionada por um momento. Então, ela franziu a testa. Ela parecia cansada. Sua voz mal continha ácido quando ela disse: “Nos odeie por mil razões diferentes, mas estou dando um fim a uma delas de uma vez por todas. Nós não matamos seus pais.”

Isla não sabia o que esperava que Terra dissesse, mas não era isso. Ela mostrou os dentes. Como ousava mentir para ela tão descaradamente? Ela achava que ela não faria o que prometeu e a mataria na hora?

“Você admitiu”, ela disse.

Terra não negou isso. Ela não disse nada.

Por que aceitar a culpa? Não fazia sentido algum. “Mentiroso.”

“Sim. Mil vezes,” Terra disse. “Mas não agora. Não sobre isso.”

Ela podia saber com certeza. Ela podia alcançar o talento de Oro. Ela já tinha usado o de Grim antes, ela podia—

Com as pulseiras, ela não podia. E ela não ia tirá-las.

Por nada.

Ela forçou seu rosto a voltar à indiferença. Não importava agora. Ela tinha problemas muito maiores. “Presumo que vocês não vieram aqui só para limpar seus nomes.”

“Não,” Terra confirmou. “Viemos para lhe contar sobre o nightbane.”

Ela franziu a testa. “O que tem?”

“Está morto.”

Morto? “Quanto?”

Houve uma pausa. Então, “Tudo isso.”

Uma vez, as flores violeta-escuras formaram campos de pétalas em forma de estrela. Isla ficou ali com Grim, maravilhada com a existência delas. Elas eram milagres, cada uma delas, capazes de vida e morte — cura e morte.

Agora, todas elas murcharam e morreram. Isla pegou uma do chão e a observou virar cinzas entre seus dedos.

“Nós salvamos o que pudemos”, disse Wren ao lado dela. Foi um alívio ver o líder Wildling a salvo.

Isla sabia que precisava falar com seu povo. Fazia dias desde que ela havia retornado.

A liderança de Wren em sua ausência foi um presente. O Wildling contou a ela sobre o castelo para o qual Grim os havia realocado, uma propriedade abandonada com campos adequados para agricultura e espaço mais do que suficiente para todos eles.

Grim apareceu minutos depois, e Isla não deixou de notar como Wren o

observava cautelosamente. Ela voltou sua atenção para as flores murchas.

“Proteja qualquer um dos nossos elixires restantes”, ela disse a Wren.

“Temos sementes da newland, certo?” A planta era notoriamente lenta para crescer. Por enquanto, os elixires de cura seriam limitados.

Wren assentiu, abaixou a cabeça e se virou para dar ordens.

Isla estudou o chão. A tempestade. Ela se lembrou de como Grim disse que ela havia arruinado terras antes.

Grim estava em silêncio ao lado dela. Ela podia sentir sua tensão. Sua preocupação. Ecoava a dela.

A destruição de Nightbane foi um golpe enorme. A escassez da droga que ele foi usado para criar só intensificaria a agitação. Muitas pessoas de Nightshade dependiam dela diariamente.

E, sem o elixir de cura que ele fazia, as pessoas morreriam de ferimentos que poderiam ser curados anteriormente. Elas tinham acabado de perder um de seus maiores bens.

Esta tinha sido apenas uma tempestade de temporada. Era apenas o começo.

“Precisamos saber sobre a origem das tempestades, se quisermos detê-las.” Eles precisavam de mais informações.

Ela precisava de mais informações.

A pergunta foi feita em desespero. Ela tentou manter a urgência fora de seu tom enquanto dizia: "Você não tem oráculos aqui, certo?" Ela não ousou ter esperança. Ela não ousou respirar.

“Não,” ele disse, e ela fechou os olhos. Lutou contra a onda de tristeza.

Então, “A coisa mais próxima que já tivemos foi um profeta, mas ele morreu há muito tempo.” Um profeta? “A ordem dele sobreviveu, mas eles só falam com aqueles que fazem a escalada.”

"A escalada?"

"Até a base deles. Fica no topo de uma montanha."

Ela piscou para ele. "Você nunca tentou?"

"Claro que sim. Quando cheguei ao topo, eles se recusaram a me deixar entrar." Ela franziu a testa. Grim era o governante deles, e ele parecia muito querido por seu povo. "Por quê?"

"Meu pai matou o profeta." Oh. Talvez sentindo que ela iria perguntar por que diabos o pai de Grim faria isso, ele acrescentou, "Ele se recusou a compartilhar suas profecias com ele."

Seu desespero era tão agudo que ela sabia que ele podia sentir. "Talvez eles falem comigo. Eu farei a escalada." Ela disse as palavras casualmente, mas seu batimento cardíaco estava tudo menos isso.

Grim apenas olhou para ela. "Não é uma montanha simples. Há túneis lá dentro, e eles se movem de forma não natural. Há feras lá dentro. A escalada é um teste, criado quando o profeta ainda vivia. Somente aqueles que sobreviveram foram considerados dignos de seu conhecimento."

Ela lançou-lhe um olhar fulminante. "E você me acha incapaz?"

Ele olhou de volta para ela. "Claro que não. Mas todo poder é anulado na montanha, é um lugar sagrado de habilidade incomum, e—"

Não importava. As pulseiras faziam isso de qualquer maneira. "Você acha que só porque não consigo usar meus poderes, sou impotente?"

Grim piscou para ela. "Não," ele disse, parecendo estar tentando escolher as palavras com cuidado. "Mas sem elas você é vulnerável."

Vulnerável. Ela odiava essa palavra, mesmo que ele estivesse certo. "Eu vou com você."

"Não preciso da sua ajuda."

"Talvez não. Eu vou de qualquer jeito."

"EU-"

“Toda pessoa que tentou fazer a escalada no último século, além de mim, morreu. Sua morte significa a morte do meu povo.

Qualquer informação que eles possam fornecer sobre as tempestades é essencial para todos nós.” Ela não podia discutir isso.

Ela se mexeu nos pés, considerando, e Grim apenas a observou, encostado em Wraith. Ela tinha tantos segredos. Ela desejou que ele a deixasse em paz.

Mas se os seguidores do profeta não o deixassem entrar... ele não ouviria suas perguntas. Se ele pudesse ajudá-la a chegar ao topo, que assim fosse.

“Bem. Onde fica essa montanha?”

OceanofPDF.com



A ESCALADA

De acordo com Grim, a subida levaria um dia inteiro. Dois, possivelmente, dependendo do que encontrassem.

Ela queria recuar. Não só por causa do perigo, mas porque não estava animada em ter que ficar presa com ele por horas a fio, em espaços apertados.

Por mais que ela negasse, Grim estava certo. Seus sentimentos contavam uma história diferente da sua mente. Logicamente, ela sabia que deveria odiá-lo. Ela sabia que ele era o inimigo.

Suas emoções ainda estavam ligadas às memórias.

Ela empurrou os sentimentos para baixo. Enterrou-os até onde eles podiam.

Eles não importavam. Eles eram apenas uma distração de seu propósito.

Cada um deles carregava suprimentos. As mochilas eram pequenas, para permitir fácil movimentação. Água, comida e cobertores finos estavam amarrados em suas costas. Espadas e punhais estavam em suas frentes. Ela usava suas roupas de treinamento.

“Algum aviso?” ela perguntou, enquanto eles permaneciam na entrada. Era um arco simples, levando a um único túnel.

Grim olhou para a passagem escura cautelosamente. Ele balançou a cabeça. “Nenhuma que fizesse algum bem.”

E então eles foram mergulhados na escuridão.

“Devíamos ter trazido um orbe”, ela disse, tateando ao redor. Eles estavam a menos de dez passos do caminho, e ela não conseguia mais enxergar à sua frente.

“Eu fiz isso durante minha escalada”, disse Grim. “Ele queimou imediatamente. Era considerado energia, eu acho.” Ótimo.

Ela tateou no escuro, procurando por uma saliência, apenas para arrastar sua mão

completamente para baixo do estômago de Grim. Era duro como mármore, ondulando com músculos. Ela puxou sua mão de volta antes de ir mais para baixo. "Desculpe", ela disse calmamente.

A voz de Grim era profunda e estridente, e próxima demais para ser confortável. "Não se desculpe", ele disse. "Você pode me tocar onde quiser, esposa."

Ela revirou os olhos, mesmo que ele não pudesse ver, e cegamente deu um passo à frente, desesperada para ficar o mais longe possível dele.

"Bom saber, mas irrelevante, pois não planejo isso."

"Se você diz."

"Eu digo isso," ela sibilou. Ela deu outro passo que não estava realmente ali e cambaleou para frente. Apenas as mãos de Grim em sua cintura a impediram de bater os dentes.

Ela ficou muito parada, a respiração dele bem perto do ouvido dela.

"Cuidado. Faltam mais de mil degraus. Eu posso te carregar, se você quiser." O tom dele era quase de zombaria.

Com um dos sentidos silenciado, ela se concentrou nos outros. A voz de Grim, ecoando pelo túnel, profunda e raspando contra alguma parte dolorida dela. Seu corpo frio e musculoso atrás de suas costas. Suas mãos grandes ainda em sua cintura, dedos segurando seus quadris.

Isla colocou as mãos sobre as de Grim e sentiu-o enrijecer.

Então, ela se afastou dele.

Ela foi devagar. Os degraus eram irregulares, então ela sentiu cada um com a ponta do pé antes de avançar. Foi um longo processo. Quando um bolsão de luz apareceu na frente deles, eles estavam subindo há horas.

No teto, pedaços de cristal brilhavam, criando uma trilha pelos túneis.

Ainda assim, seus olhos se esforçavam com a luz limitada. Suas panturrilhas começaram a queimar.

Isla largou a mochila e caiu no chão. “Quão longe estamos?”

“Nem um quinto do caminho.”

Ela gemeu. A ordem do profeta deve valer a pena. Ele lhe entregou água, e ela tomou um longo gole. Os túneis estavam cheios de poeira que secou seus lábios e língua.

“Temos sorte de não termos encontrado nenhuma criatura. Eu já tinha tido pelo menos dois encontros até então, quando estive aqui pela última vez.”

Um barulho de clique ecoou em algum lugar distante. Poderia ter sido qualquer coisa. Vermes. Rochas se movendo.

Depois, ficou mais alto.

Grim começou a arrumar sua bolsa mais uma vez. “Falou cedo demais.” Ele olhou para ela. “Tem água suficiente?”

Ela assentiu. Ele pegou a bolsa dela. “Bom. Agora corra.”

Cliques preencheram os túneis. Seus passos raspavam o chão de pedra enquanto corriam, lado a lado, a poeira levantando ao redor deles. Eles se precipitaram em cada esquina, a mão dela arrastando-se pela parede áspera enquanto ela se virava. Na última, ela ousou olhar por cima do ombro.

Foi quando ela os viu.

Criaturas curvadas com garras que estalavam enquanto rastejavam pelas cavernas, seus chifres como coroas de adagas. Eles eram quase tão largos quanto os próprios túneis. Se as feras os alcançassem, Isla e Grim seriam despedaçados.

Mais rápido. Eles precisavam ir mais rápido.

Suas pernas doíam enquanto ela avançava, mas não era rápido o suficiente. As criaturas estavam avançando. Ela teve que diminuir a velocidade com medo de bater em outra parede.

Os túneis divergiram novamente e, em vez de escolher aquele com o caminho de luzes acima, ela arrastou Grim na outra direção.

Ele seguiu a liderança dela sem diminuir o ritmo. “Existe alguma estratégia que eu deva saber?”

Ela gesticulou para o túnel. Um leve brilho de cristais mal iluminava o caminho deles. O clique estava ficando mais alto. Eles estavam bem atrás deles. “Olhe.

As paredes estão ficando menores.”

Muito ligeiramente. Era uma aposta, para ver se continuaria a estreitar. Eles correram e correram, e Isla se perguntou se talvez ela os

tivesse levado pelo caminho errado. Se houvesse apenas um caminho certo, e eles o tivessem perdido. A dúvida quase a sufocou.

Então ouviu-se um barulho agudo e terrível quando os chifres das criaturas começaram a raspar nas paredes.

A esperança a fez correr mais rápido. Só um pouco mais longe. Eles só precisavam ficar um pouco—

Ela caiu, derrapando de joelhos. Um dos chifres havia aberto um corte em sua perna. Seu grito ecoou pelo túnel, e ela se virou, braços na frente dela, pronta para ser despedaçada—

Mas a criatura estava presa. Ela estalou seus dentes selvagens para ela, a apenas alguns centímetros de distância, mas não a alcançou. Seus chifres estavam presos.

Antes que ela pudesse suspirar aliviada, as outras criaturas bateram atrás dele, fazendo a fera cambalear para frente. Um momento antes de sua mandíbula travar em volta de sua perna, Grim a puxou para ficar de pé. Ele examinou seu ferimento. "O corte não é profundo. Você consegue andar?"

Ela assentiu, mas no primeiro passo, seu joelho quase cedeu de dor.

Não importava. Eles tinham que continuar, para que as criaturas não quebrassem seus chifres e passassem.

Eles correram pelo túnel, mais devagar do que antes, em uma esquina diferente, antes que ela caísse no chão. Grim começou a enrolar diligentemente a perna

dela com suprimentos de sua mochila. Ele estava certo: não era fundo, mas doía.

Seria difícil escalar o resto do caminho com uma perna machucada, mas eles nem tinham a opção de se virar. Não com as criaturas com chifres bloqueando completamente o caminho. O único caminho era para cima.

"Preparar?"

Ela não estava. A dor queimava. O túnel estava ficando mais escuro novamente. Ela não sabia o quanto desejaria luz e vegetação até que estivesse completamente sem elas. Ainda assim, ela se levantou e pegou a mão que Grim ofereceu.

Ele não tinha tomado esse caminho em sua jornada anterior —

nenhum dos dois sabia o que enfrentariam. Por uma hora, eles caminharam em silêncio. O túnel continuou ficando menor e menor, até

que a cabeça de Grim quase roçou o teto. O chão se inclinou ligeiramente para baixo, em vez de para cima. Eles poderiam estar indo na direção errada. Não importava agora. Eles não tinham outra escolha de qualquer maneira.

O silêncio gerou pensamentos infinitos, especialmente tão perto de Grim. Todas as perguntas que ela queria fazer a ele, aquelas que ela manteve enterradas por meses após o Centenário.

“Você achou que trabalhar com Aurora salvaria minha vida, não é?” ela perguntou.

Ela não deveria se importar. Isso era passado.

Mas ela se importou. Ela se importou muito.

Os olhos dele endureceram. Ela percebeu que ele não gostava de pensar nisso.

“O plano dela prometia a todos nós o poder de Lightlark. Pensei que seria o suficiente para sustentar sua vida por séculos, até encontrarmos outra solução. Eu ia mover meu povo de Nightshade, para longe das tempestades.”

Aurora enganou Grim, fazendo-o acreditar que a profecia para quebrar as

maldições envolvia um rei Sunling tendo que se apaixonar por uma governante Selvagem — a história que tinha que ser repetida.

Ela o usou, assim como usou Isla.

“Você não pensou em me contar? Você não pensou em me incluir?”

Ele parou morto em seu caminho. Ela também. Eles se encararam.

“Tudo o que eu pensava era na sua sobrevivência. Eu me arrependo. Eu te disse isso.” Arrependimento não era o suficiente.

“Eu me apaixonei, Grim,” ela disse, sua voz aumentando, ecoando pelos túneis. “Eu me apaixonei por outra pessoa, enquanto eu era casada.

E eu não tinha ideia.” Ele estremeceu. As palavras dela o machucaram.

Ótimo, ela pensou. Ela queria que ele se machucasse. Ela queria que ele entendesse.

“Você tem ideia de como é trair alguém que você ama?

Sem nem tentar?”

“Sim,” ele disse entre dentes. Ele se referia a ela.

Ela deu um passo à frente. “Você não sabe o que é amor.”

“Eu não?” ele disse, preenchendo o espaço entre eles. “Eu travei uma guerra por você. Eu vinculei minha vida a você.”

“Eu não pedi para você!” ela gritou. Ela balançou a cabeça. Doeu. Seus olhos ardiam.

Tanta morte. Tanta perda. Ela sabia que deveria ser grata por ele tê-la trazido de volta à vida, mas parte dela desejava que ele a tivesse deixado morrer. O mundo teria sido melhor por isso. Tantas pessoas não estariam em perigo tão iminente. Quando ela disse isso em voz alta, Grim rosou de raiva.

“Nunca diga isso. Nunca pense isso. Você salvou muito mais pessoas do que matou. Você tem um poder que ameaça os deuses.” Ele franziu a testa para as

pulseiras dela. “Mesmo que você insista em mantê-lo contido, você o tem. Eu posso ter salvado você porque te amo, mas você foi feita para viver. Você foi feita para usar esse poder.”

Ela não sabia como ele conseguia falar tão reverentemente sobre o poder que havia causado tanta destruição. Ela desejou nunca tê-lo tido. Ela desejou nunca ter explorado o mundo com seu dispositivo de portal.

“Eu queria que você nunca tivesse me amado.” Era verdade. Teria tornado tudo muito mais fácil. Teria salvado muitas vidas. Ela pressionou as palmas das mãos contra os olhos em frustração. A raiva cresceu atrás de suas costelas.

Ela abaixou as mãos e olhou-o bem nos olhos. Sua voz era cortante. Quase irreconhecível. “Eu queria não ter me entregado a você, como uma idiota.

Eu queria não ter deixado você me trair, mentir para mim e me manipular, e eu odeio você.” Seu peito estava arfando. “Eu odeio você, eu odeio você, e eu jogaria esse maldito colar no mar se eu pudesse!”

Grim recuou, como se ela o tivesse esbofeteado. Seus olhos brilhavam de mágoa. Ela nunca o vira tão ferido, mesmo quando ele tinha uma dúzia de flechas atravessadas no peito.

Ela imediatamente se arrependeu de suas palavras. Mas por quê? Ela quis dizer isso, não quis?

Ele deu um passo para longe dela. Ela deu um passo para longe dele, por sua vez — e quase escorregou.

Água. Apenas uma poça dela, espalhando-se lentamente. Corroendo a rocha abaixo dela, criando um espelho. Ela piscou para seu próprio reflexo, nebuloso na tênue luz cristalina.

Então, ele veio correndo como um rio.

Ela olhou para ele. Seus olhares se encontraram.

“Corram”, ela disse, e eles correram. A água estava jorrando agora.

Subindo até os tornozelos, depois as panturrilhas. Continuou crescendo até

derrubá-la, e então ela estava remando, ofegante por ar. Logo encheria o túnel. Eles se afogariam.

Seus membros doíam enquanto ela nadava o mais rápido que podia, lutando para ficar acima da água. Ela conseguiu engolir um pouco de ar antes de ser puxada para baixo pela força da corrente. Quando ela emergiu novamente, havia apenas alguns centímetros restantes entre o topo de sua cabeça e as pedras acima.

O túnel era infinito. Não adiantava lutar contra ele.

Ela parou de nadar. Grim também. Ela levantou a cabeça o mais alto que pôde, engolindo ar avidamente.

Grim a encarou.

Em seus olhos, ela viu medo sem filtro. O mesmo medo que ela tinha visto momentos antes de morrer.

Eles encontraram as mãos um do outro através da água.

“Eu—eu sinto muito, eu—”

“Eu sei, Hearteater,” ele disse. Ele a puxou para perto, e suas testas se tocaram. Não podia ser isso. Esse não era o destino dela.

Ela pensou em todas as pessoas que morreriam porque ela foi imprudente o suficiente para insistir em subir. As crianças. Os inocentes. O

mesmo de antes, quando—

O chão. Ele tinha se curvado para baixo. Isso a confundiu, mas agora ela percebeu que poderia ser a salvação deles.

O túnel se dividiu ao longo da jornada, para a esquerda e para a direita.

E se também se dividisse de cima para baixo? Eles estavam lutando contra a corrente, tentando permanecer acima da água, quando talvez devessem ter deixado que ela os levasse. Com o último gole de ar, ela disse: "O túnel está descendo, a pressão da água está aumentando. Afunde até o fundo.

Siga o chão. Pare de lutar contra isso."

Grim encontrou os olhos dela; os dele estavam cheios de uma confiança que ela não merecia. Ele assentiu.

Era um risco, mas a água já estava no teto de qualquer forma. Isla parou de nadar. Parou de lutar. Grim também. Ela soprou o ar dos pulmões em um longo jato e afundou. A correnteza era ainda mais forte lá embaixo.

Rapidamente, ela a arrastou pelo fundo do túnel, sua camisa era a única coisa que impedia que sua pele fosse rasgada. Mais rápido. Mais rápido. A água os levou para baixo, depois mais longe, e ela sentiu uma pedra acima dela, enquanto se movia por um túnel diferente, mais apertado. A esperança a engolfou. Talvez ela estivesse certa.

Tão rapidamente, o pânico se fechou tão perto quanto a rocha que a cercava. O espaço havia se tornado tão estreito quanto um túmulo. E se estreitasse ainda mais e ela ficasse presa? Ela se afogaria em segundos. Ela estava se afogando agora.

A pressão em seu peito aumentou. Rugidos encheram seus ouvidos.

Manchas nublaram sua visão. Ela parou.

Então uma grande onda empurrou seus pés, e ela estava cambaleando para frente, para baixo, mais rápido do que antes. Ela foi jogada em todas as direções, pedras raspando sua pele nua, sua garganta apertando, sua cabeça latejando, pulmões queimando. Justo quando ela pensou que não aguentaria mais, ela voou para fora do túnel, onde pousou em uma poça d'água. Ela soltou um soluço sufocado enquanto o oxigênio inundava seus pulmões.

Sinistro.

Ele rompeu a água ao lado dela um segundo depois. Seus olhos estavam selvagens, e sua intensidade não diminuiu quando ele encontrou os dela. Ela estava tossindo, ofegando, sentindo que ia vomitar, mas vendo-o seguro, sabendo que eles tinham sobrevivido ao túnel—

Os braços deles estavam em volta um do outro em um instante. Ela não percebeu que estava tremendo ou chorando até que ele alisou suas mãos grandes pela

espinha dela. "Você está bem", ele disse, como se estivesse dizendo isso para si mesmo também. "Por sua causa... estamos bem."

Eles quase se afogaram. Os pulmões dela ainda queimavam. Ela enterrou o rosto no pescoço dele enquanto ele os carregava pela piscina, em direção à borda. Ele sussurrou sons suaves contra o topo da cabeça dela. As mãos dele continuaram seus movimentos suaves para cima e para baixo nas costas dela enquanto ela tremia contra ele. Ela estava congelando. Ele era naturalmente frio; mas comparado à água, ele era quente, então ela se agarrou ao peito dele. Segura. Ela se sentia segura em seus braços. Ela sabia que era errado; mas quando ele a puxou para fora da água, ela se viu lamentando a perda da pele dele contra a dela. Ela se preparou para mais frio, mas a rocha estava surpreendentemente quente sob suas mãos.

Depois de recuperar sua mochila que havia se perdido na primavera, ele se arrastou para fora da piscina e se endireitou em sua altura máxima, elevando-se sobre ela. Suas roupas estavam moldadas em seu corpo e pingando, seu escoamento formando uma poça a seus pés. Ela engoliu em seco, o coração ainda martelando.

Então ele começou a tirar suas roupas.

Logicamente, ela sabia que era porque eles estavam molhados. Eles precisavam se secar antes de avançar. Eles congelariam em suas roupas encharcadas, especialmente nos túneis frios.

Mas não havia nada de lógico na maneira como ela o observava. Na maneira como ela não conseguia desviar o olhar do peito dele, musculoso à perfeição e marcado por uma única cicatriz não curada. Ou das pernas.

Ele era construído como uma estátua. Como um guerreiro. Ela engoliu em seco.

"Você está me olhando com lascívia."

Ela imediatamente encontrou outro lugar para olhar. "Eu não sou."

"Largue o olhar, esposa. Eu não me importo."

Isla franziu o cenho e se levantou com um gemido. Sua perna ainda doía. Sua respiração continuava difícil. Encontrando seu olhar, ela começou a tirar suas

roupas também, lentamente, pedaço por pedaço. Ela observou sua garganta trabalhar. Apesar de toda sua presunção, ele se virou um momento depois, parecendo muito preocupado em colocar suas roupas perfeitamente sobre a rocha, ao lado de seus cobertores encharcados.

Assim como ele, ela manteve suas roupas íntimas. Ela estendeu suas roupas esticadas. Então, ela descansou contra a rocha. Estava quente —

confortável, até — um bálsamo contra o frio cortante da piscina. O gemido que escapou dela quando a pedra pressionou contra sua pele foi mortificante. Ela apertou os lábios enquanto sua pele corava.

Qualquer esperança de que ele não a tivesse ouvido morreu quando ela se virou e o encontrou olhando. Não. Ele estava olhando de soslaio.

Assim como ela.

Ela não tinha certeza se ele estava respirando.

Eles não sobreviveriam ao resto da jornada se ambos morressem de hipotermia. Ela tentou parecer não afetada enquanto gesticulava em direção ao espaço ao lado dela. "Você vai se aquecer ou vai ficar aí com a boca aberta?"

Grim nem tentou uma resposta. Seus olhos não deixaram os dela enquanto ele lentamente se abaixava no chão ao lado dela, tomando cuidado para não tocar sua pele.

Dormir. Eles precisavam dormir. Seus corpos estavam exaustos da jornada. Agora, o interior da montanha estava quieto, mas quem sabia o que eles enfrentariam em breve?

Ela se afastou dele e fechou os olhos com força.

O ar frio sibilava pelos túneis da caverna, fazendo sua pele formigar em todos os lugares. Ela estremeceu. Dormir de lado não funcionaria. Não assim, de qualquer forma. Qualquer parte que não tocasse a rocha quente estava dormente. Ela se moveu um pouco mais para perto de Grim e descobriu que isso ajudava.

“Você está congelando, não está?”

Ela não se dignou a responder. Ela não estava acostumada ao frio. A Wildling newland era sempre quente. Terra tentou treiná-la em tantos ambientes diferentes quanto pôde, mas mesmo as piores provações não chegaram perto disso.

“Você odeia o frio.”

Ela fez. Ele a conhecia. Bastardo.

Ele se moveu um pouco mais para perto dela. Ela enrijeceu. “Quem gosta do frio?”, ela perguntou, com um tom cortante.

“Eu sei.” Ela sabia disso também.

Ainda assim, ela riu sem humor. “Você deve estar emocionado com nossas circunstâncias atuais, então.”

“Não, não particularmente. Estou vendo minha esposa ferida tremer como uma folha em uma tempestade na minha frente.”

Ela olhou para ele por cima do ombro. “Pare de me chamar assim.”

“Uma folha na

tempestade?” Seus olhos

se estreitaram ainda mais.

"Esposa?"

“Sim”, ela sibilou.

"Não."

Ela se virou para encará-lo completamente. “O que você quer dizer com não?”

“Não,” ele repetiu. “Você é minha esposa.” Seu olhar caiu para o colar dela. Ela nem se moveu enquanto ele arrastava um dedo pela garganta dela, depois pelas clavículas, traçando um círculo lento ao redor da pedra enorme. Ele se inclinou. Sua respiração estava quente contra o pulso dela quando ele disse, “Eu sou seu marido. Eu sou seu.” Sua voz era quase um rosnado quando ele disse, “E você... esposa... é minha.”

Um calor caiu sobre ela. Ela tentou ignorar. “Não vejo você usando nada em volta do pescoço.”

Ele nem sequer vacilou. “Isso pode ser arranjado.”

Ela lhe lançou um olhar fulminante que não continha nenhuma mordida real. Não quando o dedo dele estava lentamente traçando o caminho da clavícula dela até o peito, parando bem perto do tecido fino que ela usava.

“Frio, Devorador de Corações?”

“Não”, ela disse, com toda a convicção do mundo, apenas para seguir o olhar dele e ver que seu peito estava claramente pontudo e visível através de suas roupas íntimas.

Ela enrijeceu, e Grim deixou cair a mão. Ela estremeceu involuntariamente com a perda do contato, a perda do pouquinho de calor.

Tudo o que ela queria era estar mais perto, mas ela se forçou a se virar novamente. Ela envolveu os braços em volta de si mesma, cobrindo o peito, e tentou esquecer quem estava atrás dela.

Minutos depois, ela ainda estava congelando. Ela não aguentava mais.

Os seguidores do profeta eram sua única esperança de obter mais informações sobre a profecia. Se ela não descansasse pelo menos algumas horas, não teria forças para seguir em frente.

Foi o que ela disse a si mesma, de qualquer forma, enquanto se afastava e dizia:

“Você—você se importa?”

“Não. Venha aqui.” O braço dele circulou a cintura dela. Ele gentilmente a arrastou de volta, embalando-a contra o peito.

E então, ela foi envolvida por ele.

Ela estava achando difícil respirar normalmente. O tecido de suas roupas íntimas não criava nenhum tipo de barreira. Era só pele e músculo, e suas bordas duras contra as partes mais macias dela, e calor fluindo através dela assim que o frio

era banido.

Estar tão perto dele era como estar em uma tempestade, envolta em tudo que era dele.

Isso estava errado. Como eles acabaram aqui, no chão, em nada além de pedaços de tecido, dobrados uns nos outros?

Ele era seu inimigo. Ela estava apaixonada por outra pessoa.

Ela sabia que deveria se levantar, mas não queria. Estava cansada, machucada e com frio, e tudo o que queria era ficar ali, por um tempinho, e ficar aliviada por terem sobrevivido.

Conforto — era disso que ela precisava, e o que ele lhe oferecia enquanto envolvia seu corpo completamente ao redor do dela, protegendo-a do frio. Ela se inclinou em seu toque um pouco demais. Ela se sentiu suspirar quando o nariz dele correu por todo o comprimento de seu pescoço. Ela se moveu para trás, pressionando-se contra ele, uma parte dela finalmente relaxando, como se tivesse esperado muito tempo para estar de volta em seus braços.

Só por um tempinho, ela lembrou a si mesma.

Ela pensou nisso enquanto suas pálpebras fechavam e ela estava sufocada pelo sono.

Ela acordou envolta nos braços de Grim. A princípio, por alguns momentos estranhos, ela não sabia onde estava — apenas que parecia familiar estar cercada pelo cheiro de tempestades e especiarias e algo distintamente masculino. Estar segura nesses braços. Ela soltou um som pacífico e se contorceu para trás, contra ele. Contra algo duro.

Ela parou. Seus olhos se abriram de repente.

A caverna a cumprimentou. Ela não ousou respirar. O desejo explodiu dentro dela como um incêndio, mas ela o enterrou, em vez disso se forçando a correr para frente, para longe dele. Ele estava acordado. Claro que estava. Ele provavelmente não tinha dormido um momento, para não serem pegos desprevenidos por alguma criatura na caverna.

Ela se virou, e eles se encararam. Por apenas um segundo, o ar entre eles pareceu tenso, como se um único movimento pudesse quebrar a ilusão entre eles. Como se um movimento para frente, uma palavra ou uma respiração áspera pudesse levá-los a se enredar no chão.

Ela se levantou. Grim fez o mesmo, e ela não ousou encará-lo, não de novo. Ela se virou e começou a se vestir. Suas roupas estavam secas agora.

Não apenas secas, mas quentes.

Sem olhar para ele, ela seguiu em direção aos túneis. Havia alguns caminhos para escolher. Cada um tinha cristais de cores diferentes embutidos no teto.

Ela os havia guiado pelo último túnel, e isso quase os havia matado. Era a vez dele. "Escolha", ela disse. Ele se moveu à frente dela, e eles caminharam pela boca do túnel escolhido em silêncio.

No começo, parecia que Grim tinha escolhido um bom caminho. Por quilômetros e quilômetros, a pior coisa sobre isso era a subida. Eles tinham descido, e agora eram forçados a voltar para cima, a um grau que parecia impossivelmente alto. Suas panturrilhas queimavam, e ela temia cair para trás, rolando todo o caminho de volta para baixo. Provavelmente quebrando o pescoço no processo. Ela se inclinou para frente, inclinada sobre os joelhos, se firmando. Sua respiração ficou difícil.

Sua perna sangrou através das bandagens novamente. Ela podia sentir o sangue escorrendo pelo tornozelo. Enchendo seu sapato. Criando crostas entre os dedos. Era impossível parar ali, no espaço estreito, o chão curvo e traiçoeiro.

Momentos como esses a deixavam grata por seu treinamento. Foram horas até que o caminho se tornasse plano. Ela quase caiu de joelhos em alívio, mas se preocupou em não conseguir ficar de pé novamente se o fizesse. Os músculos de suas pernas estavam todos rígidos. Os nervos estavam dormentes ou queimando com o esforço.

Eles tinham que estar perto. Ela não achava que poderia durar muito mais tempo.

Os cristais no teto se tornaram mais abundantes, até que levaram a uma caverna larga. Uma clareira. Além dela, outra entrada de túnel aguardava.

Mas estava bloqueado.

“O quê,” ela perguntou, sem ousar falar além de um sussurro. “É isso?”

Uma sombra escura escondia a entrada — uma figura monstruosa com membros longos e finos. Lembrava-a de um gafanhoto, se gafanhotos crescessem até seis metros de altura.

Sua pele era iridescente. Toda vez que respirava, cada centímetro dela ondulava.

Virou-se bruscamente em sua direção. Não tinha rosto.

Isla recuou, colocando a mão na lâmina em seu quadril. Ela esperou que ela avançasse. Mas ela não avançou. Ela simplesmente ficou em seu posto na frente do túnel, de frente para eles.

“Teremos que superar isso”, ela disse.

Grim suspirou. “Alguma ideia?”

Sem rosto, a criatura tinha todos os sentidos? Como teste, ela se abaixou, pegou uma pedra e jogou para o outro lado da clareira.

Ele bateu violentamente contra uma parede. O som ecoou.

A criatura não se moveu um centímetro. Interessante.

De alguma forma, ele a sentiu... se não por ela falar, então por quê? Ela deu um passo à frente e quase escorregou em uma faixa escura e molhada perto do calcanhar. Foi quando ela percebeu.

“Sangue. Ele sente sangue.”

Grim olhou da perna dela para a criatura. “Acho que você está certa.” Isla ajoelhou-se no chão.

“O que você está fazendo?” ele perguntou.

"O que você acha?"

Ela começou a desfazer o embrulho. Ele a parou, com uma mão sobre a dela.

“Continue assim. Vou cortar meu braço.”

Ela afastou o toque dele. "Você mesmo disse. Este é um teste para ver se eles vão me deixar entrar. Tem que ser eu." Grim não parecia feliz com isso, mas ela realmente não se importava. Ela não tinha sido quase despedaçada, ou afogada, ou presa neste sistema de túneis empoeirados apenas para parar antes de falar com a ordem dos seguidores do profeta.

Não. Eles estavam passando por essa criatura. Ela iria obter respostas sobre seu destino.

“Prepare-se para correr.” Ela entrou na clareira.

Antes que ela pudesse jogar o embrulho para o outro lado como havia planejado, a criatura avançou. Ela a derrubou num piscar de olhos.

Uma de suas pernas finas a prendeu, empurrando para o centro do seu peito com uma força surpreendente. Era um milagre que não tivesse quebrado suas costelas. Sua cabeça girou. Ela podia sentir mais cheiro de sangue — provavelmente da cabeça dela dessa vez — e a criatura começou a chiar.

Ele levantou o pé. Só então ela viu que havia uma boca na parte inferior, cercada de dentes. Ele avançou em direção à cabeça dela, como se fosse engoli-la. Como se fosse arrancar seu rosto e comer tudo que estava por baixo.

Antes que ele pudesse se aproximar, ela cortou sua perna com sua espada.

A criatura agarrou-se acima dela, emitindo um som agudo. Ela rolou para fora do caminho no momento em que outro pé com a ponta da boca desceu, bem onde sua cabeça estava.

“Vai,” ela gritou, esfregando uma mão na parte de trás da cabeça, e encontrando-a molhada. Sim. Sangue. Ela esfregou nas paredes, então tropeçou na força da criatura batendo contra ela. Estava bem atrás dela.

Bem atrás—

Ela correu pelo túnel.

Ainda estava bem atrás dela.

Foi uma decisão em uma fração de segundo. Ela agarrou sua espada firmemente, então a arrastou para baixo de sua panturrilha, rasgando seu

ferimento novamente, cobrindo-o de sangue. Então, ela parou de correr.

Ela se virou e se plantou no centro do túnel. Esticou seu braço bem a tempo— E observou a criatura se espetar em sua lâmina.

Ela estava ofegante. Sua perna era um fogo de dor.

Grim xingou, movendo-se rapidamente para envolver seu ferimento aberto enquanto ela torcia sua espada, até ter certeza de que a criatura estava morta. “Escalar vai ser difícil,” ele disse.

“Ainda bem que não seremos.” Ela conseguia ver o fim do túnel por cima do ombro. Os cristais acima de suas cabeças brilhavam, como se fossem boas-vindas.

Abaixo deles havia uma porta.

No momento em que Grim terminou de enrolar sua perna novamente, ela começou a mancar em direção a ela. A dor havia desaparecido. Tudo o que ela sentia era a onda fria de alívio.

Ela conseguiu.

A porta não tinha maçaneta. Estava tudo bem.

Ela deu um passo à frente e bateu, batendo o punho contra a pedra.

Sua pele se rompeu. Sangue a cobriu.

Por momentos, nada aconteceu, e ela bateu mais forte. Mais forte.

Finalmente abriu só um pouquinho, sacudindo a caverna. Espaço suficiente para um único indivíduo de túnica passar.

Um capuz escondia o rosto deles. A figura virou-se para ela, depois para Grim, depois de volta. Um dedo ossudo apareceu por baixo do manto e apontou diretamente para ela.

Estava claro. Só ela teria permissão para passar. Eles esperavam por isso. Ela se virou para olhar para Grim, e ele assentiu. Ela quase conseguia sentir as palavras em seu olhar intenso — ele estava bem do lado de fora.

Ele podia não ter poderes ali, mas arrancaria as portas das dobradiças e chegaria até ela se ela precisasse dele.

Alguns dias atrás, ela teria olhado feio para ele, mas agora... depois do que eles enfrentaram... ela assentiu de volta.

As portas se fecharam atrás dela com um baque que ela sentiu nos ossos. Lá dentro, figuras encapuzadas a encaravam, em linhas perfeitas.

Elas se curvaram, suas vestes brancas brilhando na escuridão. Era quase como se soubessem que ela viria.

Era quase como se estivessem esperando por ela.

Cada parede era de rocha negra brilhante. Uma dispersão dos mesmos cristais de antes estava incrustada no teto acima.

A figura encapuzada a levou por corredor após corredor, até que eles viraram em uma pequena porta, cortada na sala de pedra. Ela prontamente se fechou atrás dela.

Ela se virou e se assustou.

Uma mulher surgiu da própria escuridão, sentada em uma laje de pedra que não estava ali antes. Outro assento apareceu diante dela. Então, uma mesa entre eles.

Pelo menos parecia que havia poder ali na base deles.

A mulher diante dela abaixou o capuz. Uma grande cicatriz cortava seu rosto, cortando seus lábios, sua testa e um olho. Seu sorriso era largo e caloroso, completamente em desacordo com sua altura e figura muscúlosa. Esta mulher costumava ser uma guerreira. Ela podia ver isso nas pequenas cicatrizes ao longo de seus dedos. Ela teve as mesmas, uma vez, antes de Poppy curá-las com seu elixir, achando-as feias.

Ela sentou-se no lugar que lhe foi oferecido.

“Eu sou Eta. Bem-vinda ao nosso pico, Isla, governante de Wildling.”

Um livro apareceu na mesa. Suas páginas eram grossas e amareladas. Eta passou uma mão encapada com couro e cicatrizes ao longo da lombada.

“Nosso querido profeta,” ela disse reverentemente. “O livro está encadernado em sua pele. As palavras estão escritas em seu sangue.”

Ela lutou contra a vontade de vomitar. Ela tinha se arrastado até aquele assento. Parte dela queria sair e perguntar sobre sua profecia, mas não. Ela tinha que começar devagar. Julgar se ela poderia lhe dar alguma informação útil.

“Estou aqui para descobrir como parar as tempestades em Nightshade. O seu...” ela gesticulou em direção ao livro com uma onda de mal-estar, “profeta tinha algo a dizer sobre elas?”

Eta gentilmente traçou as bordas do livro, embora não olhasse para ele. Não, seu olhar estava fixo nela. Ela a estava estudando de perto.

Parecia quase divertida.

Isla se mexeu desconfortavelmente sob seu olhar, mas ficou aliviada quando ela assentiu.

“Para detê-los, você deve fechar a fonte deles.”

“Qual é?”

“O portal. A porta deixada aberta.”

Ela piscou. Não, ela não podia ter ouvido direito. “Aquela em

“Cotovia?”

Eta balançou a cabeça. “Não, não, isso é uma ponte. Essa aqui é simplesmente uma porta, deixada entreaberta.”

Ela se inclinou para frente. Não tinha certeza se estava respirando.

“Você está dizendo que há um portal em Nightshade?”

“De certa forma.”

Grim não poderia saber sobre isso. Se soubesse, ele teria usado. Ele não teria atacado Lightlark. “Como você sabe?”

“Foi assim que nosso profeta chegou aqui. Ele veio de outro mundo completamente.

Foi como ele soube de tudo o que aconteceria. Estava escrito.” O profeta tinha vindo do outro mundo?

Ela não mascarou seu interesse. Não, ela não podia fazer nada além de exigir, “Cadê?”

“Ninguém sabe. Os registros do profeta sobre isso foram roubados.”

Ela reverentemente folheou as páginas gastas do livro; e após um estudo mais detalhado, Isla viu que uma grande parte do seu começo estava faltando. Páginas tinham sido arrancadas.

“Se alguém encontrasse o portal... ele poderia ser usado?” Poderia ser a solução para todos os seus problemas.

Ela balançou a cabeça. “É simplesmente um rasgo entre mundos, uma costura rasgada. Qualquer um deste mundo morreria fazendo a jornada —

o poder necessário não existe aqui. A passagem entre mundos tem um preço, assim como o poder tem um preço.”

O poder tem um preço. Ela sabia disso melhor do que ninguém.

“O portal em Lightlark. Se tivesse sido usado, teria nos matado também?”

Ela balançou a cabeça novamente. “Não necessariamente. Esse portal é uma ponte, construída para fundir dois mundos específicos, então a conexão é mais forte. Ele faz a maior parte do trabalho sozinho, você pode

dizer.” Ela franziu os lábios. “Ainda assim, muitos teriam morrido. Apenas os mais fortes teriam sobrevivido. Muitos morreram, na criação de Lightlark. Seus

corpos foram usados como a fundação da ilha. Deu-lhe poder. Você sabia?”

Ela não fez isso. Sua voz era um rosnado frustrado. “Por que há um portal em

“Bela-moura, se não pode ser usada?”

“Isso, eu não sei. O que eu sei é que é como um buraco em uma represa. E está crescendo. Coisas estão sendo deixadas entrar.

Tempestades e criaturas que não pertencem aqui.”

“Pode ser fechado?”

Eta assentiu. “O profeta sabia como. Ele simplesmente não conseguiu, antes de morrer.”

Para parar as tempestades, eles precisavam encontrar o portal e fechá-lo. Ela tinha obtido as respostas que eles precisavam.

Agora era o momento de perguntar sobre seu próprio destino.

“O profeta falou sobre minha profecia?” Parte dela queria arrancar o livro de suas mãos.

Eta pareceu sentir isso, porque de repente desapareceu. “Sim, tudo foi escrito. Foi dito a você tudo o que você precisa saber. Adeus, Isla Worldmaker.”

Não. Ela tinha muito mais perguntas. Sua mão se estendeu, formando um tornó de ferro em volta do pulso antes que ela pudesse sair. Ela olhou para ela, olhos arregalados. Com medo? Não. Com curiosidade. “Quanto tempo eu tenho de vida?”

Ela balançou a cabeça. “Isso, eu não sei. Só o áugure pode te dizer isso.”

“O áugure?”

Eta assentiu. “Ele já foi um de nós. Agora, ele vive nas profundezas da floresta, atrás de uma cortina de água. Ele estuda sangue. Ele pode ser capaz de ler o seu e dizer quanto tempo você tem.”

Estuda sangue. Isso a deixou mais do que um pouco desconfortável, mas ela

estava desesperada por informações.

“Qual é o preço dele?” Ela sabia muito bem agora que, assim como o poder e o portal, a informação também tinha um custo.

“Sangue, naturalmente. Acredito que corações são preferíveis.” Ela a observou, divertida, mas não disse nada sobre a antiga maldição de seu povo.

Os dentes de Isla se arrastaram. Seu objetivo era não matar outro inocente, mas ela encontraria um jeito de contornar isso.

O pulso de Eta ainda em seu aperto implacável, ela disse: “Minha profecia. Isso —o livro tem alguma coisa sobre quem eu mato?”

O oráculo disse que a escolha ainda estava em fluxo. Ela tinha a mesma probabilidade de matar qualquer um dos governantes.

“Não. Apenas que você mergulhará uma lâmina em outro coração poderoso, e isso marcará o início de uma nova era.”

“Pode ser mudado? É possível que a profecia esteja . . . errada?”

Eta pareceu quase triste por um momento. Ela sorriu fracamente.

“Cada coisa que foi escrita neste livro aconteceu.”

Os olhos dela queimaram. A garganta dela apertou. Ela soltou o pulso do seguidor do profeta.

Não. Lá—tinha que haver uma maneira... ela tinha que estar errada—

Seu olhar era quase lamentável. “Um aviso para você, Isla Harbinger.

Há um traidor entre vocês que gostaria de vê-la morta. Um dos seus.”

Era a última coisa que ela esperava ouvir. “Um Selvagem?”

Ela assentiu. “Está escrito. Um dos seus trai você. Um dos seus já atacou você.”

Traiu ela como? “O que você quer dizer?”

“A perdiz noturna, é claro.”

Os campos de flores mortas. Envenenados por uma praga. “Aquela foi a tempestade.” Ela balançou a cabeça. “A tempestade foi usada como disfarce. Um Wildling envenenou as flores.”

Um Wildling. Isso não fazia sentido. O nightbane beneficiava a todos.

O povo dela passou meses cultivando-a. Por que um deles a destruiria?

“Encontre o traidor. Pare-o, ou ele será sua ruína.” “Como eu os encontro?” ela exigiu.

“Siga as cobras.”

As cobras? “O quê—”

Antes que a palavra saísse de sua boca, Eta já havia partido.

Grim se endireitou enquanto ela dava um passo para fora das portas. Ele pareceu aliviado, até que seu olhar caiu para a perna dela. Ela tinha sangrado de novo. Ela nem tinha sentido. Não, ela estava muito ocupada pensando nas palavras de Eta.

Tudo o que foi escrito neste livro aconteceu.

O livro tinha que estar errado.

Grim abaixou-se para recolocar suas ataduras. Do chão, ele olhou para ela, e isso fez seu coração vacilar. “Bem?”

Ela considerou não contar a Grim sobre o portal. Ela sabia que ele esperaria, assim como ela, que fosse uma solução para seus problemas.

Mas ela precisava lhe contar algo — e precisaria da ajuda dele para descobrir.

Ela contou a ele tudo sobre o portal. Ela sentiu sua excitação com a ideia de outro caminho para o outro mundo, então o viu murchar quando ela lhe disse que não poderia ser usado, não sem matá-los no processo.

“Você tem alguma ideia de onde um portal pode estar?”

Ele balançou a cabeça com certeza. “Não. Com meu talento, eu teria percebido.”

Ela tinha imaginado isso. Então, onde estava? Onde poderia estar escondido, onde o governante da terra não o teria encontrado?

As tempestades estavam conectadas a ela. Talvez pudessem ser a chave para encontrar sua localização. Havia uma pessoa que sabia mais sobre tempestades do que qualquer um deles. “Vou visitar Azul.”

Grim pareceu surpreso, mas não tentou fazê-la mudar de ideia. Afinal, ela estava tentando ajudar seu reino.

Mas essa não era a única razão pela qual ela queria procurar o Skyling.

A descida quase a quebrou. Grim se ofereceu para carregá-la várias vezes, e ela quase deixou, mas de alguma forma, eles deixaram a escuridão da montanha. Antes que ela visse um raio de sol, Grim os estava transportando de volta para o palácio.

Sua perna estava encharcada de sangue — o ferimento estava pior, mais profundo agora devido ao esforço de seus movimentos. Sua cabeça estava girando. Eles tinham ficado sem bandagens. Grim se foi em um instante.

Quando ele retornou, ele segurava um cobiçado frasco de elixir de cura. Antes que ela pudesse dizer uma única palavra, ele estava despejando o líquido diretamente em seu ferimento.

Ela cerrou os dentes enquanto sua pele lentamente se recompunha.

Apenas alguns minutos depois, quando a dor havia diminuído, Grim disse: “Hearteater. Por que só sobrou um frasco de elixir de cura em nosso estoque de armas?”

Não adiantava esconder. “Mande o resto para Lightlark.” Ela observou os ombros dele enrijecerem.

Isla sabia como era. Nightbane era um dos maiores recursos de Nightshade, e agora ele se foi. Cada frasco restante importava.

Ela havia enviado quase todo o estoque deles para o inimigo.

Foi uma traição, uma traição.

Mas ela nem tinha mais certeza de quem era o inimigo. Tudo o que sabia era que o elixir pertencia ao seu povo, e ela escolheu o que faria com ele.

Grim ficou em silêncio. Ela se preparou para ver raiva ou frustração na expressão dele... mas tudo o que viu foi dor.

Ele se levantou. Devolveu o frasco quase vazio para ela.

Ele não disse nada, o que foi quase pior.

“Você não pode esperar que eu não me importe,” ela disse, do nada.

“Eu estava preparando isso para eles, aquela era minha casa, eu estava—
eu estava—”

Ela não conseguia dizer as palavras. Seus olhos ardiam, pensando em Oro. Em tudo que eles construíram juntos, ao longo de meses. Confiança.

Amor.

E ela havia destruído tudo.

“Eu entendo”, ele disse, e parecia que entendia. Ou, pelo menos, como se estivesse tentando. Acima de tudo, ele parecia cheio de arrependimento. Ele fechou os olhos por um momento. Abriu-os. “Você pode me perdoar algum dia?”

Ela sabia o que ele estava pedindo. Desde o momento em que chegou, ela deixou claro que o ressentia por tudo. Ele estava perguntando se eles poderiam voltar a ser como as coisas eram antes. Se ela poderia realmente amá-lo.

Não, ela queria dizer.

Em vez disso, ela disse: "Não tenho certeza". Era verdade.

Ele assentiu. Ela ficou surpresa quando ele disse: "Você está certa. Eu não sei o que é amor. Eu não sei como amar. Se você me desse outra chance de te amar, eu aprenderia. Eu aprenderia a maneira certa de te amar." Então, ele foi embora.



PEDRA DA TEMPESTADE

“Ouvi dizer que parabéns são necessários.” A voz estrondosa de Azul tomou conta da sala. Ela não o via desde antes da luta entre Lightlark e Nightshade, quando os Skylings votaram para que seu governante não participasse.

Então, ele tinha ouvido falar do casamento dela. “Quem te contou?”

“Quem você acha?”

“Zed.” O Skyling era rápido como um raio. Ele nunca havia realmente confiado nela. Agora, ela sabia que ele nunca confiaria.

Azul assentiu. “Ouvi dizer que o rei está... inconsolável.” Ele a estudou, como se esperasse por sua reação. Ela não demonstrou nenhuma. Se ela pensasse muito sobre Oro, e sua vida juntos, e a traição que ele devia estar sentindo agora, ela começaria a chorar, e não sabia se algum dia pararia.

Em vez disso, ela levantou a cabeça. Azul olhou fixamente para seu colar.

“O que você queria que eu fizesse?”

“Bem, para começar, você não poderia ter se casado com ele.”

Isla rangeu os dentes. “Quando o conheci, eu era uma marionete ingênua que só conhecia os limites do seu quarto. Então... depois da batalha... era a única coisa para parar a matança. Para parar a morte. Para parar tudo.”

Ele balançou a cabeça. “Não, você sabia o que ele era quando se casou com ele. Você sabia quantas pessoas ele matou. Você sabe agora. Por que ficar? Para impedir uma guerra? Você não é tola, Isla, então pare de bancar uma. Não pense por um momento que Grim não invadirá

novamente. Nada no mundo pode ficar entre ele e seus objetivos, nem mesmo você.” Ela esperava que ele estivesse errado.

“Eu fico porque eu também sou um monstro, Azul.”

Ele lançou-lhe um olhar. “Você é muitas coisas, Isla Crown, mas não é um

monstro.”

“Você está errado. É por isso que vim aqui.”

“Para me dizer que estou errado?”

“Não. Para te contar a profecia.”

Isla não contou a ninguém. Mas alguém precisava saber. Alguém precisava mantê-la responsável.

Ela precisava ter cuidado com quem confiava; ela sabia disso. Mas Azul era a pessoa mais confiável que ela já conhecera. E, talvez mais do que ninguém, ela confiava menos em si mesma.

Ela lhe contou cada palavra. Azul ouviu, franzindo a testa. “É certo?”

“De acordo com o oráculo, sim. Um ou outro.”

Por um momento, pareceu que ele sentiu pena dela. Então, "Então qual é?" Ela balançou a cabeça. "Eu não sei. Eu realmente não sei. Mas de qualquer forma, do jeito que está... qualquer uma das mortes significaria o fim de milhares." Nexus prendia todas as pessoas aos seus governantes. Era uma maldição.

“Por que você está me contando isso?”

Ela olhou para o chão. Parte dela sentiu vergonha. “Eu não confio em mim mesma. Eu tomei cada decisão com meu coração... e isso acabou em ruína. Eu queria que você soubesse da profecia, caso eu me perdesse. Caso você me visse prestes a fazer a escolha errada.” Ele assentiu.

“Como estão os Starlings?” Ela pensou em Maren, que lhe havia falado sobre o nexus em primeiro lugar. Cinder, sua prima, que era a Starling mais talentosa que ela já tinha visto.

“Cuidado. Nossa newland tem espaço mais do que suficiente para eles.” Ela supôs que ajudava o fato de o reino ser pequeno, infelizmente, devido à maldição anterior. “Eles vão realizar uma votação em breve, ouvi dizer.”

Certo. Isla havia prometido fazer de Starling uma democracia e ceder seu

governo caso votassem em outro líder. Parecia óbvio que eles escolheriam um dos seus.

Ela pensou nas tempestades de Nightshade como um problema localizado, mas agora percebeu que o portal poderia afetar todos os reinos. Especialmente se a costura rasgada entre os mundos estivesse crescendo.

“O que você sabe sobre tempestades?” ela perguntou a ele.

Azul pareceu ligeiramente entretido. Ele a estudou cuidadosamente.

“O que você sabe sobre flores?”

Justo. “Como você os impede?”

Ele pareceu considerar isso. “Tempestades são cheias de energia.

Skylings poderosos podem moldá-las, manipular partes delas. Pará-las é mais difícil. Significaria cortá-las na fonte.”

Não havia tempo para segredo, não com Azul. “E se a fonte deles fosse um portal?”

Azul franziu a testa. Era uma expressão pouco familiar em seu rosto.

“Nunca ouvi falar de algo assim.”

“Há um portal em Nightshade.” Seus olhos se arregalaram levemente.

“Não é um que possa ser usado. É uma costura rasgada entre mundos.

Criaturas estão sendo deixadas entrar. Tempestades. Preciso encontrá-lo e fechá-lo.”

Havia uma ruga entre as sobrancelhas de Azul. Seu polegar estava tamborilando na lateral da cadeira. Silêncio.

“O que é?”

Ele hesitou por apenas um momento. Então, ele disse: “Nós lemos presságios nas nuvens.”

"E?"

Sua cabeça abaixou. Sua voz era quase um sussurro. “Eles alertam sobre uma tempestade para acabar com todas as tempestades. Um acerto de contas.”

Ela pensou na mulher da aldeia, chamando-a de prenúncio do fim.

“Quando?”

Ele balançou a cabeça. “Não tenho certeza... Mas uma tempestade está chegando, Isla, eu posso sentir.” Ele abaixou o queixo enquanto dizia.

“Uma diferente de tudo que já vimos antes.”

Calafrios percorreram seus braços.

“Espere aqui”, disse Azul. Ele voou para fora da sala num piscar de olhos. Quando voltou, minutos depois, estava segurando uma gaiola, com um pássaro dentro. Era azul-celeste com um bico cinza. Pequeno o suficiente para caber na palma da mão dela.

“Este é um tentilhão-das-tempestades. Ele pode sentir uma tempestade antes mesmo dos Skylings.” Ela nunca tinha ouvido falar de tal criatura. “Antes da próxima tempestade... Ele começará a cantar a canção mais linda que você já ouviu.”

Isso salvaria inúmeras vidas, ela pensou. Daria tempo para os Nightshades irem para o subterrâneo antes que as tempestades atacassem.

Ela pegou a gaiola com cuidado. Era ornamentada, com desenhos em espiral em sua lateral.

“Quando ela cantar, quero que você chegue o mais alto que puder.

Então, quero que você segure isso.” Ele tirou um dos seus maiores anéis dos dedos e entregou a ela. Tinha uma grande pedra azul-clara, como um ovo de pássaro.

Ao seu olhar questionador, ele disse: "Tem um fragmento de tempestade preso dentro." Um fragmento de tempestade? Ela apertou os olhos, segurando a pedra

até o olho. Fracamente, ela podia ver algo girando em suas profundezas. Ela engasgou e olhou para ele.

Ele abriu um sorriso. “Você não achou que eu usava tudo isso só para fins decorativos, achou?” Ela estudou todas as pedras que ele usava, nos dedos, no pescoço, nos botões da capa. “Todas elas são imbuídas de tempestades. Elas amplificam meus poderes significativamente. Pedras preciosas podem prender poder.” Ele acenou para o anel na mão dela.

“Prenda parte da tempestade nele, e a pedra deve levá-la à sua fonte.”

Para o portal.

"Como?"

“Quebre a pedra com poder. A tempestade será liberada e chamada à sua origem. Siga-a.”

Seu aperto na gaiola do pássaro aumentou. “Obrigada,” ela disse a Azul.

Isla tentou se virar, mas ele a chamou pelo nome, e ela quase pegou algo que ele havia jogado para ela.

Outro anel. Seu anel de diamante. Aquele que ela dera a Azul antes da batalha pela guarda. Ela olhou para dentro. Algo se agitou.

“Eu adicionei algo a ela. Um fragmento de poder para você moldar como quiser.” Parecia zumbir contra sua mão, assim como a outra pedra.

Ela engoliu em seco. Ela não merecia isso. Se ele tivesse visto o que ela tinha feito com o poder—

“Todos podem ser redimidos. Você não é um monstro, Isla.”

Ela desejou acreditar nele.

“Você não é,” ele repetiu. “Eu reconheço uma quando vejo uma. Eu sabia que havia algo errado com Aurora desde o começo.”

Aurora.

Algum canto vazio de sua mente doía. Ela tinha sido sua melhor amiga.

Ela era uma estranha.

Enquanto ela se teleportava para longe, ela se lembrou da única coisa que havia sobrado de sua amiga que virou inimiga. A única coisa que ela havia mantido.

Ela pretendia ir até Grim, mostrar a ele a pedra da tempestade, pendurar a gaiola do pássaro no castelo, mas em vez disso, ela foi até a Wildling newland. Ela foi até o quarto em que estava trancada, quase como o tentilhão da tempestade.

Uma marca carbonizada marcava o centro de seu antigo quarto. A porta havia sido arrancada de suas dobradiças. Ela fizera isso, em um acesso de raiva, prova de que suas pulseiras eram necessárias. Agora, mesmo quando ela clamava por seu poder, ele nem mesmo sussurrava de volta.

Sua parede de espadas refletia seu rosto em ângulos berrantes enquanto ela procurava o único objeto que havia escondido do Starling newland.

Pena de Aurora.

Ela o encontrou em uma gaveta. Após uma inspeção mais detalhada, era apenas uma simples pena branca. Seu peso não sinalizava nenhuma

importância. Uma única chama o mataria, uma única rajada de vento o levaria para a floresta. Ela havia encontrado penas iguais a essa durante seu treinamento.

Então por que Aurora o manteve em um orbe?

Por que ela manteve isso em segredo?

Isla passou o dedo pela espinha, e os farpas tremeram em ondas, como um lago agitado por uma pedra, uma brisa zumbindo nas copas das árvores.

Estranho.

Ela pensou nas palavras de Azul, em como as pedras poderiam ser imbuídas de poder.

Poderiam penas?

O dedo dela continuou seu caminho até a ponta, e ela se encolheu, quase deixando a pena cair de surpresa. A ponta era tão afiada quanto a da adaga dela. Uma gota de sangue escorreu pelo dedo dela como uma lágrima. A ponta branca da pena agora brilhava vermelha.

Se era tão afiado... talvez fosse feito para escrever, ela pensou, antes de encontrar um pote de tinta e uma resma de pergaminho em outra gaveta.

Ela escreveu uma única palavra. Isla.

Não aconteceu nada.

O que ela esperava que acontecesse? Ela quase quebrou a pena de aborrecimento. Ela deveria queimá-la. Ela deveria jogá-la na floresta. Era inútil, assim como sua antiga amizade.

Aurora a havia traído, mas ela estava morta.

Se a seguidora do profeta fosse acreditada, ela teria que lidar com outro traidor.

[Oce anofPDF.com](http://Oce.anofPDF.com)



TRAIDOR

Um Wildling havia destruído o nightbane. Um dos seus estava trabalhando contra ela. Ainda não fazia sentido. Por que um Wildling mataria um de seus maiores ativos? De acordo com Wren, seu povo estava prosperando com Nightshade.

Estava na hora de ela ver com seus próprios olhos.

Lynx rosnou quando Wraith pousou atrás deles, tão perto que ela quase foi derrubada de suas costas. Grim insistiu em acompanhá-la até lá, embora não soubesse sobre o traidor. Quando se tratava de alguém machucá-la, ele parecia operar por uma filosofia de matar primeiro, perguntar depois. Não, ela mesma encontraria o traidor Wildling. Ela passou a mão pelo pescoço de Lynx enquanto desmontava, e ele saiu correndo, imediatamente seguido por um Wraith ansioso, como se estivessem em algum tipo de corrida.

Um castelo ficava na beira de uma enseada, cercado por terras agrícolas. Seus tijolos brilhavam em preto, quase prateado, e suas torres eram pontiagudas, como se cobertas de coroas. Um anel de água ao redor dele brilhava sob o sol. Sua porta era uma ponte, sobre o fosso, perfeitamente alinhada com um caminho de paralelepípedos e manchas de grama. Uma pequena vila ficava próxima, abandonada por décadas.

Foi para lá que Grim levou os Selvagens. “Eles escolheram este lugar,” ele disse, logo atrás dela.

Um castelo com uma cidade ao lado. Algo sobre isso a fez tremer.

“Era do seu pai. É seu.” O pai dela.

Ele tinha sido o general de Grim, um poderoso Nightshade, de uma família proeminente. Isso era tudo o que ela realmente sabia sobre ele, além de seu talento.

Uma pergunta ficou presa em sua mente. Ela não conseguia acreditar que nunca tinha perguntado isso antes. Talvez ela tivesse tido muito medo de saber a

resposta. "Eu—eu tenho algum familiar sobrevivente?" O

castelo tinha sido abandonado, mas era possível que eles vivessem em outro lugar.

Grim assentiu e quase se afogou em esperança.

Os olhos dela queimaram. "Eu aceito?"

Durante toda a sua vida, ela foi ensinada que sua família estava morta.

A ideia de que isso não era verdade, de que ela tinha alguém lá fora...

Ele podia sentir a excitação dela, ela sabia disso, mas ainda assim, ele tinha uma expressão estranha no rosto. Uma hesitante. "Uma prima." Uma prima.

Família.

Ela queria conhecê-los. Como Grim poderia tê-los escondido dela? Ela vasculhou suas memórias, mas não conseguiu. Ela nunca tinha conhecido um parente, nem mesmo no passado.

"Quem é?" ela perguntou.

Ele pareceu subitamente nervoso. "Os papéis na minha corte são profundos. Certas linhagens têm servido as mesmas posições por séculos.

Milênios, até." O sorriso de Isla caiu. Ela sabia o que ele estava dizendo.

Quem era seu primo misterioso.

A atual general de Grim, Astria. A mulher que olhava para ela como se fosse uma cobra se enrolou no pescoço de Grim, apertando lentamente.

Astria deve ter sabido que elas eram parentes. Ela deve ter sabido e ainda assim não confiava nela nem um pouco.

"Ah", disse Isla.

Grim a transportou para a entrada do castelo e desapareceu.

O interior do palácio era surpreendentemente acolhedor, revestido por uma camada de mármore preto. Seu povo parecia feliz em vê-la. Ela poderia ter sugerido que todos se reunissem, mas não. Se ela fosse encontrar o traidor Wildling trabalhando contra ela, ela teria que falar com cada um deles separadamente.

Uma mulher se aproximou dela imediatamente. Seu nome era Calla.

Ela tinha cabelo curto e sardas na ponta do nariz. Seus olhos estavam arregalados enquanto ela contava a Isla sobre o que tinha acontecido alguns dias antes, durante a tempestade.

“Eu estava no campo, quando o chão começou a se mover. Eu podia sentir... pulsando, quase. Então cobras rastejaram da terra. Dezenas delas.

Como se chamado pelos ventos. Nunca vi nada parecido.” Siga as cobras. Foi o que Eta disse.

Talvez tenha sido Calla. Talvez ela estivesse tentando culpar a tempestade pela perda do nightbane. De que outra forma ela saberia sobre as serpentes?

As suspeitas de Isla murcharam depois de algumas horas, quando ela falou com o resto dos Wildlings. Alguns estavam com Calla o tempo todo.

Vários tinham visto as cobras. Elas foram descritas como sendo metade verdes, metade pretas.

Segundo eles, todos os Wildlings estavam ao redor da fortaleza durante a tempestade. Os campos de nightbane ficavam do outro lado de Nightshade. Sem portal, chegar lá levaria várias horas.

A menos que todos estivessem mentindo — a menos que todos estivessem trabalhando contra ela — ela não poderia colocar a culpa em ninguém ainda.

Por horas, ela procurou cada um de seu povo. O resultado foi duplo —

ouvir suas queixas e experiências até então em Nightshade, enquanto também considerava se eles poderiam ter destruído o nightbane.

A maioria parecia feliz aqui. Isso deveria tê-la agradado, mas, com o passar do tempo, isso a enervou. A seguidora do profeta tinha sido clara.

Havia um inimigo entre seu povo.

O julgamento dela era tão falho, que ela não conseguia identificá-los?

Eles eram realmente tão bons em se esconder dela?

Ela foi traída, repetidas vezes, por pessoas em quem confiava.

Talvez ela fosse o problema. Talvez ela não devesse confiar em ninguém.

Todos eram suspeitos. Todos podiam estar mentindo para ela.

Novamente, ela brevemente considerou ir até o ferreiro e pedir que ele tirasse suas pulseiras. Ela poderia usar o talento de Oro para ver quem estava dizendo a verdade...

Não. Não valia o risco nem era útil, a menos que ela planejasse perguntar a cada um de seus homens diretamente se eles foram os que destruíram o nightbane. Talvez chegasse a isso, mas ainda não. Ela não queria que seu povo entrasse em pânico.

No fim do dia, ela não estava nem perto de identificar o traidor. Era anoitecer quando ela encontrou Wren nos estábulos do castelo. Ela estava cuidando de uma árvore com galhos estranhos que se curvavam e se moviam descontroladamente.

Não, não eram galhos. Quando Isla chegou mais perto, percebeu que eram cobras.

Cobras. Isla ficou imóvel, lembrando-se das palavras de Eta.

Wren simplesmente sorriu. Ela roçou a árvore, e uma serpente deslizou por seus dedos, enrolando-se em seu braço. Era verde-claro, com olhos pretos brilhantes. Suas escamas eram duras e reflexivas, como uma armadura. Ela reconheceu os padrões tênues em suas escamas. Era venenosa.

Wren alisou um dedo na cobra em seu braço. “Eu os trouxe aqui da Newland. O

veneno deles cura doenças, quando misturado com as flores certas.” Ela olhou para Isla e sorriu. “Não tenha medo. Eu mesma os treinei. Eles não mordem os selvagens.”

Wren era o traidor sobre o qual Eta foi avisado?

Isla afastou o pensamento. Além dessas cobras não se parecerem com as que foram avistadas, Wren nunca lhe dera um motivo para não confiar nela. Se havia alguém próximo a ela em quem ela não confiava, eram seus guardiões. Eles mentiram para ela uma e outra vez.

Eles foram seus primeiros suspeitos, até que ela descobriu que Terra e Poppy tinham assumido o comando de manter os campos de nightbane.

Eles estavam curando Wildlings com ele, e até mesmo Nightshades que vinham até eles em busca de ajuda.

Por que eles matariam então a criação na qual trabalharam arduamente por meses? Não fazia sentido. A menos que houvesse algo que ela estivesse esquecendo. Um propósito maior.

Isla vivia no castelo de Grim. Ela precisava se manter focada em encontrar o portal e mudar seu destino. Qualquer chance de encontrar o traidor dependia de confiar em alguém que vivia ali, ao lado de seu povo.

Alguém que pudesse ficar de olho nas coisas, caso houvesse outro evento como o nightbane.

As cobras pareciam observá-la, enroladas em seus galhos, enquanto ela dava um passo à frente. “Acredito que um Wildling destruiu o nightbane.

Não a tempestade.”

Wren franziu a testa. “Por que qualquer um de nós faria isso?” Seu choque parecia genuíno.

“Ainda não tenho certeza. Mas se algo mais acontecer... se você vir algo suspeito... me diga,” Isla disse.

Wren assentiu.

Isla estendeu lentamente o braço em direção à árvore. Uma única cobra deslizou do bando, descendo por um galho em sua direção. Ela ficou tensa, esperando que ela afundasse suas presas em sua pele, mas tudo o que ela fez foi arrastar-se por seu pulso. Ela se enrolou em volta e em volta como uma pulseira.

“Leve-a por um tempo”, disse Wren.

Ela fez.

Quando ela retornou ao castelo, Wraith estava em seu estábulo. Seu bastão estelar estava em seu quarto, então Lynx a seguiu pelos corredores, olhos estreitados para a cobra deslizando para cima e para baixo em seu braço. Ela pensou no traidor. Ela se perguntou se eles estavam operando bem na frente de seu nariz.

Foi quando ela sentiu — o poder de Grim, irradiando dele. Isso fez o ar parecer mais espesso, mais pesado. Ela disse a Lynx para esperar por ela e seguiu o poder em direção à sala do trono. A porta estava aberta apenas uma fresta. Vozes abafadas soavam logo além dela.

Ela ficou ali, escutando. A princípio, ela ouviu apenas palavras. Risco.

Ataque.

Futuro.

Grim estava tendo uma reunião sem ela? Ela pensou no aviso de Azul, de que nada e ninguém, incluindo ela, o impediria de invadir Lightlark.

Ele já estava fazendo isso nas costas dela, apesar de suas promessas de não fazer?

Ela se aproximou da abertura, abaixou a cabeça e escutou.

Uma voz áspera. Ela vagamente reconheceu que pertencia a um oficial careca que tinha zombado dela mais de uma vez.

“Nós somos o seu conselho. Se não podemos falar claramente, quem pode?”

Houve alguns murmúrios de aprovação. Algumas vozes que ela não conseguiu

distinguir.

Então, o oficial novamente: “Há uma cobra entre nós, governante, e você não enxerga isso.”

A voz de Grim era tão fria quanto a pedra contra a qual ela estava encostada. Com calma predatória, ele disse: “Uma cobra? Fale claramente, então. Diga-me exatamente o que você quer dizer.”

Houve um som frustrado. “A tentadora em sua cama é uma serpente esperando o momento certo para atacar. Ela é uma traidora. Você não consegue ver—”

Ele foi interrompido por um som gutural de engasgo, seguido pelo baque que ela conhecia como o de uma pessoa caindo no chão.

Quieto.

Então, “Alguém mais tem dúvidas sobre minha esposa?” Nem uma palavra.

Ela deu um passo para trás. Outro. Um pequeno conselho interveio para avisar Grim sobre ela. Uma cobra, eles a chamavam. Uma traidora.

Isla nem conseguia ficar brava.

Porque, dependendo de como a profecia se cumprisse, ela poderia muito bem ser verdade.

Grim não acreditou neles. Ele confiava nela. Isso fez seu peito se contorcer desconfortavelmente. Eles estavam certos. Ela estava trabalhando pelas costas dele, mentindo para ele sobre suas verdadeiras intenções. Ela tinha vindo aqui, sabendo da profecia, sabendo que havia uma boa chance de matá-lo. Conforme a suspeita aumentava, suas perguntas pareciam mais urgentes do que nunca. Quanto tempo ela tinha para tomar a decisão? Quanto tempo ela tinha para viver?

Segundo o profeta seguidor, só havia uma maneira de descobrir.

OceanofPDF.com



O ÁGUO

Se o águere quisesse sangue, ela o daria de bom grado.

Lynx olhou feio para ela enquanto ela passava por ele em direção ao guarda-roupa no meio da noite.

Vestida com suas calças cheias de adagas; botas; um tecido grosso de mangas compridas enrolado em suas mãos e antebraços; um capuz sobre sua cabeça; e um cachecol cobrindo a parte inferior de seu rosto, ela se teleportou para longe com seu bastão estelar.

Foram necessárias algumas tentativas para encontrar uma cidade maior, com um mercado, estradas que serpenteavam e convergiam sem um padrão decifrável e muitos telhados sombrios de onde ela podia observar.

Ela provavelmente mataria qualquer um, mas não machucaria inocentes. Não; se ela fosse matar alguém, eles mereceriam.

Embora as maldições tivessem acabado e os Nightshades pudessem sair depois do anoitecer, parecia que séculos de hábito não foram quebrados em meros meses. Ou talvez eles estivessem preocupados em serem pegos por uma tempestade. As ruas estavam quietas.

Ela saltou de telhado em telhado, ouvindo. Estudando.

Demorou algumas horas até que ela descobrisse seu submundo — um pedaço da cidade que tinha vielas mais estreitas, estabelecimentos com subsolos escavados no chão e bares que pareciam nunca fechar. Este seria o lugar. Ela observou, fascinada, por algumas noites, descobrindo as rotinas das pessoas. Um homem grande e de pernas arqueadas ia ao mesmo bordel todas as noites, como um relógio. Um pouco antes, ele visitava o bar ao lado para ganhar coragem. Todas as manhãs, pouco antes

do amanhecer, ele esvaziava o conteúdo de seu estômago nas ruas antes de cambalear para casa.

Outro homem — magro e alto, com pontas nas costas das botas —

ficou na porta do bordel por horas sem nunca pisar lá dentro. A princípio, Isla imaginou que ele fosse tímido, mas quando uma mulher saiu furiosa para exigir que ele fosse embora, ela descobriu que ele havia sido banido.

O homem não foi embora depois daquela noite. Ele só ficou melhor em espreitar nas sombras. Isla estava de olho nele, mas — embora deixar as mulheres do bordel desconfortáveis fosse certamente deplorável — ele ainda não tinha feito nada que valesse a pena. Mas ele faria. Ela tinha certeza disso. Ela só precisava esperar.

Aconteceu dois dias depois. Isla estava esparramada em um telhado que tinha vista para o porto, quando um grito cortou a noite.

O som a fez pensar nas centenas de inocentes — na ruína que ela havia infligido. Como eles devem ter gritado, esperando que alguém os salvasse.

Como ela havia sido responsável...

Ela estava de pé em instantes, saltando sobre os telhados, disparando em direção ao som. Vinha de um beco que terminava em um ponto: três prédios que tinham cedido juntos ao longo do tempo, lutando entre si pela fundação.

Lá estava o homem esbelto, sufocando uma mulher que não parecia mais velha do que era.

Ela pousou atrás dele agachada. Ela pegou sua faca mais fina do lugar contra sua coxa e a deslizou direto nas costas dele.

O homem xingou e largou a mulher imediatamente. Ela caiu no chão, ofegante, segurando a garganta com dedos trêmulos. O homem fez menção de se virar — provavelmente para bater nela — mas seus esforços simplesmente o empurraram com mais firmeza para a lâmina dela.

Isla nunca havia esfaqueado alguém nas costelas... nas costas. Não havia nada de honroso nisso. Mas, por outro lado, um homem estrangulando uma mulher em um beco não merecia uma morte honrosa.

Ele girou e agarrou o outro pulso dela, talvez querendo quebrá-lo, mas a cobra que ela usava ali como uma pulseira sobre as de metal atacou, perfurando sua veia com suas mandíbulas. Sem poder, ela precisava tomar precauções.

Isla suspirou. “Agora isso vai ser doloroso,” ela disse a ele. “Direto na corrente sanguínea.” Ela balançou a cabeça pesarosamente. “Esfaquear seu coração seria misericordioso.”

Ela sacou a lâmina bruscamente das costas dele e o chutou para o chão, longe da mulher que ele quase matou. Ele vomitou enquanto se virava.

Seu rosto estava ficando com um tom peculiar de azul. Ele começou a ter espasmos. O veneno já estava fazendo efeito.

Ela mal reconheceu a própria voz. “Eu cansei de ser misericordiosa.”

A mulher estremeceu quando Isla estendeu a mão para ela.

“Está tudo bem,” Isla disse, sua voz mais gentil agora. “Eu já estive onde você está.” Ela encontrou os olhos da mulher, pensando em todas as vezes em que ela quase enfrentou a morte certa.

“Obrigada.” A mulher aceitou sua mão, permitindo que Isla a ajudasse a se levantar e a acompanhasse de volta à rua principal da cidade, deixando o homem engasgar com sua própria bÍlis.

Quando ela voltou, ele estava morto. O beco estava quieto. Não havia ninguém para testemunhar como ela arrancou o coração dele do peito. Foi um trabalho sangrento, cortar a caixa torácica; seus órgãos ainda estavam quentes. O áugure queria um coração fresco? Ele iria conseguir.

Assim como Eta havia dito, o áugure vivia nas profundezas da floresta, atrás de uma cachoeira fina, guardando a boca de uma caverna como uma porta. Não demorou muito para encontrá-lo, nas costas de Lynx. Sem nem mesmo dizer uma palavra, ela jogou o saco com o coração dentro através da cortina de água e esperou.

Minutos depois, seu próprio saco foi jogado de volta — vazio — quase atingindo seu rosto. Se a ação já não estava clara, a voz por trás da cortina certamente estava. Ela disse—

"Mais."

Criatura gananciosa.

Isla retornou três vezes — com três corações malignos diferentes — e lhe foi dita a mesma coisa.

Mais.

De quanto sangue um ser poderia precisar? Para que ele estava sendo usado?

Não havia outra tempestade em dias, mas ela podia sentir a energia no ar, como se o céu estivesse prendendo a respiração. Ele havia lentamente mudado para um azul mais escuro e ameaçador. Grim estava ocupado preparando os túneis e desenvolvendo um sistema de sinos que avisaria cada cidade sobre uma tempestade iminente assim que o tentilhão-da-tempestade começasse a cantar.

Agora que sabiam que havia um portal, ele próprio o havia procurado, nas costas de Wraith, sem sucesso. Ela sabia, porque ele lhe dava atualizações em sua escrita rabiscada em cartas que deixava do lado de fora da porta dela, junto com flores, todas as manhãs.

Ela os deixou acumular. Ela não andava mais pelos corredores, com medo de esbarrar nele.

Ele a havia defendido. Ele havia acreditado nela. Ela disse a si mesma que o evitava porque ele era uma distração do seu trabalho para obter respostas do áugure, mas a verdade era que ela não conseguia encará-lo.

À noite, ela se portou para as diferentes vilas, para grande irritação de Lynx. Ela ouviu coisas, dos telhados. Sussurros. Zombarias altas. Não demorou muito para que ela ouvisse sobre si mesma.

A rainha cobra, eles a chamavam. A cobra selvagem. Assim como o conselho que tentou avisar Grim.

Uma traidora entre nós. Uma amante do rei de Lightlark, veio aqui para espionar. Para destruir. As palavras a encheram de raiva — e também de mágoa, porque e se elas estivessem certas?

Ela não queria ser uma traidora. Ela não queria fingir. Ela não queria ser todas as coisas que eles pensavam que ela era.

Na próxima vez que ela apareceu na porta do áugure, ela cravou sua espada na

terra macia bem na frente da cachoeira. Ele queria mais?

Oito corações pingando estavam espetados em sua lâmina. Levou dias de busca por suas vítimas, e apenas uma noite para acabar com todas elas.

Sua voz era um rosnado baixo. “Se você quiser isso, você vai ter que sair e pegá-lo.”

Silêncio. Havia apenas sua respiração irregular e batimentos cardíacos e a cachoeira batendo contra a piscina para marcar os segundos na noite.

Então a cortina de água se abriu e o áugure atravessou.

Isla parou. O áugure tinha pele lisa, tão pálida quanto a curva da lua, coberta de marcas escuras tão finas e delicadas quanto as tramas de uma teia de aranha. Elas brilhavam misteriosamente, como se a tinta tivesse sido derretida diretamente de uma noite sem estrelas. Seus olhos eram vazios carmesim escuros. Ele não tinha nariz — apenas um buraco onde deveria estar, um crânio limpo de sua cartilagem. Ele era alto e usava as mesmas vestes dos seguidores do profeta, sem o capuz.

“O que você faz com o sangue?” Não era sua pergunta mais importante, mas as palavras saíram dela enquanto ela o observava arrancar sua espada do chão. Ele olhou para os corações com ardor.

Faminto.

“Eu vou te mostrar.” Ele gesticulou com o queixo em direção à cachoeira.

Ela havia trabalhado dias para chegar a esse ponto, mas agora olhava para a entrada da caverna e se perguntava se estava cometendo um erro grave — se Eta a havia enganado. Ela não tinha poderes; apenas adagas e sua cobra. Ela nunca havia encontrado um ser com olhos vermelho-sangue antes.

Como se sentisse sua hesitação, o áugure disse: “Você está assustada.

Ótimo. Você deveria estar com medo, Rainha-cobra de Isla. Você deveria estar aterrorizada com tudo o que compõe esta terra miserável.”

Ele passou por cima da piscina que a separava da caverna e passou pela

cachoeira.

Ela o seguiu.

A água a atingiu por um momento, encharcando o topo de sua cabeça, e então—escuridão. A caverna era esculpida em rocha preta e lisa. Ela andou cegamente para frente, seguindo o clarão branco das vestes do áugure e o raspar agudo de sua espada com o coração que ele arrastava atrás de si.

Logo, havia uma luz, o tênue cintilar de pedras brilhantes incrustadas no teto como um aglomerado de estrelas. Abaixo dela, havia uma piscina cintilante.

Uma poça de sangue.

Isla parou de repente. Sua mão rastejou em direção à garganta. Um puxão em seu colar e Grim estaria lá; ela sabia disso. Mas então ele saberia que ela havia procurado o áugure. Ele poderia começar a ouvir aqueles rumores sobre sua noiva traidora.

O áugure pareceu divertido. “Eu não temo o governante,” ele disse, como se soubesse o significado do colar. “Ele deveria temer a mim, pois eu conheço as propriedades do sangue. O sangue conta esses segredos, não é?”

Sem tirar os olhos dela, ele lentamente removeu o primeiro coração da lâmina, segurou-o na mão acima da piscina e apertou.

Havia um anel em seu polegar adornado com uma lâmina curvada como uma garra na parte inferior, e ele o usou para cortar o tecido. Ele pressionou com mais força. Mais força.

Ela o observou drenar cada gota de sangue do coração, o líquido vermelho jorrando entre seus dedos até que ele jogou o órgão gasto para trás, para um canto da caverna. Criaturas chilreavam ali, brigando pelos pedaços. Ela engoliu a bile que se formava em sua garganta.

O áugure olhou para ela enquanto fazia a mesma coisa com o segundo coração. Depois com o terceiro. Ele pareceu divertido.

“Seu povo fez muito pior aos corações”, ele disse, apertando seu punho pela quarta vez.

“Eles fizeram isso por causa de uma maldição”, ela respondeu, forçando-se a assistir. “Eles não gostaram disso.” Ela não iria mais se esquivar de suas ações. Se esse era o preço exigido pela informação que ela precisava, que assim fosse. “Você ainda não respondeu à minha pergunta.”

“Certo. O que eu faço com o sangue.” Ele jogou o último dos corações no canto, onde um monte de insetos com um emaranhado de pernas se reuniu.

Ele devolveu a espada ensanguentada dela. Ela pegou o punho com dedos hesitantes. Então ele seguiu em direção ao que pareciam degraus de pedra que levavam à piscina. No topo do primeiro, ele se virou para ela.

Estendeu a mão.

O áugure levantou uma sobrancelha quando ela não aceitou imediatamente. “Você quer respostas... sim?” Sim.

Mas ela precisava saber que ele poderia lhe dar a resposta que ela precisava. “Você pode me dizer quanto tempo eu tenho de vida?” Ele assentiu.

Ela engoliu seu desgosto e se abaixou para soltar a cobra na rocha. Ela deslizou e se enrolou, a cabeça erguida, como se implorasse para Isla reconsiderar. Ainda assim, ela deu um passo à frente. Pegou a mão do áugure. Era fina; seus ossos se projetavam através de sua pele. Seu aperto era frio como a própria caverna. Juntos, eles desceram os degraus.

Sangue. Ela já tinha visto antes, tinha sentido na pele, mas não assim.

Era mais espesso que água, visivelmente, e ondulava apenas levemente conforme ela se movia por ele. Primeiro, estava nos joelhos, depois nos quadris e depois nas costelas, e ela lutou contra a vontade de vomitar. O

cheiro de metal arrepiou seu nariz; havia algo mais no ar.

“Você sente isso, não é?”, disse o áugure, observando-a muito de perto.

“Poder... está no sangue, sabe.”

Sangue é poder. O passado sussurrou as palavras, e a lembrança dela e de Oro cravou seus dentes nela antes que ela pudesse sacudi-la para longe.

Ela arrancou a mão do áugure no meio da piscina. “Como isso me ajuda a obter respostas?”

Rápido como uma serpente, ele atacou. Metal brilhou na frente dela, então desapareceu. Sua bochecha queimou de dor. Ele a cortou com a garra em seu polegar. Ela engasgou, quase tropeçando de volta na piscina.

Sua mão subiu para o rosto, seus dedos escorregadios contra um pequeno rastro de sangue.

O áugure levou a garra aos lábios e lentamente lambeu o sangue dela.

Seus olhos pareceram ficar ainda mais vermelhos quando ele disse:

"Interessante." Ele começou a rir. "Você é a melhor coisa que já pisou na minha caverna, Isla Thorn-tide."

Então ela foi arrastada para baixo através do sangue.

Um aperto invisível agarrou seu tornozelo, forçando-a a ir para o fundo da piscina. Ela chutou, mas seu pé não atingiu nada sólido. Sua boca se abriu com um grito silencioso, enchendo-se de sangue.

Eu não deveria ter vindo. Ela estendeu a mão em direção ao colar —

mas antes que pudesse tocar a pedra, laços espectrais agarraram seus dois pulsos também. Ela estava se afogando não apenas em sangue, mas também em poder. Estava em todo lugar, esfolando sua pele, chamando algo bem no fundo do seu peito, uma batida incessante em uma porta trancada.

Vislumbres de algo obscurecendo sua visão, invadindo sua mente.

Memórias. Mas não eram dela. Vozes enchiam sua cabeça, tantas vozes.

Havia risadas e suspiros, mas então havia gritos. Todos estavam gritando, tudo o que ela sentia era dor, angústia e—

Em um momento ela estava lutando por sua vida no fundo da poça de sangue. No outro, ela estava ofegante, seus dedos arranhando sua garganta. A cobra rastejou sobre seu peito, como se estivesse tentando acordá-la. Ela abriu os olhos

para se encontrar na pedra lisa ao lado da poça. O sangue turvou sua visão. Encheu seus ouvidos, cobriu seus lábios.

Ela se virou para o lado e vomitou uma vez. Duas vezes.

Quando ela olhou para cima, piscando para afastar o sangue, viu o áugure andando a poucos metros de distância.

Um momento depois, ela estava de pé. Sua lâmina pressionada contra a pele tatuada do pescoço dele. “Você tentou me matar.”

Ele pareceu divertido. “Eu adoraria te matar. Mas, infelizmente, não posso.”

"Por que?"

“Eu sei o que foi escrito, e sou apenas um servo do livro. Seu destino está em uma das últimas páginas. Estou curioso para ver para onde seu futuro vai a partir daí.” Ele sorriu, revelando dentes que tinham sido raspados em pontas. Eles ainda estavam manchados com o sangue dela.

“Você sentiu, não sentiu? O poder do seu sangue, chamando o resto? A força de tudo isso?”

Ele falou sobre isso com tanto prazer que quase a deixou doente. Seu manto, antes branco, agora estava manchado de carmesim.

“Seu sangue falou comigo em muitas línguas. Você veste seu destino como uma coroa de lâminas. Não dói?”

Sua cobra sibilou, deslizando mais para cima em seu antebraço. Isla franziu a testa. Parte dela gritou para cortar a garganta da broca, para acabar logo com aquilo. Tudo o que ele estava fazendo era falar enigmas e bobagens. "O quê?"

“Seu sangue... todo esse poder, agitando-se sob sua pele. Não queima?”

Tinha. Mas não mais. “Minhas pulseiras o mantêm contido.”

Com isso, ele riu. Ela ecoou pela caverna. Ele balançou a cabeça, a pele cortando levemente contra a adaga dela. Ele não pareceu se importar.

“Você pode desprender uma cobra, mas o veneno permanece.”

Talvez ele estivesse certo. Talvez ela estivesse mentindo para si mesma se pensasse que as pulseiras mudaram quem ela era. O que ela tinha feito.

Ou seu destino.

Chega. Ela tinha vindo em busca de respostas e, até agora, não tinha conseguido nada. “Quanto tempo eu tenho?”, ela exigiu, cravando a lâmina, pegajosa de sangue, na camada superior de sua carne pálida. Mais sangue se juntou a ela.

Ele suspirou. “Sim, sua expectativa de vida. Você morreu. A vida lhe foi dada, sugada de outro.”

Ela assentiu. Ela sabia disso. “E?”

O áugure franziu a testa. “No seu estado atual... você não vai durar além da temporada de tempestades.”

Ela cambaleou para trás. Sua mão tremia enquanto ela embainhava sua adaga. Grim disse que provavelmente duraria o inverno inteiro. Já estavam semanas nisso.

“Você tem

certeza?” Ele

assentiu.

Milhares de mortos. Tudo por causa dela.

Não. “Preciso de mais tempo. Como consigo?”

Um sorriso lento se formou no rosto do áugure. Ele esticou sua pele pálida demais. Seus dentes pontudos brilharam. “Você perguntou várias vezes o que eu faço com todo esse sangue. Ele me ajuda com as leituras.

Amplifica meu poder... mas também me dá tempo.” Ele gesticulou em direção a si mesmo. “Você pode ver o preço pago. Todo método para prolongar a vida tem um.”

Ela olhou para a poça de sangue. Estremeceu. “Quais são os outros métodos?”

Ele apontou para as marcas em sua cabeça e pescoço. “Skyres. As marcas antigas.” Ela nunca tinha ouvido falar de skyres, embora já tivesse visto algo parecido com as marcas do áugure uma vez antes em alguém.

Mas essa pessoa estava morta.

“Ensina-me.”

Ele balançou a cabeça. “Não posso. Eu mesmo não sei. O profeta fez esses skyres, veja bem... ele fez isso em segredo. Ele nunca permitiu que ninguém testemunhasse a arte.”

Ela os estudou cuidadosamente. Eles pareciam complicados.

O áugure suspirou. “Encontre o portal, Isla Stormheart. Ele tem poder.

Pegue-o. Use-o para viver. O destino dele está ligado ao seu. Encontre o portal... encontre seu destino.”

“Você sabe onde fica?” Ela não queria esperar outra tempestade para encontrá-lo.

Ele balançou a cabeça coberta de marcas. “Não. O profeta sabia sua localização. Ele escreveu em páginas encadernadas com seu sangue... mas elas se perderam.” Ela se lembrou do pergaminho rasgado do livro.

“Séculos antes das maldições, um seguidor da palavra do profeta as roubou e partiu em direção a

“Cotovia da Luz.”

Lightlark? A menção da ilha a fez parar com curiosidade e desejo. Foi um esforço para voltar ao motivo pelo qual ela estava ali.

“Você sabe como fechar o portal quando eu o encontrar?”

Ele balançou a cabeça novamente. “Só as páginas sabem.” Isso não era útil, se elas estivessem tão boas quanto perdidas.

Ela precisava esperar pela próxima tempestade, prendê-la no anel e segui-la até o portal. Se o áugure fosse acreditado, seu poder poderia lhe dar vida, tempo. Ela o pegaria e então encontraria uma maneira de fechá-lo.



O áugure lambeu os lábios finos com prazer. Sua língua arrastou-se pelos dentes pontudos. “Tanto sangue... Use-o com sabedoria, Isla Cursecure. Seus pais lhe deram tais presentes.” Os pais dela. Ele olhou para as pulseiras dela. “Tanto sangue... tanto sangue, desperdiçado.”

“Como posso ter certeza de que não será desperdiçado?”, ela perguntou. Sua vida... ela queria que valesse alguma coisa. Ela queria ter feito mais bem do que mal.

“Use-o.” O áugure sorriu. Seus dentes afiados brilharam na luz limitada.

“Aprenda a verdade sobre quem você é... e seu caminho se tornará claro.”

Ele gesticulou em direção à parede. Ali, esculpido na rocha, ela viu um desenho. Era uma mulher com cobras enroladas em volta dos braços, do pescoço, do peito. Ela parecia... Ela parecia com ela.

“O que é isso?” Isla respirou, estendendo a mão para traçar as linhas na pedra que parecia antiga. Desgastada.

“O futuro”, ele disse, reverentemente.

“É—é suposto ser eu?” A mulher parecia assustadora. Perversa.

O áugure olhou para ela curiosamente, olhos vermelhos girando. “Você quer que seja?”

Ela saiu da caverna com a garganta apertada.

“Não se preocupe. Você vai voltar, Isla Heartblade,” ele disse, sua voz ecoando

pela caverna enquanto ela saía dela. “Está escrito.”

OceanofPDF.com

COBRA

Ela e todos os Nightshade não sobreviveriam à temporada de tempestades, a menos que ela pudesse encontrar o portal. A menos que ela pudesse estender sua vida o suficiente para mudar seu destino.

Parte dela sentia raiva. Sua vida mal tinha sido sua. Desde criança, ela havia treinado para o Centenário. Então, ela se viu governante de dois reinos. Agora, ela era praticamente um cadáver ambulante, sua vida ligada a outra, em tempo emprestado.

Liberdade era o que ela almejava desde que era uma garotinha, mas o destino era a restrição máxima. Era o vidro em seu quarto, a enjaulando; eram as pulseiras, mantendo o pior dela sob controle.

O tentilhão-da-tempestade sentou-se observando-a de dentro da gaiola. Ela o observou de volta, desejando que ele cantasse. Desejando que uma tempestade se rompesse, para que ela pudesse encontrar o portal. Seu bico permaneceu fechado.

Ele sempre ficava no mesmo lugar. Não importava quantos dias ela deixasse a porta aberta, o pássaro nunca tentava voar para fora.

“Você é mais inteligente do que eu”, ela disse. Por anos, tudo o que ela queria era deixar seu quarto no reino dos Selvagens. Ela sonhava com aventura, com liberdade.

Veja onde isso a levou.

Ela estava mais solitária do que nunca, por necessidade. Não era como se Grim não tivesse tentado procurá-la. Junto com suas flores favoritas, suas comidas favoritas foram trazidas por atendentes. Ele conhecia todas elas, e ela não pensou muito sobre esse fato.

Os pratos estavam todos vazios agora, e ela ansiava por um pouco de conforto. Algo quente e doce que a fizesse esquecer, por apenas alguns momentos, que faltavam apenas alguns meses de inverno.

Já passava muito da meia-noite. Ela saiu do quarto, pisando cuidadosamente sobre a pilha de flores, com a intenção de encontrar as cozinhas. Os corredores estavam vazios.

Ela andou por eles, tomando o caminho mais longo para evitar o quarto em que Grim estava hospedado, já que ele lhe dera seus aposentos. Parte dela queria ir até lá, buscar conforto nele, mas não... seu coração já estava muito confuso. O que ela ansiava era por um amigo.

O que ela desejava era um lar.

Havia um vazio nela que sempre existiu. Um lugar onde talvez uma mãe, um pai ou um amigo teriam ido. Celeste o havia preenchido por um tempo, mas ela não era real.

Tanta coisa não era real.

Ela se lembrou da escultura na parede do áugure. Ela, parecendo a parte da rainha-cobra vingativa que as pessoas aqui acreditavam que ela era. Ela quase podia ver as serpentes agora, deslizando em volta de seus braços. Sibilando. Ela quase podia senti-las, escamas frias deslizando contra sua pele, embora ela tivesse devolvido a serpente que ela costumava usar para Wren uma hora atrás. Parecia quase familiar. Quase certo.

Ela virou a esquina e bateu em algo sólido. Antes que percebesse, estava pressionada contra uma parede fria. Sua mão estendeu-se em direção à lâmina por instinto, mas foi presa ao seu lado antes que seus dedos pudessem se enrolar ao redor do punho.

Grim ondulou para a visibilidade diante dela. O aperto em seu pulso estava frouxo. Ela poderia facilmente escapar, mas não o fez. Ela permaneceu muito parada, mesmo quando o polegar dele gentilmente roçou seu pulso. Estava ficando mais rápido. Ele podia sentir. Ele inclinou a cabeça, olhando para ela com um foco sobrenatural. Ela estava grata por ter esfregado o sangue de sua pele, de seu cabelo, de suas roupas; mas sob seu olhar implacável, ela se perguntou se ele sabia onde ela tinha estado. Se ele soubesse que, embora parecesse que ela trabalhava para o benefício de seu reino, ela também estava fazendo planos sem ele.

Ela levantou o queixo. “Me seguindo?”

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. “Sempre.”

Ele se inclinou para baixo, e ela não moveu um músculo, mesmo quando os lábios dele se aproximaram. Mais perto. Ela jurou que seu pulso traiçoeiro devia estar martelando sob o polegar dele, porque a boca dele se curvou em diversão perversa. Parte dela queria que ele preenchesse a lacuna entre eles. Parte dela queria qualquer conforto que ele pudesse lhe oferecer, especialmente agora, especialmente com tudo desmoronando.

Em vez disso, os lábios dele passaram pelos dela, arrastando-se por sua bochecha até o ouvido para dizer, sua voz como um dedo descendo por sua espinha, "Você tem me evitado."

Ela engoliu em seco. Ele traçou o movimento da garganta dela com o olhar. “Eu estava tentando obter informações. Sobre... sobre o portal.”

Não era completamente mentira. Ela manteve suas emoções estáveis.

Os lábios dele ainda estavam a centímetros da orelha dela. Ele se inclinou, como se pudesse sentir o cheiro dos sentimentos dela, como se pudesse prová-los. Mais abaixo. A boca dele pressionou gentilmente o pulso dela. Ela não achava que estava respirando.

Então, ele se afastou abruptamente. Olhou para ela, com os olhos cheios de algo como fúria. Algo como preocupação. "O que aconteceu?"

É claro que ele podia sentir a tristeza dela.

Ela não disse nada. Ela se perguntou o que ele leria nisso — se isso o deixaria desconfiado de suas idas e vindas — mas, se alguma coisa, ele só parecia mais preocupado.

Ele não tinha como saber que ela estava procurando a cozinha, mas foi para lá que ele a levou, antes que ela pudesse piscar.

Sem dizer uma palavra, ele começou a preparar algo, movendo-se pela sala de uma forma familiar e praticada.

As palavras saíram tropeçando dela. “Você cozinha?”

Ele fingiu parecer ofendido pela surpresa dela. “É realmente tão difícil de acreditar?”

“Sim,” ela disse, se apoiando em um balcão. A pedra escura estava fria contra sua espinha.

O olhar dele deslizou pelo corpo dela por apenas um momento, e ela percebeu que havia saído do quarto com uma das roupas noturnas do guarda-roupa, duas pequenas peças de seda que deixavam faixas de pele descobertas. Os olhos dele escureceram.

Então, ele voltou ao que estava fazendo. Ela observou enquanto suas mãos trabalhavam rapidamente. Diligentemente. Ele estava cortando algo e colocando em uma panela. Ela não conseguia ver exatamente o que era.

O que ela conseguia ver eram seus ombros largos. Suas costas musculosas.

Ele a encarou novamente, e ela rapidamente mudou o olhar. “Aprendi durante o treinamento. Muitas vezes me encontrava sozinha. Se eu quisesse comer... precisava cozinhar.”

Ela sabia pouco sobre sua criação, além de algumas menções sobre isso no passado. Ela sabia que ele havia passado por um treinamento extremo para ser um guerreiro. Era difícil imaginá-lo sem os confortos de seu castelo.

Agora, porém, enquanto o observava mexer algo em uma panela, ela conseguia imaginar. Sombrio, cabelo enrolado em volta das orelhas do jeito que estava agora, bagunçado por uma clara falta de sono. Seus ombros largos não estavam envoltos em uma capa de governante, mas em um tecido preto que não parecia macio, não macio o suficiente para dormir. Ela se perguntou se ele tinha alguma roupa confortável. Tudo o que ela lembrava era dele em suas roupas de treinamento, ou armadura, ou traje formal, ou fora disso.

O pensamento fez suas bochechas queimarem. Ela ouviu um raspar de movimento— Grim, encontrando uma caneca. Despejando algo nela.

Foi quando ela sentiu o cheiro.

Ela encontrou os olhos dele. Ela devia estar parecendo muito animada, porque ele sorriu de novo, como se ele valorizasse a excitação dela, como se ele fosse

fazer qualquer coisa para fazê-la fazer aquela mesma expressão de novo.

Ele levou-a até ela; e em sua felicidade, em sua antecipação, ela deslizou seus dedos sobre os dele ao redor da caneca. Juntos, eles a seguraram.

Juntos, eles levaram-no aos lábios dela.

Ela gemeu, sentindo o gosto do chocolate. Era aveludado, rico. Quente comparado ao frio da pedra ainda contra suas costas. Seus olhos se fecharam, saboreando-o. Quando os abriu novamente, ela o encontrou estudando-a. Ele parecia paralisado. Antes que ela pudesse fazer outro movimento, ele gentilmente tirou a caneca de suas mãos, colocou-a no balcão ao lado de seu quadril e levou um polegar aos lábios dela, que ela imaginou estarem cobertos de chocolate. Ele roçou neles, e ela estremeceu.

Ela não sabia o que lhe ocorreu — talvez o lembrete de que sua vida era passageira — mas quando ele se moveu para abaixar a mão, a dela desceu sobre ela.

Grim ficou imóvel. Seus olhos perfuraram os dela, esperando.

Esperando que ela se afastasse dele do jeito que ela tinha feito tantas vezes antes. Ela não o fez; e lentamente, muito lentamente, seus dedos calejados se enrolaram em volta de sua mandíbula. Enfiados em seu cabelo. Os dedos dela se moldaram aos dele.

Eles apenas se encararam, até que o olhar dele caiu nos lábios dela.

O canto da boca dele se levantou. “Senti falta de um pouco de chocolate.” Sua voz soou tensa.

O dela estava sem fôlego. “Então pegue.”

Ele fez menção de mover o polegar novamente, mas ela manteve a mão firmemente sobre a dele. Ele franziu a testa. Então, seus olhos pareceram ficar completamente pretos quando ele entendeu o significado dela.

Com uma gentileza que fez seu coração disparar, ele lentamente, muito lentamente, abaixou a cabeça.

Ele era o governante das trevas. Ele era um guerreiro brutal que havia matado um membro de sua corte a sangue frio simplesmente por falar mal dela. Agora, ele estava quase tremendo enquanto seus lábios pairavam a centímetros dos dela.

Lentamente, reverentemente, sua língua traçou sua boca, lambendo o chocolate, e ela estava queimando, ela estava dolorida. Ela não tinha certeza se estava respirando quando ele tomou todo o seu lábio inferior em sua boca — e lentamente o arrastou por entre os dentes, saboreando-a completamente.

Era isso. Naquele momento, ela não se importava com o que tinha acontecido ou com a profecia; ela o queria. Ela o queria tanto, sua pele parecia crua, carente, pronta. Seus lábios estavam inchados enquanto ele a encarava, seu peito arfando tanto quanto o dela.

Ela queria que ele a levantasse para o balcão atrás deles, pelas costas das coxas. Queria que ele se acomodasse entre as pernas dela, arrastasse a língua pelo resto da pele aquecida dela, provasse-a em todos os lugares.

Ele podia sentir esse desejo. Sentir essa necessidade dolorida. Ela podia sentir a dele, contra seu estômago. Isso quase a fez pedir tudo o que queria. Em vez disso, ela disse: "Obrigada pelo chocolate." E voltou para a cama sozinha.

O barulho de uma bota no chão a acordou.

Antes que ela pudesse mover um músculo, cada músculo do seu corpo ficou tenso, como se tivesse se transformado em pedra.

Uma mão estava enrolada em seu pulso.

Uma voz grave disse: "Os sussurros são verdadeiros. Você não dorme com o governante."

Tynan. Ela lutou contra o aperto de ferro dele em seus ossos, mas não conseguiu nem mesmo soltar um gemido em resposta.

"Não, não... você não consegue se mover, consegue?" Ela o ouviu bater o pé. Seus olhos estavam arregalados e grudados no teto. Lágrimas escorriam pelo seu rosto depois de apenas alguns segundos sem conseguir fechá-los. "O governante parece acreditar que você é especial de alguma forma." Ele cuspiu nela. "Mas você é apenas uma distração. Uma inimiga."

Ela conhecia o som de uma espada raspando sua bainha. Ele forçou a cabeça dela para trás com seu poder, controlando cada músculo dela, esticando a pele do pescoço dela. O corpo dela tremia com o esforço de tentar dominá-lo.

“O governante ficou fraco. Você, Snake, o deixou assim. Com você fora, vamos invadir Lightlark. Vamos terminar o que começamos.” Ele se inclinou até que seu hálito pútrido estivesse bem contra a boca dela.

“Você nem sabe o quão inestimável esse colar é, sabe? Só na morte ele é liberado... então eu vou ter que te matar.”

Não. Ele não sabia que as vidas dela e de Grim estavam ligadas. Ele não sabia que matá-la garantiria sua própria morte.

Tynan agarrou seu pulso com tanta força que foi um milagre o osso não ter quebrado. Ela teria gritado se pudesse.

A espada surgiu em sua visão quando ele a levantou bem alto sobre sua cabeça. Ela observou o piscar das chamas de sua lareira refletirem nela.

Um rosnado baixo soou na frente dela.

Tynan pode ter razão sobre Grim não dormir em seus aposentos...

mas quem quer que tenha lhe dado essa informação claramente não sabia sobre o leopardo que dormia. Aquele que mal era visível quando dormia no canto do quarto dela, afundando nas sombras.

Um rugido, e então seu pulso foi solto. Seus membros foram libertados do torno invisível.

Ela se dobrou e ofegou por ar. O suor escorria por suas costas e pelo meio do peito.

Tynan estava se debatendo no chão, segurando uma mão contra o corte que Lynx havia feito em seu pescoço.

Os dentes de Lynx brilhavam com seu sangue enquanto ele aguardava suas instruções.

Grim aterrissou na sala com um estalo. Seus olhos arregalados foram direto para ela, avaliando rapidamente seu estado, então para o homem sangrando no chão.

As mãos dele tremiam. A voz dele não era a calma predatória que ela esperava.

Não, suas palavras estavam cheias de pura fúria quando ele se abaixou, agarrou Tynan pelo pescoço ensanguentado e disse: "Minha esposa? Você ousa ameaçar minha esposa?" Tynan fez o que deve ter sido um apelo gorgolejado que não se traduziu em palavras.

Grim mostrou os dentes para ele, sua boca se transformando em um sorriso torto.

“Você não tem ideia do quanto vou gostar de matar você.”

Sombras se espalhavam pelo chão, venenosas e destrutivas, nada no mundo poderia detê-las — exceto a mão que Isla colocou no ombro de Grim.

Ao toque dela, ele se acalmou imediatamente. Ele olhou para ela.

“Deixe-me”, ela disse, em uma voz que não reconheceu completamente. Suas sombras recuaram instantaneamente. Os olhos de Tynan vasculharam o quarto freneticamente, como se procurassem uma chance final de fuga. Mas não haveria fuga. Ele estava ferido, incapaz de exercer sua habilidade. Ela não estava mais congelada em seus lençóis.

Ela pegou a adaga na coxa e a enfiou no coração dele. O sangue jorrou pelas costelas dele, descendo pela mão dela, mas ela apenas torceu a lâmina mais fundo. Mais fundo, até a ponta cravar no chão.

Algo dentro dela parecia cantar.

Enquanto observava a vida sumir dos olhos dele, Isla percebeu com horror e fascinação que tomá-la era bom.

Tynan não seria o único na corte de Nightshade que queria que ela fosse embora. Ela precisava mandar uma mensagem.

O povo de Grim não precisava de outro motivo para odiá-la. Mas ela daria isso a eles de bom grado.

O ar foi roubado em suspiros agudos por toda a sala enquanto Isla se pavoneava por ela. Todos estavam reunidos diante de Grim, que a observava de seu trono. Sua postura pode ter sido casual, mas não havia nada de suave na fúria persistente em sua expressão.

Rainha cobra? Ela seria a vilã que eles já acreditavam que ela era. Seu vestido preto tinha alças finas e um decote profundo. O tecido grudava em sua pele como uma lâmina de água, suas fitas frouxamente enroladas fluindo suavemente para o chão. Cobras finas e venenosas se enrolavam em sua cintura, deslizando para cima e através de seu peito, mantendo-a decente, deslizando. Mais duas se enrolavam em cada um de seus braços.

Elas sibilavam para os nobres mais próximos quando ela passava por eles, fazendo um tropeçar no chão. A cobra mais fina de todas se enrolava em seu pescoço como outro colar.

Seus olhares de horror não eram sobre as cobras, no entanto —

embora cada uma fosse venenosa. Não; eles encaravam o que ela segurava frouxamente em sua mão, emitindo uma linha de sangue pingando ao lado dela.

Cabeça de Tynan, segurada pelos cabelos.

Ela alcançou o trono de Grim e o jogou a seus pés.

“Coma”, ela disse, e as cobras deslizaram por seu corpo e correram para o chão, fazendo as pessoas mais próximas gritarem. O veneno delas funcionou instantaneamente, derretendo carne de osso. As criaturas devoraram seus olhos e língua na frente da multidão. Elas engoliram a carne restante, e seus olhos, tudo na frente da multidão. Wren as treinou bem.

Alguém vomitou alto. Outro desmaiou.

Grim os forçou a assistir. Isla ficou até que a cabeça de Tynan não passasse de um crânio.

“Bem,” ela disse, sua voz ecoando no silêncio. “Se alguém mais me quiser morta, você sabe onde me encontrar.” Então, ela se virou e saiu da sala do trono, suas cobras não muito atrás.

“Foi uma bela demonstração.”

Isla parou de escovar o pelo de Lynx e viu Astria parada atrás dela, com a postura ereta como sempre, segurando aquelas espadas curvas cruzadas no peito.

“Obrigada”, disse Isla. “Fiquei doente depois, mas é o show que conta, certo?”

Astria fez um som de bufo que quase lembrava uma risada. Então ela franziu a testa. “Tynan mereceu. Para alguém que foi ordenado a usar manoplas o tempo todo, ele encontrou muitas desculpas para ficar sem elas.” Isla sentiu uma onda de alegria por ter sido a única a acabar com eles. Não parecia a primeira vez que ele se aventurava em uma sala à meia-noite e fazia de uma pessoa um prisioneiro em sua própria pele.

O general de Grim estendeu a mão em direção a Lynx, e Isla abriu a boca, pronta para avisar Astria que Lynx tinha desenvolvido uma reputação de morder Nightshades.

Mas, para sua surpresa, seu vínculo permitiu que Astria o tocasse. Ele só começou a rosnar quando ela chegou muito perto de seus ouvidos.

“Então,” Isla disse, olhando a mulher de cima a baixo, tentando encontrar alguma similaridade. “Há quanto tempo vocês se conhecem?”

As mãos de Astria tamborilavam distraidamente nos punhos de suas espadas. “Que você é meu sangue? Grim me disse logo antes de você se casar.” Ela franziu a testa. “Logo depois que sugeri que você poderia ser uma espiã e que ele deveria considerar colocar sua cabeça em uma lança.”

“Legal,” Isla disse, sabendo o quão sortuda Astria era por ter escapado daquela conversa com vida. Ela começou a escovar o pelo de Lynx novamente. “E o fato de sermos parentes mudou sua mente?”

“Não,” ela disse, considerando-a. “Nunca é tarde demais para Grim seguir meu conselho.”

Isla olhou por cima do ombro para ela. “E não é tarde demais para Grim conseguir um novo general. Ouvi dizer que a posição corre na família.” Astria sorriu. Então riu um pouco.

Isla também sorriu.

Ela se abaixou para limpar entre as almofadas de Lynx. Ele fez um som irritado e puxou o pé para trás. Ela olhou para ele. "Você realmente quer outro incidente com pedras?", ela perguntou a ele. Havia uma pedra alojada ali por uma semana, e ela tinha infeccionado. Por mais resistente e

antigo que Lynx fosse, ele tinha sido terrivelmente dramático durante os dias em que descansou o pé.

Ele relutantemente levantou a perna, e Isla viu uma agulha de pinheiro alojada bem entre duas de suas almofadas. Ela balançou a cabeça e tentou puxá-la para fora, mas estava presa. Lynx rosnou.

“Aqui,” Astria disse, abaixando-se. Ela puxou rapidamente, e o leopardo rugiu. Então ele olhou para Astria, que deu alguns passos para trás. Ela observou Isla trabalhar até terminar, e então disse, “Eu procurei por ele, sabia.”

Ele. Pela intensidade do tom, Isla sabia exatamente de quem ela estava falando. Isla levantou-se lentamente para encarar o primo.

Ela se lembrou do que o áugure havia dito: Quando você descobrir a verdade sobre quem você é... seu caminho ficará claro.

Ela estava desesperada por qualquer detalhe sobre seus pais. Ela queria conhecê-los, mesmo através dos olhos dos outros.

“Eu procurei nas terras novas com o governante, só para garantir, caso houvesse uma chance de ele estar vivo. Então... quando muito tempo passou... eu o entristeci.” Suas narinas se dilataram. “Ele era como um irmão para mim, e eu não entendo sua escolha. Eu não sei por que ele a escolheu.” Sua mãe.

Lynx rosnou baixo.

“Ele não era... uma pessoa emotiva,” ela continuou, os olhos estudando seu vínculo. “Eu posso contar nos dedos o número de vezes que eu o vi sorrir. Ele não era cruel, não... mas sério. Sobre seu dever. Sobre servir seu reino.” Ela franziu a testa. “Agora que eu sei que ele não morreu, que ele foi embora... eu não posso respeitar sua decisão. Eu não posso respeitar o que ele fez.”

Isla entendeu. Embora estivesse falando sobre seu pai, e não da melhor forma, Isla apreciou que Astria estivesse falando com ela, muito menos contando algo tão pessoal.

Isla sabia como era escolher seu coração em vez do dever. Se era isso que seu pai tinha feito, ela não podia julgá-lo. Mas as coisas eram mais complicadas do que isso.

Seu pai e Grim procuraram a espada que controlava os dreks juntos.

Seu pai a encontrou.

“Ele roubou a espada, para mantê-la longe de Grim. Ele deve ter acreditado

A beladona estava melhor sem ela.”

Ele deve ter acreditado que Grim usaria isso para ultrapassar Lightlark.

Ele deve ter tentado salvar a ilha, do mesmo jeito que ela estava agora.

Astria balançou a cabeça. “Mesmo que isso seja verdade, não foi decisão dele.

Nós servimos nossos governantes. A palavra deles é lei. Nós somos a espada deles. Ele sabia disso.”

Isla não sabia o que pensar. Ela só queria ter conhecido seus pais.

Quão diferente sua vida teria sido, se eles tivessem sobrevivido... Isso a fez pensar sobre o que Terra e Poppy disseram. Se eles realmente não mataram seus pais — o que ela não foi rápida em acreditar — então quem matou? Isso também a fez pensar sobre o traidor Wildling. Eles não atacaram novamente, até onde ela sabia, mas a dissidência era perigosa. Qual era o objetivo final deles? O que eles queriam?

"Você tem a carranca dele", disse Astria, tirando-a de seus pensamentos.

"Com licença?"

“É exatamente o mesmo. Quase sobrenatural. Todo o resto, suponho que você herdou dela.” Astria estudou-a atentamente, como se tentasse imaginar como

seria a aparência de sua mãe.

Parte dela queria esquecer a conexão deles de uma vez por todas. Por que desenvolver um relacionamento com alguém agora, quando todos eles não tinham muito tempo de sobra? Outra parte, a garotinha que se sentou em seu quarto e sonhou em ter um lugar para pertencer, se recusou a deixar essa oportunidade passar. "Eu não tenho nenhuma outra família", Isla admitiu, e imediatamente se sentiu exposta, como se tivesse mostrado muito de si mesma.

Astria a estudou. Ela levantou a cabeça. "Eu também não."

Isla não sabia por que isso era um conforto, quando deveria estar triste por ambos terem perdido todos os seus parentes. "Acho que temos um ao outro", Isla ofereceu.

O olhar desconfiado de Astria não vacilou nem um pouco. Mas, depois que momentos estranhos passaram, ela disse: "Sim, bem. Suponho que ter você é melhor do que não ter nada."

O sorriso de Isla se espalhou por seu rosto. "E aqui, eu estava pensando que você era incapaz de me dar um elogio."

Mais um dia se passou sem uma tempestade. Ela estava inquieta, impaciente, sabendo que era o que precisava para encontrar o portal. Com seu bastão estelar, ela levou Lynx para a Wildling newland, mesmo que apenas para sentir um sussurro de casa. Eles atravessaram a floresta familiar, suas pernas se esticando alegremente enquanto ele pulava nas árvores.

Ele tinha perdido, ela percebeu. Ambos tinham.

Parte dela desejava poder sentir a floresta, seu batimento cardíaco, mas as pulseiras deixavam tudo quieto. Morto.

Quando se aproximaram de seu antigo quarto, já estava escuro lá fora.

Ela deixou Lynx do lado de fora e entrou por um portal, com o objetivo de recuperar algumas de suas facas antigas. As que Grim havia fornecido eram melhores do que qualquer uma que ela já tivera, mas ela sentia falta da sensação familiar em seus dedos. Da simplicidade delas.

Ela andou em direção à penteadeira e começou a abrir gavetas. Havia algumas lâminas simples lá dentro que ela não usava há anos. Ela pegou uma delas, uma adaga simples, sem nenhuma marca.

E largou.

A ponta quase atravessou o pé dela. Ela nem olhou para ver onde tinha caído.

Seus olhos estavam presos no pedaço de pergaminho diante dela, e na pena branca em cima dele. Fazia semanas desde que ela escrevera seu nome na página.

Agora, havia uma nova linha abaixo dela.

Olá Isla, dizia.

As palavras em si não foram o que fez seu estômago embrulhar — foi a caligrafia, que ela conhecia quase tão bem quanto a sua.

Da Aurora.

OceanofPDF.com



PENA

Ela já tinha visto a escrita de Aurora centenas de vezes antes. Ela ainda tinha pedaços dela, de quando elas costumavam dividir livros e escrever bilhetes uma para a outra nas margens, quando Aurora estava disfarçada de Celeste.

Ela correu para seu esconderijo secreto, e lá estava, um dos últimos volumes que eles leram juntos. Ela folheou as páginas, procurando pelos cachos de tinta e os encontrando. Sua espinha congelou. Era inegável quando ela comparou as letras.

Sua mão tremeu quando ela pegou a pena, meio que esperando que ela se soltasse de sua mão. Ela escreveu abaixo dela.

Como isso é possível?

Ela largou a pena e esperou. Silêncio. Ela podia ouvir seu próprio coração batendo enquanto os segundos passavam. Quando ela estava prestes a começar a se perguntar se estava perdendo a cabeça, a pena ficou de pé sozinha. Ela a observou deslizar pelo papel e escrever cuidadosamente uma frase que fez seu sangue gelar.

Tudo o que está enterrado eventualmente ressurge.

A pena caiu morta em seu pergaminho.

Isla quase tropeçou ao tropeçar para trás. Isso era impossível. Ela havia matado Aurora. Ela havia cravado sua adaga em seu coração, a tinha visto cair em um abismo.

Tinha que ser um truque. Um encantamento

defeituoso. Só uma pessoa saberia com

certeza.

“Você já criou algo que permite que alguém fale dos mortos?” O ferreiro estava ocupado martelando alguma criação. Ele estava trabalhando com o mesmo material desde a última vez que ela o viu, o metal feito de sombra.

Ele brilhava sob as chamas da forja. Ele cuidadosamente colocou suas ferramentas no chão.

Em vez de responder à pergunta dela, o ferreiro apenas estendeu a mão. Ele resmungou com impaciência. “Estou supondo que você trouxe o objeto. É melhor me deixar vê-lo.” Ela hesitou, imaginando se poderia confiar nele para não compartilhar essa descoberta com Grim.

Mas não. O ferreiro só se importava com a morte dele, e ela era a única que poderia dar isso a ele.

Ela tirou a pena do bolso e colocou-a na palma da mão dele que a aguardava. Ele a segurou com cuidado notável, os olhos brilhando enquanto a estudava. “Ela escreve palavras dos mortos? Tem certeza?”

“Um morto.”

“Sozinho?”

Ela assentiu. “Eu o vi escrever uma frase como se a mão de um espectro o segurasse.”

O ferreiro cantarolou. “Interessante.” Ele apertou os olhos e estudou cada centímetro, parecendo encontrar traços que ela não conseguia ver.

“Sinto o cheiro do seu sangue nele,” ele disse. “Seu poder o despertou.”

Ela franziu a testa. “Mesmo com as pulseiras?”

Ele olhou para ela. “Seu sangue é poder, Isla. As pulseiras não mudam isso.” Ela pensou no áugure provando-o e estremeceu. Ele voltou sua atenção para a pena. “Não é minha criação, mas reconheço seus encantos.

Um fragmento de uma alma foi armazenado dentro dela.”

Um pedaço de alma. Então, não eram as palavras de Aurora dos mortos... mas um pequeno pedaço dela que ela havia deixado para trás.

Ele inclinou a pena para ela. “Olhe para a ponta.”

Ela apertou os olhos. Ali, ela notou uma pequena camada de metal. Ela brilhava como mil diamantes presos lá dentro.

Feito à sombra.

“Este é um encantamento muito antigo. Ele é anterior a esta terra em si.”

“O que isso significa?”

“Não é deste mundo.”

Não é deste mundo.

Isla franziu a testa. “Você—você não quer dizer...”

“É do outro mundo.”

Como o ferreiro sabia sobre o outro mundo? Isla tinha a impressão de que muito poucas pessoas sabiam. “Como você sabe?”

“Porque é de lá que eu também sou.”

Isla piscou. Ela só tinha conhecido uma outra pessoa que parecia ser do outro mundo, o ser antigo que a ensinou a empunhar sua Habilidades de Nightshade. Remlar. “Isso—isso significaria que você tem—

” Milhares de anos.

Ele apenas olhou para ela.

“Conte-me sobre isso. Como é?” As palavras escaparam de sua boca antes que ela pudesse se conter.

Ele levantou um ombro. “Mesmo se eu quisesse, não posso. Quanto mais tempo gasto aqui, mais o outro mundo é esquecido. Foi por design, veja bem. Para nos impedir de querer retornar. Eu nem lembro do nome dele.”

Como Aurora conseguiu colocar as mãos em um objeto do outro mundo em primeiro lugar? “Objetos do outro mundo são comuns aqui?”

“Não. A maioria foi destruída ao longo dos milênios, ou despojada de seu

encantamento por mim, seguindo ordens.” Ele tirou a lâmina do cinto e a posicionou sob um orbe de luz. Ela observou o metal brilhar, como se mil estrelas estivessem presas dentro dele. “Aqui. É assim que você sempre pode dizer o que é feito de sombra. O que é sobrenatural.”

Ela pegou a pena de volta. Ela sabia que deveria tê-la colocado de volta na gaveta. Esquecido dela. Queimá-la, talvez. Ela não o fez.

Isla olhou para a escrita por dias. Ela guardou o pedaço dela no bolso, junto com o colar de rosas douradas.

Olá Isla.

Palavras, de sua antiga melhor amiga. Aquela que ela havia matado.

Parte dela queria responder e ansiava por falar com a amiga do jeito que fazia há anos, confiando nela toda vez que se sentia sozinha.

“Celeste não existe”, ela disse a si mesma, enquanto cavalgava por Nightshade nas costas de Lynx. “Você precisa se lembrar disso.”

Lynx fez um som abaixo dela, como se pudesse sentir sua turbulência interior.

Ela acariciou o topo da cabeça dele. Em flashes, ela estava vendo sua perspectiva, a terra ondulando diante dele. Então, havia pedaços de outra coisa. Seu próprio amigo perdido. Sua mãe.

Ela a viu em suas memórias. Rindo, em uma floresta. Girando em um círculo, fazendo flores desabrocharem em uma torrente ao redor dela.

Enquanto Lynx atravessava a ilha abaixo dela, ela observava, e não conseguia o suficiente.

Isla viu seu próprio quarto. Parecia um pouco diferente do que era agora. Não havia espadas contra a parede. Não havia tinta no vidro da estufa. Não, sua mãe não tinha um motivo para se esconder. Ela havia nascido poderosa. Pelo que ela podia ver, ela era uma portadora habilidosa.

Ela tinha um talento? Ela observou, esperando ver algo fora do comum, mas tudo o que viu foi a natureza.

Então, ela teve um vislumbre de seu pai. Cabelo escuro. Pele pálida. Ela o observou olhar para Lynx, mas, da visão dele, era quase como se ele estivesse olhando para ela. Ela sentiu uma lágrima deslizar por sua bochecha.

Ele mostrou a ela outra coisa. Um lampejo de cabelo dourado. Olhos âmbar.

Ela apertou ainda mais as peles dele.

Lynx sempre gostou de Oro. Ela se esforçou para enterrar qualquer lembrança dele; mas, assim como Aurora havia escrito, tudo o que está enterrado eventualmente ressurge. Isla deveria ter movido a mão —

deveria ter dito a Lynx para parar — mas ela não o fez. Ela observou avidamente, lembrando-se do sorriso de Oro, do jeito que ele fazia pequenas rugas se formarem ao lado de seus olhos. Do jeito que aqueles olhos brilhavam quando ele estava feliz, como o sol brilhando sobre a água.

Ela assistiu ao primeiro beijo deles, quando ele a prendeu contra a árvore.

Ela ouviu o rosnado baixo de Lynx, parando-os enquanto as mãos de Oro subiam por seus lados. Ela ouviu os dois rirem. Por um único momento, ela sentiu aquela felicidade, como se estivesse ali. Como se tivesse sido transportada para o passado.

As imagens pararam tão rapidamente quanto começaram.

Eles chegaram aos estábulos e Lynx bufou de irritação.

Wraith. Ele estava do lado de fora do estábulo com Grim, que parecia estar terminando de lavar suas escamas.

Com o rosto ainda vermelho pelas memórias, ela limpou a garganta.

Esforçou-se para enterrar seus sentimentos novamente. “Estou surpresa que você não dê a outra pessoa o prazer de dar banho em um dragão adulto.”

Grim suspirou enquanto colocava a esponja gigante que estava usando de volta em um balde. Wraith estava coberto de sabão e bolhas. Isla não achava que as banheiras de água usadas para os outros animais seriam nem remotamente úteis.

“Ele só me deixa fazer isso. Criatura temperamental,” ele murmurou.

Wraith apenas sorriu para Isla e Lynx.

Isla observou seu vinculado considerar o dragão, nada impressionado.

Ele não se importava com ele, não realmente. Ela alisou o espaço entre suas orelhas com a mão, enviando imagens para ele. Wraith como o pequeno pacote de escamas que ela havia descoberto mancando perto da caverna. Wraith em seus braços, suas asas firmemente dobradas contra seu corpo.

Os músculos de Lynx relaxaram um pouco embaixo dela. Isla deslizou de suas costas e observou Lynx e Wraith se olharem por mais alguns momentos, Wraith muito mais animado. Então, Lynx se virou com um bufo, na direção das carnes secas que o cavaleiro tinha começado a lhe oferecer, para tentar ganhar seu favor.

Isla observou enquanto o sabão em Wraith começava a borbulhar.

“Como você planeja lavá-lo?”

Grim olhou para ela. “Quer ver por si mesmo?”

Não. Ela ainda tinha pesadelos sobre escorregar das costas dele na tempestade. Quase cair no chão. Mas Wraith parecia tão dolorosamente animado que ela suspirou e permitiu que Grim os transportasse para sua

espinha. Estava escorregadio com todo o sabão, mas Grim a prendeu no lugar com suas sombras, chamou o nome de Wraith e eles partiram.

O voo foi curto, e o dragão começou a se inclinar em direção ao chão assim que os campos se transformaram em floresta. Ela sabia o que esperar agora e se firmou para o pouso. Ele se curvou, então mergulhou na direção de uma fonte. O vento soprou seu cabelo para trás, rugiu em seus ouvidos, fez seus olhos lacrimejarem. Seus músculos se contraíram enquanto ela se preparava.

As asas de Wraith se abriram antes de eles caírem direto em um lago.

Isla engasgou, e seus pulmões teriam se enchido de água, se as sombras translúcidas de Grim ainda não estivessem a envolvendo. Somente quando ele

encontrou os olhos dela, quando ele teve certeza de que ela não estava mais em choque, ele os deixou cair, e ela ficou envolta em água.

Wraith caiu lentamente, como uma pedra afundando até o fundo. Ele descansou ali por apenas um momento, antes de chutar para fora e emergir.

Isla respirou fundo desesperadamente enquanto eles passavam, a água jorrando, e ela se virou para Grim, já com o olhar fixo nele.

Seu cabelo escuro estava grudado na testa. Ele não parecia se importar em estar encharcado, sua capa era uma sombra molhada sobre seus ombros.

Isla o empurrou das costas de Wraith e teve o prazer de vê-lo cair na água. Wraith virou a cabeça para encarar Isla, e ela podia jurar que ele estava sorrindo.

Ela também estava sorrindo, até que uma corda de sombras a puxou logo atrás dele.

Ela teria afundado até o fundo, sobrecarregada por todas as suas adagas e espada, se não fosse pelo braço que se enrolava em sua cintura.

Lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, ela sentiu Grim alcançar as fendas de suas calças, dedos longos habilmente puxando adaga após adaga, estrela de arremesso após estrela de arremesso, e jogando todas elas para a beira do banco.

“De quantas lâminas uma pessoa precisa?”, ele perguntou, incrédulo, enquanto suas mãos ásperas gentilmente traçavam suas pernas, dedos se

curvando em volta de suas coxas, procurando por mais. Isla sentiu como se estivesse perto de se afogar novamente, por razões muito diferentes.

“Várias, quando ela é casada com um demônio.”

Ele apenas sorriu. Ela mesma jogou sua espada na margem, então se afastou de Grim, conseguindo nadar sozinha.

“Que lugar é esse?”, ela perguntou. Havia uma cachoeira grossa caindo no corpo profundo de água, lembrando-a, com um arrepio, da casa do áugure. Wraith estava atualmente abaixo dela, claramente feliz enquanto a água batia em suas

costas, esfregando o sabão.

“Um bolso de beleza em Nightshade. Um raro.”

Já fazia um tempo desde que ela nadava por lazer — e não quando achava que estava morrendo. Ela gostava disso, da sensação da água através das raízes de seu cabelo, da maneira como parecia acalmar seus músculos doloridos enquanto ela empurrava através dela. A água estava fria, mas ela realmente não se importava. No momento em que ela se puxou para fora dela e para a margem, ela sentiu que poderia rolar e adormecer.

A grama era macia sob ela. O sol não era forte, mas gradualmente aquecia sua pele. Ela estava tão relaxada que nem tentou se mover quando Grim estava deitado bem ao seu lado.

Os olhos dela estavam fechados enquanto ele cuidadosamente e lentamente deslizava cada uma de suas facas de volta no lugar, encaixando-as contra as curvas de seu corpo, nos bolsos que foram feitos especialmente para ela, por ele. Ela estremeceu, sentindo os dedos dele roçarem suas coxas enquanto ele as empurrava para dentro. Ele deixou a espada dela na palma aberta dela. "Caso você precise usá-la", ele disse, a voz escura deslizando por seus ossos. Ela teria revirado os olhos se eles estivessem abertos.

Ela tinha acabado de adormecer quando mil gotas de água caíram sobre ela por todo o corpo.

"Wraith", Grim rosnou, e ela abriu os olhos para encontrar o dragão olhando alegremente para eles, depois de bater suas asas molhadas.

Wraith não fez nada além de afundar na grama. Ele rolou, mas Grim olhou para ele, recusando-se a esfregar sua barriga.

O dragão se virou para ela.

“Criatura traidora,” Grim murmurou.

Isla teve que lutar para esconder o sorriso enquanto se levantava, e obedeceu Wraith, passando os dedos pelas escamas dele enquanto suas garras arranhavam alegremente o céu.

Wraith fez sons alegres, e ela se viu sorrindo. Rindo. Ela não tinha realmente percebido, até que se virou, apenas para encontrar Grim olhando para ela.

O sorriso dela murchou, substituído pela culpa. Ela não merecia ser feliz. Ela não merecia ter esse tempo para aproveitar quando tantas vidas estavam em risco.

“A tempestade está demorando muito. Não houve outra tempestade em dias”, ela disse. “Tem que haver outra maneira de encontrar o portal.”

A expressão de Grim ficou séria. “Eu tentei. Visitei todos os anciões sobreviventes. Passei por todos os registros antigos; nenhum fala de um portal. Voei por quase cada milha de Nightshade e não senti nem um sussurro do meu poder de portal.”

Ela também tentou. O áugure tinha sido útil de outras maneiras, mas a melhor aposta deles ainda era o anel de Azul.

Isla suspirou. Grim continuou a observá-la. Havia uma ruga entre suas sobrancelhas. Ele abriu a boca, depois fechou. Ele parecia... quase nervoso.

“O que foi?” ela perguntou.

“Você se casaria comigo?”

Seu olhar era fulminante. Com a mão que não estava mais arranhando o estômago de Wraith, ela levantou a pedra em seu pescoço e a deixou bater entre suas clavículas. “Nós já não fizemos isso?”

“Meu povo acredita que você é um traidor. Sua exibição com Tynan não desmentiu exatamente esse ponto.”

Os olhos dela brilharam de raiva. Seu estômago girou de pânico, lembrando-se de tudo o que tinha ouvido. “Ele tentou me assassinar.” Seu olhar refletiu o dela em intensidade. “Eu sei”, ele disse, levantando-se. Sua altura era surpreendente, mesmo agora. “E ele merecia ser comido por aquelas cobras enquanto ainda respirava. Mas o descontentamento e a suspeita continuam a se espalhar para as pessoas. Cresce e cresce, como uma erva daninha. Uma revolta só nos machucaria a todos.” Ele suspirou.

Grim, ela teve que admitir, estava certa. “Ótimo. O que você propõe?”



“Um casamento.”

Ela se lembrou do primeiro deles. Foi pequeno — apenas Astria estava lá como testemunha. Isla usava um vestido bordado que contava a história deles — natureza encontrando sombra. Vida se fundindo na escuridão. Ela tinha flores no cabelo.

“Como isso ajudaria? Sua corte me odeia.”

“Eles duvidam do seu comprometimento comigo. Conosco. Alguns estão convencidos de que você é um espião de Lightlark.” Ela o observou, imaginando se ele já teve esse medo. Se ele já duvidou das motivações dela. “Uma cerimônia mostraria uma frente unificada. O povo de Nightshade está afastado dos acontecimentos do palácio. Eles só ouvem rumores e estão sofrendo. Todos ainda sentem os efeitos da tempestade.

Uma distração — mesmo que por algumas horas — beneficiaria a todos.”

“Tudo bem,” ela disse, mesmo com o estômago revirado. Casar com ele uma vez era uma coisa. Duas vezes? Se a notícia de outro casamento chegasse a Oro, o que ele pensaria? Ele a odiaria.

Bom, ela pensou, com uma pontada de tristeza. Ela não o merecia.

Amá-lo o arruinaria, se ela deixasse. Ele precisava esquecê-la.

“Teremos um casamento.”

OceanofPDF.com

CORAÇÃO DESTRUÍDO

Isla sonhou com cobras deslizando por sua pele. Ela sonhou que estava se afogando nelas. Ela sonhou com elas se enrolando em sua garganta—

Ela acordou ofegante. Os olhos verdes de Lynx brilhavam na escuridão, observando-a cautelosamente. Sua cabeça pulsava, febril.

Siga as cobras...

Ainda estava escuro lá fora. Ela não tinha planejado visitar a cidade, mas pegou suas adagas e vestiu suas roupas.

Esperar pela tempestade a deixara inquieta. O áugure dissera que ela voltaria para sua caverna — que isso estava escrito.

Ela ainda não sabia as perguntas certas a fazer, mas imaginou que não faria mal pagar adiantado pelos serviços dele. Era o que ela dizia a si mesma, de qualquer forma, enquanto rondava as ruas noite após noite. Era mais fácil do que admitir que sentia uma espécie de satisfação distorcida ao ver a vida deixar os olhos daqueles que ela tinha visto machucar outros. Que a cada morte... algo dentro dela estava crescendo. E nunca faltava gente para caçar. Mesmo quando ela matava os piores da sociedade, repetidamente, mais pareciam tomar o lugar deles, como ervas daninhas implacáveis.

Ela tinha um poleiro favorito, um terraço de onde podia ter uma vista ampla da cidade. Naquela noite, ela encontrou algo esperando por ela.

Uma fruta e um doce. Estava quente em suas mãos. Manteigado em seus dedos. Ainda assim, ela não comeu. Poderia estar envenenado.

A noite seguinte foi a mesma. Outra oferenda.

Na noite seguinte, ela chegou cedo e esperou em um telhado diferente. Ela viu uma mulher subir as escadas dentro do prédio e deixar os presentes. Ela reconheceu suas roupas. Ela era a mulher que Isla havia salvo.

Hoje à noite, o presente era uma espécie de torta. Ela cheirava a batatas, carne e

ervas, e mesmo com seu estômago roncando de fome, ela não a comeu. A mulher parecia gentil... mas ela não podia confiar em ninguém.

Ela observou as ruas por horas. Estava quieto, então ela desceu para andar, mantendo-se nas sombras. Ela fez cinco curvas à direita seguidas, em um círculo inútil.

Foi assim que ela soube que alguém a estava seguindo. Ela podia ouvir seus passos espirrando nas poças entre pedras desalinhadas na estrada, apenas alguns metros atrás. Quem quer que fosse, não era habilidoso em perseguição.

Eles eram desajeitados e descuidados.

Satisfação enraizada profundamente dentro dela. Ela imaginou que um dia desses um amigo de um daqueles homens que ela havia matado viria atrás dela. Sua pele zumbia de excitação enquanto ela subia na sarjeta de um prédio e esperava. Assim que eles entraram no beco, ela atacou, pulando do telhado.

Ela quase colocou a lâmina na garganta do perseguidor quando percebeu que os conhecia.

A mulher que estava deixando seus presentes. Ela tinha pele clara, sardas e cabelos ruivos escuros cacheados que ela usava presos em grampos.

Ela sorriu, não parecendo muito chateada por uma adaga ter sido apontada para ela. "De tão perto, você parece muito menos ameaçadora do que eu pensava", ela disse, parecendo atordoada enquanto olhava Isla de cima a baixo. Embora metade do rosto dela estivesse coberto com o cachecol, Isla não gostou de quão de perto ela a estudou.

"Pare de me seguir," Isla disse, tentando fazer sua voz o mais firme possível. "Pare de me deixar coisas."

A mulher apenas inclinou a cabeça. "Não quis ofender. Só gratidão.

Não sei como retribuir."

"Você não precisa", disse Isla. "Só se mantenha segura, por favor."

Com um último aceno, ela girou nos calcanhares.

“Ajude-me, então.”

Isla se virou novamente. “O quê?” A

mulher levantou um ombro. “Me ensina.”

Isla apenas olhou para ela.

“Não é a primeira vez que algo assim acontece. Me ensine a me defender, caso você não esteja lá para me salvar da próxima vez.” Isla quase riu. Ela não deveria estar ensinando nada a ninguém. Mas a mulher apenas olhou para ela. Ela piscou.

Isla suspirou. “Se eu te ensinar isso, você me deixará em paz?” A mulher assentiu, o sorriso se alargando.

"Multar."

Isla olhou para trás. Pausou. Quando teve certeza de que não seria emboscada, ela pegou uma de suas adagas — uma com bainha própria —

e entregou para a mulher.

Ela sorriu. “Meu nome é Sairsha, a propósito.”

Isla a ignorou. “A lâmina é afiada. Tome cuidado para não se esfaquear enquanto tenta empunhá-la.” Ela pegou outra adaga entre os dedos e demonstrou a maneira correta de segurá-la. “Assim.”

Sairsha tentou algumas vezes antes de acertar.

Ela assentiu. “Mantenha-a embainhada. Se você estiver sendo atacado, a melhor coisa a fazer no seu caso é correr. Se isso for impossível, então tente primeiro ir para o nariz deles. Ou para a virilha. Se nada disso funcionar, use a adaga. Fique em uma posição forte.” Isla demonstrou uma simples. “E vá para qualquer lugar que puder. O estômago é uma boa opção. As costelas são difíceis de passar. O pescoço... está bagunçado.” Ela fechou a boca, imaginando se estava fazendo mais mal do que bem. “Se você não for habilidoso, a adaga tem mais probabilidade de ser usada contra você. É o último recurso.”

Sairsha assentiu. Ela cuidadosamente embainhou a arma, guardando-a no bolso como um tesouro. Sua voz era reverente. “Obrigada.”

Isla não disse nada em resposta antes de se virar e sair.

Sairsha não cumpriu sua promessa. Na próxima vez que Isla visitou a cidade, a mulher estava esperando em seu terraço favorito com uma cesta de doces no colo.

Ela sorriu e acenou, e Isla se virou e foi embora. A noite seguinte foi a mesma. Ela estava perto de visitar outra cidade completamente, quando finalmente encontrou seu lugar vazio.

Bom. A mulher desistiu.

Não tinha nem uma hora para começar a assistir, Sairsha abriu ruidosamente a porta que dava para o telhado. “Oh, você já está aqui! Eu tinha—”

Isla colocou a mão sobre a boca em menos de um momento. “O que você pensa que está fazendo?” ela exigiu.

“Ajudando você,” ela sussurrou por trás dos dedos de Isla. Ela levantou algo em sua mão, como se para mostrar a ela.

Era a adaga que Isla lhe dera de presente.

Ela abaixou a mão. “Se eu disser para você ir embora, você vai ouvir?” A mulher balançou a cabeça. Isla suspirou.

Eles acabaram no telhado, lado a lado. Sairsha mastigou os pastéis ruidosamente, migalhas caindo por todo o seu colo.

Pelo menos ela estava quieta, pensou Isla, até Sairsha terminar sua comida e dizer: “Você salvou muitos dos meus amigos, sabia?”

Isla não olhou para ela. Ela apenas olhou para frente e se perguntou quando essa mulher a deixaria em paz.

“Nós nos sentimos mais seguros hoje em dia. Menos incidentes acontecendo. Parece que as pessoas estão com medo das consequências.

Você ganhou uma reputação.”

Isso não foi ótimo. Ela precisaria começar a ir para outras vilas.

Uma porta se abriu abaixo. Risadas se espalharam pelas ruas. Ela se fechou, silenciando-os. "Você já esteve lá antes?"

Era um bar. Ela tinha observado a entrada várias vezes, mas nunca tinha entrado. Ela balançou a cabeça, grata pelo lenço sobre a maior parte do seu rosto ter permanecido imóvel.

“Eu poderia tomar uma bebida.

Vamos.” Isla a ignorou.

“A cerveja é horrível, mas a comida é boa.”

Isla lhe ofereceu um aceno evasivo.

“A empresa também não é ruim, exceto—”

Isla se virou para encará-la. "Se eu for, você vai mesmo me deixar em paz?" Sairsha assentiu. Isla suspirou, então se viu descendo o prédio, enquanto Sairsha descia as escadas. Isso era tolice. Ela deveria simplesmente entrar em um beco e usar seu dispositivo para se teleportar.

Ela deveria encontrar uma cidade completamente diferente. Ela deveria esperar na janela até que outra tempestade finalmente começasse.

Mas, ela percebeu, ela tinha passado a desejar a rotina desta cidade.

Ela tinha dado a ela alguma aparência de controle sobre sua vida. Ela gostava deste terraço e das barras ao redor, o beco que era especialmente conveniente para matar.

Então ela entrou no bar.

Alguém perto dela virou-se preguiçosamente em sua direção, então congelou. Ele sussurrou algo para a pessoa ao lado deles — uma mulher baixa — e ela se assustou. Continuou, pessoa após pessoa sussurrando, então encarando, até que a

sala ficou em silêncio.

Isla ficou imóvel. Sua mão avançou em direção à adaga e ao bastão estelar, enquanto ela se perguntava qual usaria primeiro.

Ela não deveria ter vindo. Era um risco, mesmo com um cachecol disfarçando a maior parte do seu rosto. O povo de Nightshade a odiava. Se soubessem que ela era a esposa de Grim — a rainha-cobra — ela poderia não conseguir se conectar ao portal antes que eles atacassem.

Sairsha apenas riu. “Não ligue para eles. Eles estão apenas impressionados com sua presença.” Eles sabiam. Ela deu um passo para trás.

“É você mesmo”, disse uma voz, enquanto Isla se virava para correr. “O destruidor de corações.” Sua mão parou a poucos centímetros da maçaneta da porta.

Heartripper? Ela precisava começar a adicionar mais variedade às suas mortes.

Claramente, ela fez disso sua assinatura.

Ela respirou novamente.

"Eu disse que a conhecia." A mulher entrelaçou o braço com o de Isla, e ela teve que se impedir fisicamente de se afastar.

Um homem com rosto envelhecido e cabeça calva acenou para ela quando ela passou. “Obrigado por tudo o que você fez,” ele disse a ela, antes de continuar sua conversa.

Lentamente a atenção se desviou dela.

“Você pegou alguma coisa para beber?” Sairsha disse, enquanto levava Isla até um par de bancos vazios que pareciam muito próximos de desabar e estavam cobertos por uma película de substância, provavelmente bebida seca.

“Não,” Isla disse, mantendo a voz o mais baixa possível. Eles não pareciam saber quem ela era além de destruidora de corações — ainda —

mas ela não precisava facilitar para eles descobrirem sua identidade.

Toda vez que alguém na frente olhava por cima do ombro para ela com curiosidade, ela ficava tensa. Ela se lembrava de que não levaria muito tempo para se teleportar. Ou tocar seu colar, invocando Grim em um instante. Mas então, ele provavelmente acabaria matando cada pessoa nesta sala. E se perguntando por que sua esposa estava neste bar para começar.

Sairsha retornou alguns momentos depois, batendo uma caneca grande na frente dela. “Caso você mude de ideia,” ela disse. “Nossa pequena santa deve estar seca.”

Santa. Era ridículo o quão ridícula era essa palavra, quando aplicada a ela.

Isla assentiu em agradecimento, sem planejar tomar um gole.

A mulher pareceu sentir o motivo de sua hesitação. Ela levantou uma sobancelha, encontrou uma caneca vazia sobre uma mesa, despejou metade da bebida oferecida nela, levantou-a em comemoração e tomou um gole generoso.

“Decididamente não é veneno,” ela disse com uma piscadela. Então, ela se virou novamente e se juntou aos outros.

A curiosidade levou a melhor sobre Isla alguns minutos depois.

Quando ninguém estava de frente para ela, ela rapidamente puxou o cachecol para baixo, tomou um gole hesitante e lutou para não engasgar. Sim. Decididamente não era veneno. Ainda assim, decididamente nojento.

Mais uma vez, Sairsha não cumpriu sua palavra.

Eles formaram uma rotina. Depois que Isla terminava de andar pelas ruas, ela visitava o bar por alguns minutos. Estava cheio das mesmas pessoas todas as vezes.

“Por que você vem aqui toda noite?” Isla perguntou a ela um dia.

Sairsha deu de ombros. “Eu estava procurando por uma espécie de família.” Ela sorriu enquanto olhava para os outros. “Nós todos nos conhecemos. Temos reuniões, às vezes, para tentar tornar nossa cidade melhor. Nosso futuro melhor.

Estamos unidos por um propósito. E isso, eu descobri, pode ser mais forte que sangue.” Propósito.

Todas as noites, elas compartilhavam uma bebida; e todas as vezes, Isla fingia gostar da cerveja quente que tinha um gosto de ter azedado há muito tempo. Mas Sairsha parecia adorar e jogava a cabeça para trás e ria enquanto contava histórias para Isla sobre sua família e sobre crescer em uma pequena vila nas montanhas. Era legal.

“O que você acha do governante?” Isla perguntou um dia, curiosa.

Sairsha pensou muito e profundamente. “Ele é justo. Muito mais justo que seu pai, ou qualquer outro, ouvi dizer. Sempre que há algum tipo de problema, ele é sempre o primeiro a chegar. Ele não envia outros. Durante as maldições, ele mesmo construiu os túneis com seu grande poder. Ele passou anos criando-os. Certificando-se de que estávamos todos seguros e tínhamos provisões suficientes. Ele os entregava pessoalmente.”

Ela não sabia por que isso a chocou, mas chocou.

Isla se lembrou dele lutando contra os dreks. Levando o peso do ataque ele mesmo. Aparecendo em seu quarto, devastado por ferimentos e sombras.

Ele não se escondeu atrás de um palácio. Ele estava lá, no meio da confusão, o tempo todo. Ele colocou as necessidades do seu povo acima das suas.

Exceto quando se tratava dela.

Ela tinha acabado de se deitar naquela noite quando Lynx a cutucou.

“Deixe-me dormir”, ela disse, virando-se para o outro lado. Ela mal conseguia descansar um punhado de horas por dia, graças à sua insistência em bancar a justiceira toda noite.

Lynx soltou um rosnado e a empurrou para o chão.

Ela caiu em uma pilha de cobertores e olhou para ele através da escuridão.

"O que é?"

Os olhos verdes dele brilhavam a poucos centímetros dela. Ele gesticulou em direção ao vidro. A janela.

Houve um leve som de batida, claramente não era o vento. O tentilhão-da-tempestade estava dormindo em sua gaiola.

Batendo?

Lynx parecia insistente.

Ela estendeu a mão para seu colar e Lynx rosnou.

Isla abaixou a mão. “Tudo bem. Se eu morrer, a culpa é sua”, ela disse ao seu leopardo, e agarrou sua lâmina em vez disso.

Ela abriu a cortina.

Sua adaga caiu no chão.

Havia uma figura, bem do lado de fora da janela dela, preenchendo-a como um deus. Oro.



OceanofPDF.com

TARTARUGA-TEMPESTADE

O pânico tomou conta do seu peito. Isso tinha que ser um sonho—uma ilusão.

Mas os olhos âmbar de Oro estavam claros, ele estava bem ali. Mesmo sem seus poderes, ela conseguia sentir a ligação entre eles, mais tênue do que antes, graças às pulseiras.

Por um momento, ela sentiu alegria, calor, alívio, como se estivesse mergulhada

na luz do sol depois de semanas na escuridão.

O medo o substituiu.

Se Grim o encontrou aqui, se alguém o fez, ele...

Ela abriu a janela e o puxou para dentro.

Oro quase caiu no chão. Ele estava com frio, tremendo. Ele tinha crescentes escuros sob os olhos.

Ele tinha voado até aqui, através do mundo. Deve ter levado dias.

“O que você está fazendo aqui?” ela exigiu, procurando loucamente pelo pulso dele. Ainda estava forte. Era uma maravilha que ele não estivesse quase morto.

Oro apenas olhou para ela. Ele pareceu ficar sem palavras por um momento. Lynx trouxe um cobertor com os dentes e o cobriu.

Criatura traiçoeira.

Oro se esticou para trás e acariciou Lynx na perna. Ele se enrolou atrás dele e ronronou.

“O que você está fazendo aqui?” ela repetiu. Sua voz estava abafada.

Qualquer sinal de pânico, e Grim estaria aqui em um instante. Era o quarto dele, afinal. O quarto deles.

Isso foi ruim. Muito ruim.

“Nosso vínculo enfraqueceu. Fiquei preocupado que algo tivesse acontecido com você.”

Ela levantou os pulsos, para mostrar suas pulseiras. “Elas bloqueiam meu poder.”

Oro franziu a testa. Seu olhar percorreu os braços dela, o peito, o rosto. Ele a revistou rapidamente, como se procurasse por qualquer sinal de que ela tivesse sido machucada. Então, seu olhar percorreu a sala, como se meio que esperasse ver que ela tinha sido trancada em uma prisão.

“Você voou pelo mundo para ter certeza de que eu estava bem?”

“Claro que sim,” ele disse bruscamente. Sua respiração estava difícil.

“Você poderia ter enviado outra pessoa. O risco, é—”

“Eu não confiava em mais ninguém.” Ele olhou para ela, e ela entendeu o que ele queria dizer. Ele não confiava em mais ninguém para não matá-la à primeira vista. Ela era a traidora.

No entanto, ele estava aqui.

Lágrimas se acumularam em seus olhos. Ela não conseguia acreditar.

Tantas noites, ela tinha apertado o colar de rosas douradas contra o peito e pensado nele antes de enterrar as emoções.

Isla sabia que deveria mandá-lo embora. Ela sabia que era um risco para ele.

Mas ela não conseguiu se impedir de lentamente estender uma mão para tocar seu rosto. Os olhos dele se fecharam quando a palma dela pressionou sua bochecha. Enquanto os dedos dela roçaram seus lábios. Ela fez menção de se mover, e a mão dele se enrolou em seu pulso, mantendo-a ali.

“Oro”, ela disse, com a voz áspera.

“Isla.” E o jeito que ele disse o nome dela... foi quase a ruína dela. Ela quase jogou os braços em volta dele, quase o beijou, quase fez mil coisas estúpidas que só terminariam em mais confusão e desgosto.

Mas então um som cortou a escuridão. Um tom como uma garra raspando a própria noite, quase doloroso, totalmente lindo.

Com a mão ainda contra o rosto dele, ambos se viraram lentamente em direção à gaiola intrincada no quarto dela, e ao pequeno pássaro azul sentado dentro dela. Medo e esperança caíram pelo estômago de Isla.

O tentilhão-da-tempestade estava cantando.

Ela se virou para olhar para Oro, olhos tão arregalados que lacrimejavam. Eles

tinham apenas alguns segundos. Grim ouviria o pássaro. Ele faria um portal aqui, para que pudessem entrar na tempestade.

Ela tinha que chegar até Grim primeiro. Mantê-lo longe do quarto dela.

Se ele encontrasse Oro aqui...

Flashes da batalha deles ecoaram em sua mente. Sangue, por todo lugar. Ela, gritando para o céu, observando-os quase se matarem.

Sua voz saiu de dentro dela. “Eu tenho que ir.” Ela se levantou, imediatamente sentindo falta do calor fraco que tinha começado a irradiar dele. “Fique aqui. Fique escondido.”

O tentilhão-da-tempestade continuou seu canto. Estava ficando mais alto. Grim estaria a caminho.

As sobrancelhas de Oro se juntaram. Ele parecia meio pronto para exigir ir com ela, mas antes que pudesse dizer uma palavra, ela agarrou suas roupas em um punho, então o bastão estelar, e se teleportou para o quarto de Grim.

Ele estava parado no centro, a meio momento de olhar em direção a ela.

“Devoradora de corações”, ele disse, a boca mal se movendo, como se por instinto. Seus olhos se encheram de surpresa e felicidade por menos de um segundo, antes de se estreitarem em confusão. Ele estava olhando para as roupas de dormir dela. Provavelmente se perguntando por que ela não havia se trocado em seu próprio quarto.

Seu coração batia tão alto que ela se perguntou se ele conseguia ouvir.

Suas emoções estavam desenfreadas. Grim estava sentindo uma tela de alívio, devastação e medo—

“E-eu preciso de ajuda”, ela disse rapidamente.

O tentilhão-da-tempestade ainda estava cantando. Ela conseguia ouvi-lo fracamente, mesmo do fundo do corredor. Grim gostaria de ir até ele?

Ela se virou num piscar de olhos, oferecendo as costas para ele. “Os botões. Não

consigo alcançá-los.”

Era mentira. Ela estava grata por ele não ser Oro, porque ele teria percebido ela em um momento, com seu talento. Havia apenas cinco botões. Ela poderia facilmente girar e pegá-los, mas ela fez um som frustrado e puxou o cabelo por cima do ombro, para permitir que ele tivesse acesso.

Por um momento, ele não se moveu um centímetro. Ele já devia ter alertado um guarda, porque em algum lugar distante um sino começou a tocar, alertando as vilas próximas de uma tempestade que se aproximava.

O aviso se espalharia por Nightshade.

Eles não tinham muito tempo. Precisavam subir aos céus rapidamente e seguir as instruções de Azul.

Mas o tempo pareceu parar enquanto os dedos frios de Grim roçavam sua espinha. Seus ombros se ergueram.

“Desculpe,” ele disse, em algum lugar perto do ouvido dela. “Você está... muito quente.” Ela engoliu em seco, o pulso acelerado, pensando na pele de Sunling que ela tinha acabado de tocar. O calor que a havia preenchido como um gole de ar de verão.

O pânico aumentou, sabendo que ele ainda estava no quarto dela. A apenas algumas paredes de distância.

Ela se virou para olhar Grim bem nos olhos, tentando distraí-lo de pensar em qualquer coisa. “Está tudo bem. Não pare.”

O olhar dele não deixou o dela enquanto ele desabotoava o próximo botão. Então o próximo. Então o próximo. Até que todos eles estavam prontos, e as alças dela estavam penduradas nos ombros, costas completamente expostas. Corpo virado para longe dele, mas olhos nos dele, ela deixou o vestido de noite cair no chão. Observou a garganta dele se mover.

Então, ela se virou para a parede. Ela encolheu os ombros em sua camisa de mangas compridas e calças. Ela não sabia se ele estava assistindo, mas quando ela tinha tudo no lugar, ele estava de frente para a parede.

“Pronta?” ela disse.

Ele assentiu.

E ele transportou os dois para Wraith.

A noite estava sem estrelas. A escuridão parecia ferver, cheia de algo que ela não conseguia ver, mas que ambos conseguiam sentir.

Wraith se movia silenciosamente pelo céu, cada vez mais alto, até que Nightshade se perdeu abaixo.

“Preocupada, Devoradora de Corações?” Grim disse, inclinando-se para que ela pudesse ouvi-lo através do vento.

Ela engoliu em seco. Claro que estava preocupada. Oro estava em seu quarto — no quarto de Grim — bem no centro da terra de seus inimigos.

Ele tinha voado pelo mundo. Ele poderia ser descoberto em um instante.

Quanto tempo ele esperaria?

“A tempestade,” ela disse com toda a confiança que conseguiu reunir.

“É nossa melhor chance de encontrar o portal.”

Era verdade. Eles esperaram semanas por esse momento. Seu polegar mexeu no anel de Azul. Uma energia o percorreu, a tempestade interior girando suavemente.

Grim ficou em silêncio tempo suficiente para que ela pudesse espiar por cima do ombro para ele.

Ele estava olhando para ela.

Ela o conhecia, então podia ver a leve decepção em sua expressão, a pitada de tristeza. “O quê?”

Ele inclinou a cabeça para ela, bem de leve. “Só queria que você não sentisse a necessidade de guardar tantos segredos de mim.”

Seus membros ficaram sem ossos. Sentimentos se derramaram por ela, sem controle — surpresa, culpa e medo. Ela sabia que ele podia senti-los.

Sabia que era inútil dizer, em uma voz como se tivesse sido arrancada dela,

"Que segredos?"

Grim de alguma forma sabia sobre o rei em seu quarto? Ou sobre a profecia? Ela sentiu a necessidade repentina de correr, embora não soubesse como. Ela tinha esquecido seu starstick no quarto de Grim.

Justo quando ela quase perdeu o controle sobre os cumes de Wraith, com as palmas das mãos escorregadias de suor, ele disse: "Você foi ver o áugure."

Ela sentiu-se aliviada — e quase imediatamente substituída por cautela.

“Como você sabe disso?”

Os olhos dele se estreitaram para ela. "Você está morrendo. Você não acha que eu tenho tentado encontrar todas as maneiras possíveis de te salvar?" Certo.

Ela deveria saber, deveria ter esperado que o mesmo homem que travou uma guerra para salvá-la não aceitaria simplesmente seu destino.

Ela deveria ter ficado aliviada por ele estar buscando uma maneira de salvá-la e a Nightshade que não terminasse na destruição de Lightlark. Em vez disso, tudo o que ela sentia era preocupação. O quanto o áugure havia lhe dito?

"E?"

Grim abaixou o olhar, então. Ele estava olhando para baixo, para as nuvens escuras que tinham começado a se reunir. Sua mandíbula se apertou. “Como eu suspeitava, a única chance de salvá-la permanentemente é o outro mundo.”

Ela sabia que sua morte era iminente... mas não doeu menos ouvir isso. Restavam apenas alguns meses de inverno. Cada dia estava mais frio.

Será que ela sentiria o calor do verão novamente?

“Reconsidere,” Grim disse, encontrando os olhos dela novamente. Sua voz era

firme.

Desesperado, até.

"O que?"

“Usando o portal em Lightlark.” Ele se inclinou em direção a ela. Ele soltou Wraith com uma mão e alcançou sua bochecha. Seus dedos estavam tremendo e frios contra sua pele, tão em desacordo com o calor de Oro.

“Reconsidere. Vamos passar por isso. Deixe-me salvá-la.” Sua voz falhou nas palavras. Parecia extremamente difícil para ele se conter em simplesmente levá-la para Lightlark agora mesmo e carregá-la através do portal ele mesmo.

Mas ele estava ouvindo-a. Ele estava respeitando os desejos dela. Ele estava tentando.

Seus olhos ardiam enquanto ela balançava a cabeça. Não importava o quanto ela quisesse viver — viver de verdade, com a liberdade que sua posição nunca permitiria — ela não condenaria milhares à morte, só para se salvar. "Eu não posso. Eu—"

Sua pele arrepiou. O vento mudou para um tom diferente, um som agudo que a fez estremecer. Algo em seu corpo parecia cantar, puxado em direção a uma força que ela não conseguia ver. Seu couro cabeludo estava sensível, o metal de suas pulseiras tremia contra seu pulso. Grim cambaleou para frente, como se para protegê-la, pouco antes dos céus ao redor deles se despedaçarem.

Sua respiração foi arrancada de seus pulmões quando ela foi jogada contra o peito de Grim. Ele a pegou com uma mão em volta de sua cintura enquanto Wraith era arremessado para trás por uma rajada de vento que parecia ter a intenção de derrubá-los.

O céu tinha adquirido aquele tom estranho novamente — espirais verdes e roxas se formavam ao redor deles. Seus ouvidos zumbiam. Ela lutava para respirar.

Algo a atingiu no braço. Seu sangue estava quente contra sua pele congelada.

“Algo está errado. Estamos indo embora”, disse Grim.

Suas palavras saíram cruas. “Não! É o nosso único—” Ela cortou bruscamente quando sua perna foi cortada, até o tornozelo, bem através de suas roupas. Impossível. Suas calças eram feitas de um tecido que supostamente era quase impenetrável.

“Chega disso.” Grim estendeu a mão para transportá-los para longe.

Não aconteceu nada.

Ele congelou atrás dela. Tentou de novo. Ela podia ouvir sua frustração como um rosnado. Então, ele estava se lançando para frente, para bloquear outro objeto voando pelo ar, bem em seu rosto. Ele o pegou em seu punho.

Ele se encolheu como se o tivesse queimado, antes de largá-lo. Parecia um pedaço de metal, mas carbonizado, em chamas.

Pareciam as pulseiras dela.

“Meu poder não está funcionando,” ele disse sobre o rugido do vento.

Esta tempestade... era muito pior do que a anterior. Não havia metal naquela, não que ela tivesse visto. Wraith estava se movendo mais rápido do que nunca. Em segundos, ela mal conseguia manter os olhos abertos contra a força da tempestade. O dragão chicoteou para o lado de repente, quase a jogando para fora de suas costas.

O metal feito de sombra caiu como granizo. Os pedaços estavam ficando maiores. Ela se abaixou, mal desviando de um amontoado do tamanho de seu punho.

“Deveríamos voltar,” Grim disse, seu aperto nela aumentando. Wraith caiu para evitar algo que ela não conseguia ver, e seu estômago embrulhou.

“Ainda não. Diga a ele para ir mais alto.”

"Coração-"

“Diga a ele”, ela disse, olhando para o anel em seu dedo mais longo.

Nada estava acontecendo, ainda não. Eles não deviam estar no coração da

tempestade. Ele xingou, então gritou ordens para Wraith. A princípio, ela temeu que ele tivesse ignorado seus desejos e dito ao dragão para voltar para o castelo. Em vez disso, eles começaram a subir pelos céus.

Aqui em cima era pior.

A energia estava quase falando com ela, um sussurro, uma adaga finamente forjada esfolando sua pele. Os pedaços de metal eram menores, mas mais abundantes, grossos como chuva, cortando-a em cada centímetro.

“Não vamos subir mais”, disse Grim.

"Mas-"

O céu escolheu aquele momento para tremer e se despedaçar ao redor deles.

O relâmpago caiu, o trovão respondeu.

“Tudo bem,” ela disse entre dentes. Ela se certificou de que seu aperto estava firme. Grim não tinha suas sombras para mantê-la no lugar. Se ela caísse, seria para sua morte.

Com uma expiração calma, ela levantou um braço no ar, oferecendo o anel em seu dedo para a tempestade.

Um segundo. Dois. Três.

Algo arranhou seu dedo. Era o metal, se movendo, girando lentamente em torno de sua pele, sozinho. Era quase como se o fragmento de tempestade dentro do anel estivesse tentando escapar. Ele estava pulsando, como uma batida de coração. Ela olhou para cima e viu que brilhava fracamente. Parecia que o poder interior estava chamando.

Com um clarão que quase a cegou, a tempestade respondeu.

Relâmpago. Correndo direto em sua direção. Parando bem perto do anel, cegando-a completamente por segundos.

Ela sentiu o gosto do poder na língua, como metal na boca, como sangue. A pedra parecia quente contra seu dedo, absorvendo um pedaço dela.

Outro golpe, este muito perto, e Wraith foi impelido para longe pela força dele, asas batendo descontroladamente para recuperar o equilíbrio.

Grim agarrou seu quadril com uma das mãos para mantê-la firme.

Ela abaixou o braço e olhou para o anel. Lá dentro, verde e roxo se entrelaçavam com o fragmento, em fios finos, como tranças. Eles formavam uma nova cor brilhante.

Esta era a chave para encontrar o portal. A chave para salvar Nightshade.

Segundo o áugure, a chave para dar a si mesma mais tempo de vida.

Uma dor lancinante irrompeu na parte de trás da cabeça dela, de algo que a havia cortado. O metal. Estava ficando maior agora, mesmo aqui em cima.

“Abaixe-se!” Grim gritou em meio ao rugido, e ela o fez, mas isso dificilmente ajudou. A tempestade tinha engrossado. Ela foi bombardeada por metal em todas as direções, como um exército de estrelas ninja, até que Grim cobriu todo o seu corpo com o dele.

Ela se lembrou dele protegendo-a das flechas na caverna. Lembrou-se dele pegando cada uma delas. Ele fez a mesma coisa agora, sendo esfaqueado mil vezes por pedaços cada vez maiores.

Seus poderes ainda não estavam funcionando. Se estivessem, ele os teria envolvido em sombras. Ele os teria teleportado para longe.

Eles ficaram presos nessa tempestade.

Grim gritou ordens para Wraith descer. Eles perderam o ar rapidamente quando Wraith caiu — tão rápido que a mão de Isla escorregou.

E com isso, seu aperto no anel.

Ela observou com lentidão agonizante o anel cair no ar, em direção a Nightshade, desaparecendo através de uma espessa camada de nuvens.

Sua única chance de encontrar o portal. Foi-se.

Por instinto, ela foi atrás. Ela não tinha plano, nem poderes, nem starstick — antes que ela pulasse da borda, Grim a estava puxando de volta.

"O que diabos você pensa que está fazendo?" ele exigiu enquanto a prendia no lugar, protegendo-a com seu corpo enquanto continuavam a descida. Sangue pingava de cada centímetro exposto dele, ele tinha sido cortado em mil lugares, mas ele não parecia estar focado em nada além dela enquanto seus olhos se enchiam de raiva.

"Precisamos pousar!" ela gritou. "Essa era nossa única chance!" Ela não reconheceu sua própria voz, sua própria insistência, sua própria imprudência.

Sua vida estava ligada à de milhares, mas naquele momento tudo o que importava era aquele fragmento de tempestade.

Ela não tinha nenhum outro anel. Poderia usar outra pedra para prender a tempestade? Seu colar. Ela pegou a pedra em volta do pescoço.

Mas antes que ela pudesse envolver os dedos no objeto, um rugido cortou a tempestade como uma lâmina cortando-a ao meio.

"O que nos reinos é isso?" ela sussurrou, a respiração de Grim quente contra o topo de sua cabeça, as escamas de Wraith molhadas e frias sob sua bochecha. Ela lentamente virou o pescoço, para olhar para cima.

O céu ficou vermelho.

E daquelas nuvens manchadas de sangue emergiu uma criatura emitindo espirais de chamas.

Não. Não são chamas.

Raio.

Ela se virou para Grim. "Pode Wraith—"

"Não," Grim disse e ele—ele parecia com medo. Com medo como quando ela estava morrendo em seus braços. Em um empurrão desesperado, ele pressionou os dois contra as escamas frias e escorregadias de chuva de Wraith. Ele gritou contra o rugido da tempestade, e Wraith começou a se inclinar para baixo, para

recuar.

Era tarde demais.

Raios dispararam em direção a eles, iluminando tudo, partindo-se em cacos.
Raízes em chamas.



Um atingiu Wraith bem no pescoço, e ele travou. Suas asas ficaram imóveis. Ele se inclinou para o lado.

E então, eles estavam caindo.

OceanofPDF.com

QUEBRADO

Seu peito queimava.

Era como se sua pele cicatrizada, bem onde o coração de Lightlark a havia marcado, estivesse em chamas. Essa sensação foi o que a acordou enquanto ela caía pelo céu, o vento chicoteando-a violentamente pelo ar.

Sombrio. Fantasma.

Ela tentou olhar ao redor, mas não conseguia ver nada além da névoa ofuscante.

O vento chicoteava violentamente, jogando-a pelo ar enquanto ela despencava, sua pele em carne viva e sangrando. Era isso. Seus poderes se foram. O metal os teria silenciado de qualquer maneira. Seus membros se agitavam enquanto ela lutava contra o inevitável.

Um soluço arranhou sua garganta quando as nuvens se dissiparam, e ela conseguiu olhar para o chão que se precipitava em sua direção.

Foi substituído por uma asa.

Ela bateu contra a pele coriácea, e então contra alguém — Grim.

Wraith pegou os dois, e se dobrou em si mesmo, protegendo-os do metal que já os havia marcado em todos os lugares. Encasulando-os em suas asas que não funcionavam mais, enquanto eles caíam. Caíam.

Eles caíram como uma estrela cadente e, então, só restou escuridão.

Ela engasgou, tossindo água. Sua garganta queimava com sal. Seus olhos ardiam enquanto ela lutava para abri-los, enquanto ela agarrava qualquer coisa que pudesse— Apenas para se encontrar em terra firme.

Grim estava na frente dela, segurando seu cabelo para trás enquanto ela vomitava água do mar.

"O que-"

“Meu poder retornou pouco antes de atingirmos o chão. Eu nos transportei para o mar para o impacto, e então de volta para cá.” Ela se virou para ver que estavam em um penhasco desconhecido. Estava congelando, um frio que ela sentia nos ossos. Uma camada de neve congelava tudo.

Seu peito ainda estava queimando.

Espectro.

Os joelhos dela quase dobraram enquanto ela tentava se levantar, tropeçando para longe da ajuda de Grim, olhando ao redor freneticamente, apenas para encontrar Wraith ao seu lado, a alguns metros de distância. Ela correu em direção a ele, arrastando-se para frente, toda dolorida.

Ela pressionou a palma da mão contra ele, as lágrimas já turvando sua visão.

“Ele está ferido, mas vivo,” Grim murmurou. Sua voz estava dolorida.

As asas dele. Elas estavam rasgadas e ensanguentadas, despedaçadas pelos pedaços de metal voando pelo céu, algumas ainda incrustadas em sua pele coriácea.

Havia uma marca parecida com uma estrela em seu pescoço, onde o raio havia caído.

Deve ter doído imensamente. Ainda assim, ele os havia protegido.

Enrolado suas asas ao redor deles, mesmo quando estava caindo em direção ao chão. Ele havia se sacrificado para salvá-los, sem qualquer hesitação.

Lágrimas rolaram por suas bochechas. Isso era culpa dela. Era culpa dela que eles estivessem na tempestade em primeiro lugar. Ela deveria ter ouvido Grim — deveria ter deixado que ele os virasse.

Foi tudo em vão. O anel estava perdido. Eles poderiam procurá-lo, mas estavam tão alto... poderia estar em qualquer lugar.

Ela olhou para o céu. A tempestade havia se movido. Ela mal conseguia vê-la agora, embora estreitasse os olhos, procurando por outro par de asas.

“A criatura—”

“Se foi. A tempestade passou... e com ela... tudo.”

Os joelhos de Isla finalmente cederam, e a neve estava fria contra suas pernas enquanto ela se enterrava nela.

Ela piscou, e eles estavam de volta aos estábulos. Wraith estava gemendo, respirando de um jeito que parecia doer.

“Onde está o elixir de cura restante?” ela exigiu. Os frascos no castelo tinham sumido, mas tinha que haver mais.

“Se sobrou alguma coisa, está com os Selvagens.”

“Pegue. Cure-o”, ela disse, sabendo que ele faria isso. Eles tinham se unido. Ela podia ver a preocupação clara em seu rosto.

Ela queria ficar com o dragão, tirar cada pedaço de metal das asas de Wraith ela mesma, mas havia algo que ela precisava fazer primeiro.

Grim olhou para as dezenas de lágrimas em suas roupas antes impenetráveis. O sangue que as manchava. “Deixe-me ajudá-la primeiro,”

ele disse, caminhando em sua direção.

Ele ia levá-la para o quarto. Ajudar a enfaixar os ferimentos dela.

Ajudá-la a vestir roupas novas.

A sala onde Oro estava naquele momento.

“Não,” ela disse, tão alto que ele parou. “Por favor—por favor, vá com Wraith. Eu—eu me sinto tão culpado.” Era verdade. Ele seria capaz de sentir essa culpa agora, misturada com pânico inegável. “Me transporte para seu quarto, por favor. Eu vou pegar o bastão estelar, me arrumar e te encontrar na fortaleza dos Selvagens.”

Ela não estava respirando enquanto o observava observá-la —

estudando-a mais atentamente do que gostaria naquele momento.

Ele poderia ignorar os desejos dela e ajudá-la de qualquer forma, portal para os dois agora mesmo. Não era como se ele não tivesse feito isso antes.

Lentamente, ele estendeu a mão em direção a ela.

Os dedos dele se fecharam em volta dos dela.

Os estábulos desapareceram, substituídos pelo quarto dele. Ela pegou seu starstick e se teleportou para o seu próprio.

Ela foi imediatamente engolfada pelo calor. Ela se agarrou, virando-se para ver se Grim também estava lá, se ele havia mudado de ideia — mas havia apenas Oro, braços em volta dela, seu calor quase cortante contra o frio de sua pele.

"Você está congelando", ele disse em sua têmpora.

Atrás dele, ela viu o tentilhão sentado calmamente em sua gaiola. Lynx se erguia atrás de Oro, olhos arregalados de preocupação. Dentes cerrados de fúria.

“O que aconteceu?” Oro perguntou, parecendo tão preocupada quanto Grim estivera alguns minutos antes. Ela estava coberta de cortes e sangue; seu cabelo e roupas ainda estavam molhados.

Não havia tempo para explicar. Ela tinha que tirar Oro dali. Precisava voltar para Grim rapidamente, para que ele não viesse e a verificasse.

“Volte comigo. Para sempre.” As

palavras de Oro eram firmes.

Suplicantes.

Ela fechou os olhos. Eles ainda queimavam de lágrimas e água salgada.

“Não posso.

Você sabe que eu não posso.”

A mão quente dele pressionou gentilmente contra a bochecha dela, e os ombros dela se ergueram. Ela abriu os olhos para encontrá-lo olhando para ela, acesos como se contivessem chamas.

“Eu sei que você acha que estar aqui é a única maneira de salvar Lightlark, eu sei que você fez isso por nós, mas você não pode ser o custo disso. Eu não vou deixar você ser.

Tem que haver outra maneira, outra—”

“Não há.” Ele não entendeu. “Se você matar Grim, eu morrerei, e todos os Nightshade também.”

“Matá-lo não é a única maneira de pará-lo. Você poderia nos ajudar.

Poderíamos prendê-lo. Ninguém teria que morrer.”

“Eu vou morrer,” ela disse. “Logo.” E antes disso, de acordo com a profecia, ela cravaria uma lâmina no coração de Grim ou de Oro.

“Nós encontraremos outro jeito.” Ele não parecia derrotado... ele parecia determinado.

Oro não iria parar de lutar por ela; ela sabia disso, mesmo que ele devesse. Ela se lembrou das palavras de Enya. Ele amá-la era perigoso. Isso o deixava fraco.

Mesmo sem a profecia, ela era má para ele. Ela o fez esquecer seu dever. O fez fazer coisas imprudentes como arriscar a vida dele e de todo o seu povo viajando pelo mundo para a terra de seus inimigos. O rei que ela conheceu no Centenário nunca teria feito isso.

Ela estava envenenando-o.

Ela não o merecia e estava arruinando-o.

Quebre-o, disse uma voz em sua mente. Certifique-se de que ele nunca mais te procure. Faça com que ele te odeie.

Seu coração estava queimando de novo, quebrando, mas por razões completamente diferentes. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela sentia tanta falta dele. Ela sentia falta do seu toque, mas também muito mais. Ela sentia falta das conversas deles antes de dormir. O jeito como ele esquentava suas meias porque ela sempre tinha os pés frios. O jeito como ela o pegava estudando-a, como se ele sempre soubesse que isso era temporário, que acabaria, e ele queria

gravá-la na memória.

Ela não respirou enquanto o polegar dele lentamente descia por sua mandíbula, até seus lábios. Enquanto sua pele calejada raspava em sua boca. Continuou descendo por seu pescoço, até que ele alcançou seu colar.

Ele deixou a mão cair como se tivesse se queimado.

Os olhos dele dispararam para um canto do quarto dela. Parecia que na ausência dela ele tinha notado a pilha de punhais que ela tinha tirado das calças. Eles ainda estavam ensanguentados. Ela não os tinha limpado ainda.

Para estar seguro, ele precisava esquecê-la.

Para ele parar de procurá-la, ele precisava odiá-la.

“Eu uso isso para matar pessoas”, ela disse firmemente. Ele encontrou os olhos dela. Eles se estreitaram, porque ele sabia que ela estava dizendo a verdade. Ela não abaixou o olhar dele. “Eu enfiei a faca no coração

deles... e eu gosto disso. Eu perambulo pelas ruas à noite, procurando pessoas para matar. Eu sorrio enquanto a vida deixa seus olhos.”

Ele balançou a cabeça. Mesmo que seu próprio poder lhe dissesse que ela não estava mentindo, parecia que ele não acreditava. "Não. Você não acredita."

“Eu sei,” ela disse, pisando nele, chegando o mais perto do seu rosto que ousou. “Há tanto sangue nas minhas mãos, elas nunca ficarão limpas.

Eu sou o inimigo, Oro. Pare de me procurar. Você não vai gostar do que encontrar.”

Ele respirou fundo, trêmulo. “Não te reconheço, amor.”

"Você não deveria."

Ela agarrou seu bastão estelar, depois ele, e pronto.

Eles estavam de volta ao quarto dele.

O quarto deles. Eles o dividiram por meses. Parte dela doía, realmente doía, para

simplesmente rastejar de volta para aquela cama. Deixar Oro ajudá-la a se aquecer novamente, deixar que aquele calor fosse uma fogueira que vivesse permanentemente em seus ossos, fazendo-a se sentir segura e amada. Ir para a praia com ele, aquela para onde ele havia prometido levá-la.

Ela queria tanto isso que quase caiu de joelhos.

Oro deve ter visto isso em seu rosto. Ele acendeu a grande lareira em seu quarto, para aquecê-la, então pegou seu pulso em sua mão.

“Você não precisa voltar.” Ele estava olhando para o pescoço dela.

Para o colar que a marcava como esposa de Grim. “Nós podemos encontrar um jeito de contornar isso. Você tem uma escolha.”

Ela tinha dois colares. Um, permanentemente em seu pescoço. Outro, ela guardava no bolso das calças que ela mais usava. Aquele com a rosa dourada que ele tinha feito para ela.

Quase a matou, mas ela colocou a mão lá dentro. Agarrou o ouro.

Doeu-lhe dizer as próximas palavras. "Eu sei", ela disse. "E eu consegui."

Isla devolveu o colar de rosas douradas.

Em seus olhos, ela viu dor não filtrada. O rei frio e sem coração de Lightlark se foi. Não, este tinha um coração.

E ela quebrou.

Ela estava prestes a se teleportar para longe, quando a porta da sacada do quarto dele se abriu de repente. Zed entrou. “Você voltou, seu—”

Ele a viu imediatamente, e não hesitou. Ele era rápido, mais rápido que os dois. Em meio segundo, ele tinha seu arco pronto, e antes que a mão dela alcançasse seu starstick, ele tinha três flechas disparando em sua direção.

Uma apontada para o centro da cabeça dela. Uma para o centro do coração dela.

Outra no centro do estômago.

Oro lançou seu poder, um escudo Starling que bloqueou as flechas.

Mas não todos eles. Não a tempo.

Ela olhou para baixo e viu uma delas atravessada em seu estômago.

O calor de Oro encheu a sala. Ele rugiu. "O que você fez?", ele exigiu, e Zed foi subitamente acorrentado ao chão por folhas brilhantes de faíscas de Starling.

Não havia arrependimento no rosto de Zed quando ela caiu de joelhos.

Enquanto a dor inundava seu peito como um incêndio.

“O que você não faria”, disse Zed.

Oro estendeu a mão para ela, chamando água da sacada para curá-la.

Ele tirou a flecha, e ela gritou. Ele trabalhou para fechar o ferimento. Ela não podia ficar ali. Ela tinha que ir. Assim que estava quase todo costurado, ela estendeu a mão para seu bastão estelar e disse, suas palavras apenas um rouco gorgolejado, "Vou me casar com ele de novo."

Oro não sabia das circunstâncias, mas não precisava. Tudo o que ele precisava era ouvir que ela estava dizendo a verdade. "Eu fiz minha escolha. Ela não vai mudar. Não me procure de novo." E então ela se foi.

Zed quase a matou.

Ela se teleportou para a fortaleza dos Selvagens, deu um passo e então caiu no chão. Grim estava lá em um instante, embalando-a em seus braços. Gritando ordens.

As sombras de Grim estavam por todo lugar. “Quem fez isso com você?” ele exigiu, mas ela não disse uma palavra.

Seu poder rugia ao redor deles, ficando mais ruinoso conforme ele começava a entender o silêncio dela. Sua voz era crua quando ele disse,

“Não me diga. Se for alguém com quem você se importa, Isla, não diga uma palavra. Porque nada vai me impedir de apagar cada brasa da existência deles

deste mundo.” Ela sabia que era uma promessa. Ele já tinha feito isso antes.

Oro certamente a odiaria se Grim matasse todos os seus amigos mais próximos... mas ela não podia fazer isso com ele. Eles eram as únicas pessoas que ele tinha, especialmente agora que ela tinha partido para sempre. Então ela permaneceu em silêncio.

Ela ouviu a voz de Wren, mas seus olhos não abriam. O mundo parecia muito pesado, como se ela estivesse sendo arrastada para baixo d'água.

“Este é o único frasco cheio que resta”, ela ouviu Wren dizer.

Grim não hesitou. “Use-o.”

“Wraith—” ela arfou. O elixir era para o dragão. “Por favor.” Grim hesitou por um momento antes de dizer, “Eu mesmo vou costurar o ferimento dela. Use o frasco para o meu dragão.” Ótimo. Ótimo.

Comoção. Então, algo frio contra sua pele. Picando-a. Quebrando-a.

Refazendo os pontos que já estavam ali, aqueles que tinham quebrado porque ela tinha ido embora antes que ele pudesse terminar. Grim tinha que saber quem os tinha feito.

Ele tinha que saber, e isso devia estar matando-o.

Ela se debateu nos braços de Grim enquanto ele costurava sua pele de volta. Ela ofegou por ar. As mãos frias como neve dele correram por suas costas. “Eu sei, coração”, ele disse gentilmente. “Eu sei.”

Zed a feriu.

Ela não deveria estar chocada. Ela era uma traidora. Todos sabiam que garantir a segurança de Lightlark significava acabar com Nightshade.

Ainda assim, foi uma surpresa. A traição parecia crua, mais dolorosa que a ferida em si.

Ela tinha sido muito descuidada. Claro que era um perigo ir para Lightlark, especialmente sem seus poderes.

Ela lamentou Oro. Eles nunca poderiam ficar juntos. Não quando ela viu no que o havia transformado. Não quando os amigos dele a odiavam o suficiente para tentar matá-la. Não havia como voltar atrás. Ela esperava que ele a esquecesse. Ela esperava nunca mais vê-lo.

OceanofPDF.com



CONSEQUÊNCIAS

A tempestade passou e, com ela, sua chance de encontrar o portal.

Vilarejos inteiros foram despedaçados por ventos que foram descritos como mãos caindo do céu, raspando tudo em seu caminho. Criaturas perversas e distorcidas foram vistas novamente, atacando moradores nas áreas mais rurais de Nightshade, longe demais dos túneis para usá-los como abrigo. Seus corpos nunca foram encontrados. Os únicos resquícios deles eram as poças de sangue manchando suas tábuas do assoalho.

Sem o elixir de cura, os feridos morreram.

Isso era só o começo; ela podia sentir. Azul estava certa. Uma tempestade estava chegando, diferente de qualquer outra que este mundo já tinha visto. Eles precisavam encontrar o portal e fechá-lo antes da próxima.

Se ao menos ela não tivesse perdido o anel.

Wraith ainda estava se recuperando. Ela o visitou assim que conseguiu sair da cama. Ele ronronou fracamente. Lynx sentou-se com ele nos estábulos, cuidando dele. Se o dragão não estivesse ferido, ela poderia refazer a rota de voo deles, tentar encontrar a pedra... mas ela sabia que não adiantava tentar. Poderia estar em qualquer lugar.

Grim estava ocupado ajudando as pessoas das aldeias que haviam sido destruídas, embora ela não pudesse deixar de sentir que ele a estava evitando.

Ele tinha que suspeitar que ela tinha estado com Oro. Ele pensaria que ela tinha ficado indo e voltando esse tempo todo?

Ele a consideraria uma traidora, assim como sua corte havia alertado?

À noite, ela não dormia. O estresse a fazia se revirar na cama. Ela precisava de uma válvula de escape para isso.

Ela voltou para o telhado pelo portal.

Sairsha já estava lá, esperando. Ela olhou para ela. “Gostaria de saber se você

viria hoje à noite”, ela disse. Ela tinha uma garrafa inteira de vinho com ela.

Isla sentou-se ao lado dela. Ela não disse uma palavra por vários minutos, perdida em seus próprios pensamentos, até que Sairsha inclinou a cabeça para trás, dando um longo gole na bebida.

“Algo errado?” Isla perguntou, seus olhos treinados na rua. No começo, a presença da mulher tinha sido irritante. Agora, era um conforto.

Sairsha bebeu profundamente. “A tempestade destruiu minha casa.”

Isla se virou para encará-la. “Sério?” Ela não deveria ter ficado chocada.

Dezenas de casas foram dizimadas.

Ela assentiu. “Não aquela em que eu moro atualmente. Aquela em que eu cresci.” Ela deu de ombros. “Faz um tempo que não vou lá, só é estranho ver tudo sumir.” Houve um leve tilintar quando ela colocou a garrafa no chão. “A família está toda morta. Alguns foram levados pelas maldições. Outros pelas tempestades, ao longo dos anos. Outros apenas pelo tempo. A casa é tudo o que sobrou, e agora ela também se foi.” Ela deu de ombros. “O lugar em que eu moro agora é ótimo. O bar é ótimo. Só me faz pensar se o único lar que terei está perdido.”

Isla sabia como era sentir como se seu lar tivesse sido arrancado.

“Sinto muito”, ela disse. “Espero que você encontre outro lar. Um melhor.”

Com isso, Sairsha sorriu. “Eu também espero.” Logo depois, ela a deixou sozinha. Na noite seguinte, ela retornou. Ela encontrou Sairsha no bar. Um grupo de mulheres conversava animadamente sobre o casamento que se aproximava. Elas estavam falando sobre os vestidos que tinham costurado especialmente para a ocasião.

“Ouvi dizer que o casamento é falso”, disse alguém. “Ouvi dizer que eles nem se toleram.”

Outra pessoa resmungou. “Acho que veremos em breve.”

Isla ficou grata pelo cachecol enquanto fazia uma careta, tentando não pensar no

fato de que Grim não tinha sequer falado com ela nos últimos dias.

Ela havia presumido que a cerimônia seria cancelada devido à tempestade, mas agora parecia mais importante do que nunca. O moral

estava baixo, mas a conversa sobre a tempestade havia sido substituída pela excitação pelo casamento.

Os dias se passaram sem tempestades, e Isla passava as manhãs procurando o anel e as noites no telhado de sua casa.

Naquela noite, ela estava rastreando um homem que havia matado sua esposa e agora estava foragido. Ela o estava observando por dias, esperando o momento perfeito, pois havia rumores de que ele era um portador poderoso. Ela não podia usar suas habilidades, então ela precisaria surpreendê-lo.

Ela estava esperando no beco onde ele havia escondido seus pertences, quando ele entrou. Antes que ele pudesse invocar suas sombras, ela estava lá, tirando vantagem de sua surpresa. A Nightshade estava contra a parede antes que ele pudesse piscar, sua lâmina estava através de sua traqueia antes que ele pudesse invocar um grito. Sangue escorria quente por sua mão, infiltrando-se nos tecidos pretos que ela jogaria fora até o fim da noite.

Com sua última energia restante, sua mão produziu uma sombra afiada como uma espada, e ela suspirou. Ele ainda era muito forte, mesmo com uma faca enfiada em sua garganta. Ela estava mudando suas técnicas de matar, não querendo que sua reputação de destruidora de corações se espalhasse, mas agora ela não tinha muita escolha. Coração, então.

Ela forçou a lâmina para fora do pescoço dele e através do peito dele.

O homem cambaleou contra a parede, e ela franziu a testa. Ainda não estava morto. Ela empurrou a lâmina mais fundo. Ele era mais forte do que ela estava acostumada.

“Um pouco mais forte, coração,” uma voz disse perto do ouvido dela.

“Preciso passar pelas costelas.”

Isla se assustou, e o homem que ela havia prendido sob sua lâmina investiu, mas

uma mão forte se curvou sobre a dela, mantendo-a firme.

Com sua força adicional, ela atravessou seu coração. O homem caiu da parede.

Isla virou-se lentamente para encarar Grim, que estava pairando sobre ela. Ela engoliu em seco. Desculpas encheram sua mente. Ela abriu a boca para expressar uma delas, mas Grim inclinou a cabeça para ela, desafiando-a a tentar explicar sua saída.

Ele pareceu se divertir com o choque no rosto dela. "Você realmente não achou que eu não sabia o que você estava fazendo, não é?" Ela congelou. O quanto ele sabia? Ele levantou uma sobrancelha. "Mulher bonita usando cobras e matando homens miseráveis com lâminas em seus corações? A destruidora de corações." Ele deu um passo em direção a ela.

"Só pode ser minha esposa."

Ela apenas piscou para ele. "Você—você não... se importa?" Ele não estava chateado. Ele não estava enojado. Havia algo sobre ele ver o pior dela—e não vacilar.

Ele deu de ombros. "Mate quem você quiser, coração, especialmente esses bastardos. Mate-me, se isso fizer você se sentir melhor."

Uma pedra afundou em seu estômago, sabendo da profecia.

Um momento depois, ela o colocou contra a parede, com a adaga em sua garganta.

Grim nem sequer olhou para a lâmina. Ele apenas olhou para ela. Sem tirar os olhos dos dela, ele estendeu a mão e lentamente arrastou a adaga dela pelo peito, cortando tecido e pele, até chegar ao coração. Então, ele deu um tapinha na mão dela e disse: "Vá em frente. É sua de qualquer maneira."

Seu peito arfava. Cada nervo dela estava em chamas. Por um momento brilhante, eram apenas eles, do jeito que tinha sido antes. Estavam a apenas alguns centímetros de distância, apenas a lâmina dela entre eles, mas ela queria — precisava — estar mais perto. Ela ficou na ponta dos pés assim que ele se inclinou para frente. Seus lábios quase se tocaram, e ela engasgou.

A adaga escorregou de seus dedos, escorregadia por causa de todo o sangue, mas ele a pegou no caminho para baixo e gentilmente — muito gentilmente — a deslizou de volta para o bolso contra sua coxa, o metal curvando-se levemente ao redor dela. Ele não abaixou a mão. As pontas dos dedos ensanguentados dele lentamente subiram por sua perna, e ela estava queimando de repente. Ele agarrou seus quadris, e ela ansiava por ele.

Então, num piscar de olhos, ele a girou, então ela era a única com as costas pressionadas contra a parede. Ele passou os dedos pelas laterais do



estômago dela, puxando a blusa dela para cima no processo, até que seus polegares se curvaram ao redor da parte inferior do peito dela.

Estavam ambos cobertos de sangue, mas ela não se importava. Não conseguia pensar direito.

Os lábios dele deslizaram pelo maxilar dela, pelo pescoço dela. Ele arrastou os dentes pelo pulso dela e fez um som profundo de aprovação. A voz dele retumbou contra a garganta dela quando ele disse: "Eu adoro quando faço seu coração disparar."

Seu peito sensível apertou. Ela estava desesperada por mais.

Isso era errado, era muito errado, mas ela também não queria que ele parasse.

“Devoradora de corações. No que me diz respeito, você me matou no dia em que me conheceu. Nunca mais fui o mesmo.” Os lábios dele se arrastaram de volta para cima, pelo canto da boca dela, até o ouvido dela antes de sussurrar: “Vejo você no altar amanhã.”

Então ele desapareceu, deixando-a pressionada contra a parede.

FECHO

Isla esperava por tempestades. Não apenas por outra chance de encontrar o portal, mas também porque elas poderiam ter varrido as tendas que tinham sido construídas do lado de fora do castelo, para as festividades do casamento.

Ninguém havia chegado. A excitação por uma distração só havia crescido entre as pessoas.

Um governante Nightshade nunca havia tomado uma esposa antes.

Naquela manhã, houve uma batida na porta dela, e um grupo de mulheres entrou. Elas pintaram suas unhas e suas feições, escovaram seu cabelo e colocaram joias em seus pulsos, tudo sem dizer uma palavra a ela.

Ela não tinha certeza se elas tinham sido ordenadas a não falar com ela, ou se elas simplesmente não queriam, mas ela se sentou em silêncio, esperando — torcendo — que o tentilhão-da-tempestade cantasse. Ele apenas olhou para ela.

Quando terminaram, ela tinha manchas vermelhas nos lábios, assim como na primeira vez que viu Grim. Ela tinha kohl nos olhos. Ela tinha rosa nas bochechas. Tudo isso acentuava suas características naturais, mas Isla não usava tanta maquiagem há muito tempo. Seu cabelo estava solto, mas as partes da frente estavam presas para trás por grampos revestidos de diamantes pretos.

O vestido deixado em sua cama não era o que ela tinha usado para se casar. Não, aquele estava no guarda-roupa. Ela o tinha visto e o bloqueou com seus outros vestidos, porque toda vez que via o tecido, tudo o que conseguia pensar era em como Grim o havia removido, e não havia espaço para nenhum desses pensamentos, especialmente depois do que tinha acontecido na noite anterior.

Um erro.

Concordar com esse casamento foi um erro. Estava ficando fácil demais de esquecer, e esse sempre foi o problema dela, não foi?

O vestido era preto, a cor necessária para uma noiva Nightshade. Era sem alças, perfeito para deixar seu colar totalmente à mostra. O corpete era justo, e havia

tule por baixo das saias, deixando-o mais largo. Havia longas luvas pretas que deslizavam facilmente sobre suas pulseiras. Elas iam muito além dos cotovelos. Elas a lembravam das luvas de Celeste.

Elas a lembravam das luvas que ela usara no Centenário, aquela que ela tinha enrolado em volta dos olhos, quando ela havia tirado a coroa— Da cabeça de Oro.

Não. Ela precisava esquecê-lo. Ela estava se casando com o inimigo dele.

De novo.

Houve uma batida. Era hora.

Ela abriu a porta e ficou aliviada ao ver um rosto familiar. Astria. Ela jogou os braços ao redor dela, antes que pudesse pensar melhor. Elas mal se conheciam. Ainda assim... ela era a pessoa mais próxima que tinha.

Astria soltou uma risada chocada. “Você vai cortar seu vestido,” ela disse, mas Isla foi cuidadosa com as espadas. Ela suspirou e deu um passo para trás.

“Como estou?”, ela perguntou ao primo.

Astria levantou um ombro. “Dolorosamente lindo.”

Isla levantou uma sobrancelha. “Nenhum insulto?”

Ela deu de ombros. “Tenho certeza de que vou pensar em algo antes que a noite acabe.” Ela pegou o braço de Isla no seu e a levou pelo corredor.

“Ele te enviou, não foi?”

Astria assentiu. “Ele pensou que você poderia querer... família.”

“Tem muita gente aí?”

“Qualquer um que pôde fazer a viagem, fez”, ela disse. “Os que não puderem ver a cerimônia estarão nas festividades depois. Elas durarão mais de um dia.”

“Como são os casamentos Nightshade normalmente?” Astria tinha estado em seu casamento original, mas tinha sido rápido e nada tradicional. Eles não tinham

público. Grim tinha tornado especial.

“Há uma cerimônia”, ela disse. “Algum tipo de ritual de mãos. Então, colares são apresentados, como é costume.” Ela assentiu em direção a Isla.

“Você já tem o seu, é claro.”

Isla congelou. Ela deveria ter uma para Grim?

Astria a arrastou junto, sem perder o ritmo. “É aqui que me torno útil”, ela disse, puxando uma corrente simples do bolso. Ela a lembrou daquela que Grim usou durante as maldições, com o feitiço que o tornava imune a elas. Ela a entregou a Isla. “Uma herança de família.”

Isla pegou. Era frio e suave contra seus dedos. Ela o agarrou como uma âncora através de suas emoções confusas enquanto Astria continuava a guiá-la pelo castelo. Ela não tinha certeza para onde estavam indo, até que chegaram ao fim da ala.

Então, ela se lembrou.

O castelo Nightshade sempre a fez sentir como se estivesse se afogando em tinta. Cada superfície era preta. A maioria das janelas tinha sido construída durante as maldições, e os pisos eram folhas brilhantes de mármore escuro. Era como estar no subsolo, presa, sem luz do sol ou natureza.

Mas, em sua borda, havia um orbe de vida.

Grim construiu isso para ela.

Era uma estufa. As paredes eram de vidro, e cada tom e formato de flor desabrochava diante dela. Uma fonte ficava no centro, com uma estátua de uma mulher sorridente segurando seu pequeno dragão, flores no cabelo e entre os dedos.

Parado na frente dele estava Grim.

Havia centenas de pessoas na sala. Observando. Julgando. Ainda mais estavam do lado de fora, observando além do vidro.

Mas poderia muito bem ter sido só eles.

Ele estava usando uma armadura sem espinhos e sua capa preta brilhante. O próprio vestido dela tinha uma capa transparente com rosas tricotadas no tecido, um aceno ao seu reino selvagem.

Grim havia escolhido este lugar. Ele devia saber que seria como um lar.

Ele devia saber que significaria muito para ela que ele tivesse incluído os Wildlings, que tinham sua própria seção logo atrás dele.

Ela se lembrou de Grim lhe presenteando com a estufa. Era seu presente de casamento. Ela sempre lamentou a falta de cor e vida aqui, então ele construiu isso para ela. Um ponto de vida em Nightshade, só para ela, sua esposa selvagem.

Ela deu um passo à frente.

A multidão a observava. Alguns pareciam curiosos. Outros a consideravam uma abominação.

Grim olhou para ela do mesmo jeito que olhou na primeira cerimônia.

Como se ela fosse o começo e o fim do seu mundo. Como se ele fosse ficar contente em viver neste exato momento para sempre.

Ele abriu um sorriso. As pessoas sussurravam. Elas pareciam enervadas com isso.

Ela se perguntou se seu povo já o tinha visto sorrir.

Ele estendeu a mão.

Ela pegou.

Quando ela se virou, finalmente notou a mulher atrás de Grim, aquela que estaria conduzindo a cerimônia.

Eta. A líder dos seguidores do profeta. Ela franziu a testa. Por que ela estava aqui? Ela nem sequer havia considerado que havia deixado a montanha.

Grim tinha feito a escalada novamente para perguntar? Eles o deixaram entrar dessa vez?

Ela não parecia ser a única surpresa com a presença de Eta.

Membros da corte de Grim — e muitos dos convidados — sussurravam, observando.

“Hoje, é uma honra para mim unir o governante de Nightshade com o governante de Wildling. Uma união poderosa que não existe há milênios.”

Ela fez uma pausa e olhou significativamente para os convidados. “Uma união que estava fadada. Uma parceria que foi escrita.”

Silêncio, então sussurros. Ela imaginou que muitos em Nightshade tinham a opinião do profeta em alta conta, porque muitos na multidão ficaram boquiabertos com essa revelação.

A ideia de Grim de realizar o casamento para ganhar apoio à união estava funcionando.

Foi dito a ela para encarar Grim. Para levantar a mão. Foi dito a ele para encontrá-la. A mão dele era enorme, engolfando a dela. Os dedos dele deslizaram suavemente contra os dela, calos raspando. Faíscas sussurraram pelo braço dela ao toque dele.

“O fecho,” Eta disse, e Isla assumiu que ela se referia ao colar, aquele que ela tinha para Grim. Ela o deixou cair no aperto do seguidor-profeta com sua outra mão.

Eta amarrou o colar entre os dedos, juntando-os, a corrente enrolando-se em volta e em volta. Ela supôs que se já não estivesse em volta do pescoço dela, o dela também faria parte da cerimônia.

“E agora, elas estão amarradas, até o último suspiro”, disse Eta. Ela assentiu para ela, e Isla desfez o fecho do colar.

Grim curvou-se diante dela. Houve alguns sussurros, murmúrios, indignação de que o grande governante se curvaria a ela, mas ela os ignorou.

Ele abaixou a cabeça. Por um momento, ela hesitou.

Uma vez que o colar foi fechado, ele nunca mais seria solto, não até sua morte. Ela se lembrou da profecia.

Seria nas mãos dela?

Parte dela queria largar o colar. Correr para fora do quarto.

Mas ela era a noiva de Grim. Era uma decisão que ela havia tomado, no passado, e agora, novamente, no presente. Por mais que ela odiasse, por mais que ela desejasse que as coisas fossem diferentes... ela se importava com ele. Ela realmente se importava.

Isla apertou o colar.

Estava feito.

Grim se levantou, elevando-se sobre ela. Seus olhos estavam brilhando. Ele pegou a mão dela. A música começou a tocar. As pessoas começaram a se formar ao redor deles, circulando-os. “Agora, nós dançamos. Isso marca o início das festividades.”

Ela assentiu. Ela podia fazer isso. Ela podia ficar ali e fingir que as emoções não estavam se debatendo dentro dela, batalhando. Como se ela não estivesse radiantemente feliz e terrivelmente decepcionada consigo mesma. Como se seu coração não estivesse atualmente se partindo e se consertando ao mesmo tempo. Como se não estivesse dividido para começar.

A outra mão dele foi até a cintura dela.

“Eu não sabia que você era capaz de dançar,” ela disse a ele, enquanto ele se movia pelos passos com uma precisão surpreendente. Era fácil, ele a estava guiando em um círculo, mas ele fez isso perfeitamente.

Grim inclinou a cabeça para ela. “Sou capaz de qualquer coisa, com a motivação certa.”

“E a motivação agora?”

“Não pisar nos pés da minha esposa.”

Ela engoliu em seco. Olhar para ele era doloroso demais. Não, doloroso não. Familiar demais. Prazeroso demais. Ela queria odiar isso. Seu olhar voltou para o vidro, para todas as flores ao redor deles.

“Fiz a escolha certa?”

Ela assentiu. Isso, ela podia admitir. “É minha parte favorita do castelo.” Ela sorriu. “Fiquei tão tocada que chorei quando vi”, ela disse, a

lembrança fresca em sua mente. Ela se virou para encará-lo novamente.

“Você pensou que eu não gostava e estava preparado para demitir todos os seus jardineiros.”

O fantasma de um sorriso brincou em seus lábios. “Eu estava preparado para matar todos os jardineiros, coração,” ele gentilmente corrigiu, e ela nem tinha certeza se ele estava brincando.

Depois, ela demonstrou a ele o quanto ela gostou daquilo, bem ali, contra o vidro da estufa. Ela corou. Aquele momento logo após o casamento deles foi um frenesi, uma corrida para ver quem poderia se conhecer mais intimamente.

A mão de Grim flexionou-se contra a parte inferior das costas dela, enquanto ele sentia suas emoções mudarem.

Isla foi rápida em mudar de assunto. Ela não se lembrava de ter dado a ele um presente de casamento. Ela não sabia que era costume. Ela franziu a testa. “Eu— eu já te dei alguma coisa?”

Grim olhou para ela, e dessa vez ele sorriu. “Coração,” ele disse, os olhos brilhando novamente. “Você me deu tudo.”

Ela olhou para ele. Realmente olhou para ele. Por um momento, ela permitiu que a frieza derretesse. Ela se permitiu sentir as emoções que a culpa havia enterrado.

Ela o amava.

Não era algo que ela pudesse mudar.

A perna de Grim pressionou levemente contra a dela enquanto ele a girava, e ela o observou franzir a testa. Lentamente, uma das mãos dele mergulhou, os nós dos dedos arrastando-se pela coxa dela — e a adaga que ela tinha amarrado nela.

“Isso é para mim?” ele perguntou, com a voz levemente divertida.

Os rostos deles estavam a apenas alguns centímetros de distância quando ela disse: "Talvez".

Ele a abraçou mais forte, roçando os lábios em sua têmpora, e disse:

"Espere até o final da música, pelo menos."

Por um momento, ela se permitiu derreter nele. Fingir que esse casamento foi feito puramente por amor e celebração, e não como uma distração elaborada. Ela se deixou cair completamente em seu olhar, seus olhos travados como um voto, falando um com o outro sem palavras, do

jeito que somente pessoas que se conheciam conseguiam. Do jeito que somente pessoas que lutaram contra perigos distantes e sacrificaram suas vidas umas pelas outras conseguiam.

Grim fez um som divertido enquanto roçava na cintura dela, e nos bolsos escondidos ali. Ela tinha escondido estrelas ninja lá dentro.

Ele estalou a língua e então se abaixou para dizer em seu ouvido: "Só minha esposa viria ao seu próprio casamento armada até os dentes."

As mãos de Isla desceram lentamente pelo seu peito, alisando o material áspero que ele sempre usava. “Só meu marido saberia os lugares onde guardo minhas lâminas em primeiro lugar.”

O canto do lábio dele se contraiu para cima. "Você esquece que eu te conheço, esposa." Ele se inclinou para mais perto, então suas palavras foram pressionadas bem contra o ouvido dela. "Eu sei que você tem uma lâmina aqui." Ele tocou a curva do braço dela. "E aqui." Ele gentilmente acariciou os grampos no cabelo dela que sim, ela tinha afiado em armas, caso precisasse deles. "E aqui." Seus dedos correram pela coxa dela passando pela outra lâmina — perigosamente

alta, quase até o quadril —

até onde ela guardava outra adaga. Ele roçou nela, deixando um calor fluorescente para trás, e ela engoliu em seco. Ele se endireitou novamente.

“Isso é tudo o que você sabe sobre mim? Onde eu guardo minhas armas?”

Ele balançou a cabeça. “Não.”

"Diga-me."

O rosto dele ficou sério. Ele se inclinou para que só ela pudesse ouvi-lo.

“Eu sei que você prefere o outro vestido de noiva, mas não o usou, porque quer que ele continue sendo nosso. Sei que você odeia que estejamos dançando na frente de uma multidão agora. Sei que você está esperando que uma tempestade interrompa a cerimônia, para que tudo acabe.” Ele se inclinou ainda mais. “Eu sei que você tem pesadelos todas as noites, e me mata — me mata — que eu não esteja lá para segurá-la durante eles, do jeito que eu estava antes. Então, em vez disso, envio o que posso. Suas comidas favoritas. Suas flores favoritas. Sei que você matou dezenas de pessoas que deveriam ter apodrecido em nossas prisões há muito tempo, e sei por que você faz isso. Para manter a fera interior sob controle. Para canalizar sua raiva e habilidades para algo que talvez pareça bom.”

A respiração dela aumentou. Como ele poderia saber disso? Ele deve ter sentido o choque de surpresa dela, porque ele pressionou sua testa na dela.

“Eu sei disso, porque você e eu, somos do mesmo tom, Hearteater. Eu soube disso no dia em que você me esfaqueou no peito enquanto nossos lábios ainda estavam presos. Eu soube disso quando você olhou para mim com tanto ódio, tanta fúria, mas nunca tema... nem mesmo sabendo quem eu era, e o que eu tinha feito.” Os lábios dele roçaram sua bochecha. Ela não tinha certeza se estava respirando. “Eu soube disso quando você desistiu da sua vida pela minha, porque por você... somente por você... eu faria o mesmo.”

Grim gentilmente se afastou. Seus olhos queimavam nos dela, enquanto ele gentilmente colocava uma mecha solta de cabelo atrás da orelha dela. “Você é a única pessoa que já viu algo de bom além de todo o sangue em minhas mãos, Hearteater.”

E ele foi o único que não a fez sentir vergonha de quem e do que ela era.

“Veja bem, eu também costumava ter pesadelos, coração.” Ele tinha?

Ela deve ter parecido surpresa, porque ele disse, “Você não saberia. Todos eles pararam quando eu te conheci.”

Os pesadelos pararam.

Algo afundou em seu peito, algo que ela havia enterrado bem fundo, reprimido por medo do que aquilo poderia fazer com ela.

Algo como confiança.

Eles ainda estavam dançando. Nos últimos minutos, ela quase se esqueceu de que estava no centro de seu próprio casamento, mas quando Grim a girou, ela viu um soldado sorrindo. Alguém que ela reconheceu. Ela o enfrentou no campo de batalha.

Essa confiança murchou.

Essas pessoas... elas estavam matando os amigos dela apenas algumas semanas antes. Elas estavam atacando ela. Agora elas estavam apenas paradas ao lado, bebendo de taças pretas e murmurando.

Se alguém em Lightlark a visse, agora mesmo, girando com o governante de Nightshade, como sua noiva, ficaria enojado.

Ela era uma traidora. Ela era uma vilã. Ela era tudo o que diziam que ela era.

Grim estava certo. Eles eram iguais. Ninguém conseguia entender os erros dela do jeito que ele conseguia.

Ela não tinha certeza se isso era uma coisa boa.

Ele moveu a cabeça dela com ternura para que seus olhares se encontrassem novamente. “Eu sei que você ainda está brava. Eu sei que você ainda não me perdoou. Diga-me o que fazer, e eu farei. Diga-me como consertar isso.”

Os olhos dela ardiam. Para todas as boas lembranças, havia algumas ruins,

coisas que ela não sabia se conseguiria perdoar. “Eu—eu não sei.”

Grim assentiu. Por vários momentos eles dançaram em silêncio, olhando para longe um do outro. Na ausência de palavras, ela pensou nas traições. No coração partido. Ele pareceu sentir sua raiva e tristeza, porque ele disse: "Não se preocupe. Isso vai acabar logo."

Ela riu sem humor. "E depois? Eles vão todos assistir enquanto você me leva para a cama?" O jeito como eles os observavam agora, como se esperassem cada movimento deles, procurando por mentiras, não a chocaria.

Seus olhos escureceram por apenas um momento com a menção disso.

Então, ele franziu a testa. “Claro que não.”

A música estava diminuindo. A canção estava quase acabando.

"Ótimo", ela disse, chegando perto dele. Para a multidão, deve ter parecido que ela estava se inclinando para perto do marido, para sussurrar algo amoroso em seu ouvido. "Nem pense em visitar meus aposentos hoje à noite."

Então, a música acabou. E ele deveria se sentir sortudo, ela pensou, por ela não ter pegado sua lâmina.

A bebida foi servida em barril. Ela tomou um gole de um copo e franziu a testa. Levaria um tempo para se acostumar com o vinho Nightshade espesso e forte. Os que Grim escolheu para o jantar eram mais leves, mais florais.

Ele a conhecia. Cada coisa que ela tocava ou consumia neste castelo tinha sido cuidadosamente selecionada por ele.

O povo dela, pelo menos, parecia estar se divertindo. Ela contou todos eles. Cada um do seu povo foi convidado, menos dois. Terra e Poppy.

Uma pequena parte dela se sentia culpada por não tê-los ali. Eles, mais do que ninguém, foram os que mais estiveram com ela em sua vida. Eles a criaram.

Ela enterrou o sentimento. Assim como Grim, eles a traíram. Eles traíram sua mãe. E, mais do que isso, não era como se esse casamento significasse alguma coisa. O verdadeiro havia acontecido muitos meses antes.

Isso foi só um show.

Todos estavam dançando. A festa tinha se mudado para fora, além da estufa. A música era tocada em arrancadas selvagens, as pessoas balançavam na grama, havia risadas, sorrisos e comemorações. Grim estava certo. A cerimônia elevaria os espíritos. Ela promoveria a esperança.

Ele estava do outro lado do gramado, falando com membros de sua corte. Ela tomou um longo gole de sua bebida e se perguntou se deveria ficar ao lado dele. Se todos acreditariam que era estranho que ela não estivesse. De alguma forma, ele pareceu sentir o olhar dela, porque seus olhos encontraram os dela. Ele levantou sua bebida em direção a ela, em uma saudação silenciosa. Ela deu sua melhor tentativa de sorrir, ainda brava pelo fim da conversa anterior.

Deve ter parecido mais com uma careta, porque um momento depois, uma voz atrás dela disse: "Muito convincente. Você parece mais inclinada a me assassinar na minha cama do que a se deitar comigo nela."

Ela se virou para o lado, onde Grim tinha se teleportado, e deu a ele seu sorriso mais doce. "Sério? E eu estava tentando tanto mascarar meus verdadeiros sentimentos."

Ele soltou uma risada, e as pessoas ao redor pareciam genuinamente preocupadas. Ela se perguntou se eles já tinham visto seu governante sequer rir. "Você está assustando os convidados", ela murmurou contra a borda do copo.

Grim parecia levemente entretido. Ele abriu a boca para dizer algo, mas, naquele momento, um guarda correu freneticamente. Ele sussurrou

algo para Grim. Ele apenas assentiu, não deixando nenhuma sugestão de problema aparecer em seu rosto.

Ela sabia melhor. "O que foi?"

Ele fez sinal para que ela o

seguisse.

Ela não era a única que tinha visto o guarda, que tinha sentido seu pânico. A celebração parecia diminuir. As pessoas estavam observando-os, interrompendo

suas conversas. Alguns começaram a sussurrar. Ela não sabia o que o guarda tinha dito a Grim, mas não podia ser bom. E isso era para ser uma distração.

Então, ela agarrou Grim pelos ombros, pressionou-o contra a árvore mais próxima e o beijou.

A princípio, ele pareceu alarmado, com os olhos arregalados.

Então, ele pareceu esquecer que todo o seu povo estava observando, ou simplesmente não se importou, porque ele enfiou os dedos pelos cabelos dela, embalou sua nuca e a beijou vorazmente.

A língua dele varreu a boca dela e seu gosto — ela quase tinha esquecido. Quase tinha esquecido como um toque da língua dele dentro da boca dela derreteu todas as suas emoções e as forjou em um único desejo brilhante e implacável. Ela gemeu antes de abafar o som, mas isso só tornou o ato mais convincente. Os polegares dele roçaram sua garganta enquanto ele a segurava, calos raspando, fazendo-a tremer, até que ele alcançou seu colar. Com um movimento brusco, ele puxou o diamante e rosnou em seu ouvido, como se a palavra tivesse escapado, "Minha".

Em resposta, ela puxou a corrente em volta do pescoço dele, forçando os lábios dele de volta aos dela, e disse contra eles, em uma voz que ela mal reconheceu, "Meu". Isso pareceu ser sua ruína. Ele a virou num piscar de olhos, sua espinha batendo na casca, e arrastou os lábios pelo pescoço dela, em direção ao peito.

A respiração dela falhou, terminando em um som agudo que só ele conseguia ouvir.

Ele rugiu sua aprovação contra a clavícula dela.

Houve aplausos, em algum lugar. A música ficou mais alta.

Provavelmente isso era uma distração o suficiente, mas a bebida a deixou ousada o suficiente para perseguir exatamente o que queria, então

ela moveu as mãos dele pelo corpo dela, lentamente, exatamente onde ela as imaginou por semanas, e ele fez um som baixo de pura necessidade.

Uma mão agarrou o osso do quadril dela, o polegar fazendo movimentos largos

pelo tecido fino, avançando em direção ao centro de sua necessidade. A outra deslizou pela espinha dela, seus nervos à flor da pele e cheios de desejo, antes de parar bem perto de seu traseiro, como se ele finalmente tivesse percebido que todos estavam observando. Não. Ela não queria que ele parasse. Ela ficou na ponta dos pés, de modo que a mão dele deslizou, e ele riu sombriamente contra seus lábios.

Os próprios dedos dela percorreram o peito dele, explorando, lembrando, pressionando contra o músculo como pedra. Ela não queria nenhum tecido entre eles, ela queria senti-lo, sentir o calor que estava atualmente pressionando contra seu estômago arrastando por cada parte dolorida dela. Ela interrompeu o beijo para sussurrar, "Carregue-me," em seu ouvido, e então ela estava de pé.

Ele virou-se—

E eles não estavam mais no casamento.

Não. Eles estavam em um penhasco. Ele ainda a carregava. Ambos respiravam rápido demais.

“Isso foi convincente”, ele disse. Sua voz era casual, mas seus olhos eram como duas poças de tinta, escurecidas de desejo. Ele parecia estar no limite de sua sanidade. Como se uma palavra dela pudesse quebrar seu controle completamente.

Parte dela ficou aliviada por ele saber que era uma encenação. A outra parte se perguntou o que teria acontecido se Grim os tivesse teleportado para o quarto deles.

“O que o guarda lhe disse?” ela perguntou.

Com isso, seu olhar voltou ao normal. Ele a colocou no chão. “Ele me disse isso.”

Ela se virou, e qualquer calor que ela havia sentido antes desapareceu.

Eles estavam no local do enterro que tinham visitado apenas algumas semanas antes.

E os túmulos foram destruídos. Havia sujeira em todo lugar. Cinzas foram

espalhadas.

Raiva brilhou nos olhos de Grim. Era enormemente desrespeitoso com os mortos. Ela sabia disso, mas não era isso que fazia o medo afundar em seu peito. Este não era um trabalho simples. Centenas de sepulturas tinham sido profanadas. Isso tinha sido feito rapidamente, pois os guardas normalmente monitoravam esses locais. Só estava vazio por causa do casamento deles.

Havia algo mais. Uma única serpente, esperando no centro de um dos montes escavados. Ela sacudiu o rabo e então afundou de volta na terra.

Siga as cobras.

Este foi o trabalho de um Selvagem.

Ela estendeu a mão para trás, para baixo, nas costas do vestido de noiva. Seu bastão de estrela estava quente na palma da mão.

“Onde você está indo?” Grim perguntou.

Ela não respondeu. Ela deixou o marido no penhasco. Em seu vestido, o fundo agora enlameado, ela entrou na fortaleza de sua família.

Isla os encontrou na sala de jantar do castelo. Poppy estava fungando, olhos vermelhos e injetados de sangue como se ela tivesse chorado. Terra sentou-se ao lado dela, jantando em silêncio.

Poppy pulou quando a viu. “Litt—Isla,” ela disse. “Você veio nos ver.”

Ela viu a expressão em seu rosto e franziu a testa.

Isla não conseguia encontrar em seu coração o que fazer para se sentir mal. Não, não quando sentia tanta raiva. Tanta convicção. Seu sorriso era pura hostilidade enquanto ela caminhava em direção a eles. Ela mal reconheceu sua própria voz quando disse: “Todos estavam no meu casamento... todos, exceto vocês dois.”

Terra olhou para ela, entediada. “Estamos cientes. Poppy está chorando por isso há horas.”

“É assim que eu sei.”

Poppy franziu a testa. “O que você quer dizer?”

“Como eu sei que foi você. Você matou o nightbane. Você destruiu o túmulo. Vocês são os traidores sobre os quais fui avisada, vocês me querem morta!” Sua cabeça pulsava. Algo se agitava dolorosamente em suas veias, como se seu poder estivesse aumentando, lutando contra o domínio das pulseiras. “Meus pais não eram o suficiente para você, eram?”

Você precisava me matar também?”

Poppy olhou para Terra. Ela parecia... quase assustada. “Isla... você está bem?”

Terra se levantou. “Chega, seu idiota balbuciante”, ela disse. Era isso, não era? Isla pegou a lâmina em sua coxa.

Poppy engasgou ao vê-lo.

A carranca de Terra só se aprofundou. “Nós não matamos o nightbane.

Nós não destruímos nenhum túmulo. E, pela última vez, nós não matamos seus pais.” Mentiras. Mentirosos.

“Pare de mentir para mim!” ela disse, e sentiu seu poder explodir em seu peito, sentiu-o ser parado pelo metal. Seu coração estava martelando.

Seus olhos ardiam. Eles nunca a amaram. Eles nunca se importaram com ela. Tudo o que fizeram foi mentir para ela, traí-la e usá-la.

Ela agarrou seu colar, antes que pudesse se conter. Grim estava lá em meio momento. “Eu os quero presos.” Poppy gritou.

Grim parecia inseguro. “Coração, você está—”

“Eu disse que os quero presos”, ela disse. Ela podia sentir algo em seu peito se desenrolando. Raiva e vingança se espalhando. “Ou minha palavra não significa nada aqui? Sou governante apenas pelo nome? Meu trono é um suporte? Esse casamento significa alguma coisa para você?”

Ele engoliu em seco. “Se é isso que você deseja.” Era o que ela desejava.

Ela saiu do castelo, longe dos gritos de Poppy e dos xingamentos de Terra.

OceanofPDF.com



ESCRITO

Os guardiões dela eram os traidores. Ela não deveria estar surpresa. Eles a traíram antes. Então por que doeu tanto? Por que a fez questionar tudo?

"Você está cometendo um erro", Wren disse a ela.

Não. Ela estava finalmente encontrando forças para livrar seu reino daqueles que se levantariam contra ela.

Eles não entenderam que o futuro de todos os seus reinos estava em jogo? Eles não viram que uma tempestade pior do que qualquer outra estava chegando?

Eles achavam que ela queria aprisionar algumas das únicas pessoas que ela já amou? Eles achavam que isso a fazia se sentir bem?

Claro que não. Eles não sabiam que ela estava com o tempo emprestado, que ela tinha apenas algumas semanas para tomar essas decisões difíceis, para mudar seu destino e salvar a todos, mesmo que isso partisse seu coração. Mesmo que isso a partisse.

Tinha que haver outra maneira de encontrar o anel, a qualquer custo.

O ferreiro não pareceu particularmente feliz em vê-la. Ele nem se virou para encará-la; em vez disso, continuou a trabalhar diligentemente enquanto dizia: "Não é hora."

"Estou ciente." Ela estava contando o tempo que ele tinha ido embora quase tão de perto quanto ela rastreava o seu próprio. O fim do inverno —

o fim da temporada de tempestades — marcou a morte de ambos, mesmo que ele não soubesse. "Você tem um dispositivo que pode rastrear alguma coisa?"

"Seja mais específico."

Sua voz tinha um tom cortante. "Perdi um anel. Preciso encontrá-lo."

Ele pausou seu trabalho. Gentilmente colocou no chão uma das grandes ferramentas de metal que ele estava segurando. "Não. Eu costumava, muitos

milênios atrás, feita do sangue de um governante com um talento de rastreamento. Mas ela foi perdida, e sua habilidade com ela.”

Perdido.

“E é isso? Não tem outro jeito?” Ele

balançou a cabeça.

Talvez isso tenha sido o fim... mas ele fez uma pequena pausa.

Por uma fração de segundo.

“Existe, não é?”

Ele suspirou e se virou para encará-la, parecendo cansado. “Não é um que seja prático.”

“Mas é possível?”

O ferreiro balançou a cabeça. “Eu suponho. Mas—”

"Diga-me."

Ele a estudou. “A pessoa de quem estou falando... o governante com o talento de rastreamento. Ele ligou seu poder a uma marcação.”

Ela franziu a testa. Ela não sabia que isso poderia ser feito. “O que isso significa?”

Ele apoiou seu braço enorme contra a lateral de sua mesa de trabalho.

"É parte de uma arte antiga e perigosa. Quando trabalhadas corretamente, as marcações têm poder.

Eles podem recorrer a uma habilidade há muito perdida.”

Isla deu um passo à frente. “Você está falando de skyres, não é?”

O ferreiro parou. Sua forja parecia parada com ele. “O que você acabou de dizer?”

“Skyres.”

Ele piscou, como se estivesse limpando teias de aranha de sua mente.

“Como você sabe sobre isso?”

Ela não estava prestes a contar a ele sobre sua visita ao áugure, embora o ferreiro quase certamente soubesse que ele existia. Ambos eram obcecados por sangue poderoso, por razões muito diferentes. Ela sustentou o olhar dele, sem piscar.

Deu de ombros.

“Você vai acabar morrendo.” “Eu vou morrer de qualquer jeito,” ela cuspiu de volta.

Ele franziu a testa. Balançou a cabeça. “Não é natural. Já vi até as pessoas mais honradas se transformarem em demônios ao longo do tempo. Como todo poder, usar skyres tem um custo. Muitas vezes, é sua alma.”

Calafrios percorreram seus braços, como se as próprias palavras dele contivessem poder. Como se ele estivesse lhe dando um presságio.

Ela já havia sido avisada contra o poder antes. De Oro. De Grim, até.

Mas faltava apenas um mês e meio de inverno. Agora ela estava ficando desesperada. Se estender sua vida, se salvar todos aqueles vinculados a ela, tivesse um custo... fazia sentido que fosse ela.

"Diga-me."

Ele balançou a cabeça. “Não posso. Não sei muito sobre eles; era uma arte perdida até mesmo no outro mundo. Mesmo se eu tivesse o skyre completo do rastreador, não saberia como ajudar você a usá-lo. Fazer errado tem resultados desastrosos. É melhor você nem tentar.”

Ela o encarou por um segundo. Dois. “O que você quer dizer com o skyre completo?”

O ferreiro soltou um suspiro pesado e se virou para encarar sua parede de armas.

Ele olhou através de fileiras de punhais antes de encontrar o que estava procurando.

“Esta é metade da marcação: seu estilo pessoal. Tudo o que sei é que o resto deve ser feito de um dos skyres originais.”

Ela pediu um pedaço de pergaminho e uma pena. Lentamente, ela traçou sobre a marcação, até que as linhas estivessem perfeitamente impressas em sua página.

“Não vai funcionar para o seu propósito”, ele alertou. “Um skyre de rastreamento precisa ser vinculado a — ou sobre — uma parte do que você está procurando. A marcação ajuda cada parte a chamar as outras.

Ela forma uma conexão.”

E ela não tinha um pedaço do anel. Ou a tempestade dentro dele...

Azul não o havia encantado; ele não continha seu sangue. Não havia uma maneira fácil de encontrá-lo, mesmo que ela conseguisse descobrir o skyre.

Ela estava de volta ao começo de sua busca, mas algo sobre as marcações a deixou curiosa. Talvez houvesse outros que pudessem ajudá-la agora.

“Obrigada”, ela disse ao ferreiro. Ele talvez não conhecesse a arte de skyres. O áugure também não.

Mas ela conhecia alguém que tinha.

Eles estavam mortos agora.

Embora... talvez isso não significasse que a informação foi perdida.

De volta ao seu quarto, a ponta da pena brilhou levemente na luz. Ela a pegou cuidadosamente, pronta para deixá-la cair a qualquer momento.

Isla precisava saber se as pequenas marcas que vira na pele pálida da Starling — numa rara ocasião em que ela deixara suas luvas longas escorregarem pelos braços — eram os símbolos que ela estava procurando.

Você sabe desenhar skyres? Isla escreveu.

Ela observou a pena subir com a respiração suspensa, enquanto a pena escrevia: Sim.

Isla não podia confiar em Aurora. Ela sabia disso melhor do que ninguém.

Ela mesma havia cravado uma lâmina no coração de sua antiga melhor amiga.

Aurora a trairia como fez antes. Seria tolice seguir qualquer coisa que a morta Starling dissesse.

Ainda assim, antes de colocar a pena de volta na gaveta, ela perguntou:

Você me ensinaria?

A resposta foi imediata. Sim.

Por que você me ajudaria?

Houve um minuto de nada. Dois. Então, a pena se levantou e escreveu, Redenção.

Era uma palavra com a qual Isla se identificava, embora ainda não confiasse nela. Tinha que haver outra maneira de encontrar o portal. Algo que ela estava perdendo.

Naquela noite, ela canalizou sua raiva e dor para visitar três cidades diferentes. Caçando aqueles que tinham feito mal aos outros.

Quando chegou ao seu terraço, ela estava faminta. Com sede. Sairsha e sua cesta habitual de produtos a esperavam. Elas não se viam há dias.

“A pequena salvadora está cansada”, disse Sairsha, esticando as pernas longas sobre o telhado. Havia o rescaldo de um doce em seu colo, migalhas por todo lugar.

"Não me chame assim", disse Isla fracamente, afundando-se no lugar ao lado dela.

Sairsha apenas sorriu. “É preferível destruidor de corações?”

Isla estremeceu com o nome. Não era o pior nome que já tinham lhe dado. A

verdade foi arrancada dela. “Não. Eu não gosto de nomes ou títulos. Eles vêm com expectativas. E eu frequentemente não as alcanço.”

Um governante de Wildling que não vivia entre seu povo. Um governante de Starling, que havia desistido de sua posição, já que não era a melhor escolha. Uma esposa de uma Nightshade que ela provavelmente trairia, porque fazia sentido matar Grim para cumprir a profecia, se todos eles iriam morrer de qualquer maneira. Era um pensamento que ela mantinha reprimido, mas as semanas de inverno estavam diminuindo sem progresso.

Eles todos iriam morrer. Porque Grim deu a vida dela.

Ela fechou os olhos contra as imagens. As cinzas. Os corpos. Ela era responsável por tantas mortes, e havia muito mais por vir.

Isla sentiu algo suave contra sua mão. Sairsha havia colocado uma garrafa de vinho nela. Ela estava balançando a cabeça para ela. “Não faça isso. Não se subestime, quando estiver tentando. Muitas pessoas nunca se incomodam. Elas decidem que não podem fazer a diferença, então nem tentam. E tentar... essa é a parte mais difícil. Não ter sucesso, mas todas as tentativas necessárias para chegar lá.”

Isla levantou uma sobrancelha para Sairsha. “Você parece uma especialista.”

Sairsha riu. “Não. Mas eu tive uma irmã uma vez, e ela me disse a mesma coisa. Estou apenas repetindo suas palavras. Ela — agora ela era realmente uma salvadora. Metade da nossa aldeia estava no caminho de um deslizamento de terra. A cada tempestade, piorava. Ela estava determinada a impedir, mesmo que todos lhe dissessem que era impossível. Inevitável.”

“Ela impediu?”

O sorriso de Sairsha era triste. “Não. Ela foi enterrada sob os escombros enquanto tentava.”

A garganta de Isla se moveu. Ela se perguntou se a profecia, e seu destino, eram sua própria forma de deslizamento de terra.

Inevitável.

Após alguns momentos de silêncio, Sairsha se virou para ela e disse:

“Por que você faz isso? Por que você se importa conosco?”

Isla brincou com a tampa no topo da garrafa de vinho que Sairsha lhe entregou. Quanto dizer? Mentiras eram mais fáceis de contar quando envoltas em verdade. “Quero fazer as pazes. Obter redenção... pelas coisas que fiz.” Ela percebeu o quão facilmente ela repetiu a pena. Ecoou Aurora.

Sairsha assentiu sabiamente. Seus olhos foram para as facas e a espada na cintura de Isla, e ela se perguntou se a mulher estava pensando em quanto sangue havia incrustado naquelas lâminas. Isla bebeu um pouco do vinho e estremeceu com sua mordida azeda.

“Eu também entrei para um grupo por necessidade de redenção”, Sairsha admitiu. “Eu era uma ladra nas ruas quando os encontrei. Eles me deram esperança de que minhas habilidades poderiam ser usadas para algo bom. Algo importante.” Isla se perguntou de qual grupo Sairsha estava falando; mas quando ela abriu a boca para perguntar, ela descobriu que não conseguia formar palavras. Seu rosto ficou imóvel. Sua visão começou a nadar na frente dela. O rosto preocupado de Sairsha se tornou um borrão.

Ela precisava ir. Algo estava errado. As mãos de Isla agarraram o telhado para se levantar; mas seus membros eram inúteis, dobrando-se sob ela.

Ela caiu no telhado com um baque.

O rosto distorcido de Sairsha a observava de cima.

Isla consumiu dezenas de presentes durante suas conversas com Sairsha.

Apenas um foi envenenado.

Isla acordou coberta de suor. Seu cabelo grudava na lateral do rosto, e havia um som apressado, um rugido. Ainda assim, mesmo acima disso, ela conseguia ouvir seu coração. Ele batia desesperadamente, como se estivesse avisando, dizendo levante-se. Levante-se. Levante-se! Seus olhos se abriram, e foi quando ela viu que o som rugido era um rio. Havia uma pequena ilha no meio dela, uma pedra enorme que a água agitava. Ela tinha acordado em seu centro.

Ao redor dela estava um grupo de pessoas que ela reconheceu do bar. Eles tinham mudado. Em vez de suas roupas gastas, eles agora usavam túnicas esvoaçantes, com capuzes que lançavam sombras em seus rostos. Cada um estava cingido com uma bainha e uma espada.

“O que—o que você está fazendo?”

O homem careca que ela conhecia como Ragan olhou para ela, os olhos brilhando com algo como excitação. Algo como esperança.

Dois homens estavam ao lado dele; ela já havia trocado acenos educados com eles uma ou duas vezes.

Então, parada mais distante, estava Sairsha. Ela teve a coragem de sorrir para ela.

Isla não estava presa. Eles nem tinham pegado suas armas. Tolos.

“Então.

Você sabe quem eu sou.”

O sorriso de Sairsha se alargou. “Sim,” ela disse, com muito entusiasmo. “Nós sabemos exatamente quem você é.” O que eles iriam fazer, vendê-la por resgate? Prendê-la?

Sairsha planejou essa armadilha o tempo todo?

Isla se levantou lentamente e percebeu com uma pontada de horror que, embora eles não tivessem pegado suas armas, eles tinham pegado seu starstick. “O que você quer?” Ela gesticulou para suas adagas. “Se você queria me matar, você realmente deveria ter pegado estas.” Eles não saberiam que suas vidas estavam ligadas à dela. Ela se perguntou o quanto deveria dizer.

Sairsha riu. Foi um som agradável, completamente contrário às circunstâncias. “Matar você? Bem o oposto.” Ela deu um passo à frente.

Todos os outros também fizeram isso, pulsando como um corpo vivo. Com eles a cercando, não havia como recuar, apenas recuar em direção a um deles. O sorriso de Sairsha se iluminou, seus olhos arregalados e reverentes. “Isla Crown,

esperamos centenas de anos por você.”

Ela não podia ter ouvido direito. Isso... isso tinha que ser um sonho.

Sua cabeça ainda pulsava de dor, por causa do veneno. “O que você está—
”

“Este é o seu destino. Está escrito.”

“Não.” Sua voz mal fez um som.

Eles eram seguidores de profetas.

“O que está acontecendo?” Os olhos de Isla estavam selvagens. Ela se virou em todas as direções.

Ela estava cercada.

Metal cortou a noite enquanto cada um deles puxava as espadas de suas bainhas em um movimento fluido. Eles cravaram as lâminas na rocha e fizeram algo que Isla nunca esperava. Eles se ajoelharam diante dela.

“Por favor,” Sairsha disse, sua voz grossa de emoção. “Aceite nossos presentes.” Eles se levantaram imediatamente.

Presentes? Eles achavam que ela estava criando um exército? Isla não entendeu.

“Você... você está confuso”, disse Isla, virando-se rapidamente, com medo de dar as costas a qualquer um deles.

“Não,” Ragan disse, sua voz retumbante. “O profeta nunca cometeu erros. Tudo o que foi escrito aconteceu.”

Os olhos de Sairsha brilharam com fervor. Ela estava cheia de energia, assim como os outros. Como se algo grande estivesse prestes a acontecer.

Isla sentiu o mesmo medo, o mesmo formigamento na nuca, que tinha surgido pouco antes do rompimento da tempestade. “Gostaria que você pudesse ler os ensinamentos dele. O livro dele é cheio de maravilhas. E

você... ele falou tanto sobre você.”

“O que ele disse?” ela exigiu. Eta havia insinuado seu destino.

Sairsha sorriu. “Ele disse que no fim do mundo, uma menina nascerá da vida e da morte. A menina destruirá o mundo... ou o salvará. Ela seria

uma maldição... ou remédio.” O sorriso de Sairsha ficou ainda mais largo.

Ela tremia de excitação quando disse: “Você não vê? Você é a menina.

Aquele que foi prometido.”

Isla balançou a cabeça. Tentou recuar. Esses eram fanáticos.

Sairsha ainda sorria enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. Ela estava tão, tão feliz. E Isla não entendia nada. Seu sorriso nunca vacilou quando ela disse: “Fomos escolhidos para ajudar você. Esperamos tanto tempo para que você fosse revelado a nós.”

Escolhido? Por quem? Para quê?

“Nós nos oferecemos a você,” Ragan disse, oferecendo sua espada para ela pegar. “E esperamos ser dignos.”

Ela pegou a espada pelo punho com cautela, sem saber o que estava acontecendo, mas certa de que preferiria que ela estivesse em suas mãos do que nas dele.

Ragan sorriu largamente. Ele fechou os olhos.

E se atravessou com a lâmina.

Isla gritou, o som enchendo o mundo. Seus ouvidos começaram a zumbir. Ela largou a espada, e o corpo dele junto com ela. Sangue se acumulou a seus pés. Ela não queria matá-lo... mas ele estava morto.

O que ele fez?

O que ela fez?

Algo em seu peito tremeluziu, quase em satisfação. Isso não fazia sentido. Ela não queria matar. Ela não queria sentir como se tivesse ganhado algo com isso.

As palavras de Grim do casamento deles estavam em sua cabeça: Eu sei que você matou dezenas de pessoas que deveriam ter apodrecido em nossas prisões há muito tempo, e eu sei por que você faz isso. Para manter a fera dentro de você sob controle.

Havia uma fera dentro dela, ela sabia disso há algum tempo. Ela gostava de tirar vidas.

Mas ela não era assim.

Isla lentamente levantou os olhos do corpo, apenas para ver o resto deles sorrindo para ela, oferecendo suas próprias espadas. Ela recuou o máximo que pôde. “O que você está fazendo? O que há de errado com você?”

Sairsha balançou a cabeça. “Não se preocupe, Promised,” ela disse, o sorriso ainda brilhante no rosto. “Você nos levará para outro lugar. Um lugar melhor.”

Do que ela estava falando? Ela não podia prometer nada a eles.

“Por favor,” Isla disse firmemente. “Só me dê meu dispositivo de portal. Deixe-me ir. Eu não quero fazer parte disso.”

“Mas é o papel que você deve desempenhar”, disse Sairsha. “Foi escrito.” Elas avançaram em uníssono, e Isla foi forçada a erguer sua própria lâmina.

“Eu não vou te matar,” ela disse, recuando, lançando um olhar para as águas selvagens atrás dela. Se ela conseguisse entrar no rio, a corrente a ajudaria a escapar.

Mas ela precisava de seu starstick. Nas mãos erradas, poderia ser ruinoso. Ela poderia agarrar seu colar. Invocar Grim. Mas isso provavelmente levaria todos aqui à morte, e era exatamente isso que ela estava tentando evitar.

“Oh, mas você deve,” Sairsha disse. Ela colocou os braços para o lado, se expondo para um golpe.

Não. Ela recusou. Isso era loucura.

O rosto de Sairsha caiu. “Esperávamos que vocês entendessem. Mas vocês ainda têm muito a descobrir.” Ela olhou para os outros. “Nós insistimos.”

“Eu disse não,” Isla repetiu. “Deixe-me em paz. Eu não sou a pessoa que você está procurando. Eu não sou a garota. Não fui prometida.”

Sairsha sorriu novamente. “Você é tudo o que ele disse que você seria.” Então, ela atacou.

Isla se dobrou com o golpe. Ela não esperava o cabo no rosto. Sangue escorria por sua têmpora. O ato de ter matado Ragan rodou em seu peito, queimando, liberando sentimentos que ela não queria abrigar.

Fome. Parte dela queria essa luta.

Quando Sairsha voltou para outro golpe, Isla a chutou bem no peito.

Sairsha voou pela rocha, pousando de costas. Ótimo. Ela não precisava matá-los. Ela só precisava subjugá-los, pegar seu starstick e ir embora.

Mas parecia que eles estavam decididos a forçá-la.

Os homens com quem ela nunca tinha falado dispararam para a frente e, de repente, ela se viu lutando contra duas espadas. Suas lâminas cortaram o céu noturno em pedaços, e ela grunhiu enquanto trabalhava, ainda cansada de qualquer veneno que eles lhe deram. Ela conseguiu acertar um homem no rosto com o punho, mas ele foi implacável, retornando apenas alguns momentos depois, com sangue jorrando do nariz.

Sairsha estava de pé novamente. “Não precisa ser difícil. Esta morte não é permanente.”

Isla se esquivou de um golpe e mal conseguiu evitar o que seria uma cicatriz feia em seu braço. “Quantas vezes eu tenho que te dizer?” ela gritou. Ela enfiou os dedos nos bolsos tecidos em suas calças e tirou duas estrelas ninja. Elas brilharam enquanto voavam, atingindo um dos homens bem nas canelas. Ele caiu no chão, e ela esperava que ele ficasse lá. Ela girou para encontrar a lâmina do outro. “Eu não vou te matar.”

O outro homem veio até ela por trás, e ela o empurrou para trás com um punho

na testa. Ele caiu para trás, e houve um estalo horrível quando sua cabeça atingiu a pedra.

Ele olhou para ela com olhos vazios, mortos.

Não.

O outro balançou para ela, e ela lutou para encontrar a lâmina dele.

Desta vez, porém, ele deixou a espada cair. Ele não desviou o golpe dela.

Em vez de atingir o metal, a lâmina dela atravessou direto o coração dele.

Um zumbido soou em seus ouvidos. Ela recuou. Não. Não.

Ela olhou para cima, e o cabelo vermelho da mulher tinha caído de sua coroa trançada. Ela estava olhando para ela, lágrimas brilhando em suas bochechas. E ainda, apesar do sangue a seus pés, sorrindo.

“Vai, Sairsha,” Isla disse, sua voz quase um sussurro. “Por favor. Eu não vou lutar com você.”

“Mas você vai.” Sairsha fechou os olhos. Ela respirou fundo—

E sua sombra começou a se mover por conta própria. Ela se desprende do chão e se ergueu, na forma exata de Sairsha. A sombra tinha uma espada.

Ele saltou para frente, perverso, mostrando os dentes e rasgando a carne de Isla com uma crueldade sanguinária. Ela gritou quando os dentes da sombra afundaram em seu ombro, tão sólidos quanto o chão sob seus pés. Era uma habilidade impossível, um ajuste fino do poder Nightshade.

Ela nem tinha visto Grim fazer algo remotamente parecido.

Gemendo, ela conseguiu empurrar a sombra para longe, mas ela não se cansou. Na verdade, estava revigorada. Ela saltou sobre ela; espada erguida bem alto — e Isla enfiou a dela bem no centro. A sombra caiu instantaneamente no chão e derreteu da pedra, a tinta girando no rio.

“Obrigada.” Isla olhou para cima e viu o manto de Sairsha encharcado de

sangue, bem no meio. Bem no mesmo lugar em que ela havia esfaqueado a sombra. Ela desmoronou.

Os joelhos de Isla cederam.

Ela se ajoelhou ao lado de Sairsha, pressionou as mãos contra o ferimento, arrancou parte do manto para tentar estancar o sangramento.

Não adiantou. O sangue se acumulou em suas mãos, e Sairsha apenas sorriu. “Obrigada por esta honra.” E então ela ficou imóvel.

Seu bastão estelar estava na bainha de Sairsha. Isla o pegou com a mão trêmula e se levantou, pisando sobre os corpos ao redor dela.

Sangue cobria suas vestes e escorria pela rocha em riachos, antes de ser engolido pelo rio.

Isla levantou a cabeça para o céu e gritou.

OceanofPDF.com



SEGREDOS

Ela chegou em seu quarto coberta de sangue. Lynx rosnou, e Grim estava lá em um momento. Ela nem olhou para ele quando passou por ele. Ela nem mesmo disse para ele ir embora enquanto tirava suas roupas em uma pilha e ligava o banho.

“Quem?” ele finalmente perguntou, a palavra tão afiada quanto um pedaço de gelo.

Sua cabeça descansou contra a lateral da banheira. Ela olhou para a parede oposta e não sentiu nada. "Não importa. Eles estão todos mortos agora." Suas palavras eram sem emoção. Ele não precisava saber sobre a suposta profecia deles, ou a promessa, ou as outras palavras que os levaram à loucura. Uma loucura pela qual eles estavam dispostos a morrer.

Grim levou as roupas encharcadas de carmesim para longe. Ela não protestou quando ele pegou o sabão e gentilmente a ajudou a lavar o sangue de sua têmpora, costas e ombros. Ela não se irritou quando ele começou a lavar lentamente o sangue de seu cabelo.

Ela fechou os olhos e se perguntou por que a morte sempre parecia segui-la.

“Já mudou de ideia?” Isla perguntou. Sua voz era dura. Insensível.

O ferreiro não vacilou. “Nem por um momento.” Ele se virou. “Mas vejo que você fez.”

Isla não disse uma palavra enquanto estendia os pulsos à sua frente.

"Cansei de fingir ser impotente", disse ela. Se tivesse suas habilidades, ela teria conseguido escapar da seita. Ela poderia tê-los salvado.

“Minha querida,” ele disse, sua voz grave como pedras raspando.

“Você nunca esteve impotente um dia sequer em sua vida.”

Com seu toque, as pulseiras caíram sobre a mesa.

“Vejo você em um mês”, ele disse. Então, ele voltou ao trabalho.

Isla pensou consigo mesma que ele parecia muito ocupado para alguém que estava se preparando para morrer.

“Leitura leve?” Ela estava folheando um livro que era tão grosso quanto sua cabeça e poderia ser usado como um escudo sólido, caso ela precisasse.

Um skyre rastreador não a ajudaria a encontrar o anel, mas talvez outro tipo o fizesse. Ela esperava encontrar algum vestígio deles na biblioteca, para não ter que confiar em Aurora. Ela não tinha chegado a lugar nenhum. O ferreiro e o áugure estavam certos. Era uma arte perdida.

Astria estava parada na frente dela, usando sua armadura típica. Ela nunca a tirava, e Isla se perguntou em voz alta se ela também dormia com ela.

O general perguntou em um tom calmo, "O que você quer dizer com dormir?" Isla piscou, imediatamente se afastando da consideração imaginária de se candidatar para ser general de Grim, quando Astria se recostou e disse, "Uma piada." Ela tirou o que parecia ser um punhado de nozes do bolso e começou a comê-las. "E a resposta é: Sim, às vezes, quando estou cansada demais para me trocar." Seus olhos deslizaram das nozes em sua palma para o livro de Isla, curiosas.

Isla bateu a porta com força, emitindo uma nuvem formidável de poeira que imediatamente provocou o maior espirro de sua vida.

Para seu horror, quando ela abriu os olhos, viu uma pequena pilha de peônias à sua frente, como se seu controle sobre suas habilidades tivesse momentaneamente desaparecido.

Astria parou no meio da mastigação, encarando, sua boca aberta. “Você acabou de... você acabou de espirrar flores?”

Isla sentiu um rubor vermelho subindo por suas bochechas. “Não.”

"Eu vi você."

As pétalas não tinham saído do nariz dela; isso era ridículo. Ainda assim, ela sabia como era. Isla passou a língua pela frente dos dentes. “Se você contar a

alguém, eu te mato”, ela informou ao general. “Vou direto para as brechas na sua armadura.”

Astria dobrou a cintura, rindo. Ela riu e riu, a voz ecoando pela torre, até que um homenzinho saiu das pilhas, com a mão no ar — já a meio caminho de castigar — antes de ver com quem ele estaria falando. Então ele se virou abruptamente e saiu. Astria continuou a rir até que ela estendeu a mão e enxugou os olhos com um pedaço de pano que ela mantinha no bolso da calça.

“Você está... chorando?” Isla perguntou, incrédula.

Astria se virou para ela e, com o mesmo tom firme, disse: "Se você contar a alguém, eu te mato."

Isla fez um gesto sinalizando uma trégua.

Sua prima finalmente se recompôs o suficiente para Isla interromper.

"Então. Ele te mandou aqui para me encontrar?" Ela não via Grim há alguns dias. Os céus estavam girando com cores novamente, e ele estava preparando seu povo para outra tempestade em potencial.

Astria lançou-lhe um olhar penetrante. “Sou general dele, não escriturária. Seu casamento foi uma circunstância especial.”

“Então por que você está aqui?” O resto da biblioteca estava relativamente vazio.

Astria estreitou os olhos para ela. “Desculpe, pareço alguém que não lê?”

Isla levantou um ombro. “Você?”

“Sim, obrigado.”

Isla olhou para ela com expectativa. Quando Astria continuou mastigando suas nozes em voz alta, Isla perguntou: "O que você lê?"

Uma noz quebrou entre os dentes dela, e ela arrancou um cacho de pele. “Um pouco de tudo, eu acho. Um pouco de história, aqui e ali, embora essas geralmente sejam horivelmente sobrecritas. Alguns mistérios. Romances

também.”

“Romance?” Isla perguntou, seu interesse despertado. Ela e Aurora costumavam trocar livros, mas sua seleção era limitada. “Tem romance nessa biblioteca?”

“Ah, sim”, disse Astria. “Há um escritor Starling do século passado cujas obras foram contrabandeadas algumas décadas atrás. Adivinha por quem?” Ela sorriu maliciosamente. “Há alguns livros de escritores

Nightshade também, mas muitos deles... bem, muitos...” Ela fez uma careta como se estivesse vomitando.

“Muitos o quê?”

Ela bufou. “Muitas são sobre o governante. Não pelo nome, é claro.

Mas dá para perceber. Os personagens principais são todos altos, morenos, taciturnos, poderosos. É ridículo quantas mulheres estão apaixonadas por ele.” Ela riu, então parou de repente, parecendo lembrar que estava falando com a esposa de Grim. Ela limpou a garganta.

“Desculpe.”

Isla não se importou, embora ela adoraria ver a expressão no rosto de Grim quando ele descobrisse que sua biblioteca abrigava fantasias sobre ele. Ela provavelmente acordaria na manhã seguinte com a biblioteca em chamas. Ela sorriu ao pensar nisso.

Então sua alegria murchou. Ultimamente, a felicidade parecia flores que murchavam antes que ela pudesse colhê-las para si mesma.

Ela desejou que o livro na frente dela fosse um mistério ou romance.

Em vez disso, ela estava folheando uma visão de vários séculos sobre como as maldições impactaram a sociedade em Nightshade, esperando encontrar qualquer menção a skyres. Em resumo: negativamente.

Isla olhou para Astria, que havia voltado a comer suas nozes, e percebeu que um de seus maiores recursos poderia estar bem na sua frente o tempo todo.

Ela não perguntaria a ela sobre os skyres; não, ela não podia, não quando seu primo era leal a Grim. Ele não conseguia descobrir que ela estava procurando por algo que iria comer sua alma... mas o áugure havia mencionado descobrir sua história. Quando você descobrir a verdade sobre quem você é, seu caminho se tornará claro.

Talvez as respostas que ela procurava estivessem de alguma forma relacionadas aos seus pais.

“Meu pai.”

Astria diminuiu a mastigação. “O que tem ele?”

E ele? Ela começou com o pouco que sabia. Ele era um dos poucos não governantes na história que nasceu com um talento. "Como ele descobriu que era imune a maldições?"

Astria rolou a casca de uma noz entre os dedos. Um sorriso surgiu no canto da boca dela, antes de derreter de volta em uma carranca. “Foi um acidente. Ele adormeceu lá fora ou algo assim, e acordou com as estrelas.

Percebeu que a noite não o matou.”

“Ele estava interessado em maldições? Considerando que ele era imune a elas?”

Astria assentiu. “Ele falava sobre as maldições dos outros reinos por horas.

Ele tinha pena dos Starlings. E, claro, dos Wildlings.” Ela parecia pensativa.

“Mas ele invejava o talento de Grim. Sempre quis viajar. Sempre se perguntou o que havia além de nossas fronteiras.”

“Você tem talento?”

Ela balançou a cabeça. "Não. Só boa em matar." Ela sorriu, então continuou a mastigar seu lanche. "Você sabe..." ela disse depois de um tempo, então parou, sua voz cautelosa, como se ela ainda não tivesse decidido se terminaria sua frase. Qualquer interesse que ela encontrou no rosto de Isla pareceu convencê-la, porque ela continuou, "Seu pai. Ele gostava de mapas."

“Mapas?”

Ela assentiu. “Você não encontrará muitos aqui, nesta biblioteca.

Exploração era quase impossível durante as maldições. Não dava para manter uma tripulação inteira abaixo do convés no meio do mar a noite toda, certo? Mas seu pai... ele os procurava. De antes das maldições. Os coletava. Começou a fazer os seus próprios.”

"Por que?"

Astria levantou um ombro. “Quem sabe por que ele fez o que fez? Ele sempre quis ir embora. Ele era ótimo em seu papel, mas odiava. Até eu vi, e eu era muito mais jovem.” Ela estava olhando além de Isla agora, como se estivesse presa por uma memória. “Quando seu pai tinha oito anos, ele construiu um barco com madeira flutuante e tentou velejar na enseada do castelo.” Ela bufou. “O idiota não percebeu o quão grandes eram as ondas; ele realmente pensou que conseguiria. Ninguém poderia vir resgatá-lo, porque ele fez isso no meio da noite, pensando que era a melhor chance de escapar. Minha pobre tia soluçou na janela, observando-o segurando o

barco com força, quase se afogando. As ondas eventualmente o levaram para a praia. Ele foi enviado para o treinamento pouco depois.”

Isla engoliu em seco, sentindo a garganta seca. Seu pai estava desesperado para ver o mundo lá fora em que ele havia nascido. Assim como ela.

“Você tem algum deles?” ela perguntou baixinho, tentando manter a emoção longe de sua voz. “Os mapas?” Isla assentiu.

“Eles ainda devem estar no quarto dele. Está intocado. Ele viveu no castelo depois que se tornou general de Grim, mas ele só manteve seus itens mais pessoais em sua própria casa.”

Isla assentiu, folheando preguiçosamente o tomo inútil à sua frente, esperando Astria ir embora. Depois de mais alguns minutos de conversa, ela foi, e Isla não perdeu tempo caindo através de sua poça de estrelas, no castelo de sua família.

De acordo com os Wildlings na entrada, o quarto principal ficava no último andar da fortaleza. Isla subiu as escadas, falando com algumas pessoas do seu

povo. Eles pareciam mais sombrios do que o normal; a prisão de Terra e Poppy não tinha sido bem recebida.

Mais algumas mulheres passaram por ela em seu caminho, e então ela estava sozinha, de frente para a última porta no corredor, o único cômodo deste lado do andar. Isla rapidamente percebeu por que ela havia sido deixada intocada.

A porta não tinha maçaneta.

Não tinha nem um buraco de fechadura. Isla franziu a testa. Como ela deveria entrar? De fora? Ela supôs que poderia quebrar uma janela. Ou simplesmente arrombar esta porta com uma arma. Ou entrar por portal com seu starstick.

Ela colocou a mão contra a porta para testar sua resistência e, com o menor toque de seus dedos na madeira, a porta se abriu com um rangido.

Isla pulou para trás, quase esperando encontrar alguém ali.

Mas o quarto estava vazio. Ela hesitou na soleira e a porta se abriu mais, como uma mão acenando para ela entrar.

Isla não sabia se o quarto era encantado ou se a reconhecia como sendo do sangue de seu pai, mas não importava.

À primeira vista, o quarto não tinha nada de especial. Estava vazio, exceto por um espelho, cama e guarda-roupa. Mas, quando ela deu um passo à frente, sombras caíram das paredes como teias de aranha varridas, revelando pilhas de livros. Cartas.

E, acima de tudo, fileiras e fileiras de mapas.

Astria estava certa. Seu pai nasceu com o coração de um explorador.

Uma parede inteira era feita de camadas de pergaminho sobrepostas nas bordas como uma colcha e pintadas com litorais meticulosamente desenhados.

Ela reconheceu Nightshade, Lightlark e os newlands.

Havia algumas outras formas que ela não tinha visto em nenhum outro mapa.

Áreas inexploradas, ao que parece.

O maior deles ficava muito além de Nightshade, a oeste. Era um grande pedaço de terra, separado do resto do mapa por uma fileira de pequenas ilhas, sentadas como guardas. Estranho. Como algo tão grande não poderia ter sido desenvolvido em todos os anos desde as maldições?

Parecia especial. Na verdade, era o único corpo de terra não mapeado com um nome, gravado com precisão. Sua respiração ficou presa enquanto ela lia.

Não. Isso não pode estar certo.

Seu nome era Isla.

OceanofPDF.com



ESPELHO

O coração dela trovejou no peito. Isso não fazia sentido algum. Por que o pai dela tinha uma ilha com o nome dela, quando ele tinha vivido aqui antes mesmo de conhecer a mãe dela?

Ilha.

Tinha que ser coincidência. O nome dela significava ilha. Talvez não significasse nada.

Mas e se isso acontecesse?

Isla removeu aquela folha de mapa da parede, enrolou-a e colocou-a no bolso da capa. Ela andou pela sala, para ver se havia algo que pudesse ajudá-la agora, algo que pudesse indicar o portal, mas tudo o que viu foram cartas entre ele e membros da família, mapas detalhados de Nightshade e livros e mais livros sobre os outros reinos. Ela folheou um sobre os Selvagens, leu a primeira frase do capítulo do meio e quase bufou.

As mulheres selvagens têm presas que se curvam para fora de suas bocas como pítons, têm garras como panteras e bebem sangue em baldes.

Era isso que seu pai pensava dos Wildlings antes de conhecer sua mãe?

Ela se perguntou por um momento sobre a história deles. Como eles se conheceram, e onde, e como eles se apaixonaram.

Parte disso ela podia adivinhar, dados os detalhes que já sabia. Seu pai havia escapado com a espada, usando o dispositivo de portal que ele havia roubado de Grim. De alguma forma, ele deve ter acabado na nova terra dos Selvagens. Sua mãe deve ter encontrado ele por acaso, e, por algum motivo, eles escolheram não se matar.

Isla engoliu em seco, percebendo o quão próximo isso combinava com sua própria história. Ela tinha acabado de alguma forma em Nightshade,

usando o starstick. Grim tinha encontrado ela por acaso. E — embora ela tivesse

enfiado uma lâmina no peito dele durante aquele primeiro encontro — eles tinham decidido não se matar.

Ainda.

Vida e escuridão. Opostos de tantas maneiras. Um poder criava, o outro destruía. Parecia um par que nunca daria certo, não realmente.

Talvez eles fossem muito diferentes. Talvez a união de seus próprios pais tivesse sido errada.

Ela se lembrou do que os seguidores do profeta disseram, antes de sua morte. Uma menina nascerá. Ela destruirá o mundo... ou o salvará.

Ela não seria a causa de mais destruição. Ela encontraria uma maneira de fechar o portal e ganhar mais tempo. Ela usaria esse tempo para mudar seu destino.

Este mapa... tinha que significar alguma

coisa. Só havia uma maneira de descobrir.

Mapa em uma mão e starstick na outra, ela imaginou a ilha em sua mente, tateou em volta, tentou visualizá-la, tentou fixar seu lugar no mundo. Ela caiu em sua poça de estrelas.

Então ela estava se afogando, puxada para baixo por uma corrente implacável. Apenas seu instinto de última hora de esticar o braço acima da cabeça impediu que o mapa se desintegrasse na água. Ela havia pousado no meio do mar — uma onda atingiu o pico, prestes a puxá-la para baixo novamente. Ela fechou os olhos com força e usou seu bastão estelar para levá-la para longe. Para qualquer lugar. Para qualquer lugar.

Ela pousou bruscamente. Sua bochecha estava arranhada pela praia cheia de conchas, sua aterrissagem a arrastou por ela. A areia era escura, cinza vulcânica. Ela se levantou do chão, tossindo água, dobrando-se, sua boca e olhos cheios de sal. Seus dedos tatearam em busca de seu mapa e o encontraram úmido — mas inteiro. Ela o abriu cuidadosamente, amarrando os cantos com pedras para que pudesse secar. Ela não tinha água fresca, mas assim que suas lágrimas clarearam sua visão o suficiente para ver direito, ela cuidadosamente dobrou o mapa em seu bolso.

Quatro tentativas depois, ela se viu em um litoral mais amplo.

O resto das ilhas eram estéreis, sem vida, mas esta—

Isso poderia muito bem ser a Wildling newland. Ela podia ver as florestas da praia, elevando-se alto. Ela podia ouvir gritos e rosnados e o chilrear dos insetos. Ela podia sentir fios brilhantes infinitos, estendendo-se em sua direção como dedos. Este lugar... estava vivo. Ela meio que esperava que um grupo de pessoas se aproximasse, mas ninguém veio.

Ela precisava de um ponto de vista melhor.

Nos dias desde que ela teve as pulseiras removidas, ela estava hesitante em usar seu poder. Ele estava enterrado há tanto tempo, que ela temia que ele surgisse em uma onda incontrolável.

Era parte do motivo pelo qual ela estava ali. De acordo com esse mapa, a ilha estava longe de qualquer outra terra habitada que ela conhecesse.

Se estivesse vazia, poderia ser o lugar perfeito para ela explorar suas habilidades novamente, sem temer a ruína.

Ela só precisava ter certeza de que era o local certo.

Respire. Era quase como se ela pudesse ouvir Oro em sua cabeça. Ela encheu lentamente seus pulmões, estremecendo, suas vias aéreas ainda secas com sal. Ela focou sua mente cuidadosamente, como uma flecha.

Então, sem ousar abrir os olhos, ela disparou para o céu.

Era um risco. Ela podia cair, podia se impulsionar alto demais; mas por um momento, ela deixou de lado seu medo, e a gravidade, e seu estômago caiu—
Então, houve apenas paz. Silêncio. Ausência de peso.

Ela abriu os olhos e quase vomitou. A terra estava tão longe de seus pés. Ela engasgou e caiu, gritando, as mãos girando, antes de se conter.

Respire, ela ordenou.

Rapidamente, ela estudou a costa, as ilhas próximas. Ela já tinha memorizado o

mapa. Era isso.

Essa era Isla.

Com a onda de alívio, ela perdeu o controle do céu e caiu — o chão correu para encontrá-la.

Ela esticou o braço, e uma explosão de energia ajudou a amortecer sua queda. Ainda assim, ela caiu bruscamente na areia.

Cada osso e músculo doía, mas ela se forçou a levantar, porque havia encontrado a ilha que só seu pai parecia conhecer.

Do céu, ela tinha visto o quão grande a ilha era, mas hoje à noite, ela começaria com esta floresta. Assim que ela deu um passo para dentro, ela pareceu ficar quieta.

Isla ficou imóvel. Ela não conseguia acreditar no que estava vendo.

Frutas, por todo lugar. Penduradas roliças nas árvores, a floresta estava pesada com elas. O chão tinha um cheiro doce das frutas que tinham caído e quebrado. Ela estendeu a mão e pegou uma, sentindo o cheiro, reconhecendo-a. Esta era uma variedade que Poppy tinha lhe dado de comer quando criança uma vez, e nunca mais. Isla tinha perguntado, e Terra tinha dito que a árvore tinha morrido.

Por causa dela.

Por causa de sua impotência.

Agora, ela sabia que isso era mentira. Tantas mentiras.

Isla mordeu a fruta e gemeu. O suco amarelo escorria pelo seu rosto enquanto ela comia vorazmente. Era a variedade mais doce que ela já tinha comido, e havia dezenas delas — centenas — penduradas bem ali.

Era impossível. Nightshade não tinha muitas variedades de frutas frescas. Após as tempestades, ela mal conseguia sobreviver, mas havia essa terra com comida sem fim. Recursos sem fim.

Como Grim não sabia disso?

Ela rapidamente usou suas habilidades para tecer uma cesta com videiras. Ela a encheu até a borda com frutas, se teleportou para uma vila Nightshade, deixou-a na soleira de uma porta e fez de novo. De novo. De novo. Até que seus braços ficaram doloridos e aquele pequeno pedaço de ilha ficou vazio.

Uma pequena diferença, mas uma diferença mesmo assim. Tentando, ela pensou, com uma mordida de amargura no peito.

Ela passou o resto da noite comendo em seu caminho pela floresta, tentando de tudo. Eventualmente, as criaturas nativas pareceram se acostumar com sua presença, porque as cobras começaram a deslizar. Os pássaros começaram a chamar uns aos outros. Um javali com chifres selvagens e retorcidos disparou na frente dela e desapareceu.

Quando Isla encontrou uma piscina onde pudesse esfregar o sal e a areia de sua pele, ela se perguntou se o maior segredo de seu pai não era sua própria morte, sua esposa, seu filho... —Mas a ilha.

Ela não tinha viajado até aqui apenas para ver um pedaço de seus pais.

Não, esta ilha serviria a um propósito.

Ainda no centro da água, Isla alcançou as fendas mais profundas de seu poder. Em todos os lugares onde ela havia enterrado sua habilidade, emoções e sanidade.

E deixe tudo sair rapidamente.

A água ao redor dela explodiu para cima antes de se transformar em vapor.

Ondas de pétalas e árvores romperam a terra ao redor dela. O próprio ar parecia se estilhaçar, o vento uivando. Sombras cobriam seus braços, envoltas em faíscas.

A fera dentro dela — aquela que tornava seus poderes mortais — se desenrolou.

Ela cedeu, só aqui. Só numa terra onde ela não podia machucar ninguém.

À medida que seu poder se espalhava pela ilha, o monstro dentro dela sentiu alívio.

Isla acordou no meio da noite, tremendo de outro pesadelo, apenas para encontrar uma serpente enrolada aos pés de sua cama.

Ela não ganhava outra de Wren há algum tempo. De onde tinha vindo?

Cautelosamente, ela estendeu a mão para pegá-la, mas a serpente deslizou para o chão.

Lynx ainda dormia, encolhida no canto. Isla saiu da cama e se lançou em direção à cobra para pegá-la—

Mas era rápido demais. Deslizou por baixo do batente da porta. Ela rastejou para o corredor, seguindo-o até a esquina, apenas para vê-lo ser acompanhado por mais cobras. Eram todas da mesma cor verde-escura com manchas pretas, movendo-se como uma só, como se cada uma fosse parte do mesmo todo.

Siga as cobras.

Ela o fez, mesmo que os traidores tivessem sido capturados. As serpentes eram implacáveis; era como se estivessem tentando levá-la a algum lugar, dizer-lhe algo. Ela as seguiu até dobrar uma esquina e quase bater em uma parede adornada com um espelho intrincado.

Seu reflexo a encarou de volta.

Ela estava coberta de cobras. Elas estavam enroladas em seus braços, seu estômago, sua garganta, apertando—

Ela engasgou, e eles se foram. Eles também não estavam no chão. Eles tinham desaparecido, como se nunca tivessem estado lá para começar.

Lentamente, ela recuou lentamente pelo corredor, seu coração martelando, apenas para bater em algo sólido. Ela agarrou, então se virou, e Grim gentilmente agarrou seus pulsos antes que ela pudesse alcançar sua adaga escondida.

“Devoradora de corações,” ele respirou. “O que você está fazendo?”

Sua voz soou distante.

Ela piscou, e foi como se tivesse sido lançada de volta a esse momento, ao corredor. Ela ouviu um grito fraco.

“Você—você os viu?” ela perguntou, apertando os olhos contra a escuridão, procurando por qualquer sinal deles.

Grim franziu a testa. “Viu o quê?”

“Todas as cobras”, ela disse, como se fosse óbvio.

“Coração,” ele disse, os nós dos dedos correndo pela testa dela. “Você está bem?”

“Estou bem,” ela disse a ele, afastando-se do toque dele. Ela franziu as sobrancelhas, estudando-o. “Você parece um demônio.” “Obrigado,” ele disse.

“Isso não foi um elogio.” Ela balançou a cabeça. “Por que você está de armadura?”

“O tentilhão-da-tempestade”, ele disse.

“Está cantando.” Esse era o grito.

A esperança brilhou dentro dela. Finalmente, outra chance. Ela ainda tinha o outro anel que Azul havia devolvido a ela... ele havia prendido um fragmento de tempestade dentro.

Talvez funcionasse.

Rapidamente, ela se vestiu e colocou o segundo anel em seu dedo.

Sem Wraith eles não poderiam voar, então Grim os transportou para um local próximo a uma das vilas rurais. Alguns de seu povo viviam longe do sistema de túneis, então ele mesmo os levaria para a segurança.

A chuva tinha acabado de começar a cair; estava fria no topo de sua cabeça. Um clarão de relâmpago logo se juntou a ela.

As nuvens acima começaram a circular ameaçadoramente.

Os aldeões saíram correndo de suas casas ao verem seu governante.

Ele os transportou para o castelo. Isla pegou mais, usando seu bastão estelar. Depois que todos foram evacuados, eles foram para outra cidade.

Sinos ainda tocavam fracamente de outras vilas. Avisos do que estava por vir. Os moradores começaram a sair de suas casas novamente, com os pertences pressionados contra o peito. Mas, antes que Isla e Grim passassem pelo muro que cercava o aglomerado de casas, o primeiro tornado tocou o chão.

Depois outro.

Outro.

O poder de Grim disparou. Ele teleportou algumas pessoas gritando para longe, enquanto o tornado avançava direto em direção a elas. Então suas próprias habilidades vacilaram.

Assim como a última, esta tempestade estava cheia de pequenos pedaços de metal feitos pela sombra, girando por todo lugar, perfurando as árvores ao redor e arranhando sua pele, anulando o poder.

“Hearteater, abaixe-se,” Grim disse, antes de puxá-la para trás do muro de pedra. A tempestade rugia atrás deles, fazendo árvores e tijolos voarem. Ela tentou alcançar seu poder, mas ele havia diminuído.

Desapareceu, como se ela estivesse usando suas pulseiras.

Houve gritos.

Não havia nada que ela pudesse fazer.

Isto—era por isso que eles precisavam fechar o portal. Ela segurou o anel firmemente, esperando que ele tremesse em sua mão, esquentasse—

mas nada. Ela estava muito longe.

Isla se levantou, e Grim a puxou de volta para baixo. “Você vai se matar,” ele disse sobre o rugido; mas ele quis dizer todos eles.

Ele estava certo. Ela fechou os olhos com força, o vento rugindo ao redor deles, o chão descascando em espirais, a sujeira batendo contra ela a cada centímetro, o metal cortando suas roupas, e sabia que chegar perto o suficiente novamente seria quase impossível.

Pareceu que horas se passaram antes que tudo ficasse parado novamente. Grim se levantou primeiro, depois a ajudou a se levantar.

Ela sufocou um soluço.



Destruição. Morte. Corpos...

Foi só o começo.

Por uma semana, houve uma nova tempestade a cada dia. A temporada tinha começado para valer. A cada vez, Isla tentava capturar parte dela; mas ela nunca mais chegou perto de um tornado. A maioria das tempestades rugia muito acima — e com Wraith ainda ferido, ela não conseguia ir tão alto. Sua habilidade Skyling não funcionaria, graças ao metal.

Cada morte — cada manhã tranquila depois, observando as consequências, vendo a ruína — a fazia lembrar.

Cinzas. Corpos. Destruição.

Faltava menos de um mês para o inverno quando ela finalmente pegou a pena entre os dedos novamente. E escreveu: Ensina-me.

OceanofPDF.com

SKYRES

Skyres extraem poder do sangue.

Foi o que Aurora disse.

Elas só podem ser formadas com metal moldado.

Ela vinha praticando o símbolo por dias, em pergaminho. Aurora conhecia um, ela disse. Um para canalizar poder. Para controlá-lo.

Era exatamente o que ela precisava. Uma substituição para as pulseiras. Uma salvaguarda caso suas visitas à ilha para liberar seu poder não fossem o suficiente.

Agora, ela estava pronta para experimentar na pele.

Shademade. Ela poderia ter ido ao ferreiro e pedido outra adaga, mas sua ponta seria larga demais para seus propósitos. Não, a pena era perfeita.

Ela seguiu as instruções de Aurora. Skyres eram mais eficazes quando ligados a objetos de grande poder, para usar como tinta. Ela desenterrou um rubi que havia sido passado por gerações de sua linhagem. Um que se dizia ter sido feito pelo poder de seu ancestral. Lentamente, ela pressionou contra ele com a ponta da pena. Não esperava que muita coisa acontecesse.

Ela observou, paralisada, enquanto o metal brilhante atravessava a gema. O centro da pedra tornou-se quase líquido, cobrindo a ponta da pena com tinta carmesim brilhante.

Se a pena fazia isso com uma pedra, ela se perguntava o que faria com sua pele.

Aja imediatamente, enquanto a fonte está fresca, Aurora havia dito, então ela não se perguntou por muito tempo. Beliscando os lábios em antecipação a um grito, ela cravou a ponta da pena contra o braço.

Fogo irrompeu em suas veias, como se seu sangue tivesse sido incendiado. Ela gritou, grata por ter se teleportado para a Wildling newland, onde ninguém a ouviria. O suor escorria por sua testa, misturando-se com lágrimas. Ela nunca

havia sentido tanta dor em sua vida, não quando propositalmente ateou fogo em seu braço para o Centenário, não quando foi atingida no coração por uma flecha.

Foi quase o suficiente para ela parar. Ainda assim, seus dedos tremeram enquanto ela imitava o símbolo que já havia praticado centenas de vezes. A curva delicada, as linhas em espiral, os pequenos detalhes.

Cada linha tem que estar correta, ou sua pele vai descamar dos ossos.

O skyre se torna uma maldição que irá consumir você.

Ela cerrou os dentes, tentando manter a mão firme. Quando terminou a última varredura de tinta, ela deixou cair a pena e caiu no chão. Seu braço estava ensanguentado, a pele quebrada. Parecia errado. Parecia que ela tinha sido mordida por uma fera estranhamente presa.

Mas lentamente, a tinta começou a brilhar. Brilhar. Até que a pele ao redor dela se apertou, dolorosamente, derretendo na marcação.

Estava feito.

O sangue dela rugia em seus ouvidos, queimando seu corpo como um raio. Ela levantou sua mão trêmula, testando o skyre.

Era para canalizar os poderes dela. Controlá-los.

Energia saiu em espiral da palma dela em uma crista tingida de verde.

Ela estremeceu de surpresa, observando enquanto ela atingia a parede com precisão, queimando uma das espadas contra a pedra.

Lentamente, ela se aproximou do metal chamuscado. Estudou o buraco que tinha atravessado a parede.

Perfeitamente circular. Perfeitamente controlado.

Ela olhou para a tinta brilhante em sua pele, fina como a tecelagem de uma teia. Com ela... suas habilidades pareciam ter sido forjadas em uma arma em sua mão — uma espada, ou adaga, ou estrela de arremesso, que ela podia arremessar com precisão.

Foi um atalho. Teve um custo. Ela ouviu os avisos em sua mente, mas eles não importavam... não quando tantas outras vidas estavam em jogo.

Aurora ainda era sua inimiga... mas ela a ajudou. O skyre funcionou.

Você conhece alguma outra marcação? Ela rabiscou desesperadamente.

A resposta veio rápido. Isso fez o coração de Isla afundar. Não.

Isla quase agarrou a caneta, antes que ela começasse a se mover novamente. Mas eu sei onde você pode descobrir.

Ela encontrou Grim na estufa. Em sua roupa preta, ele parecia um demônio no centro de um oásis, sombras manchando o chão ao redor de seus pés. Elas formaram poças quando ele se virou para encará-la.

“O que você está fazendo aqui?”, ela perguntou, juntando-se a ele ao seu lado. Havia uma sacada subindo uma escada em espiral, com vista para toda a natureza. Ele estava encostado na borda.

Ele piscou como se estivesse perdido em sua mente. “Eu venho aqui, às vezes.

Para pensar.” Seu olhar se voltou para ela. “Para lembrar.”

Lembrar.

“As coisas... as coisas eram diferentes naquela época”, ela disse, olhos grudados na fonte no centro. Aquela com uma estátua dela, sorrindo, segurando um bebê Wraith nos braços.

Ela podia vê-lo assentir com sua visão periférica.

“Nós éramos diferentes.”

Ele se apaixonou por uma pessoa que mal saía do quarto. Que nunca conheceu um toque íntimo. Que nunca conheceu o poder.

Ela se apaixonou por um guerreiro cruel que planejou matá-la em determinado momento.

“Às vezes eu acho que nosso amor foi amaldiçoado desde o começo.

Que começou com tanto ódio... tanto sangue... que nunca poderia levar a nada de bom.”

Ele ficou em silêncio. Ela se virou para encará-lo, apenas para encontrá-lo franzindo a testa. “Desde o primeiro momento em que te vi, não parei de pensar em você, e odiei isso. Pensei que você fosse uma maldição. O ódio era muito mais fácil de admitir para mim mesmo do que o amor. Era muito mais familiar.” Ele balançou a cabeça. “Eu... sinto muito por sempre odiar você.”

“Eu também sinto muito.” Ela o esfaqueou no peito durante o primeiro encontro. Ela guardou inúmeros segredos dele. Ela escolheu outra pessoa em vez dele. Bem neste exato momento, ela guardou dele uma profecia que poderia levá-lo à morte, por sua própria mão.

“Eu nunca amei ninguém,” Grim disse, e ela se virou bruscamente para encará-lo. “Não até você.”

O rosto dele estava claro. Os olhos dele estavam sérios. Isso a deixou triste. “Isso não pode ser verdade.”

“É. Comecei a acreditar que era incapaz disso... de qualquer um dos sentimentos que sentia nos outros... de amar alguém tanto, que morreria por eles, sem questionar.” Ele se encostou na saliência novamente. “Às vezes, eu observava nas aldeias, uma família andando pelas ruas, sorrindo.

Um marido e uma mulher de braços dados. Eu achava impossível ser tão feliz. Eu achava que o amor era a maior mentira. A fantasia mais ultrajante.” Seus olhos se estreitaram. “Eu não... eu nunca tinha me imaginado feliz. Eu não achava que mereceria isso. Não depois de tudo o que eu tinha feito.” Seu corpo ficou tenso, como se ele tivesse sido pego por uma lembrança. “Quando eu era jovem, éramos treinados para sermos implacáveis, para termos o coração treinado para fora de nós.”

A voz de Isla era quase um sussurro enquanto ela se acomodava ao lado dele, olhando para a vegetação. “Como você tem o coração treinado para fora de você?” Ela se perguntou se deveria mesmo perguntar.

Grim levantou um ombro. “Você garante que uma criança nunca seja amada.” Sua garganta balançou enquanto ele engolia. “Havia uma guardiã a quem me apeguei. Contra ordens, ela me contava histórias de sua aldeia antes de dormir.

Ela me trouxe uma das bolas de seu próprio filho para brincar. Ela... cuidou de mim, e eu chorei ao me despedir dela. Meu pai descobriu e a executou. Ele me fez assistir." Lágrimas queimaram seus olhos, fúria por seu pai por ser um monstro, raiva pela infância que havia sido arrancada de Grim.

Ele olhou para ela. "O amor é uma doença', meu pai costumava dizer.

'O amor mata reinos.' Então, ele tentou me livrar disso."

No mundo deles, o amor matava reinos. Quando o poder podia ser compartilhado, ele podia ser tomado. Enquanto Isla pensava na profecia do oráculo e no sacrifício que ele já havia feito por ela, ela não conseguia deixar de pensar— Seu pai estava certo.

"Eu venho de uma longa linhagem de homens sem coração, modelados a partir de Cronan." Seu maxilar se apertou com a menção do ancestral de Grim, que havia fundado Lightlark com Horus Rey e Lark Crown. "Sua crueldade era vista como força. De acordo com meu pai, ele era o modelo que todos nós lutamos para imitar. Até mesmo as práticas mais bárbaras."

"Como o quê?" Mais uma vez, ela se perguntou se deveria perguntar, mas ela queria conhecê-lo, saber da infância que o transformou em alguém que ele considerava um monstro.

Seus olhos brilharam de fúria. "Cronan teve filhos. Muitos, muitos filhos, tantos quanto pôde." Ele engoliu em seco. "Ele os enterrou sob a terra, o poder deles a alimentou."

Ela parou contra a saliência. "Ele matou os filhos?"

"Todos, exceto os mais fortes. E foi assim que a linha continuou."

Isla ficou boquiaberta. Não. Ela não podia estar ouvindo direito. Seus olhos ardiam. "Você—você não pode querer dizer..."

Grim assentiu. "Todo governante Nightshade antes de mim teve dezenas e dezenas de filhos. Criou-os até que eles tivessem idade. E os forçou a competir até a morte." Não.

Ela tinha ouvido falar do treinamento brutal de Grim. Nunca uma vez ela

considerou que havia outros. Seus irmãos, que ele deve ter sido criado para pensar como seus rivais.

“Então, você—você...” ela não conseguia dizer as palavras.

Grim, misericordiosamente, balançou a cabeça. “Fui poupado pelo meu talento. No momento em que meu pai descobriu, ele mesmo massacrou o resto dos filhos.”

Isla estava chorando. Grim sempre estivera sozinho... mas não precisava estar. Ele tinha família. E todos estavam mortos. Não é de se espantar que ele odiasse o pai. Não é de se espantar que ele tenha lutado contra o amor e a conexão.

“Mas você... você não tem filhos”, ela disse, confirmando. Ele já havia lhe dito isso no passado, quando ela perguntou sobre a linhagem de mulheres à qual ela havia se juntado.

“Não. Desde o momento em que meu pai morreu, eu sabia que não conseguiria. Eu sabia que nunca conseguiria...”

Isla agarrou a mão dele. Ela sentiu pena de todas as crianças inocentes, trazidas a este mundo para morrer. Ela sentiu raiva dos governantes que as mataram, tudo por poder.

“Sinto muito”, ela disse, falando sério. Ela sabia como era crescer sozinha.

Isla entendia agora, mais do que nunca, por que Grim estava pronto para atravessar o portal por ela.

Ela era tudo o que ele tinha.

Lentamente, os dedos dela se acomodaram entre os dele, e um arrepio percorreu seu braço com o contato. Ele olhou para ela como se tivesse muito a dizer, mas não palavras o suficiente e não tempo o suficiente. Seu polegar roçou os nós dos dedos dela, raspando-os levemente, e ela estremeceu. Ele alcançou seu pulso e varreu o interior, através de seu pulso. Franziu a testa. Seu olhar deslizou para seus pulsos nus. Ele levantou a sobrancelha ligeiramente em questionamento.

Ela não o via desde que fora ao ferreiro. “Decidi parar de me esconder.”

“Bom,” ele disse. “Eu casei com todos vocês, Isla. Não apenas com as partes boas. Não apenas com os dias bons. Não se esconda de mim.”

Foi naquele momento que ela percebeu que estava se escondendo de si mesma. Ela queria tanto, e isso a envergonhava.

Metade dela amava Oro — sempre amaria.

A outra metade amava Grim. Incondicionalmente. Do mesmo jeito que ele a amava. O amor deles não era gentil, era um amor sangrento. E ela estava cansada de fingir que não queria.

Se ela quisesse salvar Nightshade e mudar seu destino, ela precisava trabalhar com Grim, não contra ele.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto novamente.

Os olhos dele se arregalaram. Ele parecia desejar poder matar qualquer coisa que a tivesse deixado chateada. “O que foi, coração?”

Ela balançou a cabeça. “Eu confiei neles. As pessoas que matei outro dia, quando estava coberta de sangue. Eu-eu pensei que eles tinham se tornado meus amigos.” Parecia tão estúpido dizer isso em voz alta. Ela parecia tão patética. Mas Grim apenas ouviu. Ele não a julgou. “E... meus guardiões. Eles-eles-”

Ele a segurou enquanto ela chorava. Era isso que ela merecia, ela sabia.

Ela havia traído inúmeras pessoas também.

“Eu quero ir a algum lugar,” ela disse, seu peito chacoalhando com soluços. “Só com você. Como antes.”

Eles não tinham muito tempo. Já estavam bem no inverno agora. O

áugure tinha sido claro — seu destino e tempo de vida estavam de alguma forma ligados ao portal. Eles precisavam encontrá-lo. Todas as suas vidas dependiam disso.

Ela observou Grim hesitar.

“Há outro palácio,” ele disse, sua grande mão deslizando pela espinha dela, puxando-a para mais perto do peito. “Podemos ir lá, por alguns dias.

Eu acho—eu acho que você vai gostar.”

Ela assentiu contra ele. Perfeito.

Era exatamente o que ela esperava que ele dissesse. Exatamente o lugar que Aurora havia descrito. O skyre em seu braço, tornado invisível pelas sombras de Nightshade, parecia pulsar.

Era uma desculpa, mas também era a verdade. Com tão pouco tempo restante, ela queria aproveitar parte disso por apenas alguns dias. Ceder aos desejos que ela não podia mais ignorar.

Ela e Grim... por mais que ela tentasse lutar contra isso, por mais que parte dela se odiasse por isso, eles eram mais parecidos do que diferentes.

Eles se entendiam.

Ela estava cansada de fingir que não o amava. Ela estava cansada de enterrar seus sentimentos, esperando que eles morressem.

Poderia tê-la tornado uma vilã. Poderia ter sido errado. Mas ela o queria.

Isla encontrou seu vestido de noiva original no guarda-roupa. Estava imaculado. Perfeito. Pendurado de uma forma que o fazia parecer arte na parede, uma peça que Grim poderia ter olhado com frequência.

Seus dedos deslizaram pela seda, pelos laços do corpete, e ela se lembrou de ficar de pé enquanto o vestido era criado ao seu redor. Ela se lembrou do olhar no rosto de Grim quando ele a viu pela primeira vez. Ela se lembrou de quando ele se ajoelhou e pressionou a testa contra as pernas dela e sussurrou algo no tecido como uma prece.

Ela lentamente o tirou do cabide.

Os botões nas costas eram difíceis de prender, mas ela dobrou os braços, e a cada fecho havia outra lembrança, outro momento. Ele havia se impresso em sua vida, e ela não tinha certeza se havia alguma maneira de contornar isso.

Antes que ela pudesse pensar melhor, ela estava na frente da porta dele. Ela não precisava bater.

A porta se abriu, e os olhos de Grim se arregalaram, só um pouco. Ela não o surpreendia com frequência, mas quando o fazia, ela apreciava isso.

O vestido tinha mangas longas e transparentes feitas de bordados intrincados. O design contava a história delas, sombras rodopiantes encontrando flores desabrochando. O corpete era baixo e coberto de pétalas, o design de videiras e caules se enrolando para fora delas, contra sua pele. O tecido era justo contra sua cintura e estômago, e a seda abaixo era lisa, até o chão.

“Coração,” ele disse, piscando mais do que o normal, como se tentasse discernir um sonho da realidade. “O que—”

“Estou pronta”, ela disse. Ela deu um passo à frente. “Estou pronta para tentar de novo.

Para ser sua esposa. Verdadeiramente.”

O olhar que ele lhe lançou era tão sincero, tão incrédulo, que ela não conseguia imaginar que já o tivesse considerado sem coração.

Lentamente, seu olhar nunca deixando o dela, Grim se ajoelhou diante dela. Ele pegou suas mãos tão gentilmente como se fossem feitas de vidro e abaixou a cabeça. Lágrimas correram pelos painéis afiados de seu rosto.

Ela só o tinha visto chorar uma vez antes, e foi quando seu coração parou.

Isso fez seus próprios olhos arderem. "Não vou fingir que serei um bom homem", ele disse. "Mas serei bom para você." Suas palavras eram uma promessa que ela podia sentir no centro do peito, a ponte entre eles escura e brilhante. Ele alisou os lábios em seus nós dos dedos. "Eu vou nos fazer felizes, coração. Eu juro."

Ela queria isso. Com cada parte dela, ela queria que isso fosse real. Ela queria fingir que podia mudar seu destino: que ela poderia salvar todos eles, ter um final feliz.

Grim se levantou em toda sua altura, os olhos ainda sem deixar os dela. Ela

cuidadosamente enxugou suas lágrimas com o polegar, e ele estremeceu. “Nossa noite de núpcias,” ela disse, ligeiramente sem fôlego.

“Você se lembra?”

Seus olhos escureceram, então. “Só toda noite.”

“Bom,” ela disse. Ela deu um passo para dentro dele. O corpo dele estava duro e frio contra o dela. “Faça tudo de novo.”

Grim não hesitou. Num momento ela estava firmemente no chão, e no outro, ele se abaixou e a levantou do chão.

Ele se virou e os transportou tão suavemente que ela nem percebeu que eles estavam no quarto até que estivessem de frente para a cama.

Ela havia previsto que ele iria querer fazer isso aqui. Lynx tinha ido embora. Isla já o havia levado para os estábulos. Ela teve que deixar vários pedaços de carne seca e cobertores para compensar.

Com muito cuidado, Grim a colocou na frente da cama. Ela lentamente tirou os sapatos, encolhendo-se um pouco diante dele.

"Posso?", ele perguntou, apontando para o vestido dela, as palavras tão suaves que ela mal as ouviu.

Ela assentiu e se virou. Ele gentilmente moveu o cabelo dela sobre o ombro, e seu toque leve como uma pena a fez estremeecer. Assim como na

noite de núpcias, todos os sentidos pareciam estar aguçados, sua pele tão sensível como se ela nunca tivesse sido tocada antes. Os dedos dos pés dela se curvaram com a respiração dele em seu pescoço e as pontas dos dedos ásperos dele contra sua espinha enquanto ele começava a desfazer lentamente os botões. Cada raspagem dele contra sua pele a fazia queimar. Inquieta.

Havia muitos botões.

Ele riu sombriamente. “Paciência, Hearteater,” ele disse, e uma emoção a percorreu quando ele usou seu antigo nome. “Temos a noite toda.” Ela sentiu a respiração dele contra a concha de sua orelha, e isso fez seus ombros se

erguerem. “E eu planejo aproveitar cada momento disso.”

Ela se virou para encará-lo. “Se bem me lembro, não saímos desta cama por dias.”

Grim riu novamente. “Ansioso por mais, quando nem começamos, Devorador de corações?”

“Sempre,” ela disse, e sentiu o último botão aberto. Suas costas inteiras estavam nuas para ele. Assim que ela se acostumou com o ar frio em sua pele, ele passou os nós dos dedos ásperos por sua espinha, e ela se arqueou, dolorida. O tecido caiu de seu ombro, e ele pressionou os lábios contra ele, subindo por seu pescoço, por sua mandíbula. Ela estremeceu com seu toque, seu desejo a surpreendendo, subindo tão fortemente quanto ela tentou enterrá-lo.

O vestido caiu no chão, e Grim fez um barulho que quase soou dolorido. Ela também havia encontrado os pedaços de renda em sua cômoda, aqueles que mal cobriam alguma coisa.

“Minha memória é inútil, quando se trata de você,” ele murmurou.

“Você é sempre muito mais bonita do que eu me lembrava.”

“E você ainda está completamente vestido.” Ela estava impaciente, carente. Ela pressionou as mãos contra a camisa dele e a observou virar cinzas, revelando um peito tão largo e musculoso, que ele pareceria uma estátua impecável, não fosse a cicatriz ao lado do coração. A que ela lhe dera. Ele a havia guardado, um vestígio dela.

“Se vingando de mim por todos os vestidos?”, ele disse, sua voz sombria e divertida. Os que ele tinha arruinado, ao arrancar dela.

"Exatamente."

As calças dele eram as próximas. Agora, eles estavam em pé de igualdade. Antes que ela pudesse tocá-lo novamente, ele se abaixou e a pegou pela parte de trás das coxas, levantando-a para a cama. Então, os olhos nunca deixando os dela, ele se ajoelhou diante dela novamente.

Ela enganchou quando ele enganchou os dedos sob os joelhos dela e a arrastou

para a beirada dos lençóis, bem abaixo dele. A respiração dele era quente contra o centro dela, e ela gemeu.

“Você não tem ideia de quantas vezes imaginei isso”, ele disse. A renda dela desapareceu com um único movimento, e ele não perdeu um momento com provocações ou jogos. Não, ele parecia estar tão faminto quanto ela. A cabeça dela caiu para trás com a primeira pressão dele contra ela, os dedos dos pés se curvando, os olhos se fechando com força.

Então, ela se arqueou para fora da cama. As mãos dele gentilmente prenderam os quadris dela contra os lençóis, os polegares acariciando sua pele sensível. Ele foi lento e gentil — até que não foi mais. Ela cravou os calcanhares nas costas dele até que estava gemendo em seu próprio ombro e apertando os lençóis. Então ela estava sendo arrastada para baixo de um mar infinito de prazer, até que seus músculos ficaram tensos e ela estava se despedaçando contra ele.

Ela se sentou, atordoada, mole, com a pele em carne viva e coberta de faíscas.

Ele se levantou lentamente do chão, e ela o observou com os olhos arregalados, além das palavras. Ela observou enquanto ele subia lentamente na cama, inclinando-se sobre ela. Então ele colocou o braço por baixo dela e arrastou os dois para a cabeceira da cama.

Ele beijou lentamente seu caminho até o corpo dela — seu estômago, então seu peito sensível, ápice de necessidade. Ele levou seu tempo ali, e ela engasgou quando ele raspou seus dentes, então sua língua através dela. Ela estava derretida, se contorcendo abaixo dele, desesperada por mais.

“Por favor,” ela disse. Ela trancou as pernas atrás das costas dele, alcançando-o. Em resposta, ele lentamente, muito lentamente, pegou um dos braços dela e o colocou acima da cabeça dela, os nós dos dedos pressionados contra os lençóis de seda. Então ele fez o mesmo com o outro braço dela.

Ele estendeu a mão entre eles, e ela engasgou quando finalmente o sentiu empurrar contra ela. Ele avançou lentamente. Seu polegar varreu a palma da mão dela, e ele se moveu com cuidado, gentilmente, seu corpo tremendo com contenção. Ele entrou e entrou e entrou, até que ela não conseguia pensar em torno da pressão, não conseguia respirar em torno dela; e então ele suspirou contra o topo de sua cabeça, e ela gemeu quando ele alcançou um lugar que fez sua espinha parecer um raio.

Então ele começou a se mover, e nada no mundo jamais pareceu tão bom, tão certo, tão saturado. Ela estava sem fôlego, quebrando, se consertando, e era melhor do que ela se lembrava, essa sensação, essa plenitude.

Ele a segurou pelos pulsos enquanto a penetrava, e ela gemeu em sua boca, ofegante, sem palavras, sem sanidade. Ela sabia que ele podia sentir suas emoções, cada pico de prazer, cada centímetro de necessidade e desejo.

Ele rosnou enquanto a puxava para si, como se não conseguisse sentir o suficiente dela; e ela gemeu com o contato, seu peito sensível raspando contra sua pele fria a cada movimento. Ela enganchou os braços em volta do pescoço dele e mordeu seu ombro para não fazer ainda mais barulho.

Num piscar de olhos, ele sentou-se de novo sobre os pés, levantando a parte superior do corpo dela para encará-lo. Nesse ângulo, ela conseguia sentir tudo, cada centímetro de contato entre eles. Ele se moveu, e a cabeça dela caiu para trás enquanto ela pegava tudo o que ele lhe dava, o corpo dele encontrando cada ponto dolorido no dela e preenchendo-o.

Grim agarrou-a pelo lado do rosto e beijou-a profundamente, sua língua acariciando o céu da boca dela enquanto ela estremecia contra ele, todo o seu corpo ficando tenso, então solto. Ele a puxou de volta para seu peito, e continuou, mais rápido, e ela continuou beijando-o, como se pudesse mostrar a ele com seus lábios e língua o quão bom tudo isso era, porque palavras nunca seriam suficientes.

Ela mordeu o lábio inferior dele quando ele encontrou um ponto que parecia um lugar entre estrelas, e ele continuou, nunca se cansando, músculos duros como pedra sob ela. Ela o encontrou golpe por golpe, esfregando seus quadris, perseguindo seu prazer; e quando ela o encontrou e gritou contra sua boca, ele os virou e penetrou nela



novamente, puxando-a para perto. Ele engasgou quando empurrou para dentro

dela uma última vez, suas sombras brilhando ao redor dele, estremecendo pelo quarto. Na noite de núpcias, ele quebrou todas as janelas. Esta noite, parecia que ele havia se lembrado e tomado precauções contra isso.

“De novo,” ela disse, ofegante, nem um momento depois. “Faça isso de novo.”

Ele riu sombriamente no espaço entre o pescoço e o ombro dela. Ele beijou o comprimento do pescoço dela. "Tão impaciente", ele disse contra a pele dela. Mas então ele a virou, e ele fez.

OceanofPDF.com

INVERNO

O palácio de inverno era feito de arcos ásperos que imitavam as montanhas ao redor. Uma fina camada de neve grudava-se contra o exterior de pedra e vidro como se estivesse usando um cobertor transparente, e as janelas eram tão escuras quanto olhos sem vida, como se o castelo inteiro estivesse dormindo.

Uivos de vento sopravam seus cabelos para trás e arranhavam suas bochechas. O frio era voraz, atacando em mil mordidas rápidas. Grim não pareceu se importar enquanto dava alguns passos para frente. “Nem sempre estava vazio”, ele disse. “Eu me lembro dele cheio.”

“O que aconteceu com todos?” ela ousou perguntar.

“Eles morreram. Cada um deles.”

Ela sentiu uma pontada de dor, lembrando-se do que ele lhe dissera.

Todos que Grim realmente conhecera se foram. Todos, exceto ela.

“Você passou muito tempo aqui quando criança?”

Ele assentiu. “Desde o momento em que nasci, até começar meu treinamento. Esta área é chamada de Algid, a parte mais ao norte de Nightshade. Aqui, neva o tempo todo.”

O inverno eterno aqui era um lembrete de seu destino. Do tempo limitado que lhe restava para mudá-lo.

“Está abandonado há muito tempo?”

“Não completamente. Os terrenos são mantidos, e as principais câmaras são atendidas, em caso de visita.”

Ela se virou para ele. “Não me lembro de ter vindo aqui. Por que você não me levou?”

Ele franziu a testa. “Está frio. Você odeia o frio.”

No momento em que Grim pisou dentro do castelo, manchas prateadas se iluminaram dentro da pedra do interior, um milhão de luzes ao redor deles, como estrelas enterradas no céu noturno. Isla ficou boquiaberta com eles.

“É uma pedra especial,” Grim disse, olhando para ela. “Acende quando sente o poder da Nightshade.”

Isso a lembrou de Starling. Ela disse a Grim, e ele assentiu. “Os reinos não são tão diferentes quanto os fazemos parecer.”

Grim mostrou-lhe corredor após corredor, sala após sala. Ela viu alguns atendentes que se curvaram e seguiram seu caminho.

Ao final de sua turnê, Grim parecia mais leve. Ele passou a mão ao longo do encosto de uma cadeira esculpida em um estilo intrincado que ela nunca tinha visto antes.

“Você parece... feliz”, disse Isla, observando Grim absorver tudo.

Ele assentiu. “Quando criança, eu era mais feliz aqui.”

"Por que?"

“Porque meu pai morava no outro castelo”, foi o que ele disse.

“Podemos ser felizes aqui”, ela disse, colocando a mão sobre a dele.

Lembrando das palavras que ele havia dito a ela antes de levá-la para a cama. E, mesmo que ela escondesse seu verdadeiro propósito de estar ali, ela falava sério.

Grim tinha se teleportado para um guarda-roupa cheio de tecidos macios.

Suéteres, calças casuais o suficiente para dormir, meias grossas para usar

por baixo dos vestidos. Havia capas com capuzes forrados de peles e luvas que chegavam até os cotovelos. Não era tudo preto também.

“Achei que você apreciaria cores”, ele disse. A cor em questão era uma mistura de branco, cinzas e o ocasional prata Starling, mas ela estava grata.

“Isso foi atencioso”, ela disse.

Ele parecia quase envergonhado. “Tudo em que eu sempre penso é em você.”

Isla se aproximou dele. Ela ficou na ponta dos pés e nem chegou perto da altura dele. “Lembra quando nos conhecemos?”

“Claro, eu lembro.” Ele puxou a camisa para cima, revelando o corte prateado em seu peito. “Você tornou difícil esquecer.”

Ela revirou os olhos para ele enquanto ele alisava o tecido de volta. “O

Grim que eu conheci pela primeira vez ficaria enojado com as palavras que acabaram de sair da sua boca.”

Grim franziu o cenho. “Isso termina em um ponto?”

Ela deu um peteleco no nariz dele, e parecia que ele estava tentando muito encará-la. Ele acabou puxando-a para perto dele. “Meu ponto é... as pessoas podem mudar.”

O rosto dele se suavizou. “Se eles tiverem um motivo para isso”, ele disse, abaixando-se para passar as pontas dos dedos ásperos pelo lado do rosto dela. Até mesmo aquele simples toque parecia faíscas descendo pela pele dela.

“Quero ver você relaxado”, ela disse.

“Estou relaxado.”

Ele estava usando três tipos diferentes de espadas, uma capa e faixas em volta dos dois braços. Sua coluna era reta como a de um soldado.

“Certo.” Ela franziu a testa. “Acho que nunca vi você em nada...

casual.” Ela andou até o próprio guarda-roupa dele e o abriu. Capa.

Capa. Capa. Capa.

Ela se virou, exasperada. “Você também usa quando está sozinha?” Ele apenas olhou para ela.

“Não.” Ela balançou a cabeça e agarrou a mão dele.

“Para onde estamos indo?”

“Leve-nos para a vila mais próxima”, ela disse. Seus planos podiam esperar. Se eles tivessem alguns dias juntos para celebrar sua união, ela queria aproveitá-los. “Dessa vez, disfarce-nos como algo divertido.”

No vale de montanhas que lembravam dentes carnívoros, havia uma vila coberta de neve. As casas eram pitorescas, os telhados pareciam pedaços dobrados de pergaminho, brilhando com a geada. A fumaça subia de chaminés robustas como vapor de chá. Ela nunca tinha visto um lugar tão bonito. Isla ficou boquiaberta com Grim.

“Não acredito que você nunca iria me trazer aqui.”

Grim lançou-lhe um olhar. “Quem disse que eu não era?”

Ela olhou para ele. “Nós fomos casados por meses, e eu não consigo encontrar esse lugar em particular nas minhas memórias.”

Ele agarrou a mão dela. “Ainda somos casados”, ele disse. “E você odeia o frio. Achei que tivéssemos estabelecido isso.”

Ela assentiu para sua capa, que era forrada de pele e o tecido mais macio que ela já conhecera. Seu vestido era feito de lã grossa. Por baixo, ela usava meias-calças macias e botas que iam até os joelhos. “Não tanto quando estou vestida para isso.”

Ninguém lhes prestou muita atenção enquanto andavam pela vila, e Isla sabia que Grim os havia disfarçado com seu poder. Crianças brincavam na neve, suas bochechas rosadas, suas palavras saindo em nuvens. As lojas exibiam doces e alcaçuz em suas vitrines.

“Eu costumava roubar esses doces quando era criança”, disse Grim, apontando para os doces.

Ela olhou para ele. “Vilão desde o primeiro suspiro.”

“Exatamente.” Ele olhou pensativamente para a loja. “Meu pai não permitia doces, ou jogos, ou qualquer coisa que ele achasse que me deixaria fraco. Meus guardiões eram bons em impor seus desejos.” Ele deu de ombros. “Mas eu

descobri meu talento quando era jovem. Quando eles pensavam que eu estava dormindo, eu estava aqui, roubando doces e observando as outras crianças brincarem.”

Ela tentou imaginar uma criança Grim. Cabelo preto bagunçado, rosto pálido. Sozinha. Era exatamente o que ela tinha feito com seu starstick, uma vez que ela tinha descoberto sua habilidade. O poder de Grim —

mesmo que ele não soubesse disso na época — tinha fornecido a ambos uma fuga.

“Quando eu tinha idade suficiente para que me confiassem dinheiro, entrei na loja, coloquei uma pilha de moedas no balcão e saí.”

“O suficiente para pagar todo o alcaçuz?” ela perguntou, olhando para ele.

“O suficiente para pagar a loja, se eu quisesse.”

Ela puxou a mão dele. “Vamos, então.” Ele começou a recusar, mas então desistiu e deixou que ela o levasse para dentro.

“Um de cada,” Isla disse no balcão, e Grim riu atrás dela, lembrando-se de quando ele disse exatamente as mesmas palavras no Centenário.

Quando trouxeram uma pilha de fios de sabores diferentes, ele suspirou e olhou para ela por cima da mesa.

“Isso ficou muito mais charmoso com chocolate”, disse ele.

“Sim,” ela concordou, balançando a cabeça solenemente. “Não foi nada alarmante que o vilão Nightshade estivesse me alimentando com chocolates.”

Um sorriso brincou em seus lábios. “Você gostou.”

“Claro que gostei”, ela disse, pegando um dos fios de alcaçuz.

“É chocolate.” Ela gesticulou para ele. “Agora, podemos começar?”

Isla observou Grim dar uma mordida, e seus olhos se fecharam enquanto ele mastigava lentamente. Um sorriso quase surgiu em seu rosto. “O gosto é

exatamente o mesmo”, ele disse, incrédulo. “Séculos depois, e não mudou.”

Ela mastigou um pedaço, e estava bom — não era chocolate. Mas ver a alegria que isso trouxe a Grim a fez amá-lo.

Eles pegaram o resto embrulhado em papel para depois. Então a verdadeira diversão começou. Ela encontrou uma loja que vendia roupas e empurrou Grim para um provador.

“O que você está fazendo?” ele perguntou.

“Vou pegar opções”, ela disse. “Você pode experimentá-las.”

Ele olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça. “Eu não vou me trocar em uma loja”, ele disse, como se a ideia fosse ridícula.

“Tudo bem,” Isla disse, jogando as mãos para cima. “Você só vai ter que comprar opções sem saber como elas se parecem. Você pode acabar não recebendo nada que goste.”

Grim parecia exasperado. Ele se virou para a dona da loja, entregou a ela uma pilha montanhosa de moedas e disse: “Uma de cada.”

“Você está me olhando de novo”, disse Grim.

Ela realmente era.

Ele estava usando uma camisa preta macia de mangas compridas e calças casuais. Sem capa. Sem botas. Sem armadura com espinhos.

Só ele.

Algo nisso estava fazendo coisas estranhas com sua composição.

De sua parte, ela sentiu como se tivesse feito uma roupa de uma nuvem. Ela vestiu um dos novos suéteres de Grim, como manteiga contra sua pele e deliciosamente grande, e uma versão mais grossa das meias-calças que ele havia trazido para ela.

Durante a maior parte de sua vida, ela usou vestidos com corpetes que cortavam

seu suprimento de ar, ou armaduras que a pesavam como uma camada extra de gravidade. Só recentemente ela conheceu o conforto de tecidos grossos e macios contra uma noite fria.

Ela caminhou até ele enquanto ele a olhava cautelosamente. "Isso não é confortável?"

Ele franziu a testa para sua roupa. "Está tudo bem."

Ela fez um som de indignação. Suas mãos alisaram o peito dele, o tecido mais macio que seda sob seus dedos. Ela gemeu. "Diga-me que você pode sentir isso", ela disse, olhando para ele. Seus olhos escureceram. "De repente", ele disse, "estou gostando mais." Ela sorriu para ele.

Havia uma pequena lareira no quarto deles, e eles se sentaram em frente a ela, observando a neve e trocando histórias de suas infâncias. Isla contou a ele sobre como ela escondia gravetos e folhas em seus bolsos durante o treinamento para construir bonecas com eles. Um deles se chamava Stick-man.

"Criativo desde o primeiro suspiro", disse Grim, e ela deu outro tapinha em seu nariz.

Grim contou a ela como ele descobriu seu talento pela primeira vez.

Ele tinha sete anos, neste mesmo castelo, e tinha acabado de ser trancado dentro de seu quarto, como punição por ter se deixado atingir durante o treinamento. Ele tinha batido nas janelas de vidro frio e queria estar em algum lugar mais quente. Em algum lugar diferente.

Quando ele abriu os olhos, ele estava na praia abaixo do castelo Nightshade ao sul. Ele quase enlouqueceu tentando voltar para seu quarto, a tempo de seus guardiões o verificarem. Ele conseguiu voltar pelo portal pouco antes do jantar.

Ninguém notou a areia em seus sapatos.

Ele manteve isso em segredo o máximo que pôde, sabendo que, uma vez que compartilhasse a notícia com seu pai, seus movimentos seriam monitorados mais de perto. Foi só quando o portal se tornou uma vantagem estratégica de luta que ele compartilhou seu talento. Naquela época, ele o havia dominado, tendo viajado por Nightshade e além.

Era o mesmo talento com que Cronan nascera milhares de anos antes.

Ela sabia agora como a comparação deve ter pesado sobre ele. Como isso teria colocado ainda mais pressão sobre ele para se tornar tão monstruoso quanto seu ancestral.

“Os talentos geralmente são passados de geração em geração através das linhagens familiares?”

Grim balançou a cabeça. “Além dos governantes, apenas algumas poucas linhagens familiares têm talento. Não é garantido e é raro.” Grim deve ter visto a confusão dela, porque ele acrescentou: “É estranho que você tenha o mesmo talento que seu pai. Mas anomalias acontecem.”

Falando de família. “Falei com Astria.”

“Você fez?” ele soou cauteloso. Talvez um pouco divertido.

“Sim. Ela me disse que aconselhou fortemente você a enfiar minha cabeça em uma lança.” As sombras de Grim surgiram, mas seu sorriso era brincalhão. “Ela é muito leal à família”, ele brincou.

“Sim, eu entendi isso.”

“Então. O que você disse em resposta?”

As bordas da boca dela se contraíram. “Eu disse a ela que ouvi dizer que a posição de general corre na nossa família, e que ficaria feliz em substituí-la.”

O peito de Grim tremeu enquanto ele ria. “Você quer ser meu general, Devorador de corações?”

Ela balançou a cabeça. “Não. Isso exigiria ouvir você. E eu tenho uma opinião muito alta sobre minhas próprias ideias para conseguir fazer isso.”

Ele riu de novo. Lutando contra um sorriso, ela pensou que era o momento perfeito para contar a ele o que Astria lhe dissera sobre os livros de romance na biblioteca.

As que são sobre ele.

Sua diversão desapareceu. Ele franziu o cenho. “A ideia de piada da Astria.”

Isla sorriu. “Não. Não é brincadeira.”

Ele estreitou os olhos para ela. “E você sabe disso como?”

O sorriso dela se iluminou. “Porque eu li um.”

Grim balançou a cabeça para ela. “Os dias daquela biblioteca estão contados.”
“Achei que você diria isso. Então, queria que você soubesse que realmente gosto da biblioteca. E ficaria muito triste em vê-la reduzida a uma pilha de cinzas.”
“Que pena,” ele disse, sem nenhuma mordida.

Parecia um momento perfeitamente normal para perguntar: “Este castelo tem uma biblioteca?”

Ele assentiu. “Sim.” Esperança brilhou dentro dela. Ele sentiu essa esperança e franziu a testa para ela. “Se você estiver procurando por mais livros desses, posso garantir que esta coleção não é da variedade de romance.” Ela engoliu em seco. Ela quase tinha esquecido o quão cuidadosa ela tinha que ser com suas emoções perto dele, especialmente quando ela estava escondendo algo.

Ela levantou uma sobrancelha para ele. “Por que não?”

“São nossos textos mais antigos. Cada pedaço foi curado pelos meus ancestrais.” Ótimo.

OceanofPDF.com



LABIRINTO

Jardins se estendiam atrás do palácio, cobertos de mato, mas ainda lindos, cobertos por uma camada de gelo e neve. Isla os observava da parede de janelas enquanto bebia da caneca de chocolate quente que Grim lhe dera quando ela acordou.

Ele roubou a caneca descaradamente e tomou um gole. Ela estreitou os olhos para ele, e ele sorriu preguiçosamente antes de pressionar seus lábios aquecidos contra os dela e devolver a bebida.

“O que é isso?”, ela perguntou, avistando a borda de uma cerca alta.

Parecia fazer uma curva fechada.

“O labirinto.”

Ela franziu a testa. “Labirinto?”

Ele assentiu. “É antigo, mais velho que o próprio castelo. Você quer vê-lo?”

Claro que ela queria ver.

Eles se vestiram com suas roupas de inverno, Isla colocando camada sobre camada, como uma espécie de pastelaria ornamentada. Grim os levou para fora, passando pelos jardins extensos, ao redor do castelo.

Eles caminharam até chegarem à boca do labirinto. Era enorme, com sebes cobertas de gelo atingindo mais que o triplo de sua altura.

O túnel era como um corredor que se dividia ameaçadoramente.

Havia uma energia como um escudo. Poder, pulsando, de uma forma misteriosa que ela tinha e não tinha encontrado antes.

Eles entraram.

“Este era meu lugar favorito, quando criança”, disse Grim. Ele fez uma curva, e ela o seguiu. “Meus guardiões eram substituídos todo ano, para evitar que eu

criasse um apego a eles. Eles nunca ficavam tempo suficiente

para aprender o labirinto.” Ele passou a mão pelos arbustos grossos. “Eu costumava me esconder aqui. Eu costumava esperar que eles nunca me encontrassem.” Ele franziu a testa. “Meu pai aprendeu, e eu acordei um dia e vi o labirinto em chamas. Pensei que tinha sumido para sempre, mas o labirinto é teimoso. Levou séculos para crescer de novo, mas cresceu.

E seu poder nunca vacilou.” Outra

volta.

"Poder?"

Ele assentiu. “O labirinto é perigoso. Nenhum poder pode ser usado dentro dele, nem mesmo Nightshade. É por isso que meu pai teve que usar um fósforo para tentar destruí-lo.” Ela pensou em suas pulseiras. Haveria um depósito do mesmo metal antigo abaixo? Isso a lembrava do Lugar dos Espelhos, mas até mesmo a habilidade dos Selvagens poderia ser usada lá.

“Então, um governante poderia morrer aqui”, ela disse. Ela havia assumido que se eles se perdessem, ela poderia usar suas habilidades para cortar as sebes ou voar para fora sozinha. Mas agora, quando ela alcançou seu poder, ela encontrou apenas suas brasas. Grim assentiu. “O labirinto matou inúmeros membros da minha família estendida, se a tradição for verdadeira.”

Isla engoliu em seco. Ela se perguntou o quão casualmente ele andava por ali, roçando suas sebes como um velho amigo.

“Você não está... com medo?”

Ele balançou a cabeça. “Não. Porque eu sei o caminho.”

Isla estudou cada curva dele, memorizando-a, só por precaução.

Morrer de fome em um labirinto não era como ela queria passar os últimos momentos de sua vida. O labirinto era enorme. Seus pés pareciam congelados quando finalmente chegaram ao meio dele.

No centro havia um caixão.

“Cronan”, ele disse, antes que ela pudesse perguntar.

O governante Nightshade foi enterrado lá. O labirinto foi construído ao redor de seu túmulo.

Ela estudou o caixão, sabendo agora por que o poder estava drenado aqui. Era completamente feito de metal preto brilhante. Feito à sombra.

Ela não sabia onde Lark Crown estava enterrada, e Oro nunca mencionou nada sobre o corpo de Horus Rey. Talvez o conhecimento tenha se perdido com o tempo.

Como não conseguiam sair do labirinto por meio de um portal, eles tiveram que sair dele caminhando.

O chão estava úmido e suas pegadas estavam congeladas pelo vento.

hora em que saíram. Tornou-se uma trilha para fora do labirinto, levando-os para fora. Quando chegaram aos jardins novamente, Isla estava tremendo.

“A biblioteca tem uma lareira”, ele disse, e ela assentiu, a expectativa crescendo em seu peito.

Em instantes, o fogo estava ardendo. A lareira era tão grande que até Grim conseguiria andar até ela. As chamas estavam anormalmente altas, quase roçando o teto.

A geada derreteu suas saias imediatamente, formando uma pequena poça ao redor de seus sapatos. Sem pensar, ela os tirou e desfez sua capa.

Ela caiu no chão. Ela olhou para cima e viu Grim observando-a.

Agora que ela havia desistido de enterrar seus sentimentos por ele, eles surgiam em todas as oportunidades. Ela não lutou contra eles enquanto seus olhos traçavam seu corpo, sua camisa úmida pressionada firmemente contra cada músculo em seu peito e estômago. Ela não desviou o olhar de um olhar tão faminto, tão intenso, que sua pele formigava por baixo dele. O peito dele subia e descia assim que ele olhava para ela, como se fosse um esforço para ficar parado em sua presença, para lutar contra o desejo crescente que ela podia ver bem na sua frente.

Foi um frenesi.

Os lábios dela colidiram com os dele, e então seus dedos congelados estavam tecendo através do cabelo dele, ainda úmido do frio. A língua dele estava quente contra a dela e ela gemeu. "Eu preciso de você", ela disse contra os lábios dele.

Ele parecia precisar dela também. Com uma explosão de poder, os textos e papéis na mesa atrás deles foram varridos para o chão, e então ele a curvou sobre eles. Ele puxou suas meias para baixo, e então ela foi preenchida com calor pulsante. Ela arranhou a mesa, enviando rachaduras se formando ao longo da madeira grossa.

Eles estavam famintos, famintos; nada era o suficiente. Logo ela estava tirando completamente a meia-calça, e ele a estava puxando contra a parede. Não — não uma parede. Ela descobriu que era uma estante de livros quando os livros começaram a cair ao redor deles, caindo de suas prateleiras.

"Não pare," ela disse, seus tornozelos travando atrás dele. Ela formou um escudo Starling ao redor deles, os livros voando descontroladamente.

"Eu nunca tive essa intenção", ele disse, enquanto a madeira rangia atrás dela.

Ela acordou enrolada em meia dúzia de cobertores. Grim deve tê-los transportado para cá para deixá-la confortável. O fogo crepitava a poucos metros de distância.

De alguma forma, eles acabaram no chão, bem ao lado dele. Ela se lembrava agora de como Grim gemeu quando ela subiu nele, como ele a puxou para baixo contra seu peito depois. Suas roupas estavam espalhadas pelo chão, junto com dezenas de livros. Havia buracos nas prateleiras contra as quais ele a pressionou.

"Fizemos uma bagunça", ela disse. Grim afastou o pensamento com um gesto.

"Eu os colocarei de volta", ele disse. Seu poder começou a funcionar, mas ela balançou a cabeça.

"Eu—eu quero dar uma olhada neles," ela disse. "Eu nunca tive uma biblioteca só para mim—não assim. Não sem restrições."

"Agora você tem vários."

Ela disse a verdade. “Talvez haja algo para ajudar a encontrar o portal.”

Ele trouxe algumas roupas limpas para ela, e ela as vestiu, antes de ir até a mesa. Ela começou a empilhar livros com seu poder. Grim a observou.

Ela se virou para encará-lo. “Você está distraído.”

"Eu sou?"

Isla olhou das rachaduras na mesa para ele, deitado nos tecidos sem nada, sombras das chamas brincando em sua pele pálida. Ele já estava pronto novamente, e parte dela queria voltar para ele, mas— Grim riu.

Ele andou até ela, beijou o topo de sua cabeça e disse: "Aproveite sua biblioteca." Então, ele se foi.

O quarto de repente pareceu vazio demais. Mas ela tinha um trabalho a fazer. Ela encontrou seu vestido descartado e tirou algo do bolso interno.

A pena.

Ela bateu a ponta na palma da mão, observou o sangue borbulhar e escreveu em um pedaço de pergaminho novo. O que estou procurando?

Um livro amaldiçoado fechado, escreveu a pena. Isla não tinha certeza se havia entendido.

Como um livro pode ser amaldiçoado?

Ela não imaginou que ele estaria simplesmente em uma prateleira e esperava que não fosse um dos que tinham caído no chão.

A maioria dos livros nem sequer tinha títulos ou capas; eram simplesmente encadernados em couro. Ela teve que abri-los e ler alguns parágrafos antes de prosseguir. Depois de fazer isso por horas, ela percebeu que levaria semanas até que ela terminasse a coleção inteira. E

ela tinha apenas algumas horas antes que Grim a chamasse para o jantar.

Se o livro fosse importante, estaria escondido. Ela estudou as paredes,

procurando por alavancas ou painéis especiais. Ela se lembrou de procurar nas bibliotecas em Lightlark, e olhou na lareira também.

Nada.

Foi só quando ela estava empilhando os livros que ela e Grim tinham derrubado que ela percebeu que um livro havia permanecido no meio da fileira central, quando todos os outros ao redor dele haviam caído.

Estranho.

Ela sacudiu a prateleira, esperando que ela se soltasse. Mas ela não se moveu um centímetro. Como se estivesse presa.

Ou encantado.

Isla agarrou uma das escadas deslizantes e subiu até a prateleira.

Ela estudou o livro cuidadosamente sem tocá-lo, não querendo forçá-lo a sair com suas habilidades e potencialmente prejudicá-lo.

Parecia igual aos outros. Capa grossa de couro preto, amassada pelo tempo. Lombada gravada em um padrão espiralado. Só havia uma coisa que o diferenciava. Manchas estranhas nas páginas.

Isla esperava que precisaria de toda a sua força para soltar o livro. Mas no momento em que sua mão se enrolou em volta dele, o livro soltou-se e deslizou contra seus dedos.

Estranho. Ela desceu e colocou-o sobre a mesa. Havia uma força ao redor, um poder que ela podia sentir clicando contra seus ossos.

Foi só quando ela foi virar a página que percebeu que as manchas eram de sangue.

Isla cambaleou para trás no momento em que o livro se abriu.

Amaldiçoado. Era para ser amaldiçoado e fechado, de acordo com Aurora.

Ela esperava um ataque, uma tempestade surgindo de suas páginas, lâminas

cortando o ar... mas não havia nada.

Apenas pergaminho e tinta desbotada.

Seu talento a salvou.

Seu pai era a única pessoa que ela conhecia que tinha o talento dela.

Se o livro era amaldiçoado, então talvez não tivesse sido lido em milênios.

Mesmo assim, a julgar pelo sangue, muitos tentaram.

Ela afundou em uma cadeira e correu para folhear as páginas, lendo o mais rápido que pôde.

Se ela esperava página após página de Skyres... ela estava errada.

Todas as páginas estavam em branco.

Ela ficou mais frustrada enquanto os folheava. “Ajude-me a encontrar o portal,” ela implorou em um sussurro. Ela precisava fechá-lo, parar as tempestades, parar a morte. Ela precisava usá-lo para estender o tempo que tinha. Ela precisava esperar que fosse o suficiente para mudar seu destino.

As páginas permaneceram em branco até o final.

Sem se deixar abater e sem outras opções, ela recomeçou e tentou novamente, para ver se havia perdido alguma coisa.

Desta vez, a tinta começou a se formar. Era como se o livro mudasse a cada vez que era lido. Algumas frases foram reveladas, bem distantes umas das outras. A maioria não fazia sentido fora do contexto.

Então, na última página, havia um skyre. Uma marcação ornamentada que parecia quase uma rosa, envolta em um orbe.

Não tinha descrição. Parte dela coçava para simplesmente pintá-lo em sua pele, para testá-lo... mas seria um risco. Podia fazer qualquer coisa. Ela se lembrou do aviso do ferreiro.

Ela voltou para a primeira página e começou de novo.

Grim a surpreendeu ao levá-la para jantar na vila. Ele deve ter notado o quanto ela tinha adorado.

O restaurante estava cheio, e Grim franziu a testa para todo o barulho e caos, mas Isla não conseguia ouvir o suficiente, não conseguia ver o suficiente. Estava animado, os moradores arrastando cadeiras para outras mesas, conversando sobre grupos de pessoas, rindo e sorrindo, como se não estivessem no meio da temporada de tempestades. Como se vivessem cada dia ao máximo, de qualquer forma.

Quando ela olhou para Grim, ele já estava olhando para ela.

"O que?"

"Você... seria feliz aqui", ele disse lentamente, estudando o rosto dela para ver sua reação.

Ela não tinha realmente pensado sobre isso. Mas... por mais que odiasse o frio, esta vila estava viva de uma forma que ela nunca tinha visto antes. A comunidade tinha sobrevivido a séculos de maldições. Estava claro que as mesmas famílias se conheciam há gerações. Era lindo.

Grim pediu carne carbonizada com batatas batidas e recebeu algo completamente diferente entregue pelo dono barulhento. Isla sorriu por trás da mão ao ver a expressão no rosto dele. Ainda assim, ele comeu, e ela comeu do prato dele quando decidiu que o dele era muito melhor que o dela.

"Apenas pegue", ele disse rispidamente, empurrando seu prato para ela e estendendo a mão para pegar o dela.

"É muito pior", ela disse, observando o rosto dele enquanto ele dava uma mordida. "Foi uma troca horrível."

"É," Grim confirmou. Isla sorriu, empurrando sua comida de volta, mas ele parou o prato com a mão. "Eu disse que te daria qualquer coisa, lembra? Isso inclui meu prato misterioso claramente superior."



Ele comeu obedientemente tudo em seu prato, e então o resto do dela quando ela terminou. Depois, ele a arrastou para um beco, e ela se moveu primeiro, prendendo-o contra a parede e beijando-o até que ele suspirasse em sua boca.

“Por mais que eu tenha gostado disso, eu tinha motivos mais inocentes para trazer você aqui”, ele disse, sugando o lábio inferior, como se para saborear o gosto dela. Ele gesticulou em direção à luz que espreitava na esquina. “Chocolate”, ele disse. “É uma loja de chocolate que—”

Ela o puxou para si. “Isso é tão incrivelmente atencioso”, ela disse. “E

eu amo chocolate de um jeito que provavelmente é preocupante. Mas eu quero outra coisa agora.” Ela olhou para ele. “Você entendeu?”

Pela maneira como ele os transportou de volta para o castelo — e o que ele fez depois — ela sabia que ele havia entendido perfeitamente.

OceanofPDF.com

LIBERADO

O palácio de inverno parecia estranhamente afastado do resto do mundo.

Lá fora, nada era ouvido além do fraco chamado dos pássaros; e à noite, nada era visto além de um infinito lençol de estrelas.

Enquanto olhava pela parede de janelas de vidro, ela se perguntava como esse lugar havia sobrevivido a séculos de temporadas de tempestades. Ela tinha visto a força das tempestades — e tudo o que elas destruíram — apenas nos últimos meses. Ela continuou esperando por outra, mas o céu aqui ainda estava azul.

Grim disse que queria mostrar algo para ela lá fora, e ele gesticulou em direção a um conjunto de roupas que ele havia tirado do guarda-roupa dela. Ela olhou de soslaio para as calças que se desintegrariam na neve,

meias que eram feitas para dentro, e roupas íntimas que não eram nem um pouco adequadas para qualquer tipo de exercício.

“O quê?” ele perguntou enquanto um sorriso brincava em sua boca.

“Nada”, ela disse, puxando calças feitas de couro grosso, uma faixa e uma camisa justas para manter o peito aquecido e no lugar, e uma camisa de manga comprida. “Você sabe muito pouco sobre como as mulheres se vestem, para alguém que está viva há meio milênio”, ela disse. Ele provavelmente pediu a uma atendente para ajudá-lo a criar seu guarda-roupa.

Grim lançou-lhe um olhar. “Devo lembrá-la, eu nunca fui feito para me casar. Eu nunca fui feito para ter uma mulher em meus aposentos por mais do que algumas horas.”

Ela sorriu para ele. Era verdade. Ela se lembrou dos desafios de ter a cerimônia original. A surpresa e a indignação da corte.

Isla percebeu que este quarto — o que devia ter sido de seu pai séculos antes — nunca teria tido uma mulher morando nele. Agora suas coisas estavam por todo lugar.

Quando ela estava vestida, Grim a estudou, como se estivesse memorizando as peças, irritado por ter errado antes. Ela sorriu enquanto ele a levava para os jardins.

Eles poderiam ter se teletransportado para qualquer lugar, mas caminharam por quilômetros, conversando sobre tudo, desde o que estava acontecendo no castelo até como Lynx e Wraith estavam se dando.

“Seu leopardo é estranhamente protetor de uma criatura que é várias vezes maior que ele”, disse ele.

“O nome dele é Lynx”, ela corrigiu, pela décima segunda vez.

“Mas ele não é um deles”, disse Grim, também pela décima segunda vez, exasperado.

“Você está chamando-o por um tipo diferente de animal.” “Ele gosta”, ela disse, olhando para ele.

“Ótimo”, ele disse. “Lynx”, ele franziu a testa para a palavra como se ela o tivesse insultado, “é estranhamente protetor do apropriadamente chamado Wraith.”

Ela revirou os olhos para ele. “Wraith pode ser enorme, mas ele ainda é uma criança. Lynx é mais velho.” Ela suspirou. “Estou aliviada que Lynx não tenha usado o vínculo de Wraith contra ele.”

Isla não viu a bola de neve até que ela atingiu o lado do seu rosto.

Ela se virou, dedos pressionados em sua têmpora. Grim já estava segurando outro.

“Não”, ela disse.

Ele atirou, e ela mal conseguiu se esquivar a tempo.

“Você disse que está pronto para parar de se esconder.” Ele gesticulou para os campos ao redor dele, e as montanhas atrás deles.

“Não há ninguém por quilômetros. Exceto eu.” Ela olhou para ele incisivamente.

“Você não pode me machucar,” Grim disse.

“Excesso de

confiança?” “Tente”,

ele disse.

"Não."

"Tentar."

"Não."

A bola de neve a atingiu bem no centro do peito. Ela olhou para ele.

"Tudo bem. Lembre-se de que você me implorou para te colocar de bunda no chão quando doer."

Se eles iriam duelar, ela não usaria bolas de neve.

Ele não sabia sobre o skyre dela. Ele tinha beijado cada centímetro da pele dela na noite passada, mas ela tinha permanecido escondida pelo poder Nightshade. O próprio poder dele, que ela tinha usado.

O que significava que ele não sabia sobre o novo controle dela.

Ela flexionou a mão em direção ao chão, e uma espada de gelo se formou em seu braço, a ponta afiada deslizando contra a neve. Não parecia que ela estava usando os poderes de Oro. Não... isso parecia com ela. Se Grim ficou surpreso ao vê-la usando a habilidade Moonling, ele não demonstrou. Ele apenas invocou uma espada feita de sombras que se retorciam e calcificavam.

Então, ele atacou.

Isla se virou no último momento, então enganchou sua perna na dele.

Com toda a força que conseguiu reunir, ela derrubou as pernas dele de

baixo dele, mas ele estava pronto para ela. Antes de atingir o chão, ele estava do outro lado da clareira. "Portalar não é justo", ela resmungou.

Grim riu. “Posso te lembrar, esposa, que você tem acesso ao mesmo poder.” Ela tinha.

Ela se portou para as montanhas, e ele estava logo atrás dela. Suas espadas se chocaram, e então ela se foi. Mais alto. Eles se portalizaram para subir o penhasco, espadas batalhando.

Quando ele apareceu bem atrás dela, ela abriu bem os braços e enviou uma onda de neve sobre ele. Ela sorriu, observando-a deslizar montanha abaixo, mas então ela se virou, e lá estava ele. Ele a mandou de volta com a força de suas sombras, mas ela já estava se impulsionando no ar com uma explosão de energia Starling.

Ela pousou agachada no topo da montanha e esperou por ele.

Esperei.

Uma bola de neve a atingiu bem no ouvido.

Ela mostrou os dentes e se virou, encontrando Grim parado ali, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

Isla se levantou lentamente e, sem tirar os olhos dos dele, convocou seu escudo Starling, sentindo-o se formar dos dedos dos pés, subindo pelas pernas, pelo estômago, pelo peito, descendo pelos braços, pelo pescoço. Era uma segunda pele brilhante, um traje de combate de estrelas.

Os olhos de Grim seguiram seu corpo. “Impressionante. Que estrela marcante você é.”

Isla se lançou para frente e, com a força de um meteoro, colidiu com ele. Grim caiu para trás com um whoosh, e ela ficou satisfeita por tê-lo tirado o fôlego. Eles rolaram pela clareira, quase caindo para o lado.

Ele pousou sobre ela, prendendo-a com os braços de cada lado do rosto dela. O corpo dele estava pressionado contra cada ângulo dela.

Os olhos de Grim percorreram sua forma novamente. “Eu nunca levei uma mulher para uma montanha antes.”

No momento em que ele ia beijá-la, ela desapareceu, deixando-o na neve.

Atrás dele, ela disse: "E você nunca fará isso."

Grim riu sombriamente. Ele estava atrás dela em um instante. "Você vai ficar brava comigo quando eu te lançar deste pico?" ele sussurrou em seu ouvido.

Demônio arrogante. Suas sombras a cercaram, mas ela era muito rápida, ela congelou suas sombras sólidas, e elas caíram na neve. Ela se atirou de volta com uma explosão de energia, então começou a atirar adaga de gelo após adaga de gelo, mirando em seu coração, sua cabeça, seu pescoço. Cada uma virou cinzas apenas uma polegada antes de pousar em cheio. Em resposta, ele enviou um exército de bolas de neve em sua direção, que ricochetearam em seu escudo Starling. Elas não a tocaram, mas a força contra seu escudo doeu.

Era muito fino. Ela precisava de algo mais grosso. E ela precisava tirar aquele sorriso de satisfação do rosto dele.

Isla se protegeu completamente em energia, braços cruzados na frente dela. Ela chamou cada centímetro de sua força ao seu redor. Então, quando Grim estava perto o suficiente, ela explodiu.

Grim foi lançado da montanha tão rapidamente que ele era apenas um raio de sombra.

E Isla ficou sorrindo.

Ele estava esperando por ela no sopé da montanha, encostado nela, parecendo terrivelmente inteiro para alguém que tinha acabado de ser atirado de um pico.

"Unleashed combina com você, Hearteater", ele disse.

Ela não poderia concordar mais.

Grim a acordou cedo, com os lábios contra a cabeça dela. "Wraith está ficando inquieto. Vou levá-lo para voar. Volto logo."

Ela deveria levar Lynx para correr também. Mas ela precisava passar mais tempo lendo o livro. Até agora, ela só tinha coletado um punhado de skyres, sem saber como usá-los. Ele não podia saber sobre sua pesquisa.

Ele saiu, e ela retornou à biblioteca. As páginas viraram e viraram, revelando um

pouquinho mais a cada vez.

A maioria eram pedaços de skyres. Alguns poucos selecionados eram inteiros. Nenhum tinha descrições; ainda não.

Ela estava largada na cadeira, com a bochecha apoiada na palma da mão, enquanto folheava e uma frase chamou sua atenção. Ela mal terminou de ler quando ela se acalmou, desaparecendo.

Lentamente, ela se sentou.

Não era um skyre... mas era algo importante. Algo que ela precisaria, assim que descobrisse a marcação correta.

Dizia: Ossos têm mais poder que sangue. Os skyres mais poderosos devem ser formados com eles.

Se ela fosse fechar o portal — se ela fosse prolongar sua vida — ela precisaria de ossos infinitamente poderosos.

Ela sabia onde obtê-los.

A neve caía sem peso ao redor dela quando ela parou na boca do labirinto, ainda segurando o livro nas mãos, caso precisasse de um skyre diferente.

Incerta, ela respirou fundo. Ela havia memorizado as voltas que Grim havia feito, como precaução. Ainda assim, Isla se perguntou se estava cometendo um erro grave ao entrar no labirinto.

O poder zumbia em algum lugar dentro das sebes, sufocando o dela.

Ela podia senti-lo mordendo suas bochechas, as pontas dos dedos.

Estava quieto. Quietos demais, quase, como se toda a vida tivesse sido roubada de dentro de suas paredes. Ela imaginou como seria ficar presa para sempre, enlouquecer lá dentro, procurando a saída.

O livro parecia zumbir em suas mãos. Ela o abriu enquanto andava, folheando as páginas, vendo o que poderia ser revelado a ela.

Nada.

Apenas pergaminho em branco. Nem uma única marcação. Ela franziu a testa. Fechou o livro novamente.

Quando ela ouviu o rosnado, já era tarde demais.

A criatura estava sobre ela, seus dentes afundando em sua panturrilha enquanto ela gritava. O cheiro de seu sangue enchia o ar, e ela chutou o mais forte que pôde, o pé encontrando a pele dura. Foi o suficiente para tirar a fera de cima dela e dar a ela uma chance de correr.

Foi quando ela viu o que era — uma criatura de quatro patas rosnando com um rosto amassado e raivoso, e presas saindo da frente. Algo nele estava distorcido. Errado.

Uma criatura da tempestade. Do outro mundo.

Mas não havia uma tempestade há semanas... a menos que houvesse uma bem longe. A menos que a fera estivesse escondida todo esse tempo.

Sua pele era revestida de pedaços de escamas como armadura, e ele rugia, cabeça para o céu, como se estivesse se comunicando com algo. Ele farejava descontroladamente no ar, e Isla percebeu com um sobressalto que ele não tinha olhos.

Cheiro. Ele emitia olfato e audição, semelhante à criatura na montanha.

O tornozelo dela estava sangrando muito. Ela precisaria retornar ao caixão mais tarde. Ela correu em direção à entrada do labirinto, mancando o mais rápido que podia, apertando a mão e segurando firme o livro, e congelou.

Mais três feras a aguardavam.

Eles a cheiraram imediatamente, o que ela tinha chutado no rosto alcançando. E tudo o que Isla pôde fazer foi correr. Ela entrou no labirinto, o tornozelo gritando de dor enquanto ela corria o mais rápido que podia, sobrecarregada por seus tecidos pesados. Ela enfiou o livro na frente do vestido para não perdê-lo e encharcou sua capa com seu próprio sangue.

Quando chegou a hora, ela o jogou na outra direção, por cima de uma cerca viva, e observou todas as quatro criaturas se lançarem na direção oposta.

Ela correu de volta pelo caminho, mas tinha virado muitas vezes na perseguição. As direções que ela havia memorizado eram agora inúteis.

Ela estava perdida.

Sons de rasgo a alcançaram enquanto a capa era transformada em pedaços. Então, rugidos. Eles estavam com fome. Eles tinham provado o gosto do sangue dela e queriam mais.

Isla se pressionou contra uma das paredes da cerca viva, ofegante, tentando ficar quieta. Eles sentiriam o cheiro dela aqui. De pouca utilidade.

O rosnado estava bem atrás dela agora.

Se ela estivesse perdida, precisava se levantar, no topo das sebes.

Ela tateou ao redor de sua pessoa. Ela tinha duas adagas. Quase inúteis contra as feras escamadas... mas ela poderia usá-las para escalar.

Ela enfiou a lâmina na cerca grossa e ouviu as criaturas irromperem em rosnados. Elas a tinham sentido.

Sua outra lâmina alcançou o alto, e ela gritou enquanto se içava para cima, seu tornozelo sangrando pelas plantas. Só mais três golpes na cerca devem resolver, ela disse a si mesma. Então, ela estaria segura. A cerca era alta; ela não achava que eles conseguiriam escalá-la.

Ela estendeu a mão para atacar novamente—

E foi arrastado para fora da parede por uma série de dentes.

A respiração de Isla a deixou quando suas costas atingiram o chão.

Tudo o que ela pôde fazer foi observar enquanto quatro conjuntos de dentes pairavam, rosnando, prontos para atacar.

O livro contra seu peito era a única coisa que protegia seu corpo de ser rasgado,

e ele não teve chance contra aqueles dentes.

O livro.

Assim que elas pularam para terminar a refeição, Isla tirou o livro do vestido, torcendo para que Aurora estivesse certa sobre ele ser amaldiçoado, e o abriu.

No início, nada aconteceu.

Então, um grito sobrenatural cortou o ar como um trovão. Isla observou nada menos que um demônio rastejando pelas páginas. Era alado, musculoso e não tinha rosto, além de uma boca com mais dentes do que ela já tinha visto em qualquer tipo de animal, fileiras deles, afiados como lâminas empilhadas. Ele atingiu o chão na frente dela, descansando nas garras de suas asas e até mesmo as criaturas de quatro patas recuaram.

Eles não tiveram chance. O demônio avançou e os rasgou em tiras.

Sangue respingou enquanto as criaturas lutavam, cobrindo Isla com ele, mas ela não estava segura. Ainda não. Quando o demônio terminasse com as feras, ele poderia se voltar contra ela... e ela ainda estava perdida no labirinto.

Ela colocou o livro de volta no peito e começou a subir.

A qualquer momento ela poderia ser despedaçada. Ela poderia ser puxada para longe da parede. Ela sabia disso, e continuou subindo e subindo, arrastando seu tornozelo sangrento atrás dela, até que chegou ao topo e se içou sobre ele.

O castelo brilhava diante dela, logo além dos jardins.

Ela estava certa. As sebes estavam compactadas, fortes. Cobertas por uma camada de gelo.

Sólidos o suficiente para ela correr por cima deles.

Ela deveria voltar para o palácio, antes que sangrasse até a morte...

mas ela se virou para o caixão, brilhando no centro do labirinto.

Esta poderia ser sua única chance de visitá-lo sem Grim. Assim que ele visse seu

ferimento, ele ficaria desconfiado. Ela poderia nunca mais ter esta oportunidade. "Você vai se arrepender disto", ela disse a si mesma, antes de partir em direção ao metal brilhante.

Ela correu fileira após fileira, até que havia um vão. Ela precisava pular.

Ela pulou, repetidamente, usando habilidades aprimoradas ao rondar as cidades, pulando de telhado em telhado. Em seu último salto, seu tornozelo torceu abaixo dela, e ela atingiu o lado da cerca oposta com um baque que roubou seu fôlego, antes de deslizar para o chão. Sua cabeça girou. Seu corpo estava dolorido em todos os lugares. Mas ela estava perto. Ela tinha visto. Ignorando a dor, ela se levantou, virou a esquina e quase foi cegada pelo metal brilhante.

Com a respiração difícil, ela avançou lentamente em direção ao caixão.

Enrolou as mãos ao redor da lateral. Empurrou.

Não aconteceu nada.

Ela tentou de novo. Empurrou-o com toda a força. Mas ele não se moveu. Quase como se estivesse encantado.

Ou amaldiçoado.

Ela se lembrou do que o ferreiro disse. Seu sangue era poder.

Ela não perdeu tempo e espalhou o sangue do tornozelo na abertura.

Imediatamente, o sangue começou a se espalhar, derretendo pelo caixão. Dessa vez, ela empurrou — e ele abriu.

Ela olhou para dentro, esperando ver um cadáver. Esperando para roubar um osso para usar em seus skyres.

Mas o caixão estava vazio.

Impossível. O corpo tinha sido movido? Roubado?

Um grito como o de uma garra cruzando o céu quebrou o silêncio, e o labirinto pareceu tremer ao redor dela, em antecipação.

A criatura. Ela tinha acabado com os outros, e agora, iria encontrá-la.

Ela colocou o livro ao seu lado, subiu até a cerca mais próxima e escalou para salvar sua vida.

Ela correu, arrastando o tornozelo atrás dela, junto com um rastro de sangue. Ela já havia perdido tanto.

Após o próximo salto, ela caiu contra o topo da cerca, sua visão turva.

Sua cabeça girando. Ela se arrastou de volta, deixando a dor pulsando em seu tornozelo ancorar sua consciência, mas ela tropeçou, deixando cair o livro. Ela nem viu onde ele caiu.

Ela já mal conseguia sentir as mãos e os dedos. Isso era ruim.

Depois piorou.

Ouviu-se um farfalhar atrás dela, e ela se virou para encontrar o demônio do livro subindo até o topo das sebes.

Ela se virou e correu mais rápido. Mais rápido. Tão rápido que mal conseguia enxergar o que estava à sua frente; tudo o que sabia era que precisava se mover. O castelo estava bem ali.

Tão perto. Mas sua cabeça estava girando agora.

E faltava mais um salto para o anel externo. Ela não achava que conseguiria, não quando sua perna inteira agora estava dormente pela perda de sangue. Estava congelando. Ela caiu de quatro e sentiu o gelo, escorregadio sob suas palmas. O frio parecia grudar nela, rastejando em seus pulmões, ardendo contra seu ferimento, desacelerando sua respiração. Seus olhos se fecharam.

Em algum lugar atrás dela, o demônio do livro gritou novamente, e ela se dobrou, cobrindo os ouvidos.

Ouviu-se um rugido em resposta.

Ela reconheceu imediatamente.

Sinistro.

Com esperança renovada, ela se lançou pelo ar, mal conseguindo atravessar o caminho. Ela se pendurou na lateral da cerca e gemeu enquanto se içava para cima novamente com seu último esforço restante.

Só um pouco mais longe.

Estrelas mancharam sua visão. Ela viu a boca do labirinto e se forçou para frente. Ali. Bem ali.

Ela rastejou até a borda, e seus dedos foram cortados em tiras quando ela alcançou a cerca espinhosa para se apoiar. Ela tentou descer o muro sem suas adagas, mas havia perdido muito sangue. Sua visão ficou preta, e suas mãos ficaram completamente dormentes. Ela caiu na metade do caminho— Nos braços de Grim.

A neve derreteu contra a janela; o vidro aquecido pelo fogo crepitante ao lado dela. Foi a primeira coisa que ela viu quando acordou.

Ela ainda estava no palácio de inverno, então. Flashes do labirinto vinham em jorros. As criaturas de quatro patas. Seu tornozelo, rasgado pelos dentes deles. O demônio do livro. Ela correndo no topo do labirinto.

Ela olhou para o tornozelo e o encontrou enrolado em voltas e voltas, em bandagens já encharcadas de sangue — mas não tanto quanto deveria.

Grim estava no processo de trocá-las.

Quando ele a viu acordada, ele se ajoelhou ao lado dela imediatamente.

Ela se esforçou para se levantar da espreguiçadeira que ele havia arrastado para perto do fogo.

“Criaturas—”

“Eu os vi”, ele disse. “Ou o que sobrou deles.” Ele olhou para ela em questionamento. Ela era boa com suas adagas, mas nem ela poderia destruir uma criatura daquele tamanho do jeito que aquele demônio fez.

“Algo me salvou”, ela admitiu.

Foi quando Grim levantou o livro. Ele deve tê-lo encontrado dentro do labirinto. Os reflexos de Isla fizeram com que ela o jogasse do outro lado da sala, para avisar Grim para não tocá-lo.

Então, ele ergueu a cabeça do demônio sem rosto que havia saído de lá.

Oh.

“Ele me salvou”, ela disse, um pouco triste por vê-lo morto, embora ele a tivesse caçado.

Ele levantou uma sobrancelha para ela. “Tentou me despedaçar.” Justo.

Isla tinha visto o demônio em ação. Às vezes ela esquecia o quão poderoso Grim era.

Então vieram perguntas para as quais ela não estava preparada. “O que você estava fazendo no labirinto, Isla? O que é esse livro?” As páginas permaneceram em branco para ele, então.

Ela parou, pensando no quanto dizer. Ela se lembrou de como seus conselheiros o avisaram... a chamaram de traidora. Uma cobra. Mesmo agora, porém, Grim não parecia chateado... não. Se alguma coisa, ele parecia confuso.

Ferir.

Ela contou parte da verdade. “Achei que isso poderia me ajudar a encontrar o portal.”

Ele piscou. “Fez?”

Ela assentiu. “Sim.”

Tudo se encaixou quando ela saiu do labirinto.

Ele olhou para ela com expectativa.

“O portal é o caixão.”

Os olhos de Grim se estreitaram, pensando.

“Está vazio. O talento dele era portal.” Ossos têm mais poder do que sangue.
“Eu acho... Eu acho que os ossos dele criaram isso, se tornaram o portal.”

Grim mordeu o interior da bochecha em concentração. “O labirinto...
ele escondia seu poder.”

Ela assentiu.

Isla esperava sentir alívio derretido — eles tinham encontrado o portal.

Mas ele nem parecia aberto. Ela não tinha ideia de como fechá-lo permanentemente, ou se isso era possível, quando ela não podia usar poder ao redor dele.

Ela suspirou, inclinando-se para trás, e vislumbrou uma tinta brilhante.

O redemoinho em seu braço que ela havia mantido escondido anteriormente. Suas mangas foram rasgadas pelas feras e pelo labirinto de espinhos. Estava totalmente visível entre os farrapos. As sombras que ela havia mantido sobre elas teriam sido liberadas no labirinto. Ela desmaiou antes de poder colocá-las de volta.

Grim tinha visto claramente, enquanto ele a curava. Lentamente, ela olhou para ele. Ele não abaixou o olhar dela enquanto dizia, "O que, Hearteater, é isso?"



OSSOS

Isla contou a Grim tudo sobre os skyres. Sobre as palavras do áugure.

Sobre sua linha do tempo minguante. Sobre a pena através da qual ela falava. No começo, as palavras saíram lentamente, mas então, em uma corrida aliviada. Ela estava grata por estar queimando pelo menos alguns dos segredos entre eles.

Durante todo o tempo, Grim ficou sentado ali, quase anormalmente imóvel, como se estivesse se forçando a ficar em silêncio para deixá-la terminar.

Então ele disse, simplesmente: “Não”.

"Não?"

Ele balançou a cabeça. “Não. Sua alma não será o preço a pagar.” “Então o que será?” ela exigiu. “Quem será?” Ele ficou em silêncio.

“Eu vou continuar usando-os,” ela disse firmemente. “Essa—essa culpa. Esse sangue em minhas mãos. Ele nunca será apagado. Mas qualquer sacrifício que eu tenha que fazer para fazer mais bem do que mal... para garantir que todos não morram comigo... eu vou fazer. É minha escolha.”

Os olhos dele brilharam nos dela. Eles se encararam.

Grim não concordava com ela... mas ela sabia que ele não ousaria tirar sua escolha. De novo não. Relutantemente, ele assentiu.

Grim desviou o olhar. Por alguns momentos, houve silêncio, enquanto ele se inclinava sobre os joelhos, suas mãos pressionadas contra eles. Ele parecia pensativo, imerso em pensamentos. Então, ele disse: "Eu disse que

escolheria você em vez do mundo, todas as vezes." Ele olhou para ela novamente, e ela assentiu. "É verdade. Eu queimaria o mundo por você, em um momento. Sem dúvida." Sua garganta trabalhou. "Mas isso não significa que eu quero que vivamos em suas cinzas." Ele suspirou, e pareceu se mover por todo o seu corpo. "Eu não quero que o mundo morra, coração. Tenho tentado procurar soluções. Eu pensei... Eu pensei que talvez pudéssemos ter um filho."

Ela se acalmou. Um herdeiro resolveria sua vida sendo amarrado ao seu reino.

“A leitura do áugure sobre sua expectativa de vida claramente torna isso impossível”, ele disse. Ele estava certo.

Mas a ideia de ter um filho com ele...

“Isso me deixou feliz”, ele disse, calmamente. “Isso me fez desejar outra vida. Outro universo, onde éramos apenas nós, apenas nossa família.

Um onde fôssemos livres de todas as responsabilidades que nos prendem.”

“Eu quero isso também,” ela disse, as palavras um sussurro. Seus olhos ardiam, pensando sobre isso. “Uma vida sem nada me prendendo. É o que eu sempre quis.”

Ele quase sorriu. Ele enxugou uma lágrima que escorreu pela bochecha dela. “Não devemos querer nada”, ele disse gentilmente. Era verdade. Ela tinha aprendido isso desde que conseguiu aprender. Governantes nasceram simplesmente para servir seu povo. Sua vida não era dela.

Ela se inclinou para ele, e ele a puxou para o peito. Ela enterrou o rosto na camisa dele, a orelha pressionada contra o coração dele. Ela saboreou suas batidas. “Em algum lugar, lá fora, perto, ou em outro mundo completamente, há alguém que conseguiu tudo o que queria. Nunca seremos nós.” Ela olhou para ele. “Mas por eles... por eles, estou feliz.

Espero que saibam o quão sortudos são.”

“Não estou feliz por eles”, disse ele. “Eu os invejo.”

Ela sorriu. “Eu também os invejo.”

Os braços dele apertaram-se ao redor dela. Ele sussurrou, bem contra o topo da cabeça dela, "Estou segurando tudo o que sempre quis."

Isla se virou e olhou para ele, apenas para encontrá-lo estudando-a.

Os olhos dele estavam quase brilhando de intensidade. “Você disse antes, eu não sei o que é amor... mas eu sei. Eu sei que significa que somos infinitos. Significa

que nossos destinos estão unidos, independentemente de onde estamos, ou se vivemos ou morremos.” Ele arrastou os nós dos dedos pela bochecha dela. “Não tenho muita certeza neste mundo, Isla, mas tenho certeza disto. Meu amor por você não conhece a razão. Não conhece limite. Não conhece a morte. Em cada universo, em cada linha do tempo, eu sou seu... e você é minha.”

Ela o beijou enquanto a neve começava a cair do lado de fora da janela de vidro. Ela o segurou e pensou consigo mesma que aquele momento era perfeito.

Era quase fácil fingir que não havia um milhão de problemas esperando lá fora, como flechas distantes apontadas para aquela casa de vidro, prontas para destruí-la.

O áugure a olhou enquanto ela caminhava em sua direção, tendo passado por sua cachoeira sem um convite. Ele estava de pé, pronto, como se estivesse esperando por ela.

“Eu me perguntava quando você apareceria”, ele disse. “Onde estão meus corações?”

O sorriso dela era venenoso. “Eu te alimento com o que está no seu peito, se você quiser.”

Lentamente, ele sorriu, esticando sua pele doentia, seus dentes pontudos brilhando. “Oh, o profeta teria gostado de você...”

“Falando nele,” ela disse. “Estou supondo que você tenha o sangue dele.” Ele não fez um único movimento que sinalizasse surpresa.

“Você tem mais do que isso... não tem?”

O áugure levantou um ombro ossudo. “Eu tenho o crânio dele. E, claro, sangue.”

Ela imaginou que roubar o corpo do seu querido profeta poderia ter sido o que fez com que o áugure fosse expulso da montanha.

Eles sabiam onde ficava o portal — mas não o que fazer em seguida.

Havia um caminho para descobrir que ela ainda não havia explorado, principalmente porque acreditava que era impossível. Agora, ela estava

desesperada. “As páginas perdidas do livro do profeta.

Eles falam sobre como abrir e fechar portais. Certo?” Ele assentiu. “Eles detalham exatamente como o profeta chegou aqui.” “Eles foram escritos com o sangue dele?”

Ela precisava confirmar.

Ele assentiu novamente.

“Se eu colocasse um skyre rastreador em seu osso... isso me levaria até lá?”

Ele pareceu surpreso. “Você aprendeu a formar isso?”

Não. Ela não tinha. Mas o livro do castelo de inverno tinha lhe dado várias marcações originais. Era perigoso — e doloroso — mas ela tentaria cada uma delas, até acertar. “Ainda não. Mas eu vou.”

O áugure a olhou curiosamente. Por um momento, pareceu que ele ia dizer algo. Então, ele pareceu pensar melhor e correu mais para dentro da caverna.

Ele retornou segurando um objeto muito menor que uma caveira. Ele brilhava na luz limitada. Ele gesticulou para que ela estendesse a mão, e ela o fez, observando enquanto ele a deixava cair no centro da palma dela.

Um dente.

“Escreva o skyre aqui, com seu sangue. Siga-o de perto.” Ela assentiu.

“Ah, e Isla?”

"Sim?"

Ele estendeu a mão, assim que algo pingou do rosto dela. O carmesim manchou seu dedo, e ele o lambeu.

Sua própria mão correu para os lábios... apenas para encontrá-los cobertos de sangue.

Ela estava sangrando pelo nariz. Pelo canto da boca.

O áugure resmungou. “O preço dos skyres”, ele disse. “Já posso sentir o gosto deles no seu sangue... azedando-o.” Ele franziu a testa. “Vai piorar, quanto mais você fizer.” Ele olhou para o dente na palma da mão dela. Ela fechou os dedos em volta dele.

“Tanta culpa você carrega,” ele disse, lambendo os lábios. “Eu sinto o gosto tão forte.

Você quer tanto ser o herói neste destino.”

Ela se lembrou do que os seguidores do profeta disseram. Que ela estava destinada a salvar o mundo... ou destruí-lo.

O áugure parecia saber disso também.

“Você é feito de luz e escuridão, e muito mais. Você nem sabe. Mas você saberá. Em breve.” Ele suspirou. “A traidora. Ela foi descoberta. Ela está se erguendo.”

“Traidores,” Isla disse, confusa com suas palavras. “Meus guardiões.”

Ele pareceu surpreso. Seus lábios crostosos quase racharam e sangraram de tão largo que ele sorriu. “Não... você não sabe. A traidora...

ela está mais perto do que você imagina.”

"O que você quer dizer?" ela perguntou, apertando o punho em volta do dente.

Mas o trado apenas riu. Ele se virou e caminhou mais para dentro da caverna, o sangue em sua poça ondulando enquanto ele passava. Sua risada ecoou, até que, como ele, desapareceu.

Grim a encontrou nas costas de Lynx, a meio caminho do castelo. Wraith havia se recuperado o suficiente para voar. Ele pousou, suas asas tremendo levemente com o impacto, mas quando viu Isla, ele sorriu.

Ela correu até ele, e ele abaixou a cabeça para roçá-la na dela, fazendo-a voar para trás, contra Lynx, que resmungou.

Ele também, no entanto, parecia satisfeito em ver Wraith voando novamente.

Ela se virou para Grim, e seu sorriso diminuiu lentamente. “O que foi?”

“Outro cemitério foi saqueado. Pior do que antes.”

As palavras do áugure estavam frescas em sua mente quando ela disse:

“Leve-nos até lá.” Ele o fez. Eles pousaram em frente a um túmulo.

A boca de Isla ficou seca. Ela não ousou dizer uma palavra.

Os túmulos não foram apenas profanados... eles foram saqueados.

“Os ossos se foram,” Astria disse. Ela estava esperando na clareira.

Os buracos estavam vazios. Estéril.

Ela quase conseguia ouvir a risada estridente do áugure ecoando em seu crânio.

“Terra e Poppy. Elas ainda estão presas?”, ela perguntou a Grim.

Ele assentiu.

“Leve-me até eles.”

A prisão ficava em uma ilha na costa de Nightshade. Grandes ondas batiam contra seu exterior. Um lado tinha janelas, o outro não. A culpa a esfaqueou no estômago, sabendo que era para lá que ela havia enviado seus guardiões.

Eles foram levados para a frente dela, ainda contidos. A prisão em si havia sido construída milhares de anos antes, de metal feito de sombras brilhantes. Nenhum poder poderia ser usado lá dentro, então eles foram trazidos para fora, para ela.

Poppy parecia assustada. Terra parecia assassina.

Isla jurou a si mesma que não usaria o poder de Oro, mas ela tinha que saber. Ela tinha que ter certeza. Ela fechou os olhos. Alcançou a conexão.

Parte dela se perguntou se ela não estaria lá. Parte dela esperava que não estivesse.

Mas, claro como um raio de sol, ela sentiu isso em seus ossos.

Ela agarrou-o.

“Diga-me outra vez,” ela disse lentamente. “Diga-me outra vez tudo o que você não fez.” Terra parecia pronta para estripá-la, mas ela disse, “Nós não destruimos o nightbane. Nós não profanamos nenhuma sepultura. E,”

sua voz era clara como o dia, “nós não matamos seus pais.”

Poppy repetiu as palavras.

Isla esperou para sentir o gosto amargo de uma mentira em sua língua.

Ela se preparou para senti-lo como veneno em suas veias.

Não veio.

Eles estavam dizendo a verdade.

Isla não sabia no que acreditar — o que sentir. Sua sanidade estava se desfazendo dentro dela. Tudo o que ela acreditava ser verdade era mentira. Ela havia trancado seus guardiões, e eles eram inocentes. Ela não confiava mais em seu próprio julgamento.

Era meia-noite quando ela se virou lentamente nos lençóis, ao lado de Grim. Seu peito largo estava nu, iluminado por uma lasca de luar que

espiava através da cortina que eles tinham se apressado para fechar quando Grim a agarrou ao sair do banho.

Ela cuidadosamente moveu o braço dele da cintura dela e saiu da cama. Seus passos eram silenciosos, cuidadosos, mas Grim acordou mesmo assim.

“Devorador de corações?” ele perguntou baixinho, sua voz grossa de sono.

“Eu já volto,” ela disse a ele, e foi para o banheiro. Ela esperou até que a respiração dele desacelerasse novamente.

Então, ela se teleportou para sua ilha.

Grim sabia que ela estava usando skyres... mas ele não precisava ver a dor que era criá-los.

O dente brilhou ao luar.

Ela abriu as páginas diante dela — quatro skyres completos que ela conseguiu pegar do livro, e a metade do skyre de rastreamento. Eles deveriam se encaixar de alguma forma.

Os testes seriam realizados em outro objeto: um pedaço de casca que ela havia descascado de uma árvore próxima.

Seus olhos se fecharam. Ela respirou fundo. Então, ela mergulhou a ponta da pena em sua veia, até que ela juntou seu sangue como tinta. Ela estremeceu contra a leve queimadura, mas essa não foi a parte difícil, não.

No momento em que ela começou a criar a forma na casca, formando as bordas do skyre, suas veias começaram a esquentar.

Por favor, esteja certo, ela pensou, lembrando-se do que o ferreiro havia dito sobre fazer marcações incorretas. Havia um preço.

Quando sua forma se fechou, ela pagou.

Seu corpo travou. Ela começou a se debater no chão, quase mordendo a língua. Em vez de sentir fogo em suas veias, ela sentiu como se cada uma delas estivesse sendo arrancada de seu corpo, rasgada através de sua pele.

Seu grito raspou rudemente contra sua garganta; parecia engolir o mundo.

A dor era demais.

Seus poderes vieram à tona, e a fera dentro dela atacou.

Plumas de fumaça preta atravessaram a floresta e desceram pela praia, terminando em chamas que sibilaram em gelo quando encontraram o mar. O chão da floresta se ergueu como um tapete e se tornou um campo de espinhos.

Ela gritou e gritou, a dor e o poder que isso invocava a cegavam, consumindo todos os seus sentidos, até que tudo se tornou demais, e o mundo caiu na escuridão.

O sol do meio-dia espiou através das copas das árvores. Ela apertou os olhos

contra ele, então se levantou, apenas para se encontrar coberta de sujeira.

A dor tomou conta dela, uma lembrança da noite passada.

Ela tinha bagunçado o skyre, e isso quase a matou. A casca da casca estava enterrada sob uma camada de fuligem, brilhando com seu sangue.

Ela não sabia se conseguiria fazer isso de novo, até que acertou. Ela não sabia se sobreviveria.

Seu corpo estava dolorido. Seu poder estava gasto, raspado e limpo.

Ela quase caiu quando tentou se levantar. Sua cabeça latejava. Ela tinha sonhado com a vila novamente — os gritos, a escuridão, o caos.

Há quanto tempo ela estava dormindo?

Isla voltou para seu quarto e o encontrou vazio. Ela xingou. Já passava do meio-dia. Grim já estaria bem adiantado em seu dia e se perguntando para onde ela tinha desaparecido. Ele estaria ficando preocupado.

Enquanto trocava de roupa, ela notou a comoção lá fora. Botas de soldado.

Ordens. Pânico.

Grim entrou no portal um momento depois, sua expressão endurecida mudando para alívio quando ele a viu.

Então, seu olhar caiu sobre os pés descalços dela, que estavam cobertos de terra.

“Onde você estava?”

“A Wildling newland,” ela disse, a mentira escapando com surpreendente facilidade. Isla queria contar a ele sobre a ilha. Mas havia algo sobre ela pertencer ao seu pai — algo sobre ele ter mantido isso em segredo — que a fez se conter. Ela se virou para o banheiro. “Eu estava experimentando com os skyres. Qual é o pânico?”

“Houve um ataque. Muitas pessoas morreram.”

Isla parou no meio do caminho. Ela se virou bruscamente. “Outra tempestade?”

Ele balançou a cabeça. “Não. Um ataque.”

“O quê? Onde?”

“Uma cidade a noroeste,” ele disse, estudando-a. “É uma de nossas bases militares. Mas civis também morreram.”

Isso não fazia sentido algum. Quem atacaria agora? Oro certamente não. Ele não queria guerra e não mataria inocentes Nightshade. O resto dos reinos não tinha motivo ou recursos.

Poppy e Terra podem ter feito algo por vingança, ela pensou. Mas não

— ela já os havia acusado injustamente de assassinato antes.

“Por que alguém atacaria Nightshade? Como eles teriam acesso?”

Quase toda a ilha era cercada por recifes, tornando quase impossível chegar lá de barco. A frota de Cleo só podia ancorar ao norte. Ela supôs que os perpetradores poderiam ter voado, mas era uma longa jornada, e os Skylings eram pessoas pacíficas. Não havia necessidade de começar uma guerra entre reinos, não agora.

“Não temos certeza. Temos apenas relatórios iniciais, estamos trabalhando para obter mais relatos de testemunhas.”

Isla assentiu. Ótimo. “Vamos para a cidade?”

Ele olhou para ela. “Você quer?”

“Claro que quero.”

Ela se virou para a cômoda e começou a vestir um novo conjunto de calças, botas e uma camisa de mangas compridas. Um banho teria que esperar.

Quando ela fez menção de prender o cabelo, Grim disse: “Você deveria ficar.

“Vá se limpar, eu cuido disso.”

Isla congelou, dedos ainda contra suas raízes. “Você quer que eu fique?”

“Você não dormiu ontem à noite.” Ele roçou os lábios na testa dela.

“Descanse, coração. Eu voltarei em breve.”

Então, antes que ela pudesse protestar novamente, ele se foi.

Os olhos de Isla se estreitaram na porta. Havia algo que ele não estava contando a ela.

Ela entrou no corredor. Mantendo-se nas sombras, ela o seguiu até a sala do trono, onde sua legião esperava. Pouco antes de ele entrar, Astria o parou nas portas.

Isla estava pressionada contra uma parede na esquina, longe o suficiente para não ser sentida, mas perto o suficiente para ouvir.

“Sim?” Grim disse, ainda mais rude do que o normal.

“Mais testemunhas”, disse seu primo. “Estão todas dizendo a mesma coisa, governante.”

“Eles estão confusos. Eles não sabem o que viram.”

Astria ficou em silêncio por alguns momentos antes de falar novamente. Sua voz era resoluta. “É isso que você vai dizer para eles dizerem?” Grim fez um som como um rosnado.

“Eles são testemunhas confiáveis. Soldados anteriores. Eles estão certos em seus relatos.”

“E o que, exatamente, eles estão alegando ter visto?” Grim exigiu.

“Um Wildling, surgindo do chão. Arrasando a cidade com um poder que eles nunca viram antes. Puxando corpos direto para a terra.

Sufocando-os.”

Isla não estava respirando. Um Wildling atacou uma cidade em Nightshade. Um Wildling com um poder que eles nunca tinham visto antes. Nenhum de seu povo tinha poder como aquele, pelo menos que ela soubesse. Ela supôs que eles poderiam estar escondendo, mas com que finalidade? Eles estavam felizes aqui.

Era a traidora. Ela ainda estava lá fora.

“Eles a viram, governante,” Astria continuou. “A descrição deles combina exatamente com ela. Uma das testemunhas a viu pessoalmente, na corte. Ele confirmou.” Ela.

Ela quis dizer Isla.

O sangue dela gelou, depois ferveu. Como Astria podia acusá-la de tal coisa? O fato de eles serem família não significava nada para ela?

A voz de Grim era um rosnado quando ele disse, bem na cara de Astria:

"Você está acusando minha esposa de destruir uma cidade?"

Astria não recuou e disse: “Ela já fez isso antes”.

OceanofPDF.com



SEM SANGUE

Isla não ficou por perto para ver a fúria de Grim, mas ela sentiu, o castelo tremendo ao redor dela. Ela correu para o quarto deles.

Uma cidade foi destruída. E eles pensaram que ela era a responsável.

Foi por isso que Grim não queria que ela viesse, por isso seus olhos se demoraram na sujeira do corpo dela.

Ele achava que ela também fazia isso?

Ele suspeitava que se ela aparecesse na cidade, eles apontariam para ela e gritariam? Como se ela fosse uma vilã que tivesse retornado para acabar com eles?

Não. Não foi ela.

Assim que ela negou, uma lasca de dúvida surgiu em espiral no fundo de sua mente como uma lâmina. Ela sonhou em destruir a vila. Ela acordou mais tarde do que o normal, coberta de mais sujeira do que o esperado. O

skyre havia sido feito incorretamente. Ela pensou nos avisos da broca e do ferreiro, no preço de usar as marcações.

Ela atacou a aldeia sem saber?

O monstro que crescia dentro dela assumiu o controle enquanto ela dormia?

Não. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Não.

Ela não deveria ter tirado as pulseiras. Ela não deveria ter confiado em si mesma, mesmo com o skyre. Especialmente com o skyre.

Isla precisava ver as ruínas. Talvez ela se lembrasse. Talvez ficasse claro que ela não teve nada a ver com isso.

Ela sabia a direção geral da vila, mas levou um dos mapas de seu pai e cinco tentativas para acertar com seu starstick. Quando ela pousou, envolta em sombras, Grim já estava lá com seus soldados, vasculhando os escombros.

Os joelhos dela quase dobraram. Parecia muito com a vila que ela havia destruído.

Um bebê chorou. Uma mulher gritou por uma filha que ela ainda não conseguia encontrar.

Suas mãos estavam ensanguentadas de tanto cavar nos escombros.

Em vez de cinzas, havia sujeira. Em todo lugar. Era como se o chão tivesse engolido a cidade, arrastado os corpos para baixo. Algumas mãos sem vida estavam se projetando do chão, em um último pedido de ajuda.

Alguém agarrou sua mão e ela engasgou, percebendo que havia perdido o controle sobre suas sombras. “Devoradora de corações,” disse uma voz. Sombria.

Ele os envolveu em suas próprias sombras, protegendo-os do mundo.

“Eu não fiz isso”, disse Isla. Ela não poderia ter feito. Foi o que ela disse a si mesma. Ela balançou a cabeça. Lágrimas rolaram por suas bochechas.

“Eu juro.”

“Eu acredito em você,” ele disse instantaneamente, antes de puxá-la para seus braços. A bochecha dela contra seu peito, a mão dele segurando a parte de trás da cabeça dela.

Grim confiou nela. Imediatamente.

Enquanto ele a segurava, acariciando suas costas com a mão, ela não conseguia deixar de pensar que ele não deveria fazer isso.

Ela já fez isso antes.

As palavras de Astria a estripavam com mais eficiência do que qualquer lâmina poderia. Ela não conseguia nem ficar brava com sua prima, porque ela estava

certa. Isla havia matado centenas sem querer no passado.

Quem disse que não era ela também?

Ela sabia dos fatos. Nightshades a tinham visto. Quem era ela para questionar o testemunho deles?

Ela mal dormia, com medo de que, se dormisse, seu corpo pudesse agir por conta própria, revivendo seus pesadelos de novo e de novo. O braço de Grim ao redor dela agora parecia mais uma precaução.

“Se eu sair no meio da noite... siga-me”, ela disse a ele antes de dormir uma noite, e ele apenas assentiu. Foi o mais longe que ela conseguiu chegar em reconhecer que o ataque poderia ter sido ela. Os olhos de Grim estavam livres de qualquer julgamento.

Mate quem você quiser, coração, ele havia dito antes. Eu nunca vou te julgar.

As palavras dele já foram um bálsamo, um suspiro de alívio por alguém conseguir ver o pior nela sem pestanejar.

Agora, ela se perguntava se isso teria sido uma permissão para a pior parte dela vagar livremente.

Siga as cobras. As palavras ecoaram em sua cabeça enquanto ela tentava desenhar os skyres, pagando o preço a cada tentativa até que finalmente conseguiu.

Ela não sentiu nenhuma onda de triunfo quando o skyre brilhou no dente.

Siga as cobras.

Ela se lembrou da risada do áugure quando ele percebeu que ela não tinha descoberto, ela não sabia quem era o traidor.

Quando você aprender a verdade sobre si mesmo, seu caminho estará claro, ele havia dito. Ela pensou na escultura na parede dele. Ela, envolta em serpentes.

Ela pensou em seus sonhos, de se afogar em escamas.

Ela pensou em ver as cobras em sua mente, rastejando pelos corredores, levando-a a um espelho. Ao seu reflexo.

Dente vermelho-celeste no bolso, ela visitou Wren e observou cada cobra na árvore se virar para ela. Ela parou quando elas subiram por suas pernas para envolver seu peito e braços, como se tivessem sido convocadas.

Siga as cobras. Ela tinha. E

todas elas levaram até ela.

Grim estava sentado em seu trono quando ela entrou na sala. Ele parecia exausto. Ainda assim, as sombras a seus pés se acumularam

quando ele a viu. Ele estava na frente dela em um instante. "O que foi, Hearteater?" Ele estudou as cobras ainda enroladas em seu corpo, sibilando.

"E se fosse eu?"

"Não foi." Ele parecia certo.

Ela balançou a cabeça. "E se eu for o que todos dizem que eu sou? E se eu for uma traidora? E se eu for um monstro? E se eu acabar sendo sua ruína?"

O olhar de Grim era feroz e assustador quando ele segurou o queixo dela com a palma da mão.

Ele inclinou o rosto dela em direção ao dele. "Então eu vou te defender até meu último suspiro."

Sua voz tremeu. "Você não pode estar falando sério."

"Eu faço."

"Você não deveria," ela disse. "É loucura. É..." O chão começou a tremer.

Ela franziu a testa. "O que—"

Isla foi arremessada para trás quando a fundação do castelo balançou.

Apenas as sombras de Grim a impediram de bater contra a parede.

Houve um momento de quietude, de silêncio.

Então o castelo começou a tremer seriamente, como se estivesse sendo lentamente empurrado de seu penhasco. Outra tempestade — uma grande.

As portas se abriram com estrondo quando Astria correu para dentro, com suas duas lâminas nas mãos. Era a primeira vez que Isla a via desde que a acusara de destruir a vila.

“Há um exército em nossos passos,” ela disse, sem fôlego, seus olhos se estreitando para Isla. “Eles—eles parecem com os nossos.”

“O que você quer dizer com eles se parecem com os nossos?” Grim berrou.

“Eles são nossos”, ela disse.

Isso não fazia sentido. Isso era um golpe? Mas o exército inteiro de Grim não ousaria se levantar contra ele. Sua morte significaria a morte do shopping.

Não. Isso foi outra coisa.

As janelas começaram a quebrar de cima, nos cantos mais altos da câmara, uma por uma, com vidros caindo e quebrando no mármore.

Galhos e pedras como lâminas espetadas de todas as direções.

Guardas na sacada foram sugados para fora da sala.

Grim estendeu a mão para Isla, parecendo prever algo que ela não conseguia; mas, pouco antes de seus dedos encontrarem os dela, o chão sob seus pés se abriu como um ponto rompido.

E ela foi engolida.

Isla foi arrastada pelo chão, um túnel se formando abaixo de seus pés. Se não fosse pelo escudo Starling que ela fez ao redor de si mesma e de suas cobras, todas elas teriam sido despedaçadas ao longo da rocha. Ela lutou contra o aperto invisível, arranhou as paredes com seu poder, mas o que quer que fosse, era mais forte.

Justo quando ela conseguiu dominá-lo, ela foi depositada em uma sala.

Ela estava bem no subsolo. Estava escuro, exceto pelos vaga-lumes, presos contra o teto cavernoso.

Na frente dela estava uma mulher. Ela tinha cabelos longos e escuros, olhos grandes e pele bronzeada. Havia trepadeiras enroladas em seus braços e pernas. Suas roupas não eram nada mais do que uma tapeçaria de galhos, flores, grama e folhas entrelaçados.

“Você é Wildling,” Isla disse, pensando nas videiras e galhos que tinham caído no castelo. “Você é a Wildling que atacou a vila.” Sua semelhança com Isla era incrível. Ela agora entendia por que, de longe, as testemunhas tinham acreditado que era ela.

Mas Astria tinha falado sobre um exército Nightshade. Isso era impossível. O povo Wildling estava planejando um golpe pelas costas dela, com essa mulher no comando?

“Você não me reconhece, não é?”, perguntou a mulher. Ela estava falando suavemente, mas sua voz parecia ecoar, ressonante de uma forma que Isla nunca tinha ouvido. Ela não tinha. E embora Isla mal tivesse sido uma governante para seu povo, ela conhecia todos eles. “Não. Eu deveria?”

A mulher parecia triste. “Não. Acho que não deveria.”

Isla tateou em busca de seus poderes. Eles estavam bem ali, assim como suas lâminas, esperando que ela os pegasse.

Mas essa mulher atacou uma vila. Ela emboscou o castelo de Grim. Ela aparentemente tinha um exército. Ela capturou Isla por um motivo.

Antes de escapar, Isla precisava de respostas.

“O que você quer?” Isla exigiu.

A mulher sorriu. “Para fazer este mundo novo.”

O que quer que ela estivesse esperando que saísse da boca da mulher não era isso. “O que você quer dizer? O que você quer com as Nightshades?”

“Simples”, ela respondeu. “Eu quero matar cada um deles.”

A visão de Isla se estreitou para um túnel. Quem quer que fosse, ela tinha parado de ouvi-la. Rápido como um raio, os dedos de Isla se curvaram em torno de uma lâmina em sua coxa, e ela a jogou direto no peito da mulher antes que ela pudesse piscar.

Isla viu o metal perfurar seu coração.

A Wildling olhou para baixo. Ela não desmoronou, não sangrou, não morreu. Tudo o que ela fez foi franzir a testa, e Isla observou aterrorizada enquanto sua faca lentamente saía do peito da mulher e caía no chão, limpa.

Impossível. Isla reuniu todo o seu poder — energia, fogo, gelo, videiras, sombras — e liberou-o sobre a mulher. A Wildling foi perfurada em cem lugares diferentes de uma só vez. Um braço foi cortado completamente.

Isla estava ofegante, esperando a mulher cair morta. Esperando sentir a curva em seus ossos em mais uma morte.

Mas isso nunca aconteceu.

Isla assistiu horrorizada enquanto todas as lacunas em seu corpo se preenchiam novamente, sem uma única gota de sangue. Enquanto seu braço era refeito, diante de seus olhos, as artérias e a pele cresciam como cascas e videiras.

“Você não me deixou terminar,” a Selvagem disse, parecendo irritada, enquanto se levantava novamente em sua altura máxima. Ela deu um passo à frente, e Isla recuou, até que sua espinha bateu na parede. “Eu quero matar cada um deles... e usá-los para construir algo melhor. Um



novo mundo.” “O que faz você pensar que pode criar um mundo?” ela perguntou.

Ela sorriu. “Porque eu já fiz isso antes.”

As cobras ao redor dela começaram a sibilar. Elas começaram a se desenrolar. Isla observou enquanto cada serpente deslizava lentamente por seu corpo, uma por uma...

E foi até ela.

Elas se enrolaram nos braços e no peito da mulher, assim como a gravura na caverna. O futuro que o áugure havia prometido.

Foi quando Isla percebeu que a mulher se parecia com ela, mais do que apenas de longe. Elas compartilhavam feições. Elas tinham os mesmos lábios. As mesmas maçãs do rosto. O mesmo tom exato de olhos verdes.

O sorriso do Wildling era perverso. “Agora você está entendendo. É um prazer conhecê-la, Isla. Eu sou Lark Crown.”

OceanofPDF.com

COTOVIA

Lark Crown. Sua ancestral. Uma das três fundadoras da Lightlark.

“Mas você é—”

“Morta?” Ela gesticulou para si mesma. As cobras continuaram a se enrolar e se apertar. “Como você viu, sou difícil de matar.”

Medo gelado se espalhou por seu peito... mas parte de Isla estava aliviada. Todas aquelas vezes em que se sentiu tão sozinha — ela não estava. Ela tinha uma família Wildling. Ela tinha alguém que sabia como era ter esses poderes incontroláveis. "Onde você estava?"

“Enterrado. Por alguém em quem eu confiava.”

Isla não entendeu. Lark devia saber disso, porque seu olhar suavizou.

Ela parecia tanto com ela. Tão parecida com sua mãe — pelo menos os vislumbres que Lynx lhe dera.

“Mundos são construídos sobre ossos, veja bem. Muitos precisaram morrer para alimentar as terras quando fizemos Lightlark. Tanto poder teve que ser dado. Incluindo o nosso.”

“Pelo coração de Lightlark”, ela disse, sua voz apenas um sussurro.

Lark assentiu. “O coração tinha mais do que isso. Foi roubado do mundo de onde viemos. Uma semente de habilidade infinita.” Ela podia sentir um sussurro daquele poder em seu coração, onde a havia marcado.

“Nightshade não tinha isso. Cronan usou seus filhos para ter poder, enterrando-os, mas uma linha só poderia dar tanto.” Ela torceu o lábio em desgosto. “Ele deveria morrer, para dar ao solo o que ele queria: um pouco do poder original nascido do outro mundo. Em vez disso, ele me usou para ancorá-lo.” Videiras explodiram das mãos de Lark, cobrindo o solo, silvas com espinhos por toda parte. “Ele me enterrou em metal que sugou meu poder, então eu não pude usá-lo para escapar. Minha força alimentou a terra por milênios até que eu fui

libertada.”

Por quem?

Então, as palavras de Lark fizeram sentido. “Cronan... está vivo?”

Seu caixão estava vazio, mas não... era impossível.

Embora Lark estivesse ali, na frente dela — isso também era impossível. Lark assentiu, e um arrepio percorreu seus braços, lembrando-se de tudo que Grim havia dito sobre ele.

“Onde ele está?”

“De volta ao mundo de onde viemos.” “Ele

usou o portal aqui,” Isla respirou.

“Ele criou o portal”, disse Lark. “Ele me drenou o máximo de poder que pôde, repetidamente, até que ele teve o suficiente para usar seu talento e abrir um buraco neste mundo, para o próximo.”

“Mas isso deveria tê-lo matado... a jornada.” Ela se lembrou do que o seguidor do profeta havia dito sobre o portal.

“Ele é mais poderoso do que você pode imaginar”, ela disse. “Ele poderia ter feito isso sozinho, mas o poder que ele roubou de mim garantiu que ele permaneceria vivo.” Esse fato parecia assombrá-la.

“Como você sabe que ele não foi morto?”

Lark inclinou a cabeça para ela. “Suas maldições sobreviveram. Cada uma delas estava ligada ao seu sangue. Elas teriam morrido com ele.”

Suas maldições.

Ela tinha tantas perguntas, mas poucas delas importavam agora, quando Lark estava ali diante dela, ameaçando destruir o mundo deles.

“Por que você quer criar um novo mundo? Por que você quer matar todo mundo?”

“É o que eu deveria ter feito em primeiro lugar. Eu deveria ter matado Cronan e Horus e construído um mundo a partir dos ossos deles. Não cometerei esse erro novamente.”

Lark pretendia matar Oro e Grim e construir um novo mundo com o poder deles.

A raiva formou uma chama em seu coração enquanto seu poder avançava. Mas sua ancestral era impossível de matar. A melhor coisa que ela podia fazer agora era obter o máximo de informação possível, qualquer coisa que ela pudesse usar para derrotá-la.

“E eu?” Isla ousou perguntar.

Ela entendeu o aviso dos seguidores do profeta agora. Lark era o traidor selvagem que a queria morta. Não Terra. Não Poppy. Não Wren.

Nenhum de seus súditos.

Lark foi quem matou o nightbane. Foi ela quem revirou os túmulos. Foi ela quem matou aquelas pessoas.

Ela era a verdadeira rainha-cobra.

Sua voz estava sem emoção. “Eu planejei te matar também, mas você pode ser mais útil para mim viva. Você tem acesso ao poder de todos os reinos.” Ela olhou para ela como se pudesse ver através dela. “O coração de Lightlark marcou você. Eu posso sentir sua energia. Eu preciso de seu poder para criar um novo mundo.

Você vai me ajudar a encontrá-lo.”

Como ela podia acreditar que Isla desistiria de seu mundo tão facilmente? “Eu nunca vou te ajudar. Não me importo se você é do meu sangue.”

Lark inclinou a cabeça. “É verdade? Você é tão solitária. Posso ver isso estampado no seu rosto. Você está sozinha neste mundo, Isla. Ninguém te entende. Você é uma traidora em todos os lugares.”

Como ela poderia saber disso?

“Eu te conheço melhor do que você pensa,” Lark disse, sorrindo. “Você é muito parecido comigo. Você não tem ideia.”

Isla mostrou os dentes. “Eu nunca mataria inocentes por poder.”

“Oh? Mas você não fez?”

Ela sentiu como se não conseguisse respirar. De repente, a escuridão, o cheiro almiscarado da rocha, a estreiteza do subterrâneo... parecia que o mundo estava se fechando ao redor dela.

“Eu posso te dar vida, Isla”, disse Lark, e o tempo pareceu parar.

A palavra era quase um sussurro. “O quê?”

“Eu posso te salvar. Você viu o que eu posso

fazer.” Ela tinha visto.

Ela queria viver, ela queria salvar Nightshade. Mas não ao custo deste mundo.

Isla precisava avisar Grim. Oro. Eles não tinham ideia do que tinha sido despertado. Eles não tinham ideia do que estava por vir.

“Pense nisso”, disse Lark, parecendo saber o que aconteceria a seguir.

Isla alcançou o alto e formou um túnel no chão, seu skyre direcionando suas habilidades selvagens, afiando-as. Ela bateu na rocha até emergir, a luz do sol se espalhando ao seu redor. Ela estava ofegante, seu batimento cardíaco como um tambor implacável em seu peito. Ela tossiu terra.

Isso não pode ser real. Isso não pode estar acontecendo.

Isla se virou. O castelo Nightshade brilhava à distância.

Estava cercado por um exército. O exército de Grim, assim como Astria havia dito.

Eles usavam a armadura negra e brilhante.

Ela respirou fundo, então disparou no ar em direção à fortaleza, usando seu

poder Skyling. Ela pousou bruscamente nos degraus em frente à porta, protegendo-a do golpe. Procurando por Astria ou Grim.

Ela mal levantou os braços antes que uma arma estivesse sobre ela.

Ela sentiu a força do golpe através do topo de sua cabeça enquanto sua lâmina subia rapidamente para encontrar uma espada mais longa que sua perna. Ela não estava preparada — ela não estava em armadura.

O guerreiro foi espetá-la no estômago, mas ela girou para o lado e cortou a mão dele com uma fatia de energia Starling semelhante a uma lâmina. Ela caiu no chão, e ela roubou a espada dele.

Ela esperava sangue. Gritos. Xingamentos.

Em vez disso, a mão do guerreiro caiu, e ele nem pareceu notar.

Ele continuou avançando.

Este não era o exército de Grim.

Isso era algo pior. Algo enterrado que havia ressuscitado.

Ela pensou em todos os túmulos que tinham sido saqueados. Ela pensou em como Lark tinha conseguido se regenerar.

Antes que ela tivesse tempo de sequer considerar a possibilidade, o guerreiro puxou outra lâmina do cinto e tentou esfaqueá-la na garganta.

Ela se abaixou e enfiou a espada roubada nas aberturas da armadura dele, bem no estômago. Ela o atravessou por inteiro, mas ele nem sequer vacilou.

Dezenas de soldados estavam se aproximando. Ela estava cercada. O

verdadeiro exército de Grim estava se aproximando agora, teleportado em jorros por seu governante, mas era impossível ver quem era quem, quando eles usavam o mesmo metal.

Confusão, espadas se chocando, caos, enquanto os guerreiros descobriam o que estavam enfrentando. Então, a morte. Logo, ela podia dizer quais eram os

soldados de Grim por todo o sangue. Pelos rugidos de dor, enquanto lutavam contra um inimigo que não sentia nenhuma.

Eles estavam perdendo.

Ela disparou para o céu, voando alto. Ela poderia acabar com o exército com uma explosão de sua habilidade, especialmente com seu skyre. Mas os soldados estavam todos espalhados, lutando entre si. E se ela também machucasse o exército de Grim?

Ela se importava? Ela se lembrava da brutalidade deles enquanto lutava contra eles do outro lado...

Sim. Ela se importava. Para ter alguma chance contra Lark, eles precisariam das forças de Grim.

Ela fechou os olhos, focando na semente de poder em seu peito. O

mundo escureceu. Seu pânico se aquietou. Suas habilidades eram um mar sem horizonte e seu skyre era uma peneira brilhante, filtrando-o, moldando-o em uma foice. Sua marcação queimava enquanto ela invocava seu controle, trocando-o por um fragmento de sua essência. Ela inspirou.

Expirou.

E solto.

Seus braços se esticaram, e de seus dedos, faíscas prateadas explodiram, sufocando o mundo, ondulando, mirando apenas os soldados sem sangue. Eles caíram em cacos, quebrando até que não eram nada além de pedaços indistinguíveis.

O exército de Grim parou. Olhou para ela.

E eles começaram a correr, fugindo como se ela fosse o inimigo prestes a derrubá-los. Ela se viu sorrindo. Era isso que eles esperavam. Eles a odiavam. Ela se viu pensando se deveria fazer isso. Pensando se deveria ceder àquela raiva, àquela vingança. Especialmente os covardes que corriam, quando havia uma batalha bem na frente deles.

No fim, ela os deixou fugir. Deixou que a temessem.

Alguns permaneceram. Eles permaneceram firmes em seus lugares. Ela os cumprimentou com a cabeça.

Então ela estendeu o braço, e sombras formaram uma onda gigante, varrendo todo o exército e engolindo apenas aqueles que não sangravam.

Quando a escuridão se dissipou e as forças restantes de Grim se encontraram inteiras, eles avançaram em direção à próxima onda de soldados sem sangue.

Ela atacou repetidamente, abrindo caminho para os guerreiros Nightshade. Ainda assim, os soldados de Lark eram implacáveis, atacando de todos os lados; e alguns do exército de Grim foram abatidos, não eram páreo para um inimigo que não sentia dor. Que não sangrava. Que continuava, mesmo sem membros.

Ela se enfureceu até que todo o exército sem sangue foi derrotado. Ela respirava pesadamente, quase exausta — e foi então que ela os ouviu.

Gritos distantes vindos da direção da vila mais próxima.

Eles precisavam dela.

Enquanto ela corria pelo céu, ela viu quilômetros e quilômetros de guerreiros marchando como um só.

Milhares deles.

Maior que o exército atual de Grim. Milênios de mortos, ressuscitados.

Sua garganta ficou seca. Eram muitos. E eles estavam indo em direção a todas as aldeias, como se fossem recrutar novos soldados.

Um já havia sido infiltrado, o muro ao redor da cidade virou escombros. Os guerreiros sem sangue estavam entupindo as ruas, avançando, marchando sobre cadáveres que estavam sendo puxados para o solo. Inocentes mortos.

Os aldeões gritavam enquanto fugiam, apenas ficando em silêncio enquanto os soldados cortavam todos em seu caminho. Cinzas. Corpos.

Formas—

Ela não deixaria essas pessoas morrerem.

Com a força de um meteoro, Isla caiu nas ruas, bem entre os soldados exangues e os moradores em seu caminho.

Ela reuniu o poder restante no centro do peito e o libertou.

As chamas de Oro — fogo tingido de azul — explodiram dela, enchendo o túnel da cidade. Elas se enfureceram, comendo os soldados sem sangue, queimando-os, até que seus corpos se desfizeram diante dela. Quando tudo acabou, ela mal conseguia respirar, e apenas a armadura chamuscada permaneceu. Ela se dobrou, o peito arfando.

Um estrondo soou atrás dela, e ela se virou, com as mãos para cima, pronta para atacar, apenas para encontrar Wraith parado no meio da cidade.

Grim estava de costas.

Ela estava em seus braços em um momento.

Ele olhou para ela freneticamente. “Nós procuramos em todos os lugares. Lynx estava rastreando seu cheiro—”

Ela não percebeu que estava chorando até que Grim franziu a testa e limpou suas orelhas, segurando seu rosto. “Coração,” ele disse firmemente. “Quem te levou?”

Ela contou tudo a ele. Quem era o traidor. Como ela era. O que aconteceu quando Isla entregou o que deveria ter sido uma dúzia de mortes sobre ela.

Grim estava certo. As mortes recentes... não tinha sido ela.

Tinha sido algo muito pior. “Este exército... cai apenas para se levantar novamente. Mesmo com membros faltando. Mesmo com suas cabeças faltando.”

“Eu sei. Centenas de pessoas estão mortas.”

“Então seu exército só aumentará.”

Ela olhou ao redor para os aldeões feridos. O sangue pintando as ruas.

Os gritos e choros ao redor deles.

Seu poder estava esgotado; ela se sentia pronta para entrar em colapso, mas eles não podiam deixar as outras vilas indefesas. “Precisamos ir,” ela disse. Grim assentiu.

Eles correram para montar nas costas de Wraith e então partiram.

Nightshade havia sido tomada. Cada vila estava sendo invadida por soldados. Eles estavam por toda parte, como uma praga sem fim, pior que as tempestades.

“Chame suas forças de volta”, ela disse a Grim. “Portalize qualquer um de seu povo em nosso caminho para longe. Assim não acabaremos matando todos eles.” Grim fez isso.

Ela os observou recuar, acumulando sua força. Invocando seu skyre, usando-o para sugá-la de mais poder, para preenchê-la com tudo o que restava.

Então, das costas de Wraith, ambos se enfureceram. O fogo encontrou a sombra e matou tudo em seu caminho.

Ela sabia que Grim era um dos governantes mais poderosos. Ela o tinha visto lutar. Ainda assim, ela não estava preparada para assistir suas sombras engolirem o mundo. Elas ondulavam por toda a sua terra, devorando tudo por quilômetros. Até as árvores foram cortadas, o chão limpo.

Ele poderia limpar o mundo da vida. Ela podia ver isso. Poderia tê-la assustado antes, mas agora ela quase sorria, observando os soldados se tornarem nada. Observando tudo se tornar nada.

As sombras dela se juntaram às dele, preenchendo cada lacuna, até formarem uma parede unida, uma onda infinita que fez o próprio chão tremer de medo. Ela se jogou toda nela, cada pedaço de dor, fúria e

pulsção do skyre. Isla gritou enquanto o poder era arrancado dela, enquanto cada pedaço parecia ser devorado.

“Você vai se machucar”, Grim disse, mas ela continuou. Crianças estavam

morrendo. Inocentes. Ela ouviu seus gritos, e eles se misturaram com os que ela ouvia em sua cabeça constantemente por meses.

Eles pousaram em outra vila, e ela começou a lutar com uma lâmina estelar brilhante, formada de energia. Tudo em seu caminho morreu.

Repetidamente ela lutou, cega pelo propósito e pela raiva. Ela usou todas as habilidades em seu arsenal, e quando uma foi extinta — sugada até a última gota — ela buscou outra. E outra. Ela lutou, e esgotou seu poder, até que fosse apenas um sussurro, e então ela usou suas espadas.

Ela não parou até que Wraith estivesse atrás dela novamente e a mão de Grim estivesse em seu quadril. Ela se virou para encontrá-lo coberto de sujeira e sangue.

Ela percebeu com horror que era dele; os soldados não conseguiam sangrar. Ela correu para encontrar um ferimento maior, mas eram principalmente cortes.

“Eles se foram, coração”, ele disse.

"O que?"

“Eles simplesmente... partiram. Como se tivessem sido chamados. Seus corpos foram direto para o chão.”

Lark deve estar repondo suas forças.

Ela se lembrou do que Lark havia dito... do que ela havia oferecido.

Vida. Mas isso não era vida. Não de verdade. Suas forças haviam sido drenadas de suas almas. Elas eram apenas corpos.

Grim parecia exausto. Mais exausto do que ela já o tinha visto. “Ela tem um exército sem fim. Um que nunca pode morrer. Nunca pode ser parado.” Não haveria vitória contra uma força como essa.

Gritos ainda ecoavam ao redor deles. Os gritos dos feridos e moribundos. Grim os transportou para a fortaleza dos Selvagens. Eles não tinham mais nenhum elixir de cura, mas tinham remédios básicos. Não seria o suficiente. Pessoas morreriam...

Era isso que Lark queria, ela sabia, a raiva fervendo em suas veias. Ela matou o nightbane para que mais pessoas morressem quando ela atacasse. Para que mais pessoas se juntassem ao seu exército.

Durante todo esse tempo, Lark estava planejando contra eles.

Grim a transportou para seu quarto para que ela pudesse pegar seu starstick. Ela precisava ajudar a levar mais pessoas para a fortaleza dos Selvagens. Mas assim que ela foi pegá-lo, ele brilhou. Então pulsou, como se tentasse lhe dizer algo. Tentativamente, ela o agarrou.

Quando ela caiu em sua poça de estrelas, não foi para a casa de sua família.

O ferreiro andava de um lado para o outro em sua forja. Pela primeira vez, ele pareceu feliz em vê-la. Estava quente lá dentro, como se ele tivesse acabado de fazer algo.

Ele entregou-lhe uma adaga pela lâmina.

Ela franziu a testa para ele. “Ainda não é hora. Não por algumas semanas.”

“Eu chamei meu favor cedo.” Ele parecia inquieto, um único olho grudado na entrada, como se estivesse esperando por algo. “Espero que você a tenha visto?”

Lark. Claro. Isla assentiu. A compreensão tomou conta dela. “Ela visitou você?”

“Ainda não,” ele disse. “Mas ela vai.” Seu tom era ameaçador.

Isla percebeu então que o ferreiro deve ter sido quem colocou Lark em contenção. Ela perguntou a ele, e ele confirmou.

“Se ela é tão poderosa, como ele fez isso?” Isla perguntou. “Como Cronan a prendeu? Como ele a feriu?”

Ele sorriu pesarosamente. “Ele não fez isso. Lark o amava. Ela não pode ser incapacitada, mas ela dorme, assim como o resto de nós.” “Ele a levou enquanto ela dormia?” Ele assentiu.

Por um momento, ela quase se sentiu mal pelo Wildling. Ela não conseguia imaginar tamanha traição. Cronan era realmente implacável.

“Não temos muito tempo”, disse o ferreiro. “É por isso que eu te convoquei.”

Ela franziu a testa. “Como você fez isso, com meu dispositivo de portal?”

Ele inclinou a cabeça para ela, estreitando um único olho. “Quem, Wildling, você acha que conseguiu?”

Claro. Ela devia muito a ele, por criar a única coisa que tornou sua infância tolerável.

“E eu fiz outra coisa para você.” Ele revelou o que estava trabalhando há meses — uma armadura. Uma couraça ajustada exatamente às suas medidas, pela aparência, e feita do metal mais fino imaginável. Mangas de cota de malha bem tecida e botas de couro e metal. Calças do mesmo material. O metal era de uma prata brilhante com rosas pintadas nas placas do pulso. Brilhava sob a luz.

Feito à sombra.

Era isso que o mantinha ocupado.

“Por quê?” ela perguntou, admirada com a beleza de sua arte.

“Você vai precisar disso.”

“Para lutar contra Lark?”

Ele assentiu. “Por isso... e muito mais.”

Mas ele começou a trabalhar nisso antes que Lark atacasse. “Como—”

“Tenho certeza de que os seguidores do profeta já encontraram você.”

Dor atravessou-a quando ela se lembrou de Sairsha e dos outros, mortos por sua mão. Ela assentiu.

“Eu nunca acreditei nas profecias deles... não até conhecer você. E

então eu entendi. Quem eram seus pais... seu talento... tudo começou a fazer sentido.”

“O que aconteceu?”

“Que você nasceu para destruir o mundo ou salvá-lo.”

Ela empalideceu com as palavras dele, as que já tinha ouvido antes. Isla balançou a cabeça. “Eu não quero essa armadura. Eu não quero esse papel.”

“Mas elas são suas de qualquer forma.” Ele a presenteou com um conjunto de facas, que cabiam em bolsos finos em sua armadura. Cada pedacinho tinha sido considerado, criado para ela. Seus olhos ardiam, olhando para aquilo. “Lembre-se, Isla.

As armas não são nada sem aqueles que as empunham.”

Ele olhou para além dela, como se estivesse vendo algo que ela não conseguia. Ele franziu a testa.

"Ela está vindo."

Isla imaginou que ele tinha feito dispositivos encantados para avisar se alguém estivesse por perto. Ou talvez ele pudesse sentir o sangue do Wildling. Ele estava correndo de repente, olhando ao redor de sua forja como se estivesse se certificando de que não tinha perdido nada.

“Eu não posso ser morto, mas posso ser compelido”, ele disse. “Minhas habilidades foram distorcidas por pessoas como ela por milênios. Ela vai me usar para destruir este mundo, assim como fez para criá-lo. Ela precisa de mim. Não permita que ela me tenha.”

Isla balançou a cabeça. “Mas eu posso precisar de você,” ela disse, com lágrimas escorrendo por suas bochechas. “Eu-eu posso precisar que você me ajude a salvá-lo.”

O ferreiro então fez uma pausa. Sorriu. “Você sempre teve tudo o que precisava.” Ele entregou a ela uma das adagas de sua armadura. Era afiada e eficiente. Perfeita para essa tarefa. “Agora, seja rápido, Wildling.” Ela agarrou o punho. Hesitou.

“Seu nome”, ela disse. “Qual é seu nome?” Ela nunca havia perguntado antes.

Ele apertou os olhos. Seus olhos ficaram vidrados, como se estivessem vendo além dela, para outra vida. Outro mundo. “Eu-eu não lembro,” ele disse

suavemente. Seu olhar focou novamente, enquanto ele olhava para a porta. “Ela está quase aqui. Agora, Wildling.” Isla atacou.

Pouco antes do metal tocar sua pele, sua mão se curvou em volta da lâmina. “Eu me lembro agora,” ele disse rapidamente. “Ferrar. Meu nome é Ferrar.” Ele a soltou.

Ferrar engasgou quando a lâmina atravessou seu coração. Lágrimas traçaram as bochechas de Isla, uma após a outra, enquanto ele caía. Ela lutou com todas as suas forças para mantê-lo de pé, mas ele era muito pesado, então ela afundou no chão ao lado dele.

Brambles começou a encher a forja. Ela podia sentir o poder de Lark tomando conta dela.

Ela enxugou a bochecha no ombro e tentou agarrar a armadura, mas ela se despedaçou em vários pedaços, muitos para ela carregar. O chão tremeu com o poder de Lark, e Isla se recusou a sair sem o presente de Ferrar, não quando era a última coisa que ele tinha feito. Ela não teve

tempo de vesti-lo. Com seu poder Starling, ela forçou sua armadura para o ar, suas peças pairando ao redor dela. Ela rapidamente as moldou como um quebra-cabeça, em algo como um escudo que ela pudesse carregar em suas costas. Ela puxou sua nova lâmina para fora do corpo do ferreiro.

Quando Lark entrou na forja, ela já tinha sumido.

Quando Isla finalmente apareceu na frente da fortaleza dos Selvagens, ela sentiu um alívio de fazer os joelhos tremerem ao ver que ela tinha sido deixada em paz, por enquanto. Ela se perguntou se Lark pouparia seu próprio povo.

Ela caiu no chão enquanto Lynx vinha correndo em sua direção, olhos verdes brilhantes de preocupação. Ele enterrou a cabeça contra a dela. Ela agarrou seu pelo e chorou. Ele mostrou a ela imagens — flashes de ondas de guerreiros, cortando tudo em seu caminho. Ele, procurando por ela no chão, enquanto Wraith e Grim procuravam dos céus.

"Estou bem", ela disse a ele, sentindo o pânico dele como se fosse o dela.

Ela não poderia dizer o mesmo de centenas de Nightshades.

Quando os últimos feridos foram carregados para dentro, ela foi até Wren. Terra e Poppy estavam por perto, ajudando os feridos. Ela explicou tudo a eles.

Lark era a governante deles... não Isla. Lark era infinitamente mais poderosa. Ela era a criadora original do mundo deles.

E Isla? Além de quebrar as maldições, ela não deu ao seu povo muitos motivos para ser leal a ela. Ela só esperava que eles não se levantassem contra ela.

Havia uma coisa que ela podia oferecer: uma fuga. Embora algo nela estivesse triste, ela cuidadosamente entregou seu bastão estelar para Wren. “Use isso para transportar nosso povo para longe, se precisar.

Volte para a nova terra selvagem. Traga Lynx, se ele não estiver comigo.” Wren assentiu. Isla a ensinou a usá-lo.

Grim os transportou de volta para os degraus do castelo. Lá, Astria estava esperando.

Ela estava coberta de sujeira. Seu braço tinha sido gravemente cortado e agora estava enfaixado.

“Queimem os mortos,” Grim ordenou. “Desenterrem quaisquer outros túmulos e queimem os ossos.”

Astria parecia cautelosa. Isla entendeu. O clamor quando os túmulos foram profanados foi agudo. Cemitérios de guerreiros eram lugares de honra.

Ainda assim, ela não questionou Grim.

O general partiu para seguir suas ordens.

Isla o observou cuidadosamente. Conforme a adrenalina da batalha lentamente se esvaía, a realização se instalou em seus ossos.

Quando ela lhe contou quem a havia levado... ele não pareceu tão surpreso quanto ela deveria. Lark Crown era uma das três fundadoras da Lightlark, e ela estava viva, aqui, em Nightshade.

Foi naquele momento que ela se lembrou de algo que Oro havia dito, lá no

Centenário. Ele havia dito que Grim era a única coisa que estava entre eles e uma escuridão maior.

“Você sabia”, ela disse. Seu peito parecia oco. “Você sabia que Lark estava vivo.

Você sabia que ela estava enterrada lá embaixo.”

Ele ficou de pé, inexpressivo. Ele não negou.

Ela deu um passo. “Vocês dois sabiam. Você e Oro.”

Eles se odiavam. Por que Grim compartilharia informações como essa com seu inimigo, e não com ela?

Grim assentiu, confirmando seus medos.

“Vocês... vocês dois esconderam isso de mim. Por quê?” Algo profundo dentro dela rachou. Era outra traição. Grim parecia quase com medo, como se visse a mudança dentro dela. Levou tanto tempo para que qualquer confiança fosse reconstruída entre eles.

Ela queria ficar brava, queria se sentir traída, mas também sabia que isso a tornaria uma hipócrita. Ela havia escondido tanto dele, mesmo agora, mesmo depois de deixá-lo entrar.

“Eu disse a Oro no Centenário, antes dos julgamentos começarem, para que ele não tentasse te matar. Ele sabia que sua morte não cumpriria a profecia do Centenário; não acabaria com sua linhagem familiar.

Também era uma forma de impedi-lo de tentar me matar. O poder da

minha linhagem a prendeu. Somente meu poder pode libertá-la. Após minha morte, ela teria sido libertada.”

Grim tentou segurar as mãos dela, mas ela as arrancou.

Ele franziu a testa. “Muitas de nossas histórias foram enterradas, mas Oro sabia que Lark tinha sido tão implacável quanto Cronan. Ela matou milhares para formar a terra; ela a fez a partir de seus ossos. Libertá-la significaria o fim do mundo, e nós dois sabíamos disso.” Ele a estudou. “É

por isso que você não podia saber. Ela é sua família. Ela é parte do seu reino. Nós pensamos que você poderia um dia ser compelido a visitá-la.

Libertá-la. Ela só pode ser libertada com o poder da minha linhagem, e—”

Ela tinha acesso a ele.

Lark tinha sido libertado de qualquer forma, de alguma forma. Se não por nenhum deles, então por quem?

Tudo o que ele disse fazia sentido. Mas ela ainda ardia em traição. Não apenas de Grim... mas de Oro.

Ele sabia que ela tinha família. Ele sabia que seu ancestral tinha sido aprisionado nas profundezas de Nightshade, forçado a dar poder à terra.

Lark pode ser um monstro, mas sua prisão foi torturante. Distorcida.

O poder nas linhagens era compartilhado. Isso significava que a habilidade de Isla, tão vasta quanto era agora, era limitada pela existência de Lark.

Ela não foi a única.

“Cronan está vivo”, ela disse. Lark havia lhe dito isso.

Grim ficou imóvel. “Isso é impossível.”

“Tudo isso é impossível.”

Eles se encararam. Seus ancestrais antigos ainda viviam. O fato de ambos serem tão fortes significava que suas linhas eram infinitamente poderosas.

Também significava que a morte dela não seria o fim de todos os Nightshades. A de Grim também não seria.

Ela poderia matá-lo para cumprir a profecia... e seu povo não morreria.

Não se Cronan ainda vivesse de verdade.

Mas ela faria isso.

A escolha continuava impossível. Ela amava Oro e Grim. E embora a profecia tivesse tomado conta de sua vida desde que o oráculo a fizera, Lark era agora a maior ameaça deles.

Eles não tinham chance contra ela. Ambos sabiam disso. “Lark não pode ser morta. O exército dela é infinito.”

“Então o que fazemos?” Grim perguntou. A grande guerreira Nightshade estava pedindo a ela seu plano. E ela tinha um.

“Nada neste mundo pode pará-la”, disse Isla. “Então precisamos mandá-la para outro.”

Os olhos de Grim se estreitaram quando o significado de suas palavras se tornou claro. “O portal.”

Ela assentiu. “Precisamos abrir o portal em Nightshade e mandá-la passar. Então feche-o atrás dela.”

Grim balançou a cabeça. “Não sabemos como fazer isso.”

Ele estava certo. Mas ela sabia onde encontrar essa informação. “O

livro do profeta tinha páginas faltando, contendo informações sobre como abrir e fechar portais. Se ainda existir... está em Lightlark.” Grim enrijeceu-se com a menção da ilha.

“Vou procurá-lo.” Ela tirou o dente do bolso, o céu brilhando ao sol.

“Eu vou com você.”

“Não. Lark pode voltar a qualquer momento. Você precisa proteger seu povo.

Você precisa garantir que ainda haja pessoas para salvar.”

No passado, ele a teria impedido. Ele teria insistido em vir de qualquer maneira. Ele teria tomado a decisão por ela.

Agora, ele apenas a abraçou, pressionou os lábios no topo da cabeça dela e disse: “Volte para mim, esposa.” Sua voz falhou ao dizer as palavras.

"Por favor."

Ela olhou para ele. Assentiu. Ela não tinha mais seu starstick... mas tinha acesso aos poderes de Grim. Ela já havia usado seu talento antes, quando salvou sua vida. Levou cada grama de emoção e habilidade que ela não sabia que possuía.

Mesmo agora era difícil, alcançar aquela ponte entre eles, encontrar aquele poder de portal elusivo. Agarrá-lo. Ela cerrou os dentes contra o

esforço de segurá-lo firmemente. Uma gota de suor escorreu por sua testa. Seu skyre brilhava.

Finalmente, ela agarrou o poder.

E se teleportou para Lightlark.

OceanofPDF.com



PORTÕES

Se Isla esperava que o dente a levaria diretamente às páginas perdidas do profeta, ela estava enganada.

Ela pousou na orla de uma floresta. As árvores tinham folhas douradas e frutas carnudas como sóis em miniatura.

Ela estava na Ilha do Sol.

Foco, ela pensou consigo mesma, sentindo a onda de emoção crescendo dentro dela. Nightshade estava em perigo. Milhares de inocentes estavam em perigo. Grim estava em perigo.

O mundo estava em perigo.

Ela só tinha estado na ilha uma vez. Parecia que tinha sido há uma eternidade agora. Ela nunca tinha passado do palácio.

O dente se mexeu em seu bolso, quente contra sua coxa, pulsando com poder.

As páginas perdidas tinham que estar por perto, mesmo que ela não pudesse vê-las. Ela andou pela floresta até ver um lampejo de algo alto e brilhante através das copas das árvores. O dente aqueceu, levando-a em sua direção. Ela saiu da floresta e engoliu em seco.

Portões enormes estavam diante dela, forjados em ouro retorcido e ornamentado. Eles deviam ter mais de cem pés de altura.

Ela deu um passo à frente, e o dente em seu bolso quase queimou sua carne, através do tecido. Sua mensagem era clara — as páginas ensanguentadas do profeta estavam do outro lado.

Sua mão se estendeu para tocar o metal em chamas. Ela empurrou.

Não aconteceu nada.

Ela empurrou com mais força. Não tremeu nem um pouco sob suas mãos.

Seu poder estava quase esgotado pela batalha. Seu corpo estava dolorido. Nenhum dos dois importava quando Lark ameaçava o mundo.

Com uma respiração firme, ela dobrou os joelhos e então voou para o ar, a delicada trama do metal bem na frente de seu rosto, até que ela estava acima dele. Ela se moveu para voar sobre ele—

E encontrou resistência, como um escudo invisível que se estendia em todas as direções, onde os portões não alcançavam. Era tão sólido quanto o próprio metal.

As forças de Lark poderiam estar aumentando naquele exato momento.

Ela não tinha tempo. Ela buscou o poder de Grim, esforçando-se, querendo fazer um portal para o outro lado.

Não funcionou.

Sua aterrissagem sacudiu seus ossos. Ela franziu a testa enquanto levantava a mão, energia espiralando para fora dela, o suficiente para transformar os portões em uma bagunça mutilada.

Nada aconteceu. Os portões eram impenetráveis. Blindados.

Não por muito tempo. Ela caiu de volta na floresta. Fechou os olhos.

Inspirou e expirou, sentiu a floresta sussurrando ao seu redor.

Fios, estendendo a mão.

Ela puxou todos eles.

Árvores foram arrancadas de suas raízes, raspadas até ficarem afiadas, até serem amarradas para formar um enorme aríete. Sua mão tremia enquanto ela o mantinha levitando, movendo o aríete em direção à entrada. Ela jogou o ombro para trás, pretendendo jogá-lo através dos portões.

E foi derrubada.

Suas costas colidiram com uma árvore atrás dela. Ela perdeu o controle do carneiro, e a floresta tremeu quando ele caiu no chão.

Havia uma lâmina em sua garganta.

E olhos âmbar prendendo-a no lugar.

Oro não estava respirando. Isla estava respirando demais, ofegando em seu rosto. Seu cabelo dourado estava desgrenhado, suas roupas estavam mais escuras do que o normal, e ele a encarava como se ela não pudesse ser real.

Os olhos dele deslizaram pelo corpo dela, lentamente, e ela sentiu o olhar dele como nós dos dedos ásperos arrastando-se pelo pescoço, peito, costelas, quadris, pernas. Então, os olhos dele estavam encontrando os dela novamente, e era inegável, essa força entre eles, uma energia tremendo como um raio.

Foi quase o suficiente para ela esquecer a adaga dele contra o pulso dela.

Ele olhou para baixo, como se estivesse se lembrando. Ainda assim, ele não abaixou. Não, se alguma coisa, seu aperto aumentou. O metal cravou mais forte contra sua pele. Ele se inclinou para frente, e ela não sabia se ele queria que seus quadris prendessem os dela contra a árvore; mas esse foi o resultado, e ela engoliu em seco contra a lâmina.

"Eu deveria te matar", ele murmurou, seus lábios tão perto dos dela.

"Eu realmente deveria te matar." Ela não conseguia deixar de pensar que esta era a mesma posição em que estavam quando ele a beijou pela primeira vez. Ela quase podia sentir o gosto dele, o verão, o calor e o fogo

— parte dela queria que ele fizesse isso agora.

Não. Ela afastou esse pensamento. Ela amava Grim. Ela tinha acabado de estar com ele—

Mas seu coração estava partido ao meio. E um pedaço pertencia ao rei na frente dela, segurando sua lâmina contra seu pulso.

Até que ele se endireitou, deixando-a esparramada contra a árvore, o coração batendo forte por razões conflitantes.

"O que você está fazendo aqui, Isla?", ele perguntou. Não havia nenhuma simpatia em seu tom. Nenhum amor, embora ela pudesse sentir, uma ponte

brilhante entre eles.

“Você está aqui para me matar também?”

O sangue dela gelou, lembrando da profecia. Mas ele não sabia sobre isso... não a menos que Azul lhe contasse, o que ela não acreditava.

Suas palavras foram absorvidas. “O que você quer dizer com matar você também?”

Seu olhar era afiado como sua faca. “Você realmente acha que eu não sei?”

“Sabe de uma coisa?”

Sua voz tremeu de raiva. “Você assassinou toda a guarda costeira.

Vinte guerreiros.”

Ela franziu a testa. “Não, eu não fiz.”

Isla sabia o quão inacreditável isso era. Ela já havia matado inocentes antes. Ele a tinha visto perder o controle. Ela havia contado a ele sobre quantas pessoas ela havia matado, para fazê-lo odiá-la.

Mas ela não precisava convencê-lo.

Oro piscou quando percebeu que ela estava dizendo a verdade. “Eles...

eles viram você. Testemunhas viram você.”

O medo se enrolou em seu estômago. Não. Lark não poderia estar aqui tão rápido. Era impossível. Ela a tinha visto, apenas algumas horas antes, do outro lado do mundo.

Ela contou a ele sobre Lark e seu ataque.

Sua expressão se tornou petrificada, derretendo-se em sua seriedade familiar, mas ele não ficou totalmente chocado. Claro que não ficou.

Sua voz tremeu. “Você sempre disse que não mentiu para mim, mas omitir a verdade, o que é isso? Isso não é mentira?” Ela podia sentir o poder irradiando

dela, a energia de Starling se reunindo em seus punhos, junto com sua raiva. “Você sabia sobre Lark. Você sabia que eu tinha família. Você sabia, e não me contou.”

O olhar de Oro suavizou-se, apenas um pouco, uma chama escurecendo. “Isa —”

“Você estava com medo de que eu fosse procurá-la, não estava?

Acordá-la?” Talvez ela tivesse feito isso. Ela não sabia. A promessa de família poderia tê-la tornado tola. Ainda assim, ele tinha escondido isso dela, e doeu. Ela balançou a cabeça. Não importava agora. Ela estava acordada, e de alguma forma já tinha chegado a Lightlark.

Ela tinha menos tempo do que pensava.

“Há um portal mortal em Nightshade. Vou bani-la por ele; mas, para fazer isso, preciso passar por aqueles portões.”

Oro a estudou por momentos, em silêncio. Pesando suas palavras.

Sentindo a verdade nelas. Finalmente, ele olhou para o aríete descartado dela. “Isso não teria funcionado.”

“Por que?”

Ele caminhou em direção aos portões. “Porque somente minha linhagem pode abrir os portões.”

Ela se perguntou se isso se estendia a ela porque ele a amava. O

áugure saberia. Parecendo sentir os pensamentos dela, ele desviou o olhar e assentiu.

“Sim. Se você tivesse feito corretamente, eles teriam aberto.” “Qual é o jeito certo?”

Ele ignorou a pergunta dela. Em vez disso, ele disse: “Se eu deixar você passar, eu vou com você.” Ela tinha imaginado isso. Ela não fingiu que ele confiava nela nem por um segundo. Sua garganta trabalhou. “Lark é todo o nosso problema

agora. Especialmente se ela estiver aqui."

Ela não queria que ele fosse com ela. Qualquer momento perto dele era uma tortura. Quaisquer sentimentos que ela tentasse enterrar estavam agora surgindo com força total.

Mas eles estavam na ilha dele. Talvez ele pudesse ajudá-la a conseguir as páginas que ela precisava.

"Multar."

"Você deveria saber que há uma razão pela qual somente minha linhagem pode entrar."

"Por que?"

"Além de guardar nossos maiores encantamentos... tem algumas de nossas temperaturas mais severas. Até mesmo os Sunlings poderiam morrer no calor."

"E... o poder não pode ser usado do outro lado?"

Ele olhou para ela enquanto se aproximava dos portões. "Pode. Mas os elementos podem ser mais fortes do que nossas habilidades. Eles podem nos enfraquecer. Nos drenar."

"Então por que ter isso?"

"O calor nos traz força, se você souber como usá-lo. Meus ancestrais costumavam vir aqui para se empanturrar de poder. Quando cheguei à maioridade e dominei minhas habilidades Sunling, fiquei trancado aqui por uma semana, para provar que era digno de nossa linhagem."

"Alguém... alguém da sua linhagem não sobreviveu?" Ele assentiu.

Ele e Grim tinham mais em comum do que jamais admitiriam.

Ela engoliu em seco, considerando os portões. O lugar além parecia mortal — uma extensão infinita de pedras retorcidas e areia. Porém, se era para lá que o dente a estava levando, ela não tinha escolha.

“Abra”, ela disse.

Ele passou a mão pelo metal. Havia um espinho de ouro ali que ela não tinha notado. Ele cortou sua mão, tirando sangue. Pingou.

Então, com um gemido magnífico, os portões se abriram.

Por quase uma hora, eles caminharam em silêncio por um cânion de rocha retorcida, pintado em listras hipnóticas, alaranjadas e onduladas. O

caminho era estreito e estranhamente formado, mas pelo menos oferecia sombra.

Ela tinha sonhado com isso, sobre poder falar com ele novamente, mas agora... agora ela não conseguia encontrar as palavras. Ela não sabia se deveria se desculpar ou deixá-lo continuar a odiá-la.

Oro ainda a amava. Ela conseguia sentir o vínculo entre eles, tão forte quanto sempre. Matá-lo não destruiria Lightlark, não enquanto ela ainda vivesse.

Ele estava andando um pouco à frente, curvando-se sob a pedra retorcida. Ela poderia fazer isso. Ela poderia pegar a adaga no bolso e enfiá-la no coração dele antes mesmo que ele sentisse seu movimento.

Isso cumpriria a profecia. Grim estaria seguro.

Ela sabia disso; e ainda assim, suas mãos permaneciam firmes ao lado do corpo. Do jeito que estava, sua vida estava quase acabada, a menos que ela pudesse encontrar o portal e tomar um pouco de seu poder antes de fechá-lo. Estar presa a Lightlark só colocaria mais inocentes em perigo.

Eles continuaram caminhando enquanto o chão se transformava em terra alaranjada. O ar ficou mais pesado. Ela pensou em descartar camadas de roupa; mas o sol estava batendo tão forte que ela teve medo de que sua pele queimasse. Ela conjurou um escudo estelar acima dela por algumas horas, antes que seu foco começasse a diminuir. Oro estava certa.

O calor era como uma corrente, arrastando sua energia para longe.

“Conserve sua força o máximo possível,” Oro disse rispidamente ao lado dela. “Só vai ficar mais quente.” Ficou.

O calor se intensificou, engrossando até que parecia que ela estava pisando na água. Ela levantou a blusa para enxugar a testa. A areia grudava

em sua pele coberta de suor enquanto viajava por ela. Suas pernas começaram a se esforçar contra o atrito, seus pés deslizando. Até Oro começou a parecer cansada.

"O calor não deveria te energizar?" ela perguntou incisivamente, sua voz seca e rouca.

Seu olhar era penetrante. "Ele alimenta minhas habilidades de Sunling, que não tenho intenção de usar." Ótimo. Ela não sabia se conseguiria suportar mais um grau de calor.

Horas depois, parecia que ela estava fumegando em suas roupas. Ela começou a tirar camadas, começando pela blusa. Oro não olhou para ela enquanto a tirava, amarrando-a em volta dos ombros para protegê-los da queimadura. Em seguida, estava sua blusa, que havia grudado em seu corpo como uma segunda pele. Logo, ela estava apenas de calças e do tecido que usava em volta do peito. Suas adagas pesavam contra suas pernas, pesando-a para baixo.

Ela prezava cada um deles. Mas um por um, ela começou a descartá-los, até que apenas um punhal permaneceu.

O dente pulsava contra sua perna, levando-a para frente. Seu ritmo ficou mais lento, até que seus pés mal se moviam. Foi então que ela percebeu que talvez não conseguisse chegar às páginas perdidas. Ela nunca havia sentido esse tom de calor antes, um calor que parecia capaz de afogá-la.

Ela engoliu em seco e sentiu a garganta dolorida e áspera. Água. Ela precisava de água, mas não havia nenhuma por perto. Apenas areia sem fim.

Seus passos começaram a ficar mais lentos para um ritmo glacial. Sua cabeça desenvolveu um pulso dolorido. Eventualmente ela parou, mãos nos joelhos. Respirando de forma instável. Oro parou com ela. "Há um oásis. Não é perto, mas existe." Um oásis.

A promessa de água foi o suficiente para que ela começasse a andar novamente. Uma brisa leve roçou suas bochechas. Ela fechou os olhos com força contra a areia e abriu bem os braços para pegar o máximo de ar fresco possível.

Oro xingou ao lado dela.

Ela abriu os olhos um pouquinho, e parecia que... parecia que o deserto estava ondulando.

Ela apertou os olhos, imaginando se o calor a estava fazendo ver coisas, mas não. Ela não conseguia apenas ver; ela conseguia sentir. O

chão tremendo, enquanto algo como uma onda desonesta avançava em direção a eles.

Ele ultrapassou tudo em seu caminho, borrando o próprio sol.

Montanhas distantes desapareceram. Ele estava engolindo o horizonte inteiro. Ele continuou.

Bem na direção deles.

"O que-"

“Tempestade de areia. Precisamos entrar agora.”

Sua voz estava enlouquecida. “Dentro de onde?”

Oro não respondeu, ele apenas pegou o braço dela e começou a correr. Ele já tinha estado ali antes; ele tinha sobrevivido a isso. Os joelhos dela quase cederam enquanto ela tentava acompanhar o ritmo dele.

Ela era lenta, mais lenta do que nunca, e certamente mais lenta do que a tempestade. Oro não olhou por cima do ombro. Ele não vacilou. Ele a arrastou para a direita, paralela à areia que se agitava ao redor deles.

Eles deveriam estar indo embora, ela pensou; mas ela o seguiu mesmo assim, sem ter certeza se conseguiria se mover sem a ajuda dele.

Se ele a soltasse, ela simplesmente afundaria na areia. Ela morreria.

Ela pensou em Grim. Nightshade. Eles estavam contando com ela para sobreviver a isso.

Mas a tempestade os alcançou.

A areia a atingiu como um aríete, e ela teria caído no chão se Oro não a tivesse mantido firme.

“Continue”, ele gritou sobre o rugido do vento; e, através da areia que quase a cegou, ela viu. Um aglomerado de pedras laranja-escuras. Um buraco em um lado. Abrigo.

A areia raspou sua pele até deixá-la em carne viva. Ela já estava queimada pelo sol, e agora ardia como se estivesse sendo esfolada. Ela cerrou os dentes e continuou.

Ela havia sobrevivido a muitas tempestades antes. Ela sobreviveria a esta também. Foi quando ela se lembrou da pedra da tempestade, a segunda que Azul lhe dera, a que ela usava agora.

Ela não precisava mais rastrear uma tempestade, mas Azul disse que vendavais eram cheios de poder. Habilidade que podia ser capturada.

Poderia ser útil contra Lark.

Ela começou a tirar o anel do dedo.

“Mais rápido,” Oro disse bem na frente dela, mas ela não conseguia vê-lo. Não, tudo o que ela conseguia ver era areia dourada, raspando como dentes contra sua pele. Ela mal conseguia respirar. Estava entrando em sua garganta. “Chegamos.” Oro tinha alcançado a abertura.

Ela soltou a mão dele antes de entrar.

Ele investiu contra ela, mas ela se plantou contra a parede de areia e enfrentou a tempestade. Ela rugiu como uma fera, aumentando em poder, ventos furiosos, quase a derrubando, mas ela permaneceu firme. Ela não caiu. Ela não vacilou. Ela fechou os olhos e levantou a pedra acima da cabeça, da mesma forma que fizera antes.

O diamante tremeu na palma da mão dela. Ele tremeu enquanto ela capturava a tempestade em seu punho, sentindo sua força em seus ossos.

Dedos quentes envolveram seu braço e a arrastaram para dentro da caverna.

Ela caiu no chão, ofegante, tossindo areia. Ela tinha rasgado sua garganta. Ela tinha enchido sua boca. Quando ela conseguiu respirar novamente, ela tentou abrir os olhos, mas eles ardiam muito. A areia estava endurecida em seus cílios e em cada centímetro de sua pele.

“Que diabos foi isso?” Oro exigiu.

Ela não disse nada enquanto deslizava o anel de volta para o dedo, enquanto esfregava as pálpebras novamente. Depois de vários minutos, as lágrimas as lavaram, e ela se perguntou como ainda tinha líquido no corpo.

O espaço era pequeno. A areia caía do lado de fora, em uma torrente, mais forte do que antes. Sem abrigo, eles teriam sufocado nela. Ela se apoiou na pedra às suas costas e se encolheu. Estava quente como carvão.

A caverna inteira estava quente, sem nem uma brisa vinda de fora. O

calor tinha ficado preso lá dentro. Eles poderiam ter sido poupados da tempestade, mas ela poderia morrer de desidratação ali.

“Quanto tempo a tempestade vai durar?” ela perguntou, os olhos disparando para a entrada, para a parede dourada brilhante. “Horas, às vezes.” Horas?

Ela não sobreviveria horas aqui. Não com todo esse calor. Não quando ela já estava fervendo.

Não adianta esperar. Estremecendo contra a sensação do tecido se movendo contra sua pele áspera, ela lentamente tirou o resto de suas roupas, até ficar nua. Ela cruzou as pernas e as puxou para o peito, em uma tentativa de cobrir qualquer coisa que pudesse.

Isla não tinha certeza se Oro estava respirando. Ele estava apenas observando-a, parecendo que poderia estar perto de perder a cabeça. O

suor escorria pelo pescoço dela, entre os seios, e ele traçou seu caminho com os olhos. Engoliu.

Por vários minutos, Oro ficou sentado muito quieto. Ele não moveu um músculo. Então, conforme o calor se intensificou, aquecido pelo calor do corpo deles, ele tirou a camisa. As calças foram as próximas.

Ela sabia que não deveria, mas observou o próprio suor dele escorrer pelo peito, pelos músculos tão duros quanto a rocha atrás dela. Por um momento, ela imaginou traçar o dedo. Sentindo a pele dourada dele contra— Isla se virou.

Estava muito quente. Estava mexendo com sua cabeça. Ela não conseguia pensar direito. Ela alcançou o elo entre eles, para usar a habilidade Moonling para congelar a água que pingava em seu peito, esperando oferecer algum tipo de alívio, mas sua energia estava quase esgotada. Apenas uma única gota de suor se transformou em gelo, antes que seu poder se dissipasse.

“Aqui,” Oro disse. Ele estendeu a mão em direção a ela. “Posso?”

No começo, ela ficou tensa, e ele abaixou a mão. Ela estava nua. Mas então, ela entendeu o que ele queria dizer. Ela entendeu o que ele estava oferecendo.

Frio. Alívio. Ela deveria dizer não. Ele era seu inimigo. Ele tinha tido sua lâmina contra sua garganta apenas algumas horas atrás. Ela era casada com outra pessoa.

Ainda assim... ela se viu dizendo sim.

Oro gentilmente, muito gentilmente, passou a mão pelo braço dela, e cada nervo dela despertou. Ela estava coberta de suor, mas ele não pareceu se importar. Sob seu toque, a água esfriou, e ela gemeu quando a mão gelada dele alisou sua pele aquecida.

Ela apertou os lábios contra o som, pois era muito mais sensual do que ela pretendia. A garganta de Oro se moveu enquanto ele se movia para o outro braço. Em todos os lugares que ele tocava, ele se acalmava, se acalmava. Ela estava ávida por isso. Desesperada. Ela pegou a mão dele na dela, deixando-o tenso, e a colocou na testa. Ela fechou os olhos e suspirou. Isso entorpeceu a dor. Ele entorpeceu a dor.

Depois de alguns momentos, ela abriu os olhos e o encontrou olhando para ela. Olhos âmbar. Ela sentia falta daquela cor. O calor estava fazendo coisas selvagens com sua cabeça. Ela se lembrou de uma época como essa, durante o Centenário, quando ele colocou as mãos nela, para curá-la. Ela estava apenas de roupa íntima. Ela se lembrou, e isso a fez esquecer de si mesma. Esquecer a outra metade de seu coração. Ela não conseguiu evitar mover os dedos dele pelo seu rosto, seu maxilar, sua garganta.

“Isla,” ele disse, sua voz sombria e áspera, e isso a fez lembrar ainda mais. Ela arrastou a mão dele pelo peito, até o coração. Os dedos dele eram longos contra sua pele nua e dolorida, e ela suspirou novamente.

“É tão bom”, ela disse, mal sabendo o que estava saindo de sua boca.

“É tão bom quando você me toca.”

Os olhos dele escureceram. A outra mão dele estava espalmada ao lado da cabeça dela, rígida com contenção, veias tensas. Ele não ousou se mover, a menos que ela o guiasse. E ela o fez. Ela deslizou as mãos deles pelo peito. Pelo estômago.

Uma dor começou a crescer. Uma dor por ele, uma dor do passado.

Uma memória. Ela começou a se lembrar do dia anterior à batalha, e de tudo o que eles tinham feito.

“Sinto muito”, ele disse.

Ela parou as mãos deles.

Desculpe? Por que ele se arrependeria?

O polegar dele gentilmente passou pelo estômago dela, sobre uma cicatriz que ainda não tinha cicatrizado completamente. O lugar onde Zed tinha colocado uma flecha nela.

“Ele está preso. Isso não apaga o que ele fez — ele, ele não deveria ter feito isso. —”

“Você o colocou em uma cela?” ela perguntou, parte de sua sanidade retornando. Ele assentiu. Zed era um de seus amigos mais antigos. Mas ele tentou matá-la.

Seus pensamentos pareciam escapar das garras de sua mente.

Tudo era escorregadio. Tudo era ampliado, especialmente essa dor dentro dela.

Ela guiou a mão dele para baixo novamente. Mais baixo, até que os nós dos dedos dele traçaram um caminho entre os ossos do quadril dela, deixando sua

pele formigando.

“Isla, acho que você inalou muita areia na tempestade.” Oro estava dizendo, em algum lugar distante. “Tem poder. Pode... aguçar os sentidos.

Emoções.” Sim, era isso que ela sentia. Aguçado. Cada nervo estava em chamas.

Ele começou a afastar a mão, mas ela disse: “Por favor. Por favor, não pare de me tocar. Nunca pare de me tocar.”

Mas ele fez. Ele parecia dolorido, mas gentilmente removeu sua mão.

“Durma,

Isla, se você puder.”

Dormir. Ela não queria. De repente, ela estava queimando, mais do que nunca no deserto. Mas, enquanto ela descansava contra o chão quente, o sono a alcançou rapidamente.

E ela sonhou com a noite anterior à batalha.

OceanofPDF.com



DOURADO

Isla surpreendeu Oro em seus aposentos. No dia seguinte, tudo poderia mudar.

Ela queria um pedaço de felicidade, uma fatia de verão, algo para se segurar durante o derramamento de sangue. Então ela colocou um vestido vermelho que se moldava a cada centímetro dela. E agora, ela esperava.

Isla sentiu o calor dele antes de vê-lo, um brilho que quase a fez cair de joelhos, e então ele estava enchendo a porta, e olhando para ela, e ela não tinha certeza se ele estava respirando. Ele tinha ficado parado, os dedos ainda enrolados na maçaneta da porta.

Ela sorriu, satisfeita. “Imagino que você goste.” Sua voz era áspera, ela quase não reconheceu.

O dele estava tenso. “Se por gostar, você quer dizer que eu quero despedaçá-lo com meus dentes, então sim. Eu gosto muito.”

As palavras dele eram como brasas pegando fogo, um calor caindo direto através dela. Ela o queria agora. Ela queria tudo.

Ele fechou a porta atrás de si e caminhou em direção a ela, os olhos estudando atentamente seu vestido do mesmo jeito que ela o observava estudando mapas e planos de batalha. Ele olhou para ela como se estivesse tentando navegar pelo caminho mais fácil por baixo dele.

Um momento depois, ele a tinha contra a parede, e ela inalou bruscamente. Ele se abaixou em direção à boca dela, mas ela o deteve com uma mão contra seu peito.

“Podemos fingir?” ela perguntou.

"Fingir?"

“Finja por um momento que você não é o rei, e que eu não sou seu inimigo.” Se ao menos. Se ao menos.

Ele franziu a testa. Ela não gostava de aborrecê-lo, mas secretamente amava

quando ele franzira a testa; isso a lembrava do Centenário, antes de ela admitir para si mesma que conseguia tolerar o rei Sunling. "Isla", ele disse contra sua testa. "Você nunca poderia ser minha inimiga."

Sua voz tremeu. "Eu sou Nightshade. Eu abri o portal sem perceber. Eu o ajudei a encontrar a espada. Eu tornei possível para Grim destruir tudo."

A raiva brilhou em sua expressão. "Você não sabia. A maior parte disso aconteceu no passado."

"Podemos fingir que não há passado, então? Que fomos você e eu desde o começo?" Ela queria tanto isso. Mais do que qualquer coisa.

Por um momento, ela se perguntou se ele a mandaria embora.

Mas então ele disse, bem contra os lábios dela. "Hoje à noite...

podemos fingir qualquer coisa que você quiser, amor."

A necessidade arrepiou sua pele. Eles tinham a noite toda. A noite toda para fingir que eles poderiam não morrer no dia seguinte. "Eu quero que você faça algo por mim. Eu quero que você deixe meu vestido dourado."

Ele parecia confuso. "Vou chamar Leto depois que tudo isso acabar."

Um sorriso surgiu em sua boca. "Não." Ela olhou para seu vestido e se deparou com a visão de seu peito, se esforçando contra o corpete baixo e apertado. Ela o ouviu engolir, também a observando. "O que estou usando. Deixe-o dourado."

Ela sabia o que dourar significava para ele, o trauma por trás disso. Ela queria pegar esse trauma e transformá-lo em confiança.

Ele hesitou, então ela ficou na ponta dos pés e disse contra a boca dele: "Eu confio em você. Você não vai me machucar." Era verdade. Ele era a única pessoa no mundo que havia conquistado toda a confiança dela.

Então ela sussurrou: "Torne-o dourado.

Por favor."

A mão que ele havia pressionado contra a parede ao lado da cabeça dela flexionou.

Lentamente, lentamente, seus dedos agarraram levemente a lateral da cintura dela, o polegar esfregando para baixo, e ambos observaram enquanto o tecido vermelho do vestido dela dava lugar à mais fina folha de ouro, descendo por seu estômago, até o chão. Era uma escolha

impraticável. A folha de ouro era tão fina que até o menor movimento a rasgaria.

Ele fez um som primitivo, observando, vendo-a na cor do seu reino.

Quando ele estava prestes a alcançar os lábios dela novamente, ela disse:

"Agora derreta-o de mim."

Suas sobrancelhas se juntaram. "Eu vou te machucar."

"Você não vai."

Antes que ele pudesse protestar novamente, um escudo Starling correu pela pele dela. Os olhos dele se arregalaram de surpresa, então se intensificaram, absorvendo o ouro e a prata brilhante. Ela se sentiu poderosa. No controle.

"Agora," ela repetiu. "Derreta isso de mim."

Não parecia que ela teria que perguntar de novo. Ele correu os nós dos dedos pelo centro do peito dela, até o estômago, e observou o vestido derreter pelo corpo dela como uma vela, revelando cada centímetro dela aos poucos. O ouro escorregou para uma poça que endureceu em um círculo ao redor dos pés dela, e ela ficou completamente nua na frente dele. Seu escudo Starling caiu.

O jeito que ele estava olhando para ela... a fez lembrar quando ele disse, Eu queria que você pudesse se ver do jeito que eu vejo. Você nunca mais duvidaria de si mesma. "Você está me olhando como se eu fosse algo para adorar", ela disse, os nervos girando em seu estômago.

Ele fez um som baixo de necessidade enquanto dava um passo à frente, inclinando-se para ela. Sua voz era apenas áspera quando ele disse: "Você me quer de joelhos para você, amor?"

A resposta dela foi imediata. “Sim.”

"Tem certeza?"

Ela assentiu, pronta. Ela se sentia crua, necessitada, desesperada para senti-lo. “Acho que posso morrer se você não me tocar.”

Lentamente, os olhos nunca deixando os dela, ele caiu de joelhos diante dela... e aquele calor se transformou em uma dor pulsante e implacável.

“Nós não gostaríamos disso”, ele disse.

Então, ele agarrou atrás do joelho dela e enganchou a perna dela sobre o ombro dele. Ela engasgou. Na primeira pressão da boca dele, ela se empinou contra ele, fazendo um som que se misturava a um gemido, e ele

a prendeu contra a parede com uma mão contra a parte inferior do estômago dela. Ela se contorceu abaixo dele, implorando, fazendo o tipo de promessa que o fazia rosnar contra ela.

O prazer dela era um incêndio, arrasando o mundo, incendiando-o, queimando a cada golpe, a cada mordida. Seus olhos estavam travados quando tudo atingiu o ápice. Ela engasgou. Sua mão bateu na parede, e a energia saiu em espiral dela, quebrando a pedra em várias direções. Por um momento, eles apenas se encararam, olhos em chamas. Peitos arfando. Ninguém nunca a fez se sentir assim: querida, como se toda a força do sol estivesse sobre ela, brilhando, derretendo todos os seus problemas. Ela confiava nele completamente, e essa confiança se aprofundava a cada momento que compartilhavam. A cada conexão.

Oro gentilmente a colocou no chão novamente, e ela balançou a cabeça, exausta e ainda dolorida por mais. "Como é que vamos sair desta sala?", ela perguntou. Ela quis dizer isso.

“Se dependesse de mim, nunca faríamos isso.” Então, ele se abaixou, pegou-a nos braços e a carregou para a cama.

Assim que seu corpo pressionou contra os lençóis de seda, ela estendeu a mão para ele. Sua mão pressionou contra seu peito, e eles observaram enquanto sua camisa queimava, as chamas lambendo sua pele. Ela estava usando seu poder.

Ele olhou para ela como se a estivesse vendo pela primeira vez, como se ela fosse algo maravilhoso e raro, e ela não aguentasse mais. Ela queria tudo com ele. Ela queria enquanto ainda podiam. Quem sabia o que o dia seguinte traria?

Com uma explosão de energia, ela o puxou para baixo dela e subiu em cima dele, montando nele. Lentamente, ela esfregou seus quadris contra os dele, e ambos gemeram com o contato. Sua cabeça caiu para trás, e ela equilibrou suas mãos atrás dela enquanto se movia contra ele, acelerando o ritmo.

“Eu quero você,” ela disse, ofegante. “Eu quero você inteiro.”

Ele se sentou, agarrou o traseiro dela e moveu os dois até que suas costas bateram na cabeceira da cama. As mãos dela caíram em seus ombros, e ele colocou a própria mão entre elas.

Ela lançou-lhe um olhar que dizia que não era exatamente isso que ela queria dizer — que ela queria tudo dele — mas quando ele a tocou, ela gemeu, e seus olhos se fecharam novamente. "Mais", ela disse, abaixando-se para direcioná-lo para onde ela o queria, mais fundo. Quando ele o fez, ela engasgou e se inclinou para pressionar sua testa contra a dele. Ambos estavam respirando muito rápido, compartilhando o fôlego, e ela olhou-o bem nos olhos enquanto dizia: "Eu te amo. Eu nunca poderia não te amar."

Eu te amo.

Ele pressionou o polegar onde ela gostava, e ela cravou as unhas nos ombros dele.

Ela se moveu para ele com abandono, arqueando as costas, querendo que durasse, desejando que esse fogo que sentia quando ele a tocava durasse para sempre. Ele olhou para ela, paralisado, sua outra mão curvada em volta do quadril dela, apertando quando ela gritou.

“Oro,” ela disse, os olhos brilhando nos dele enquanto seu corpo se contraía e ele se sentava rapidamente, como se não pudesse se conter. A mão dele no quadril dela se enrolou na parte de trás do pescoço dela, e ele puxou os lábios dela para os dele, a língua acariciando-a através do prazer.

Foi um beijo selvagem, duro e desesperado, como se eles não pudessem ver outra noite, como se ele pudesse memorizar o gosto dela.

"Eu também te amo", ele finalmente disse quando ela parou, derretendo-se contra ele.

“Não existe mundo em que eu não te ame.”

Com isso, ela pressionou os lábios contra o pescoço dele e foi mais para baixo. Mais para baixo.

De repente, ela saiu de cima dele e tirou o resto de suas roupas.

“Isla—” ele disse.

“Oro,” ela respondeu perto dos quadris dele, olhando para ele, antes de continuar sua exploração.

Ao primeiro toque dos lábios dela contra os dele, ele agarrou os lençóis com as mãos, e eles queimaram sob as pontas dos seus dedos.

O estrondo da risada dela contra ele pareceu desfazê-lo, porque ele gemeu.

Ela gemeu também, o som derretendo em um suspiro. Seu corpo se contorceu.

Apenas para raspar contra rocha dura. Um sonho. Tinha sido um sonho de uma memória, e—

De repente, ela se lembrou de si mesma. Onde ela estava.

Com quem ela estava.

Oro sentou-se do outro lado da caverna, observando-a. Seus olhos escureceram para um tom que ela tinha acabado de ver, em sua mente. Ele parecia não ter dormido nada.

Ela abriu a boca. Fechou-a. “Eu—eu disse alguma coisa... durante o sono?”

“Meu nome. Constantemente.”

Certo. Suas bochechas queimaram. “Eu—”

“Nada que eu não tenha ouvido antes”, disse Oro, antes de se levantar.

Seus olhos deslizaram para a entrada e ela viu que a tempestade havia passado.

“Por que você não me acordou?” ela exigiu.

“Você parecia estar se divertindo.”

A raiva substituiu qualquer resquício de desejo. Então, vergonha. Se divertindo.

Quanto mais tempo demorasse para ela descobrir como fechar o portal, mais as pessoas sofreriam. Como ela poderia ser tão guiada pelo sentimento?

O que Grim pensaria, com ela fora por tanto tempo? Ele entraria em pânico? Ele estava bem?

Se algo acontecesse com ele porque ela estava demorando muito, ela nunca se perdoaria. Ela sacudiu a areia de suas roupas rapidamente, se vestiu e encontrou Oro do lado de fora.

O sol se foi, e parte do calor havia se dissipado. O dente em seu bolso tremeu. Ainda assim, embora devesse liderar o caminho deles, Oro se colocou na frente dela.

Ela franziu a testa. “Como—”

"Só tem uma estrutura aqui, depois dos portões. A menos que suas páginas estejam enterradas na areia, eu sei para onde estamos indo."

Oh.

No relativo frescor da noite e depois de um pouco de descanso, ela atravessou o deserto mais rápido do que nunca.

Demorou horas até que sua cabeça começasse a latejar novamente por causa da desidratação. Sua língua parecia pesada e áspera na boca. Doía engolir.

Seus olhos ardiam a cada piscar. Sua pele queimada pelo sol era dolorosa ao toque. Tudo parecia seco, e ela estava desesperada pelo oásis que Oro havia prometido.

Quando amanheceu, o dente estava praticamente balançando para fora do bolso.

Eles estavam chegando perto. Ainda assim, conforme o calor do dia se intensificava, seus olhos começaram a fechar. Seus músculos ficaram frouxos. Ela teria caído direto na areia se não fosse por um braço forte enrolado em sua cintura.

“Ei,” ele disse, em algum lugar acima dela. “O oásis é logo ali na frente.

Você consegue.”

Era fácil para ele dizer. Ele era Sunling. Ele estava acostumado a esse calor implacável. Isso o revigorou, de certa forma. Ela tentou alcançar seu poder, vendo se isso poderia lhe dar uma onda de energia, mas ela estava muito fraca agora. Nada disso aguentou. Parecia que ela estava caindo de novo, e ele se lançou para frente para pegá-la.

Então, ela se levantou e caiu nos braços dele.

Seus olhos se abriram um pouco, incrustados na areia que eles haviam levantado durante a jornada, apenas para ver Oro acima dela, olhando para frente.

Ele não diminuiu nem um pouco o ritmo, mesmo agora carregando-a.

Se muito, seu passo acelerou.

Ela deveria insistir para que ele a colocasse no chão. Em vez disso, ela quase derreteu em seu toque. Ser esposa de Grim o tornava seu inimigo, mas ela confiava nele mais do que em quase qualquer um.

Essa confiança fez seu corpo parar de lutar. Ela entrava e saía da consciência. Seus sentidos foram apagados, um por um. O sol queimava sua pele, até que, de repente, ela foi mergulhada na água.

Isla arfou e agarrou Oro em choque. Seus braços se enrolaram em volta do pescoço dele; seu peito ficou nivelado com o dele.

O oásis. A água estava quente, mas com a habilidade de Oro ela esfriou, e ela quase choramingou de alívio, agarrando-se a ele, com medo de perder a consciência novamente e se afogar.

“Posso?”, perguntou Oro, com a mão estendida.

Ela assentiu, e os dedos dele deslizaram cuidadosamente por sua pele.

Ela se encolheu, em carne viva, queimada até ficar vermelha; mas sob seu toque, sua dor diminuiu. Cuidadosamente, ele curou suas queimaduras, usando sua força limitada nela.

Seus olhos se fecharam, e ela tentou se concentrar em qualquer outra coisa, menos na maneira cuidadosa e praticada como ele a tocava, como se já tivesse feito isso centenas de vezes antes, porque ele tinha. Ele conhecia o corpo dela... e ela conhecia o dele.

Ele estava apenas curando-a, ela disse a si mesma. Ajudando-a. Era inocente.

Mas não havia nada de inocente em seu pulso acelerado. Ou no calor que escorria por sua espinha.

“Obrigada”, ela sussurrou, muito perto do rosto dele, quando ele terminou.

Então ela caiu para trás e ele a soltou na água.

Isla se deixou afundar. Ela saboreou a maciez, o frio, a maneira como as raízes de seu cabelo eram massageadas, como a areia se separava de seu corpo e de suas roupas. Ela juntou água em suas mãos e bebeu avidamente, rapidamente.

“Devagar”, disse Oro. “Você vai ficar doente.”

Ela queria beber o oásis inteiro, mas ela escutou.

Quando ela estava saciada, ela nadou até a borda da piscina e se afastou de Oro, então começou a tirar suas roupas. Ela enxaguou cada item e os colocou em um conjunto de pedras lisas para secar. Foi só quando ela afundou de volta na água que ela percebeu que ambos estavam nus dentro dela.

Antes — na caverna — isso tinha sido diferente. Ela não era ela mesma.

Ela estava lutando para sobreviver no calor. Ela estava dormindo.

Agora ela tinha a maior parte de sua sanidade de volta. Ela olhou para baixo. Seu peito estava quase exposto, e ela afundou mais. Cobriu-se com

seus braços. As sobrancelhas de Oro se ergueram. Ela praticamente podia ler sua mente. Não era nada que ele não tivesse visto antes, não tivesse tocado antes, não tivesse provado antes.

Mas as coisas eram diferentes agora.

Pelo menos era o que se supunha que fossem.

Traidora. A palavra ecoou em sua mente. Naquele exato momento, ela não tinha muita certeza de quem estava traindo. Talvez todos, inclusive ela mesma.

Seus olhos ardentes a perfuraram. “Você está feliz?”, ele perguntou, do nada.

A resposta dela veio muito rápido. “Sim.”

Ele não pareceu convencido, e Isla quase perguntou se era mentira.

Ela estava feliz. Ela amava Grim.

Mas ela também amava Oro.

A piscina era rasa. Ela observou enquanto ele se aproximava lentamente dela, a água ondulando ao redor dele, como se estivesse correndo para sair do seu caminho.

Sob o sol, naquele lugar, ele parecia um deus. Cabelos dourados ficavam mais escuros pela água, fios selvagens grudados em sua testa. Pele beijada pelo sol sobre músculos ondulados.

Ele chegou mais perto, mais perto, até ficar mais alto que ela.

“Por que você se casou de novo?” ele perguntou.

Ela se lembrou do motivo pelo qual lhe contara sobre isso em primeiro lugar. Para fazê-lo odiá-la. Para fazê-lo esquecê-la.

Ela ainda esperava que ele fizesse isso.

Oro a havia alertado antes sobre usar sangue para poder, e era isso que ela estava fazendo agora, em um grau ainda maior. Seu skyre ainda estava escondido pelo mais fino pedaço de sombra, mas se ele descobrisse sobre isso, ficaria chateado.

Ele não entenderia.

Ela era perigosa. Imprudente. Mesmo sem a profecia, ele merecia algo melhor. Um dia, ela poderia machucá-lo sem nem querer.

“Eu me casei com ele de novo porque eu queria”, ela disse, esperando que a declaração contivesse verdade suficiente. Oro não pareceu convencido.

Ele se inclinou mais perto, até que sua respiração estava contra a testa dela. “Então é isso?

Você é meu inimigo agora?”

Ela engoliu em seco diante da proximidade dele e assentiu.

Ele inclinou a cabeça para ela. “É isso que você quer?”

Sim. “Eu odeio. Eu—eu odeio você.”

Ele apenas baixou o olhar para os lábios dela, depois para as clavículas, depois para o peito, ainda quase completamente visível na água límpida.

Então, ele se inclinou, a respiração deslizando pela pele nua dela, para que ele pudesse dizer, bem contra a concha da orelha dela, "Diga isso para mim quando não estiver gemendo meu nome durante o sono, e eu posso acreditar em você."

Então, ele saiu da piscina e se vestiu.

Depois disso, eles caminharam em silêncio. Ela tentou o máximo que pôde para ficar o mais longe possível dele, para enterrar essa atração do prédio, e ele parecia contente em fazer o mesmo.

Eles continuaram andando a noite toda até que o horizonte formou uma cadeia de montanhas, e ela avistou uma estrutura à distância.

O alívio quase fez seus joelhos cederem.

Um palácio havia sido esculpido em todo o lado de um penhasco dourado. Parecia um castelo preso em pedra. Sua fachada era composta de milhares de símbolos semelhantes ao sol e inúmeras portas. Havia estátuas, escadas e

colunas infinitas.

“Que lugar é esse?”

“Uma tumba”, Oro disse, passando por ela. Ele parou na frente. Ela fez menção de passar pela porta, mas ele segurou seu pulso. “Não podemos entrar ainda.”

“Por quê?” Eles não tinham tempo. Nightshade poderia estar invadida por guerreiros agora. Grim poderia estar em apuros. Oro não se importaria com isso; então, em vez disso, ela disse: “Lark chegou a esta ilha. Ela provavelmente está matando seus soldados agora, aumentando seu exército.”

Sua mandíbula ficou tensa. “Só confie em mim, Isla,” ele disse, e ela seria uma mentirosa se dissesse que ouvir seu nome dos lábios dele novamente não fez seu peito apertar. “Precisamos esperar.”

Eles fizeram. E enquanto eles se demoravam na frente do palácio, ela o estudou mais de perto. As colunas eram feitas de estátuas, uma fileira de governantes anteriores. Os frontões estavam cheios de cenas escultóricas mostrando uma caçada. Um casamento. Um enterro. Tudo delicadamente trabalhado na face dourada do penhasco. Lá em cima, no topo — quase no pico da montanha — algo brilhou.

Uma chama.

Oro seguiu sua linha de visão. “Essa é a chama eterna”, ele disse. “Ela não se apagou em milhares de anos. Reis se ergueram e caíram, maldições foram tecidas e quebradas, e através de tudo isso, a chama resistiu.” Ela a observou tremeluzir. Não era enorme... mas era poderosa. Forte.

A escuridão começou a mudar, e Oro se endireitou. Ele fez sinal para que ela entrasse no palácio. Finalmente. Ela entrou e foi mergulhada na escuridão. Sua energia estava gasta, mas ela alcançou o poder de Oro, acendendo a menor das brasas. Os dedos dele se curvaram sobre os dela, apagando-os.

“Desnecessário”, ele disse. Ele se virou de volta para a porta. Esperou um segundo. Dois.

Então a luz se derramou no salão em uma linha brilhante, como ouro derretido. Conforme o amanhecer se erguia, a fatia de sol fluía pelo chão, iluminando um

desenho intrincado sob seus pés.

Era lindo. Ela se virou para Oro, apenas para encontrá-lo já a estudando.

Eles se encararam por um momento antes de seguirem o caminho iluminado pelo sol pelo longo corredor e entrarem em uma sala que começou a inundar de luz. Era uma tumba.

Oro se moveu cuidadosamente ao redor do caixão. “Fogo não funciona aqui. Qualquer chama é imediatamente extinta, o que significa que esta sala é visível apenas no inverno, ao amanhecer, por apenas alguns minutos.” Estava alinhada com o sol.

“Não temos muito tempo, então.” Ela tirou o dente do bolso. No momento em que ele foi libertado do tecido, ele voou pela sala, como se convocado, cravando-se na parede.

Não, não uma parede. Uma única página esticada sobre ela. A tinta vermelho-carmim estava desbotada, quase ilegível.

Cuidadosamente, ela o descascou da pedra. Releu rapidamente. O

alívio a inundou como um oásis em seus ossos.

“Tem o que você precisa?”, disse Oro.

Ela se virou e assentiu. “É exatamente o que eu estava procurando.”

A luz do sol já estava desaparecendo, e seus raios varriam o túmulo.

Abaixo deles, o metal brilhava. Feito de sombra.

Os olhos de Oro se encontraram com os dela. Parecia que eles estavam tendo o mesmo pensamento. Ele nem sabia sobre Cronan, mas sabia sobre Lark. “Não pode ser aberto. Muitos tentaram.” Sentindo a confusão dela, ele acrescentou, “Há rumores de que Hórus tinha uma relíquia. Um osso do dedo de um deus. Muitos o procuraram.”

A luz estava quase acabando agora. Isla não perdeu um momento antes de cortar uma linha pelo braço e sufocar seu próprio sangue nas palmas das mãos. Ela mal

sentiu a dor, mal ouviu os gritos de protesto de Oro.

Ela pressionou as duas mãos contra a parede do túmulo e o empurrou para abri-lo.

Oro ficou imóvel como uma estátua.

Um corpo estava sentado lá dentro. Não ossos, um corpo. O homem estava inteiro, sua pele intacta. Ele parecia estar simplesmente dormindo.

Horus Rey, um dos três fundadores da Lightlark. Ele tinha o cabelo dourado de Oro. Pele iluminada pelo sol. Nariz reto. Ângulos agudos no rosto.

“Ele está... vivo?” Isla perguntou. Seria possível que todos os três fundadores não tivessem perecido?

Os braços do homem estavam cruzados sobre o peito, suas mãos empilhadas sobre o coração. Abaixo deles, agarrado em seus dedos, algo brilhava fracamente.

Um osso.

A luz do sol começou a derreter do quarto, como se drenada. Eles não tinham tempo; mas ainda assim, Oro hesitou.

“Pegue”, disse Isla. “Poderia nos ajudar contra Lark.” Poderia ajudá-la.

Um momento. Dois. Então Oro lentamente alcançou o osso.

Gentilmente o levantou.

No momento em que saiu do controle de Hórus, seu corpo se tornou ossos. A carne virou cinzas. Ele se tornou um cadáver.

Ele estava morto, isso era certo. De alguma forma, o poder do osso havia preservado seu corpo.

Rapidamente, antes que a luz quase desaparecesse, eles empurraram o topo da tumba de volta. O quarto foi rapidamente encharcado em escuridão, poeira e decadência. Oro agarrou sua mão e, juntos, eles encontraram a saída. Eles

avançaram lentamente pelo corredor.

Pouco antes de retornarem ao deserto, a areia começou a tremer.

Ascender.

Oro xingou. “Outra tempestade.”

Eles não tinham tempo. Ela tinha que ir, agora. Sua voz era um rosnado frustrado. “Eles acontecem com tanta frequência?”

Ele assentiu. “É por isso que poucos chegaram a este lugar.”

“O que fazemos?”

Ele olhou ao redor para a entrada do castelo e suspirou. “Nós esperamos.”

Por uma hora, eles ficaram sentados em quase silêncio, encarando a tempestade furiosa. Lentamente, os olhos de Oro começaram a fechar. Ele devia estar exausto. Eles passaram dias caminhando. Ele não dormiu na noite anterior e se esgotou consideravelmente para curá-la.

Sua cabeça se encostou na parede. Sua respiração se acalmou.

Ela o observou, lembrando-se de como era se aninhar ao lado dele. Ele parecia quase em paz agora, na frente dela, uma mão estendida em sua direção, como se ele fosse atraído por ela mesmo em seus sonhos.

Avançando lentamente, ela passou a mão gentilmente pelo braço dele, do jeito que costumava fazer, quando dormiam lado a lado. Ele gemeu em seu sono, inclinando-se em direção a ela. Ele nem sentiu ela agarrar o osso.

Ele estava tão contente — tão feliz, tão profundamente adormecido —
que nem a ouviu sair.

A tempestade rugia ao redor dela. Ela amarrou a blusa em volta do nariz e da boca, lembrando-se do que Oro dissera sobre inalar a areia. Ela não podia se dar ao luxo de se perder em suas emoções, não agora.

Oro estava certa. Lark era o problema deles. Mas ele poderia não concordar com

a solução dela. Era por isso que ela precisava deixá-lo, mesmo que isso a matasse por dentro.

O osso brilhou através do tecido do seu bolso. Ela havia lido a página que faltava. Ela destacava cada instrução para abrir um portal — e fechá-lo. Exigia vários skyres, assim como objetos poderosos para extrair, e esse osso seria central para seu plano.

Tudo o que ela precisava agora era voltar para Nightshade.

Quando ela não conseguiu mais ver o palácio, ela tirou o anel do dedo.

Uma tempestade em miniatura girava dentro do orbe, em ouro brilhante.

Ela tinha que voltar para Grim. Ela tinha que ter certeza de que Oro não conseguiria pegá-la antes que ela passasse pelos portões e seu controle sobre seu portal.

Ela se lembrou do que Azul havia dito sobre capturar tempestades.

Moldá-las.

Com toda a força que conseguiu reunir, ela quebrou a pedra entre os dedos.

E a tempestade saiu desabando dela. A tempestade dela. Ela a segurou, como se ainda estivesse em um orbe na palma da mão. Seus dentes deslizaram juntos enquanto ela lutava contra seu aperto.

Lentamente, ela ganhou controle dos ventos com o poder Skyling e o transformou em um vórtice, perfurando a outra tempestade para formar um túnel para ela viajar com segurança.

Então ela correu por ele o mais rápido que pôde, sabendo que logo, Oro acordaria e perceberia que ela tinha ido embora. Logo ele notaria que o osso estava faltando. Ele suspeitaria que ela tinha seus próprios planos ocultos.

E então ele a perseguiu.

Ela reprimiu a culpa, os sentimentos persistentes, qualquer coisa que a atrasasse, porque ela não podia se dar ao luxo de fazer nada além de se mover.

Isla esperava que ele a odiasse. Ela esperava que ele a esquecesse. Isso tornaria as coisas muito mais fáceis para todos eles.

As milhas eram infinitas. Seus membros pareciam cada vez mais pesados. O rugido do túnel de vento dourado soava como um oceano, um no qual ela se afogaria se seu controle sobre a tempestade falhasse por um momento sequer.

Não demorou muito para que o calor a desacelerasse novamente. Seus olhos começaram a fechar. Dessa vez, não havia ninguém para segurá-la quando seu passo escorregava. Ela mal conseguiu manter o túnel enquanto disparava de volta, respirando com dificuldade.

Você tem que continuar, ela disse a si mesma. Tentar... essa é a parte mais difícil.

Isla se lembrou dos soldados sem sangue, como eles tinham matado inocentes e os guerreiros de Grim com a mesma eficiência. Lark era quase imparável. Ela queimaria este mundo até suas brasas, despojando tudo o que o tornava bom. Não era perfeito, mas merecia uma chance de ser melhor.

Eles tinham uma chance. Com este osso, e os skyres, e as instruções na página dobrada em seu bolso, eles poderiam mandar Lark embora para sempre. Mas não se Isla morresse neste deserto.

O calor e a areia que passaram pelo tecido mexeram com sua mente.

Ela viu o passado como se estivesse caminhando por memórias.

Ela pensou em suas melhores. Correndo pela floresta após o treinamento, sorrindo para as copas das árvores, cantando com os pássaros. Encontrando seu bastão estelar abaixo das tábuas do assoalho.

Viajando para o castelo Starling de seu antigo amigo pela primeira vez.

Vendo o mundo de muito acima, no balão de ar quente com Grim.

Caminhando pelos campos de nightbane, sua cor roxa escura como a noite sendo refletida para o céu.

Azul, mostrando a ela as montanhas cantantes aqui em Lightlark.

Reconstruindo Wild Isle com Oro, observando a natureza reviver um lugar morto.



Havia também suas piores memórias. Tanta perda, traição e perigo.

Mas havia beleza aqui, neste mundo — mais boa do que ruim. E ela estava disposta a lutar por isso.

Com um gemido raspado das profundezas de si mesma, ela agarrou a tempestade com mais força — e sentiu-a varrer abaixo de seus pés, erguendo-a para seu centro, areia orbitando seu corpo. Mais alto. Seu braço tremia com esforço, com controle, seu skyre incendiando sua pele, e a tempestade de areia se tornou uma onda que ela surfou pelo deserto.

Ela ondulou abaixo, rasgando por quilômetros e quilômetros. Ela se ajoelhou, seus dedos correndo por ela, sentindo seu poder surgindo.

Oro não vai alcançá-la, ela disse a si mesma.

Ela poderia chegar aos portões antes mesmo que ele percebesse que ela tinha partido.

OceanofPDF.com

INIMIGO

Os portões se avultavam bem à frente. O fragmento de tempestade que ela havia roubado havia se dissipado há muito tempo, derretendo até que ela estivesse de pé novamente. Ela estava caminhando por horas no deserto aberto, os sapatos afundando na areia. Agora, pelo menos, ela havia alcançado os cânions sinuosos.

Ela estava andando por um dos túneis de formato estranho, a mão arrastando contra a rocha lisa, quando ouviu. Algo cortando o ar. Sua respiração engatou. Ela se virou bem a tempo de ver uma adaga perfurar a parede de pedra a centímetros de seu rosto.

Sua adaga.

Uma que ela havia descartado na jornada. Uma que deve ter sido pega, por alguém que saberia o quanto as lâminas significavam para ela.

Alguém que ela havia traído.

Ela correu.

Suas pernas pareciam frágeis enquanto ela cambaleava pelo cânion, abaixando-se, virando-se, quase atingindo as laterais da rocha retorcida que se curvava violentamente sob os raios de sol.

Oro era o rei de Lightlark. O governante de Sunling. Mesmo com a tempestade, ela não conseguiu fugir dele — não aqui em suas próprias terras.

Outra adaga. Desta vez, a apenas alguns centímetros do quadril dela.

Ela xingou. Parecia que ele tinha coletado todas elas em sua jornada de volta. Ele estava bem atrás dela.

Ela correu em outra curva de pedra ondulada, então parou, respirando rápido demais. Ele era mais rápido. Mais forte aqui, neste calor.

Pouco antes de Oro virar a esquina, ela convocou toda a energia restante que tinha e usou a habilidade Nightshade de Grim para desaparecer.

Não era um poder que ela dominava. Suas sombras eram escorregadias no calor, especialmente com sua força diminuindo.

Ainda assim, ela se esforçou para mantê-los sob controle enquanto Oro se aproximava de sua linha de visão, segurando outra de suas adagas frouxamente em sua mão.

Este não era o Oro de antes da batalha, aquele que a chamava de sua favorita em tudo. Não, este era o rei de coração frio que ela conhecera no primeiro dia do Centenário, seus olhos estreitados em raiva — em traição.

Seu corpo alto e musculoso ficou tenso com a prática de um caçador. Ele deu mais alguns passos. Parou. Olhou para cima.

Então, muito lentamente, ele se virou.

E olhou diretamente para ela.

Ele apertou os olhos. O coração de Isla congelou. Ela olhou para si mesma. Ela ainda estava invisível. Ela olhou para cima novamente e o encontrou na frente dela.

Ela não estava respirando. Ela não ousou se mover um centímetro quando ele deu um passo.

Depois outro. Enquanto ele hesitantemente levantou o braço. Estendeu a mão para ela.

Era uma pena que ela não tivesse aprendido a atravessar paredes, porque quando as pontas dos dedos dele roçaram suas bochechas, ambos sentiram.

E então, ela se tornou visível.

Antes que ele pudesse dizer uma única palavra, seu escudo Starling ondulou em sua pele, e ela lançou uma onda de energia nele.

Oro colidiu com a face da rocha com força suficiente para quebrá-la.

Ela se virou para correr, mas a mão de Oro disparou para frente. Uma folha de pedra atrás dele arrancou o cânion, atingiu sua mão e a prendeu contra a parede.

Ela se enrolou em seu pulso, prendendo-o acima de sua cabeça. Com mais um movimento, seu outro pulso se juntou a ele.

Seu olhar era puro fogo. Pura satisfação.

Ele estava usando o próprio poder dela contra ela.

Ambos sabiam o que isso significava.

Ele caminhou até ela. Uma adaga de energia se formou em sua mão, e ele a levantou contra sua bochecha. Isla olhou para ela. Isso era bom, ela tentou dizer a si mesma. Era isso que ela queria. Que ele a odiasse. Que ele se ressentisse dela.

Não era tudo o que ela queria.

“Você roubou de mim,” ele disse, como se ainda não conseguisse acreditar. “Você me deixou. Você me traiu.”

Ela apenas olhou para ele, com o peito arfando.

"Você achou que eu não te encontraria?" O rosto dele estava a poucos centímetros do dela, perto o suficiente para ver as partículas de ouro em seus olhos âmbar, fervendo de fúria. "Você achou que eu não te pegaria?"

Ele se inclinou para mais perto. "Você não pode se esconder de mim", ele rosnou. "Mesmo que eu não possa te ver, eu posso te sentir. Você é implacável. Você é uma gravidade da qual tentei escapar, mas não consigo. Eu não consigo, Isla." Sua voz tremeu. Ele era um dos governantes mais poderosos da história, mas seu braço tremia com contenção enquanto ele roçava o polegar nos pulsos que havia prendido acima da cabeça dela.

Ele parecia odiar a si mesmo, odiar-se de verdade por suas palavras.

Ele parecia odiar que ela tremesse sob seu toque. Ele balançou a cabeça.

"Você escolheu outra pessoa, você foi embora, e ainda assim, eu espero aqui como um idiota pelo dia em que você pode retornar."

Ele apontou para um pouco além dos portões, perto da floresta onde a havia

encontrado.

“Eu vou até aquele penhasco, aquela praia, todas as manhãs porque o mar é o verde dos seus olhos, e é o mais perto que chego de acordar ao seu lado.”

Ela balançou a cabeça. “Esqueça-me”, ela implorou. “Eu não sou boa para você, Ouro.”

“Você não acha que eu tentei?” Ele disse, com os olhos brilhando.

“Meu amor por você é como aquela chama eterna, Isla. Implacável.

Teimoso. Infinito. Queimando intensamente, mesmo que você não esteja por perto para ver.” Uma lágrima escorregou pela bochecha dela.

Sua raiva diminuiu. Foi substituída por dor. “Volte,” ele disse, sua voz embargada, e ela fechou os olhos com força. “Fique.”

“Oro, não posso.” Ele não entendeu. Ele não entendeu.

“Você pode,” ele disse, e ela abriu os olhos para encontrar os dele arregalados, desesperados. “Eu fiquei louca pensando nisso. Eu entendo por que você foi embora. Você queria parar a batalha. Você queria parar a morte. Mas eu não consigo entender por que você ficou. Eu continuei... Eu continuei esperando você voltar. Então eu vim até você, pensando que devia haver algo errado, que ele estava de alguma forma mantendo você lá, mas então,” sua voz quebrou quando ele interrompeu. Ele fechou os olhos e respirou fundo, como se estivesse reunindo forças. “Então você me deu isso.” Ele tirou o colar de rosas douradas do bolso.

Ele o carregou consigo. Ele não o derreteu ou jogou no mar, como ela havia imaginado.

Oro deve ter percebido a surpresa dela, porque ele disse: “Eu queria destruí-lo. Eu queria queimá-lo. Mas não consegui.” Ele balançou a cabeça.

“Por que, Isla? Eu teria pensado que as palavras que você me disse, o tempo que compartilhamos, eram uma mentira — mas eu podia sentir a verdade delas. Então por quê?”

Ele se inclinou para mais perto, e ela se inclinou para longe, seus pulsos ainda presos acima dela. Eles eram feitos de pedra. Ela tinha energia sobrando. Ela poderia removê-los, mas não o fez. Ela não o fez, mesmo quando seus lábios abaixaram em direção aos dela, enquanto ele dizia, a poucos centímetros de sua pele, "Diga-me que você não sente minha falta.

Diga-me que você não pensa em mim. Diga-me que você não volta no tempo e muda de ideia." Seus lábios roçaram sua bochecha quando ele disse, "Diga-me isso, e seja sincero, e eu vou deixá-la sozinha para sempre.

Eu juro."

Ela levantou o queixo e se forçou a encontrar o olhar dele. "Eu não sinto sua falta," ela disse firmemente. "Eu nunca penso em você. Eu não volto no tempo e mudo de ideia."

Os lábios dele estavam logo acima dos dela. Ela sentiu a respiração dele contra sua boca. Ele se inclinou mais perto, como se fosse beijá-la, como se ela fosse deixá-lo, e disse:

"Mentiroso."

Então, ele foi embora, deixando-a presa contra a pedra.

Ele deu alguns passos antes de xingar. Isla se desvencilhou da parede e virou a esquina.

Os portões estavam ali, à vista.

E um exército estava atrás deles.

Isla reconheceu a imobilidade dos soldados exangues de Lark.

Eles estavam bloqueando o caminho, tornando a saída impossível, a menos que quisessem correr o risco de serem cortados por dezenas de lâminas.

Pior — eles não eram apenas Nightshade. Eles eram Skyling. Starling.

Sunling. Alguns rostos, Isla reconheceu da batalha, lutando ao seu lado.

Agora eles olhavam fixamente para o nada.

Os olhos de Oro eram puro fogo e fúria, e a compreensão tomou conta dele.

“Eu vou matá-la”, ele disse, sua voz uma promessa sombria.

Suas palavras eram quase um sussurro. “Ela não pode ser morta.”

Ele se virou para ela. “Então eu a jogarei na chama eterna e a observarei queimar até o fim dos tempos.”

Os soldados sem sangue os observavam, esperando. Isla suspeitou do que aconteceria, mas ela enviou uma espiral de chamas através das brechas nos portões de qualquer maneira.

Eles se dissolveram no momento em que atingiram o ouro. Era impenetrável, de ambos os lados.

Eles estavam presos. Só a morte os esperava do outro lado. O exército poderia ficar ali para sempre se necessário; eles já estavam mortos.

Sem água, com esse calor... Isla e Oro logo se juntariam a eles.

Eles não tinham tempo para isso. Ela precisava voltar para Nightshade.

Ela sabia o que tinha que fazer. “Sinto muito”, ela disse a Oro.

Então, ela puxou seu colar.

Ela quase conseguia sentir o ar mudando ao redor deles, o céu ficando tenso.

Seu poder atravessando o mundo para chegar até ela.

O próprio chão estremeceu quando Grim pousou logo depois dos portões, em uma cicatriz de sombras.

Em um instante, o exército de mortos era cinzas. Ele andou sobre seus restos crepitantes, os olhos nunca deixando os dela.

Até que deslizaram para Oro.

Ele olhou entre eles.

Antes que ela pudesse piscar, uma foice de sombra estava voando em direção a Oro, pronta para cortá-lo. Só o portão a deteve.

Seu olhar era enlouquecido. “Não o machuque,” ela disse, parando na frente de Oro, mesmo que não precisasse.

Grim apenas olhou para ela. Lentamente, as sombras que se juntaram em suas mãos murcharam. Ela se virou para Oro. “Você também.”

Ele olhou para ela enquanto cortava a mão... e abria o portão.

Ela se encolheu, esperando que eles ignorassem sua ordem, lutassem um contra o outro até a morte, como antes. Mas ambos ficaram muito parados. Ambos se viraram para ela.

As cinzas do exército giravam aos seus pés. Elas eram apenas o começo.

“Lark está aqui.” Ela olhou para Oro, depois para Grim. Eles eram inimigos. Ela quase conseguia sentir o gosto do ódio deles. Mas Lark destruiria todos eles se permanecessem em lados diferentes. “Não



podemos derrotá-la divididos.” Ela não conseguia acreditar nas palavras que estavam prestes a sair de sua boca. “A única chance que temos é trabalharmos juntos.”

REMLAR

Enya cuspiu em seus pés quando ela se aproximou. Ela olhou para Grim e fez o mesmo. Ele nem sequer a reconheceu.

A expressão normalmente jovial de Calder era fria. Cautelosa.

Zed estava desaparecido. Ela se lembrou do que Oro havia dito. Ele havia aprisionado seu amigo.

Eles estavam sentados na sala de guerra — o mesmo lugar onde planejaram a morte de Grim. Agora, ele estava recostado em uma das cadeiras, lançando punhais a qualquer um que olhasse para ele. Qualquer um, menos ela.

“Lark pretende matar vocês dois”, disse Isla, olhando de Grim para Oro.

“E eu, provavelmente. Ela não vai parar até que este mundo seja nivelado.”

“Por que ela simplesmente não te matou quando teve a chance?” Enya disse, como se ela realmente tivesse gostado daquele resultado.

Sombras se espalharam pela mesa, terminando em garras.

Isla os ignorou. “Ela precisa que eu a leve ao coração de Lightlark.

É por isso que ela está aqui: para encontrá-lo.”

Ela só florescia uma vez por século, disfarçada de ser vivo. A última vez que Isla a viu, o coração estava caindo atrás de Celeste para o centro da ilha.

“Então, o que fazemos?” Calder perguntou, passando uma mão enorme pelo rosto. “Como paramos alguém mais poderoso do que qualquer um de nós, que criou a ilha em que estamos?”

“Nós a atraímos para fora com a promessa do coração. Então, nós atacamos.”

Calder pareceu confuso. “Pelo que você está nos dizendo, ela é invencível.

Ela não pode ser morta, nem mesmo ferida.”

“Talvez”, disse Isla. “Mas se ela pode ser parada por algumas horas, uma pessoa nesta ilha sabe como.”

“E então?” Enya disse, inclinando-se para frente, cotovelos na mesa.

“Mesmo que possamos machucá-la, ela ainda é imparável. Precisamos de um plano.” “Eu tenho um,” Isla disse.

Enya riu sem humor. “Por que deveríamos confiar em você?”

Isla deixou sombras envolverem um de seus braços. O outro estava envolto em tentáculos de gelo, ar, energia crepitante e fogo.

“Isso não prova nada”, disse Enya. “Só que ambos ainda amam você, o que é óbvio.” Ela olhou para cada um deles, como se amá-la fosse uma falha pessoal.

Isla olhou para Grim. Relutantemente, ele fez a menor das flores florescer em sua mão.

Então, Isla se virou para Oro. Doeu olhar para ele. Seus olhos não eram vazios, nem sem vida, mas cheios de dor. Medo. Determinação. Ela se lembrou de uma época em que eles só eram cheios de amor.

Lentamente, ele desenrolou os dedos. Pétalas pingavam deles, no chão, rosas com espinhos nas pontas.

Ambos a amavam... e ela os amava. Ela não faria nada para colocá-los em perigo, não agora, independentemente do que a profecia predissesse.

Não era uma garantia... mas era alguma coisa.

Enya não pareceu convencida. “Por que deveríamos ouvir você?”

“Você não precisa”, disse Isla. “Você pode ouvir o plano dele”, ela disse, gesticulando em direção a Grim. “Ele envolve usar o portal em Lightlark, destruir a ilha e enviar todos os Nightshade para o outro mundo.”

Grim assentiu, parecendo que aquele plano parecia perfeitamente bom para ele.

Enya olhou feio para os dois.

“Meu plano envolve mandar Lark embora para sempre.”

Silêncio. Então, Oro disse: “Estamos ouvindo.”

Ela contou a eles sobre a temporada de tempestades. Sobre o portal em Nightshade — e seu plano de enviar Lark através dele. Ela contou a eles sobre a página perdida que ela e Oro haviam descoberto, detalhando exatamente como fazer isso.

Então, muito lentamente, ela deixou o osso cair na mesa. O maxilar de Oro se moveu, observando-o.

Enya virou-se lentamente para encarar o rei. “Diga-me que não é o que eu penso que é.”

Ele permaneceu em silêncio.

Ela se levantou, fogo queimando de seus punhos, queimando o chão.

“Essa é nossa maior relíquia. E você deu a ela? Você—”

“Ele não me deu”, esclareceu Isla. “Eu roubei.”

Enya girou para encarar Oro, sem palavras. Sua mandíbula ficou tensa.

“Preciso disso para criar as marcações necessárias para fechar o portal”, disse ela.

“Seu poder é a melhor chance que temos de derrotar Lark.”

Enya parecia incrédula.

Grim disse: "Se vocês, idiotas do sol, tiverem um plano melhor, estamos ouvindo."

O fogo de Enya se acendeu — antes de enfraquecer. Ela se sentou lentamente. Por alguns momentos, sua raiva aqueceu a sala. Então ela suspirou e disse: "E qual papel cada um de nós desempenha?"

“Você e Calder, reúnam todos que sobraram em Lightlark, todas as forças restantes, então esperem por mim. Precisamos transportá-los para as novas

terras. Lark está aqui, e eles são apenas mais guerreiros para adicionar ao seu exército.” Enya assentiu relutantemente.

Ela se virou para Grim. Ele esperou, expectante. "Você fez o que eu pedi com a espada?" A espada de Cronan, aquela que eles tinham procurado no passado, que controlava os dreks. Ela tinha pedido para ele devolvê-la ao covil do ladrão, mas agora ela precisava dela.

Ele assentiu.

“Preciso que você o recupere.”

“Eu posso fazer isso.”

Ela se virou para Oro. Ela abriu a boca, mas ele a antecipou. “Não.

Seja lá o que você estiver fazendo, eu vou com você.” As sombras de Grim ficaram mais

nítidas.

Oro apenas olhou entre eles. “Você não pode realmente esperar que confiemos em você. Ou que ele não use isso como uma distração para passar pelo portal no cofre.” Aquele no Lugar dos Espelhos, aquele que salvaria sua vida para sempre.

O ar pareceu mudar quando Grim começou a se levantar. Ela agarrou seu pulso, e ele parou.

“Tudo bem”, ela disse. “Nós descobriremos como machucar Lark...

juntos.”

Enya saiu com Calder, sem mais uma palavra. Grim saiu também — e voltou em poucos minutos.

“Ele se foi”, ele disse simplesmente.

Isla recostou-se na cadeira. “O que quer dizer com sumiu?”

“A espada. A pilha de relíquias. Até o maldito dragão, ele se foi.” A pilha de encantamentos roubados pertencia a uma ladra infame. Eles não a viam em todo

o tempo que passaram tentando passar pelo dragão.

“Ela deve ter movido tudo.” Suas unhas cravaram na palma da mão enquanto ela se arrependia de ter dito a ele para colocar de volta. Ela estava tentando proteger o mundo... agora, isso poderia colocá-los em risco de perdê-lo. Os dreks eram cruciais para seu plano.

Oro recostou-se na cadeira, na cabeceira da mesa, e disse: "Tenho uma ideia".

Zed estava sentado contra a parede dos fundos de sua cela. Ele parecia entediado e nada surpreso ao ver ela e Oro.

Ele deu a ela um sorriso felino. “Trouxe uma companheira de cela?”

Oro olhou para ele. “Não exatamente. Ela é sua passagem para fora.”

O sorriso de Zed não vacilou. "Oh, nós dois sabemos que eu poderia ter saído deste lugar semanas atrás, se eu quisesse." Para demonstrar seu ponto, ele escapou de suas amarras e chutou para trás. A pedra voou, levando metade da parede com ela, revelando um buraco do qual ele poderia facilmente voar para fora. "Você parecia chateado, então achei melhor ficar parado." "Ele é perfeito", disse Isla.

Zed estreitou os olhos para ela. “É desavergonhado da sua parte tentar adicionar mais um amante à sua situação confusa, mas você não é meu tipo.”

Oro suspirou. “Você já ouviu falar de um ladrão melhor que você?”

Isso tirou o sorriso do rosto de Zed. “Só um. Por quê?”

“Você acha que pode encontrá-la?”

“Eu posso encontrar qualquer um.”

“Bom,” Isla disse. “Seja rápido. Nenhum de nós tem muito tempo.”

“Não preciso de muito tempo.” Ele estendeu a mão, como se esperasse ser teleportado.

“Oh, não. Eu não vou com você”, ela disse.

Grim saiu de onde estava encostado na parede, envolto em sombras.

Ele olhou Zed de cima a baixo, nada impressionado. “Por que ele está na prisão, em primeiro lugar?”

O próprio sorriso de Isla se espalhou por seu rosto. “Tenho certeza de que ele ficará feliz em contar tudo a vocês durante o tempo que vocês estiverem juntos.”

Grim olhou feio para Zed, então se abaixou para roçar os lábios nos dela. Calor se espalhou atrás dela — raiva que ela reconheceu como sendo de Oro — mas ainda assim, ela ficou na ponta dos pés e disse, "Volte para mim", para Grim. Lark estava lá fora em algum lugar. Eles estavam todos em perigo.

As mãos dele estavam frias na parte inferior da espinha dela. “Você também, Devorador de corações.”

Depois eles desapareceram.

Ela ficou com Oro ao seu lado, irradiando seu inegável tom de fúria.

“Ele vai matá-lo quando a encontrarem”, ele disse entre dentes. Ela deu de ombros, tentando o máximo ser casual. Tentando fingir que Grim não a beijou na frente de Oro. “Zed é rápido. Ele vai ficar bem.”

Talvez.

Oro ainda não tinha olhado para ela. Talvez não conseguisse. Ele provavelmente estava enojado por ela, pelo fato de ela ser casada com a pessoa que eles uma vez planejaram matar.

Ela se virou para ele. “Pronto?”

Usar o poder de portal de Grim era muito cansativo. Ela precisava conservar sua energia para quando suas habilidades fossem cruciais.

O voo dela não era perfeito. Isso deixaria os dois mais lentos.

Relutantemente, Oro se abaixou e a pegou em seus braços.

Ela se afastou dele, numa tentativa frustrada de acalmar seu pulso, enquanto ele

disparava em direção às nuvens, em direção à Ilha Celeste.

A colmeia estava vazia.

Eles tinham se teleportado para a estrutura familiar de treliça. As criaturas aladas tinham sumido. Remlar tinha sumido.

Oro franziu a testa. “Eles estavam aqui.”

Remlar era antigo. Ele poderia de alguma forma sentir a presença de Lark na ilha? “Eles devem ter fugido.” Mas para onde?

“Existe algum outro lugar na Ilha Celeste onde eles vivem?”

Ele balançou a cabeça. “Não que eu saiba.”

Ótimo. Ela estava contando com o ser antigo para ajudá-los. Ele nasceu no outro mundo e viveu aqui, em Lightlark, desde o início. Se houvesse uma maneira de incapacitar Lark, ele saberia.

Oro parecia pronto para retornar aos seus amigos, mas ela o impediu.

“Continuamos procurando por ele”, ela disse.

Ele parecia querer ficar o mais longe possível dela, depois de vê-la com Grim, mas voou para fora da colmeia, pousando em sua base.

Ela fez o mesmo, usando os poderes dele. O maxilar dele se moveu enquanto ele a observava.

Ele conseguia sentir a ponte entre eles. Ele sabia que ela ainda o amava.

No entanto, ele teve que observá-la com ele, seu inimigo...

“Oro—” ela disse.

Ele se virou.

Por vários minutos, eles caminharam em silêncio. Ela desejou poder preenchê-lo, contar a ele todas as suas verdades, do jeito que ela tinha feito antes.

Se ao menos ele pudesse entender por que ela tinha ido embora. Por que ela não tinha retornado.

“Como ele está?” ele finalmente perguntou.

Isla piscou. “... Sombrio?”

Calor irrompeu pela floresta. “Não,” ele disse bruscamente. “Eu não dou a mínima para como ele está. Eu quis dizer Lynx.” Oh.

O leopardo dela sempre gostou de Oro. “Ele está bem”, ela disse.

“Acho que ele sente falta daqui. Não acho que ele goste do frio.”

Isso era pouco. Lynx dormia exclusivamente ao lado da lareira em seu quarto e não tinha vergonha de acordar Grim quando as chamas ficavam muito baixas.

“Ele poderia voltar”, ele disse. “Não importa o que aconteça... haveria um lugar para ele aqui.” Ela não tinha certeza se ele estava falando apenas sobre Lynx.

Eles afundaram de volta no silêncio. Qualquer calor que ele tivera por ela no deserto, qualquer afeição, se foi.

Doeu vê-lo ferido. Saber que ela tinha sido a única a machucá-lo, traí-lo, de novo e de novo. Tudo o que ele tinha feito era amá-la. Depois do Centenário, ele tinha sido paciente com ela enquanto ela se recuperava da traição de Aurora e Grim. Ele a ajudou a aprender seus poderes. Ele tinha levado tudo devagar, que era o que ela precisava naquele momento.

Ela tinha estragado tudo. E ele nem sabia o porquê.

Os olhos dela ardiam. Ela não conseguia suportar isso. Ela continuou em frente, passando por ele, desesperada para sair de sua órbita, seu calor, seu cheiro. Ela continuou através das árvores, lembrando-se de si mesma. Ela respirou fundo, precisando se concentrar, tentando enterrar seus sentimentos por ele no fundo do peito.

E então ela foi jogada no chão com tanta força que ficou sem fôlego.

Oro. Ele estava em cima dela, protegendo-a. Ela olhou para cima e viu que o

lugar que ela tinha acabado de ocupar estava atravessado por três lanças, cravadas bem em uma árvore.

Ela pisou em uma armadilha. Isso poderia significar que Remlar e sua seita Skyling eram próximos.

Oro também devia saber, mas eles permaneceram ali, olhando um para o outro.

Lágrimas se acumularam em seus olhos.

Oro piscou em confusão. "Eu não entendo", ele disse, sentando-se, permitindo que ela tivesse espaço para sair se quisesse. Ela não se moveu um centímetro. "Eu posso sentir que você ainda me ama. Não mudou...

nem um pouco. Diga-me a verdade. Por favor." Ele procurou os olhos dela.

"É o que você fez na vila? Você acha que eu não posso te perdoar? Nada poderia me fazer parar de te amar.

Nada. Deixe-me entrar. Eu posso ajudar você, nós podemos—"

"Eu vou te matar." As palavras saíram dela antes que ela pudesse pegá-las. "Há —há uma chance de eu te matar." Oro parou acima dela.

Sua boca tinha gosto de sal. Sua voz era áspera. "Na manhã da batalha, fui ao oráculo. Ela deu sua última profecia." Ela nunca quis contar a ele. Mas se casar com seu inimigo, se contar a ele sobre todas as piores coisas que ela já tinha feito não o impediria de amá-la, de se colocar em perigo, talvez a verdade o fizesse. "Eu matarei você ou Grim, com uma adaga no coração. É certo. É predestinado." Um vinco se formou entre suas sobrancelhas.

"É por isso que fiquei longe. Mesmo que eu quisesse, acredite, eu queria voltar."

Ele a considerou. "Você ficou porque acreditou que isso me manteria seguro."

Ela assentiu. "No começo, sim. E então as coisas mudaram. Eu o amo, Oro. Eu sou... como ele." Suas lágrimas pingavam de suas têmporas, em seu cabelo. "Agora você sabe a verdade." Ela se contorceu para sair de baixo dele. "Agora você sabe por que precisa ficar longe de mim. Eu sou perigosa. Eu serei a sua morte, se você me deixar."

“Isla”, ele disse gentilmente, levantando-se.

“Não.” Ela balançou a cabeça. “Nem precisa ser intencional.

Você me viu perder o controle. Não confio em mim mesmo para não te machucar.”

“Isla,” ele disse novamente, dando um passo à frente. Ela não sabia o que ele diria em seguida, porque antes que ele pudesse continuar, houve um estalo na floresta.

E uma voz dizendo: “Olha quem é. O traidor e o rei que a ama.”

Remlar estava diante deles, no esconderijo subterrâneo para onde ele e seu povo tinham fugido. Brilhantes vermes azuis brilhantes no teto iluminavam sua pele do mesmo tom, seu cabelo preto brilhando sob a luz deles. Era parte do mesmo sistema de cavernas para o qual Isla e Oro tinham escapado depois da primeira vez que ela conheceu a criatura alada e ancestral.

“Espero que você tenha tido sua reunião de família”, disse seu antigo professor, zombando. Ele estava ciente da fuga de Lark, então. “Eu tive.

Você a conhecia, não é?”

Remlar sorriu tristemente. “Infelizmente.” Sua expressão ficou solene.

“Eu sou um dos poucos do outro mundo que não foi morto para alimentar esta terra. Eu era útil para eles, naquela época.”

“Não entendo. Lark criou Lightlark. Eu pensei... Eu pensei que ela não seria...”
“Monstruosa?” Ela assentiu.

Ele sorriu tristemente. “Aqueles com poderes divinos geralmente acabam sendo... Havia deuses no outro mundo. Eles governavam a todos nós. Eles eram piores do que você pode imaginar.” Ele falou deles com reverência... e medo. Ela não achava que já o tinha visto com medo.

Ela pensou no osso que ainda estava guardado no bolso.

“Vamos atrair Lark para fora. Preciso de um jeito de machucá-la, pelo menos por

algumas horas. Você sabe um jeito de fazer isso?”

Misericordiosamente, ele assentiu.

Esperança deve ter florescido na expressão dela, porque os olhos dele se estreitaram. “Ela é muito mais velha que você, garota,” ele disse. “Ela deve estar esperando que você faça exatamente o que está fazendo. Ela já está muitos passos à sua frente.” “Eu sei.” Ela estava contando com isso.

“Há um metal que sugaria os poderes dela. Você poderia encontrar uma maneira de colocá-lo nela.”

“Não. Foi assim que ela foi presa em primeiro lugar. Ela não vai cair nessa de novo.”

Remlar parecia pensativo. “Então você vai precisar de uma maldição.

Uma forte. Vinculada a algo poderoso.”

Ela se virou para Oro. “Não sei se Grim consegue lançar maldições.”

Era uma habilidade de Nightshade, mas especializada. Ela nunca o tinha ouvido falar sobre isso.

“O governante não pode amaldiçoar”, disse Remlar. “Mas eu posso.”

Ela o encarou. Remlar era parcialmente Nightshade — ela sabia disso

— mas seus poderes eram misteriosos. “Você consegue?”

Ele assentiu e tirou uma lâmina do bolso. Ela brilhou intensamente.

“Shademade,” ela sussurrou, e ele se animou.

“Então, você tem aprendido,” ele disse, sorrindo para revelar seus dentes apinhados. “Eu vou amaldiçoar essa lâmina e prendê-la a mim. Não vai demorar muito.”

Eles voaram para o castelo, onde Enya e Calder reuniram todos os soldados restantes que puderam encontrar — aqueles que concordaram em partir. Ela alcançou as profundezas do poder de Grim, através da ponte entre eles, e com

um esforço que a deixou ofegante, os transportou para longe.

“Alguns estavam desaparecidos”, disse Enya quando voltou. Alguns tinham sido mortos.

“Queimem quaisquer corpos restantes da batalha,” Oro disse. Enya assentiu.

Calder a seguiu.

Quando eles se foram, ela se virou para Oro. “Eu tenho que—”

“Eu vou com você,” ele insistiu. Tudo bem. Dessa vez, ela voou sozinha.

Eles não estavam indo longe. Quando ela pousou no Lugar dos Espelhos, Oro olhou para ela cautelosamente. Este era o lar do portal, aquele que condenaria ele e Lightlark, caso ela o usasse.

“Eu só preciso ver uma coisa.”

Entrar no castelo de vidro foi como andar por um sonho. Ela passou alguns dos seus melhores e piores momentos lá dentro.

O cofre estava na frente dela, com a porta ainda aberta.

Ela deu um passo em direção a ele. Oro estava logo atrás dela. Ela tocou a palma da mão no metal. Ele brilhava de uma forma que ela realmente não tinha notado antes.

Shademade. Claro. Mas o poder Wildling funcionava aqui. Este metal tinha sido infundido com algo que fazia suas habilidades escaparem. Ela pressionou sua mão contra ele, sentindo seu poder. Tentando sentir os fios com os quais ele tinha sido feito. Sangue. Sangue Wildling deve ter sido fundido com ele de alguma forma.

“O que você está fazendo?” Oro exigiu. “Por que você precisava vir aqui?”

Ela o ignorou.

“Isla,” ele disse. “O que você quer com o cofre?”

“Nada com que você precise se preocupar.”

Ele agarrou o pulso dela. Ela havia mantido suas marcas sombreadas antes, mas no Lugar dos Espelhos, elas estavam em plena exibição.

Oro parou. “O que são essas coisas?”

"Nada."

“Isla. Você viu o que acontece quando você usa atalhos para poder.

Sua alma—”

Ela sacudiu o braço e saiu do palácio em direção à floresta.

“Minha alma já se foi, Oro”, ela disse.

Ele era implacável. “Não é. Como você pode dizer isso?”

Ela se virou para encará-lo. “Como você pode dizer que não é?” ela exigiu.
“Você sabe o que eu fiz.”

“Foi um acidente.”

“E há mais, Oro. Mais mortes em minhas mãos. E haverá mais. Ou você, ou Grim, e—” ela quase engasgou com as palavras.

“E o quê?”

Ela levantou os braços. “Há outra previsão. Eles disseram que eu vou salvar o mundo... ou acabar com ele.” Ela fechou os olhos. A verdade, a verdade que ela tinha começado a esconder de si mesma, derramou. “Eu sinto isso... chamando dentro de mim. Para matar. Está ficando cada vez pior. Eu te disse antes, eu gosto de matar pessoas que eu sinto que merecem. Mas... mesmo aquelas que não... mesmo aquelas que

acontecem por acidente... Isso me afeta de uma forma que eu não entendo.”

Foi um alívio compartilhar a terrível verdade com alguém. Alguém que também tinha visto o lado bom dela.

“Você acha que pode fazer isso”, ele disse suavemente. “Você acha que pode realmente acabar com este mundo.”

Isla assentiu. “As pulseiras roubaram meu poder. Elas funcionaram bem. Por um tempo, quase me senti eu mesma novamente. Mas então, comecei a matar. Algo dentro de mim começou a despertar.” Ela sentiu lágrimas como espinhos nos cantos dos olhos. “Estou com medo, Oro.

Estou com medo do que posso fazer. Não confio em mim mesma. Eu-eu não tive tempo suficiente com meus poderes, e eles têm sido mais uma maldição do que uma bênção. Tenho sido mais uma maldição do que uma bênção.”

“Isso não é verdade,” ele disse, sua voz firme. Seus olhos âmbar queimaram os dela. “Você quebrou as maldições. Não se esqueça disso.”

Ela frequentemente fazia isso. Ela frequentemente pensava até mesmo naquele ato como algo errado. Isso lhe custara uma amiga. Tinha sido o pior dia de sua vida até aquele ponto.

“Eu te ajudo se você deixar, Isla.”

Ela queria isso. Foi por isso que ela contou a ele, certo?

Era fácil, cair de volta em seu eu passado aqui. Cercada por essa natureza que eles criaram juntos.

Ela queria deixá-lo entrar completamente. Ela queria ficar.

“Você poderia realmente me perdoar?” ela perguntou. Era uma pergunta perigosa. “Por matar todas aquelas pessoas? Por casar com Grim? Por deixar

“Cotovia?”

Oro nem precisou pensar sobre isso. “Sim,” ele disse, a palavra afiada saindo de sua boca. “Eu já te perdoei.”

Ela e Grim... eles entendiam o pior um do outro. Ela era casada com Grim—ela o amava.

Mas ela também amava Oro. Metade dela pertencia a ele. Isso era o suficiente?

“Eu sei que você fez sua escolha,” Oro disse. “Não mude isso por mim.

Mas você é minha única escolha. Para sempre.”

Eles se encararam. Ela estendeu a mão para ele—

Um estalo de uma folha, em algum lugar próximo. Ela se virou para encará-la. Uma mulher estava parada na orla da floresta, olhando para ela.

Ela apertou os olhos. Não era qualquer mulher. Era Wren.

Ela olhou para Isla... então ela saiu em direção à floresta. Isla franziu a testa.

O quê? Por que ela estava aqui? Ela tinha dado a ela o starstick. Algo estava errado?

Sem pensar duas vezes, Isla saiu atrás do Selvagem, com Oro logo atrás.

“Wren?”, ela gritou para a floresta. Como ela sabia como chegar a Lightlark, se nunca tinha estado aqui antes? Como ela sabia que podia encontrá-la na Ilha Selvagem?

Quando ela estava quase alcançando-a, Wren correu pela ponte que conectava a ilha ao continente. Isla a seguiu, apenas alguns passos atrás.

“Wren!”, ela gritou para o Selvagem. Mas ela não parou.

Isla avançou por entre as árvores, eliminando-as com seu poder, mas Wren permaneceu fora de alcance.

Chega. Ela irrompeu para frente com um tiro de energia Starling e estava quase em cima dela — mas então ela se foi. Isla estava na clareira. Virou-se.

"Onde-"

E então havia uma lâmina, apunhalando em direção ao seu rosto.

Wren. Isla mal conseguiu levantar sua própria arma a tempo.

“O que você está fazendo?” ela gritou para o Selvagem. Ela não estava usando suas cobras. O que aconteceu? “Onde estão os outros Selvagens?”

“Isla,” disse uma voz. Era a de Oro. Ele estava parado a alguns metros de

distância, parecendo inseguro sobre o que deveria fazer.

Ela bloqueou outro golpe, sua lâmina raspando o braço de Wren no processo. Foi um acidente. “Eu—” O medo tomou conta de seu peito.

Não havia sangue.

Ela olhou para um rosto inexpressivo. Olhos vidrados.

“Não,” ela disse, ou gritou, ela não sabia, tudo o que ela fez foi bloquear mais um avanço. Outro. Oro ficou ali, avançando lentamente em sua direção, como se estivesse a segundos de interferir.

Lágrimas rolaram por sua mandíbula. “Eu—Oro, eu não posso,” ela disse. Ela estava ofegante por ar.

Ele pareceu entender, porque antes que Wren pudesse dar mais um passo em sua direção, ela estava coberta de chamas.

Isla a observou queimar. Wren apenas ficou ali, sem expressão, enquanto o fogo a consumia. Enquanto sua pele se separava do osso.

Enquanto ela queimava até não ser nada além de cinzas.

Ela caiu de joelhos. Wren estava aqui, em Lightlark. Isla sabia o que isso significava.

Foi assim que Lark chegou à ilha tão rapidamente. “Ela—ela tem meu bastão estelar.”

As feições de Oro se transformaram em pedra. Com o poder de portal, ela poderia estar em qualquer lugar a qualquer momento. Eles precisavam pará-la agora. Eles precisavam daquela adaga amaldiçoada. Ele a puxou para ficar de pé.

Isla recorreu ao poder de portal de Grim para levá-los até Remlar.

Mas ele se foi.

Não. Ela estendeu a mão novamente. Novamente. Mas era como se a ponte entre eles tivesse sido cortada. Era como se nunca tivesse existido.

O coração dela batia tão rápido, arranhando sua garganta. Ela não conseguia respirar.

Ela alcançou. E alcançou.

Suas emoções saíram do peito, explodindo em suas costelas. “Não consigo sentir!”, ela gritou. Ela quase caiu no chão. Apenas Oro a manteve firme. “Oro — não consigo senti-lo!”

Ele não podia estar morto. Se estivesse, ela também estaria, certo? Ou o coração de Lightlark a mantinha viva por alguns momentos roubados?

O grito dela era um som gutural áspero; não soava natural. A dor quase rasgou seu peito. O poder explodiu, e Oro mal conseguiu se proteger dele.

“Isla,” ele disse cuidadosamente, “Grim é difícil de matar. O poder dele provavelmente está bloqueado, como com suas pulseiras. Você precisa ficar calma, ou não sobreviveremos a isso.”

Ela não conseguia. A ideia de que ele estava em apuros — que ele tinha sido capturado. Que ele poderia estar morrendo —

Oro agarrou o pulso dela, como se sentisse algo que ela não conseguia.

Ele ergueu seu escudo Starling ao redor deles.

Segundos depois, as árvores se partiram ao meio tão facilmente quanto fósforos, enquanto a floresta era arrasada.

Algo rugiu.

Uma serpente enorme rompeu as copas das árvores restantes, erguendo-se como uma torre diante deles. A mulher-serpente. A criatura ancestral que lutou ao lado dela e de Lightlark na batalha contra os Nightshades.

Suas escamas estavam mudas. Ela estava coberta de sujeira.

Morta. Ela estava morta e ressuscitada.

Ela avançou contra eles com suas presas do tamanho de uma árvore à mostra,

rompendo o escudo.

Oro os lançou para trás com uma explosão de poder, e eles rolaram pela floresta juntos, antes de bater em uma árvore que havia sido reduzida a lascas. Houve outro rugido quando a mulher-serpente fez menção de atacar novamente.

Eles não podiam se teleportar para longe. Eles precisavam correr. Oro agarrou a mão dela para ajudá-la a se levantar, e ela não a deixou cair enquanto eles atravessavam a floresta, se abrigando sob quaisquer árvores restantes, escondendo-se da enorme serpente.

Ela não conseguia pensar direito. Sua cabeça latejava e sua respiração era irregular, mas Oro os guiou pela floresta, correndo até chegarem à encosta do penhasco. Eles pararam um pouco antes da borda, com pedras voando abaixo.

A cobra rompeu, sibilando. Enrolando-se. Num piscar de olhos, ela disparou em direção a eles, sem nada para impedi-la de engoli-los inteiros.

No último momento, Oro agarrou a mão dela e elas pularam.

A cobra seguiu, deslizando para fora do lado — e colidindo com as pedras irregulares abaixo, atravessada por uma facada. Presa no lugar.

Com o poder de Oro, eles pousaram em segurança na praia.

E foram imediatamente cercados.

Skylings, por todo lugar, com flechas em punho. Parte da legião que lutou em batalha. Havia dezenas deles. Inexpressivos. Mortos.

Flechas foram atiradas pelo céu, direto para Oro. Direto para ela.

Ela alcançou o poder de Grim, esperando encontrar um fio, mas não havia nada. Nada. A fúria se acumulou em seus ossos. A dor atravessou-a.

Não consigo senti-lo.

Não consigo senti-lo.

NÃO POSSO-

Sua visão escureceu quando o poder explodiu para fora dela. Ela podia sentir o gosto, senti-lo deslizar contra sua pele como uma lâmina, rasgando o próprio ar em pedaços, destruindo tudo em seu caminho.

Seu skyre queimava. Seu coração queimava.

A névoa caiu. Ela havia fervido o mar atrás dela. Ela havia transformado os penhascos em mil punhais. Todos os Skylings estavam em pedaços ao longo da praia. Sua respiração estava difícil devido ao esforço. Seus joelhos quase dobraram. Ela se virou lentamente para Oro, apenas para vê-lo segurando o peito. Quando ele abaixou as mãos, ela viu todo o sangue. E a lâmina enterrada sob ele.

OceanofPDF.com



SACRIFÍCIO

Oro sangrava por todo lado. Seus olhos estavam arregalados e sem piscar.

Água salgada roçou suas pernas enquanto ela se ajoelhava ao lado dele, mãos tremendo, correndo para aplicar pressão contra seu ferimento. "Eu—eu sinto muito, foi—" Um acidente. Assim como antes.

Este não poderia ser o seu fim. Esta não poderia ser a profecia. Ela se recusou a deixá-lo morrer aqui, nesta praia.

A água se acumulou em suas mãos, ela fechou os olhos e se forçou a resistir ao pânico, exatamente como ele havia lhe ensinado.

Ela não sabia como curar, mas Oro a treinou bem. Ele disse que todos os poderes eram semelhantes em sua execução.

Ela ouviu a voz dele em sua cabeça — Foco. Ela ouviu. Ela limpou sua mente, mesmo com a dor, o arrependimento e a vergonha se enfurecendo. Por ele, ela afastou tudo, até que sua mente ficou quieta.

A água estava morna sob sua pele, formigando contra os lugares onde ela havia sido cortada. Fios apareceram, esperando para serem puxados.

Ela alcançou todos eles e formou um vínculo. A água começou a circular sob sua mão, mais rápido, mais rápido. Ela abriu os olhos para vê-los brilhando.

Lentamente, ela alcançou o ferimento de Oro. Ela o imaginou fechando. Ela imaginou a água acalmando sua dor, lavando o sangue.

Salvando-o.

Não estava funcionando. Ele estava morrendo.

A mão dele avançou em direção a ela. Pressionada contra seu coração.

Ela o conhecia, sabia o que ele estava lhe dizendo.

É tudo para você. Todo esse tempo... Eu guardei para você.

Ela tinha acesso ao poder dele. Lightlark não cairia.

Mas ele morreria.

Não. Ela recusou. Ela pensou na praia para onde ele havia prometido levá-la, aquela com água da cor dos olhos dela. Aquela que ele visitava todas as manhãs. Ela pensou no colar de rosas douradas. Ela pensou em sacudir sua coroa. Ela pensou nele puxando os espinhos de suas costas. Ela pensou em chorar em seus braços e como ele a segurou e a confortou, sem ter que dizer uma palavra.

Esse tipo de amor não morre simplesmente. Ele estava certo. Essa ponte entre eles era como a chama eterna, implacável e inflexível.

Se esse fosse o seu destino, então ela lutaria contra ele. Ela o quebraria, da mesma forma que fez com as maldições.

O destino deveria temê-la, deveria temer essa garra em seu peito, esse amor que queimava e queimava.

Ela pressionou mais forte. Ela despejou poder que não podia poupar em sua palma, nele, e observou o mar brilhar. Observou enquanto ele se contorcia em seu ferimento.

Observei enquanto ele costurava tudo.

Ela não ousou se mover, não ousou quebrar seu foco, até que a própria mão dele desceu sobre a dela. Ela olhou para cima, para vê-lo olhando para ela. Piscando.

Ela sufocou um soluço. “Sinto muito, eu—”

Ele estendeu a mão para segurar a bochecha dela. A mão dele não estava nem de longe tão quente quanto costumava ser. Ela balançou a cabeça e soluçou novamente. “Eu sou um monstro, eu—”

“Eu te amo”, ele disse, mesmo com a lâmina ainda em seu peito.

Aquela que ela tinha medo de remover, por medo de fazer mais mal do que bem.

Suas próprias palavras morreram em sua boca.

Ela balançou a cabeça. “Você—você deveria me odiar. Não vê? Eu te mato, se você deixar.”

Ele apenas a encarou. "Eu nunca vou te odiar, Isla. Eu vou te amar até meu último suspiro — mesmo que você seja a razão pela qual eu o esteja tomando."

Ela não queria ser a razão. Ele estava consciente agora, mas ainda sangrando. Eles estavam em uma praia, longe de ajuda. Ele precisava de elixir de cura. Se ao menos ela pudesse usar o portal para obtê-lo. Se ao menos ela não tivesse desistido de seu bastão estelar.

Lentamente, Oro abaixou o queixo para olhar para o peito. “Estou supondo que se eu morrer disso, isso não cumprirá a profecia.”

Ela balançou a cabeça. Sua voz era um sussurro fraco. “É para ser minha lâmina atravessando seu coração.”

Claramente, felizmente, ele errou por pouco.

“Ah,” ele disse. Ele estremeceu. “Então essa morte não vai servir. Terá sido em vão.” A cor em seu rosto estava sumindo. A água estava funcionando muito lentamente.

Um soluço saiu de seus lábios. Ela não sabia como obter ajuda. Ela não podia deixá-lo ali — sem a pressão contra seu ferimento, ele sucumbiria ao ferimento. Ela tentou mantê-lo distraído, calmo, esperando que a água fosse o suficiente. "Não. Você não pode morrer, porque eu não sei se algum dia serei feliz novamente."

“Isso não é verdade”, ele disse. “Você... você o ama. Eu posso ver isso.” Ela amava Grim. Ele a fazia feliz. No entanto...

“Meu coração está partido ao meio, Oro. Eu o amo... mas eu nunca poderia te esquecer. Eu nunca poderia não te amar.” Ela engoliu em seco.

“E até mesmo—”

“Mesmo se você estivesse comigo... você ainda o amaria.”

Ela assentiu. “Você merece mais do que isso, Oro. Antes de me lembrar do meu

tempo com ele, eu amava apenas você. Essa era a verdade. Mas agora...”

Agora, as coisas eram muito mais complicadas. Ela se sentia dividida entre a Isla do passado e a mulher que ela era agora. Era quase como se fossem duas pessoas separadas.

“Eu não me importo com o que alguém pensa que eu mereço.” Sua respiração estava difícil. A dor do ferimento parecia estar o alcançando.

“Eu quero você. Eu ainda quero você, mesmo que você seja um traidor. Eu ainda quero você, mesmo que você seja meu inimigo. Eu ainda quero você, mesmo que você possa me matar. Eu quero você, eu quero você, eu quero você, e é a coisa mais egoísta que eu já senti.” Seus olhos se fecharam.

Ela gritou. Ela pressionou contra o peito dele, lágrimas caindo contra ele. Ela implorou para a água agir mais rápido. Ela tirou o osso do bolso, mas era inútil sem o skyre certo.

Ele não podia morrer. Ela o amava. Ela sentia o vínculo deles, sentia que estava diminuindo, e faria qualquer coisa para pará-lo. Daria qualquer coisa para pará-lo.

Ela puxou seu colar, alcançou o outro vínculo, gritou por qualquer um, qualquer um para ajudar—

"Coração."

Isla se virou para ver Grim ali, ofegante. Ele estava sem fôlego. Zed também estava lá. O Skyling correu para o lado de Oro e a afastou, assumindo a pressão sobre seu ferimento.

Ela estava nos braços de Grim em um instante. “Eu—eu não conseguia sentir você!” ela disse em seu peito.

“Eu sei,” ele disse, erguendo a espada que havia recuperado. “Nós fomos presos, nós—”

Ele olhou para trás dela. Viu Oro sumindo. Ela podia ver, claro em seu rosto. Ele queria deixá-lo morrer.

Isla o forçou a encará-la. “Salve-o,” ela disse, sua voz um comando brutal.

Então Grim transportou todos eles para longe.

No castelo, ela encontrou elixir Wildling, alguns frascos que sobraram que ela havia enviado para a ilha. Primeiro, porém, eles tiveram que remover a lâmina.

Grim puxou-o bruscamente para fora, claramente sentindo algum prazer na forma como Oro se apreendia de dor. Ela lançou-lhe um olhar e aplicou todo o elixir no peito de Oro e esperou. Esperou.

Quando Enya entrou na sala, suas asas de fogo se abriram imediatamente em suas costas. Ela correu para Isla em um flash de vermelho crepitante, prendendo-a contra a parede. Sua mão estava em sua garganta, e seus olhos estavam cheios de fúria. "Você fez isso."

A voz de Grim era pura malícia quando ele disse, “Só checando, coração. Você ficaria chateado se eu a matasse?”

"Sim", Isla engasgou sob o aperto do Sunling, antes que a energia Starling irradiasse dela, fazendo Enya deslizar alguns metros para trás.

Ela não podia culpar o Sunling por sua raiva. Era culpa dela. Enya estava certa sobre ela.

O Sunling lançou-lhe um olhar que lhe disse que ela sabia disso, antes de correr para o lado de Oro. Ela agarrou a mão dele. Sussurrou algumas palavras para ele que ela não conseguiu ouvir. Eles eram amigos há séculos. Ela podia ver o quanto o amava.

Todos esperaram na mesma sala, observando enquanto o elixir trabalhava diligentemente. Oro havia perdido muito sangue na praia. Foi um processo lento e doloroso.

Zed estava encostado na parede, olhando para a espada nas mãos de Grim.

“O que aconteceu?” Enya exigiu.

Zed parecia assombrado. “Não quero falar sobre isso.”

Isla olhou para Grim, que estava a alguns metros de distância, encarando Oro, como se pudesse pessoalmente fazer com que ele não se recuperasse. Ele deu de ombros. “Eu não. O ladrão.

Eles tiveram algum tipo de... briga.”

Por vários minutos agonizantes, ela observou Oro, o pânico como garras ao redor do coração, até que o pulso dele começou a se estabilizar novamente. O alívio dela era como gelo em suas veias.

“Isso acaba agora”, ela disse, não querendo esperar nem mais um momento. Não quando Lark teve a chance de encontrar o coração.

“Fique aqui”, ela disse a Grim. “Certifique-se de que ele se recupere.”

Relutantemente, ele assentiu. Então, ele a transportou para Remlar, para buscar a lâmina amaldiçoada.

O Skyling ainda estava trabalhando nisso. “Só mais alguns minutos”, ele disse, antes de se virar para ela. Seus olhos brilharam. “Agora... me diga o que você realmente quer saber.”

“Eu posso esperar”, ela disse. “Até você acabar com a maldição.”

“Não me insulte. Eu posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo.” Ele sentou-se de pernas cruzadas no chão da floresta acima dos túneis para onde seu povo havia escapado, a lâmina entre os dedos. Ela sentou-se na frente dele, assim como fazia durante o treinamento.

"O que é?"

A profecia ainda existia. O ataque de Lark não mudou isso. Sua importância estava mais clara do que nunca, agora que ela quase enfiou uma lâmina no coração de Oro. “Se alguém tivesse que morrer

— Grim ou Oro — quem você escolheria? A morte de quem faria mais bem?” Sua resposta parecia óbvia, até que ele disse, “Oro.” Remlar sorriu para o choque dela.

"Por que?"

Ele se acomodou. “Deixe-me contar uma história.”

Aborrecimento surgiu dentro dela. “Não temos tempo para uma história. Pessoas estão morrendo enquanto falamos.”

Ele continuou como se ela não tivesse dito nada. “Era uma vez um mundo com três deuses. Um que governava os céus. Um que governava a terra. E um que governava o grande abaixo. Todos os três se apegaram aos seus domínios e viveram em harmonia, até que o céu acreditou que era mais importante. Eu tenho estrelas, o céu disse. Eu tenho nuvens. Eu tenho o sol. Eu tenho relâmpagos. Ele decidiu que precisava ser mais poderoso, e então cresceu, e cresceu, até que governou sobre a terra e abaixo. Ele teve filhos, e esses filhos decidiram que precisavam governar.

Outras crianças nasceram, do céu, mas também da terra e do que está abaixo. “As crianças originais do céu decidiram que não gostavam de compartilhar poder. Então, eles guardaram todo o seu poder para si mesmos. Qualquer um que não fosse da família deles e tivesse poder era morto.

“Não foi até que, um dia, as crianças da terra e do abaixo se levantaram e lutaram por seu poder. Começou uma guerra.

“Um dos príncipes de baixo e uma das princesas da terra sonharam com outro mundo, onde todos teriam poder, não apenas a linhagem dominante. Eles recrutaram um príncipe do céu e, juntos, atraíram seu povo para um novo futuro.

“Oro, veja bem, é a última parte restante dessa linhagem governante original. Sua linhagem tem todo o poder preso dentro dela. Se ele morrer, esse poder é liberado.

Devolvido. O Nexus não existirá mais.”

Nexus era a maldição que prendia todos os governantes ao seu povo.

Isso tornava outra forma de governo quase impossível.

“Mas nexus é uma maldição. Matar quem quer que o tenha criado poderia acabar com ele também. Certo? Se estivesse ligado à vida deles?”

“Talvez... mas Cronan está no outro mundo. E Oro está aqui.” Cronan.

Remlar tinha acabado de confirmar que ele era o governante que havia criado o nexus. Ela deveria saber, mas ela havia assumido que ele estava morto há milênios... agora, ela sabia a verdade.

A implicação era clara. A única maneira real de ela acabar com o nexus era matando Oro. Era o que Maren havia dito a ela, há muito tempo, com os rebeldes.

“Você sabia que Cronan estava vivo”, ela sussurrou.

Ele assentiu. “Eu sei muito mais do que qualquer um deseja.”

Seus olhos eram perversos. Seu sorriso era triste.

“Você precisa entender outra coisa, minha querida. Você é a única pessoa viva que é do céu, da terra e do abaixo. Você, Isla Crown, coloca os deuses de joelhos.”

Agora, presa entre dois destinos indesejados, ela não se sentia nem um pouco poderosa.

“Você foi marcado”, ele continuou. “O coração de Lightlark escolheu consertar o seu. Seu poder foi roubado do outro mundo, agora ele vive em você. Ninguém pode ter certeza de como isso pode se manifestar.”

Ela não sabia o que isso significava. Ela não queria ser marcada ou especial. Ela só queria liberdade para fazer o que quisesse, sem que suas escolhas decidissem o destino do mundo.

Mas esse era o papel dela. Então, ela tirou o pedaço de pergaminho do bolso, junto com o osso, e fez suas perguntas a ele.

“Você precisará de grande poder”, ele disse a ela.

“Eu sei”, ela disse. Ela engoliu em seco, entendendo o que deveria fazer. “Eles nunca vão me perdoar.” Era um risco. Imprudente.

“Então tenha certeza”, disse Remlar, “de que vale a pena”.



NINGUÉM

Lark não encontraria o coração de Lightlark. Isla se certificaria disso. A fatia de poder era quente e brilhante em sua palma enquanto ela emergia na Ilha Celeste, as instruções de Remlar afiadas em sua mente.

Ela nem viu as videiras até que elas a envolveram e ela estava de joelhos. Uma fileira de espinhos forçou seus dedos a se abrirem, descascando sua pele em espirais. Ela não teve escolha a não ser largar o coração.

Direto para a mão que Lark espera.

“Muito obrigada por encontrá-lo para mim”, disse Lark, com um sorriso serpentino.

Isla berrou enquanto lutava contra as restrições. Sua raiva explodiu em ondas de energia, fazendo as videiras voarem em pedaços. Em um momento ela estava de pé, limpando as mãos ensanguentadas em suas roupas.

Lark franziu a testa enquanto enrolava os dedos em volta do orbe brilhante. Sua luz desapareceu até ficar opaca e apenas uma bolota permaneceu. Uma ilusão muito útil que Grim havia ajudado seu mestre. "O

que é isso?", ela exigiu.

“É uma armadilha”, disse Isla, e então o mundo explodiu.

A bolota não era uma bolota, mas algo que Zed havia desenvolvido anteriormente, um orbe cheio de seu próprio poder concentrado. Ela explodiu na mão de Lark, jogando os dois para trás.

Isla foi capturada pelas sombras de Grim, a escuridão fria envolvendo suavemente seu corpo e nadando pela pele rasgada pelas videiras de Lark.

A Wildling pousou do outro lado da clareira. Seu corpo havia sido brutalizado pela explosão de energia, mas ela estava se curando rapidamente.

“Agora,” Isla gritou, e Oro estava lá, a lâmina de Remlar na mão. A arma amaldiçoada brilhava. Ele não perdeu um momento.

Isla não ousou respirar quando ele se afastou e enfiou a faca direto no coração de Lark.

A escuridão pareceu engolir o mundo, cegando-os por um momento antes de recuar. Houve um grito borbulhante.

O fragmento de gelo veio do nada. Atingiu Oro, e Isla rugiu. Ela se libertou das sombras e correu para frente, mas foi jogada para trás por uma lâmina de água tão concentrada que sua espinha bateu nas árvores novamente.

Cleo saiu da floresta. Isla deveria saber. Claro que o Moonling estava trabalhando com Lark.

As sombras de Grim avançaram; ele acabaria com ela em meio segundo. “Cuidado, Grim,” disse o Moonling. “Machuque qualquer um de nós, e a linda cabecinha da sua esposa vai bater no chão.”

Foi quando Isla sentiu uma espada fria contra sua garganta. “Olá de novo,” disse uma voz. Soren.

O traidor.

Lark mencionou que alguém a ajudou a emergir... de alguma forma, Cleo deve ter conseguido. Ela se perguntou como isso era possível, quando somente a habilidade de Grim poderia libertá-la.

Não importava agora. Lark estava amaldiçoado. Imobilizado.

Mesmo com a lâmina em seu pescoço, Isla derreteu-se de alívio.

Até Lark começar a se mover novamente. Para seu horror, a Wildling se levantou, a adaga ainda cravada em seu coração. Não. Impossível. A maldição deveria durar pelo menos algumas horas, tempo suficiente para mandá-la através do portal.

Lentamente, a pele de Lark começou a costurar ao redor da lâmina, até que a adaga foi expelida e caiu no chão, como se não fosse nada mais que aço.

Não fazia sentido; Remlar havia vinculado a maldição à sua vida.

O Wildling sorriu novamente. “Parece que nós dois planejamos armadilhas hoje.

Você acha que eu não sei para onde você foi? A quem você foi para pedir ajuda?” Ela levantou a mão, e as árvores acima tremeram. De seus galhos, um corpo caiu, mole e morto. Olhos arregalados e garganta azul-clara cortada.

Remlar.

“Não!” ela gritou, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto e pingando na lâmina.

Lark apenas sorriu mais largamente. “Que ser curioso ele era”, ela disse.

“Sempre foi.” Ele era um ser curioso, pensou Isla. E leal.

Ele não teria dito nada útil a Lark, mesmo enquanto sua vida estava em risco. Oro estava no chão, cercado por Zed e Calder, que estavam trabalhando furiosamente para fechar seu novo ferimento. Enya estava na frente deles, suas asas de fogo se curvando para fora de suas costas, bolas de fogo em suas mãos. Grim estava olhando para Isla, olhos arregalados, mas focados, como se estivesse calculando as chances de ser capaz de transformar Soren em cinzas ou transportá-la para longe, antes que sua garganta fosse cortada. A pressão de Soren contra seu pescoço era firme — transportar para longe poderia matá-la.

Mas ela não deixaria ninguém com quem ela se importasse morrer por causa de suas falhas.

Grim pareceu sentir uma mudança em suas emoções, porque ele deu um passo à frente. “Não—”

Ela foi rápida demais. Usando o poder dele, usando a força da angústia dela, ela os enviou para lugares diferentes, bem longe uns dos outros.

Antes que ela pudesse pensar em se teleportar, Soren a prendeu contra ele, a lâmina apontada bem para sua jugular. Ela não ousou respirar.

Todo o seu foco mudou para segurar o vínculo dela e de Grim, bloqueando o poder dele, da mesma forma que Remlar uma vez a ensinou a fazer, para que ele não pudesse voltar para ela. Ela imediatamente o sentiu lutar contra isso, o poder pulsando, mas ela se manteve firme.

Remlar ficaria orgulhoso dela.

Lark pareceu surpreso, mas não desanimado. “Não importa.

Encontraremos os outros mais tarde. E você vai se arrepender de ter desperdiçado nosso tempo.”

O punho da espada atingiu a lateral da cabeça dela, e o mundo ficou em silêncio.

Ela acordou amarrada. O ar estava viciado e seco. Ela tinha sido mergulhada em escuridão quase total. Ela piscou e mal conseguia distinguir a figura de uma mulher na sua frente.

Lark suspirou. “É estranho como os erros são facilmente repetidos...”

ela disse. “É estranho que outro governante Selvagem tenha se apaixonado por sua contraparte Nightshade.”

O sorriso de Isla era cruel enquanto ela cuspiu a seus pés. “O meu me deu sua vida.

O seu te trancou numa prisão. Nós não somos os mesmos.”

Lark apenas sorriu de volta, mas Isla percebeu que ela havia tocado num ponto sensível. A Wildling ainda guardava um profundo ressentimento pelo ancestral de Grim. Ela conseguia sentir isso.

“Deixe-me lhe dar um conselho, Isla,” ela disse. “Mate seu coração antes que ele mate você.” Ela se aproximou. “O coração é sempre nossa ruína. Não importa a poesia ou as lições sobre o amor conquistando tudo, não—o oposto. O amor nos conquista. Ele é o verdadeiro governante. O

verdadeiro equalizador. A verdadeira arma e foice entre os homens.”

Isso, pelo menos, era verdade. Isla sabia. O amor a fizera fazer as piores coisas que já fizera na vida.

Mas isso também a tornou forte o suficiente para fazer o melhor.

“Poderíamos ter sido aliados, em outra vida”, disse Lark. “Você sabe como é ser

trancado. Ser traído por aqueles que você ama.” O lado da cabeça dela doía onde a espada a atingiu. Sua visão ficou turva, depois retornou. “Talvez o tempo seja o que você precisa. Assim como eu.”

Foi então que Isla se virou e viu seus pulsos amarrados atrás dela e o que havia ao redor deles.

As pulseiras dela, transformadas em algemas, acorrentadas ao chão. As que Lark deve ter encontrado na forja do ferreiro.



“Não,” ela gritou, tentando se desvencilhar deles. Ela convocou todo o seu poder —mas ele se foi.

Perdido.

Lark suspirou. “É uma tortura, não é? Pior ainda depois do primeiro século. Você verá.” Ela se aproximou dela. Isla se lançou para frente, mas as correntes a arrastaram para trás. Lark apenas sorriu. “Não preciso do coração de Lightlark quando tenho você. Vou encontrar os governantes Nightshade e Sunling e enviar pedaços deles para você, até que você cumpra. Vou matar cada pessoa com quem você já se importou.” Isla se enfureceu contra as pulseiras, e Lark apenas sorriu. “Adeus, por enquanto, Isla,” ela disse, enquanto o teto descia para engoli-la.

O grito furioso de Isla não foi ouvido por ninguém.

OceanofPDF.com

ALIMENTADO DA MORTE

Os pulsos de Isla estavam em carne viva de tanto puxar as pulseiras.

Sangue escorria pelos dedos dela e caía no chão.

Por favor, ela disse a si mesma, por favor, não a deixe encontrá-los. Se ela o fizesse. Se Grim e Oro estivessem machucados... Ela se dobrou e vomitou.

Ela lutou contra as restrições em vão.

O tempo passava diferente no subterrâneo, sem a lua ou o sol para lhe dizer quanto tempo tinha passado. Ela estava caída para frente, tendo esgotado toda a sua energia.

Maldita seja ela por ter mandado fazer as pulseiras. Ela tinha feito isso consigo mesma.

Ela foi a fonte de sua própria prisão, até mesmo do metal.

Somente Lark poderia removê-las, o que significava que ela morreria com as pulseiras ainda em seus pulsos.

Não, isso não era verdade. A única outra pessoa que poderia libertá-la era o ferreiro, Ferrar. E ela tinha enfiado uma lâmina no peito dele.

Todo o seu trabalho foi em vão. A armadura e a espada que ela havia deixado em seu quarto. Nada disso importava mais.

E se eu precisar de você? Ela perguntou a ele.

Você sempre teve tudo o que precisava, ele disse. Se ao menos isso fosse verdade.

Um dia se passou, ao que pareceu, antes que um soldado irracional aparecesse na caverna. Sua pele era curtida e fria demais enquanto ele puxava o cabelo dela para trás e a forçava a beber água. Ele enfiou comida na garganta dela, e ela mordeu a mão dele o mais forte que pôde, mas ele nem se encolheu quando seus dedos se separaram na boca dela.

Isla se dobrou e vomitou, cuspidando descontroladamente. E ele repetiu o processo novamente, com sua mão mutilada e sem sangue.

Outro dia. Outra refeição. Outro guarda, dessa vez. Ela estava certa.

Lark pode tê-los invocado dos mortos, mas eles não estavam inteiros. Lark era mais fraco aqui, neste mundo. Isla se perguntou se, no outro mundo, ela tinha sido capaz de realizar ressurreições completas.

O que ela havia prometido a Cleo? O Moonling entendeu os limites do poder de Lark aqui?

Isla se perguntou sobre Grim e Oro. Ela esperava que eles estivessem seguros e longe do Wildling.

Ela tateou em busca do vínculo entre eles, como fazia a cada poucas horas, mas com as pulseiras e tão embaixo, ela não sentiu nada.

O pensamento lhe ocorreu mais tarde do que deveria. Seu colar. Se ela conseguisse encontrar uma maneira de puxá-lo — talvez para enganar o guarda a fazê-lo — Grim poderia encontrá-la. Ele a havia encontrado antes.

No dia seguinte, Isla tentou. Ela brigou com o guarda.

Ela se dobrou, em qualquer tentativa de puxar o colar.

No dia seguinte, ela tentou falar com ele, para convencê-lo a ajudá-la, mas era como se ele não pudesse ouvi-la.

Nada funcionou.

Isla gritou novamente, como se sua voz pudesse atravessar a rocha e alertar Grim e Oro sobre onde ela estava. Mas ninguém apareceu.

Uma semana era muito tempo gasto em silêncio. Sua única companhia eram seus pensamentos. Restavam apenas mais alguns dias da temporada de tempestades. Mais alguns dias antes que o áugure dissesse que seu corpo pereceria. Talvez Lark encontrasse uma maneira de mantê-la viva.

Talvez o Selvagem planejasse transformá-la em algum tipo de monstro.

As palavras de Ferrar eram como um canto em sua mente, um eco pela caverna.

Tudo o que ela precisava... Ela começou a repassar as palavras dele. A repassar sua pesquisa. A repassar os eventos de sua vida.

Os seguidores do profeta estavam convencidos de que ela era a maldição nascida da vida e da morte. Que ela acabaria com o mundo... ou o salvaria.

O grupo de Sairsha a forçou a acabar com eles. Eles acreditaram que estavam dando a ela um presente. Não fazia sentido — a menos que pensassem que, ao matá-los, ela estaria pegando algo.

Ela pensou na emoção de matar Tynan. A onda de cada morte depois.

A besta dentro dela estava sendo saciada.

Conforme seus poderes se desenvolveram, algo obscuro se formou.

Começou com o uso de seu sangue e dor como poder, em Lightlark. Então, em Nightshade, se transformou em matar por poder. Eventualmente, os skyres.

Era como se algo dentro dela estivesse sempre tomando. E sempre ficando mais forte.

Quase como se fosse um poder completamente diferente.

Isso era impossível. Ela já tinha o seu talento. Ela tinha o talento do pai.

Ela não poderia ter outro. A menos que—

A menos que ela não tivesse nascido com o talento do pai.

A menos que ela tivesse pegado.

Isla começou a tremer.

Nós não matamos seus pais. Terra dissera essas palavras, e Isla fora rápida em descartá-las, mesmo que a dúvida estivesse abrigada no fundo de sua mente. Então, usando o talento de Oro, ela confirmou. Seus guardiões não tinham razão para assumir a culpa de matar seus pais. Eles não tinham razão para parecerem temerosos quando ela retornou do Centenário, acusando-os daquela morte.

A menos que... a menos que eles tivessem mantido isso em segredo. A menos que eles estivessem protegendo-a da dor da verdade. A menos que eles estivessem se protegendo, com medo do que ela poderia fazer.

Lágrimas brotaram em seus olhos, cegando-a.

Não.

Isla gritou a plenos pulmões.

Ela havia matado seus pais.

Ela matou Aurora.

Ela matou muitos outros desde então.

E isso a tornou mais forte.

Ela tomou — ela tomou o poder de cada pessoa que ela já matou. A vergonha a consumiu, e ela tremeu de raiva. Ela se alimentou da morte.

Morte.

Ela era um monstro.

Mas então a compreensão a inundou como água corrente.

Porque ela também matou o ferreiro.

Você sempre teve tudo o que precisava.

Um som primitivo saiu de sua boca. O chão tremeu em resposta à força dela, porque agora que ela sabia o poder que tinha — ela poderia usá-lo.

O ferreiro já havia colocado as pulseiras nela antes. Ele sempre havia construído um mecanismo de segurança em seus designs.

Ela tinha o poder dele agora.

Com o foco inabalável, ela se lembrou de vê-lo em sua forja. Ela se lembrou de vê-lo martelar, cortar, criar. Ela o imaginou desmontando seu trabalho,

demolindo-o para sempre. As pulseiras de metal em seus pulsos começaram a rachar. Pedras no teto começaram a cair como chuva, quebrando-se contra o chão. E Isla apenas sorriu.

Ela pegou, como uma maldição.

E, por mais que tentasse, Lark descobriria que não poderia ser quebrada.

Isla desenterrou tudo — a dor, a vergonha, o amor, o ódio, a perda, a dúvida, o medo, a vida, a morte, e se envolveu nisso, se embebeu nisso.

Ela raspou cada habilidade de onde estava enterrada, cada pedaço de poder que ela já havia tomado, cada força que ela tinha medo de usar. Ela filtrou tudo através do skyre.

E ela se libertou.

O mundo se abriu ao redor dela. O chão se abriu como uma boca gritando em um rugido que engoliu seus sentidos, rasgando camadas infinitas de terra e rocha até que a luz choveu sobre ela novamente. Ela piscou furiosamente contra ela, ofegante. Isla estava a uma milha abaixo, no centro da nova cratera. As pulseiras eram apenas pedaços retorcidos a seus pés.

Ela tinha sido enterrada lá embaixo, onde ninguém poderia esperar encontrá-la. Ela olhou para o céu distante e para o chão que a havia cercado como uma gaiola.

Lark desejaria tê-la enterrado mais profundamente.

OceanofPDF.com



CUSTO

Isla estava imunda, ensanguentada e ainda tremendo por causa do frio do subsolo, mas ela precisava ter certeza.

Terra e Poppy estavam guardando a porta do castelo de Wildling Newland quando a viram.

Os olhos de Poppy se arregalaram — não de medo... mas de preocupação. "O que aconteceu? Você está bem? Deixe-me ver esses pulsos, eles vão infeccionar." Isla estava muito cansada, mental e fisicamente, para recusar. Ela permitiu que seus guardiões a levassem para seu antigo quarto. Foram necessários três banhos e esfregadas sem fim para lavar o sangue e a sujeira das fendas que ela nem sequer teria pensado. Poppy trouxe pomadas e bandagens curativas.

“Ela veio te buscar aqui? Estão todos bem?”

Terra balançou a cabeça. “Wren nos transportou para cá com o dispositivo, mas ela ficou para trás, em Nightshade. Ela nunca veio.”

Isla fechou os olhos diante da lembrança do Wildling em chamas.

“Wren está morto.”

Houve apenas silêncio.

Quando Poppy terminou o último conjunto de bandagens em volta dos pulsos, Isla não aguentou mais. Ela tinha que ter certeza. "Eu os matei, não foi? Meus pais."

Poppy olhou para Terra. Terra apenas olhou para ela. Ela assentiu.

Isla sentiu uma parte dela se despedaçar novamente, mas não teve tempo de quebrar.

Ela engoliu em seco. “Como?”

Terra suspirou. “Seu primeiro grito... você derrubou o castelo. Eles foram mortos

instantaneamente. Só você permaneceu. O vínculo dela... ele te protegeu.”

Lince. Foi por isso que ele a odiou no começo. Ele sabia; ele tinha estado lá.

Ela matou seu companheiro bem na frente dele.

“Você nasceu com muito poder”, disse Terra. “Seu poder ameaçou a todos nós. A você, especialmente.”

Isla não entendeu. Não fazia sentido. "Eu nunca tive poder." O sorriso de Poppy era triste. "Nós garantimos isso. Havia um metal, passado de geração em geração. Dizia-se que suprimia o poder. Nunca tivemos muita utilidade para ele... até você." O mesmo metal que acabara de ser amarrado em seus pulsos. Mas ela nunca tivera pulseiras como aquela.

“Nós moemos isso na sua comida. Nós colocamos isso nas suas roupas e armas,” Poppy disse. “Entre isso... e te convencer de que você nasceu sem poder, você nunca tentou usá-lo. Nós sabíamos que a dose de pedra não era forte o suficiente. Um dia, você iria dominá-la. Nós treinamos você da melhor forma que podíamos sem isso, esperando que você fosse capaz de controlar suas habilidades quando elas aparecessem.”

Vilã desde o primeiro suspiro. As palavras que ela uma vez falou com humor para Grim eram muito reais quando se tratava dela.

Ela lutou contra as lágrimas. Não havia tempo para elas agora.

Poppy e Terra trouxeram suas roupas. Ela vestiu suas familiares calças de treino marrom, camisa de mangas compridas e botas. Poppy trançou silenciosamente o cabelo para longe do rosto.

Pela primeira vez em meses, ela se sentiu como uma Selvagem novamente.

“As coisas vão ficar ruins,” Isla disse a eles na porta do castelo. “Grim virá atrás de vocês, se eu não fizer isso.” Terra assentiu.

Poppy jogou os braços em volta de Isla. Ela segurou sua guardiã por apenas um momento.

Ela abriu os olhos e encontrou Terra observando-a. Então, seu antigo professor

disse: “Nós treinamos você bem. Agora mate aquela bruxa assassina.”

Em suas roupas limpas, Isla usou o talento de Grim para se abrir em um portal para a clareira na Ilha Celeste. Folhas farfalhavam no chão da floresta, carregadas pelo vento. Elas tinham coberto parcialmente o corpo no centro, como um cobertor.

Ela caiu de joelhos e chorou.

Remlar não merecia essa morte. Ele estava vivo há milhares de anos.

Ele a ajudou, quando a maioria não ousaria.

Ele se tornou um amigo.

Ela encontrou a lâmina dele por perto. Aquela que ele amaldiçoou.

Aquela que continha seu poder. Ela brilhava sob a luz. Sobrenatural. Feita pela sombra.

Isla se lembrou de algumas de suas últimas palavras para ela.

Você colocará os deuses de joelhos.

Ele acreditou nela, quando ela nem acreditava em si mesma. Ela enfiou a lâmina dele no cinto.

Então, ela pressionou a mão contra o corpo dele e o transportou para a Colmeia.

As criaturas aladas aguardavam. A floresta tremia com seus soluços.

Ele foi carregado em um pedaço de vento, entre seu povo. Ela observou em choque enquanto eles arrancavam penas de suas asas e as colocavam em seu corpo, até que ele estivesse coberto por elas.

Ela era a última da fila. “Sinto muito”, ela disse. “Eu vou fazer isso. Eu vou fazer tudo o que você me ensinou.”

Foi o último segredo compartilhado entre eles.

Isla estava na beira do penhasco ao lado da propriedade de seu pai, com vista

para a enseada de onde ele tentou fugir de seu destino.

Ela agarrou o grande diamante negro em volta do pescoço e puxou.

Em instantes, o chão trovejou quando Wraith pousou, suas garras cravando fundo na terra. Grim estava de costas. Ele saltou silenciosamente para o chão. Os joelhos de Isla quase dobraram enquanto ele caminhava em sua direção. Por dias, ela se perguntou se Lark o havia encontrado. Se ela... se ela...

“Eu pensei que você fosse—”

Os lábios dele cobriram os dela, e ela foi engolida por ele — em tempestades, chuva e sombras. "Nunca mais faça isso", ele disse. E então, ele a beijou mais.

Ela queria capturar esse momento para sempre. Mas Lark ainda estava lá fora.

Ela ainda queria todos eles mortos.

Ele a abraçou contra o peito. Ele a estava segurando tão perto que ela podia sentir o coração dele batendo descontroladamente, bem contra o ouvido dela.

Ela olhou para cima para vê-lo estudando seu corpo, o olhar cravado em seus pulsos em carne viva. As sombras que se acumulavam aos pés dele agora brilhavam, devorando o penhasco. "O que ela fez com você?"

“Ela colocou as pulseiras e me acorrentou a uma milha abaixo do solo.

Ela disse que ia matar todos vocês.”

A voz de Grim tremeu de raiva quando ele disse: "Vou arrancar membro por membro daquela bruxa e fazer com que ela se cure para que eu possa fazer isso de novo e de novo até o fim dos tempos."

“E eu vou te ajudar”, ela disse. “Onde ela está?”

"Astria a viu ir para o subterrâneo alguns dias atrás, e ela não apareceu desde então. A lâmina do Skyling pode não tê-la amaldiçoado, mas era forte o suficiente para tê-la enfraquecido."

Bom. Sua morte não foi em vão.

Lark era forte. Logo, ela emergiria. Restavam apenas alguns dias de inverno. O tempo deles estava quase acabando.

“Isso acaba agora”, disse Isla. Ela tinha tudo o que precisava. “Pegue todos eles — Oro, Enya, Calder e Zed — e traga-os aqui. Eu vou para Azul.”

Grim assentiu.

Ela o deixou naquele penhasco.

Azul estava sentado nos degraus do castelo dele. Ele se levantou quando ela se aproximou.

“O que aconteceu?” ele disse, como se pudesse ler a dor e as provações das últimas semanas em suas feições.

Energia fervia ao redor dela enquanto ela se aproximava. Desde que ela descobriu seu verdadeiro talento, era como se parte de seu poder tivesse sido desbloqueado, e agora ele surgia ao redor dela. “A



tempestade para acabar com todas as tempestades? Vai acontecer amanhã,” ela disse.

Azul ficou tenso. “Como você sabe?”

“Porque eu estou conseguindo.”

[OceanofP DE.com](http://OceanofP.DE.com)

VOCÊ

Amanhã, ela enfrentaria Lark. Ela enfrentaria seu destino.

Sua ilha estava quieta. Ela podia ouvir as ondas batendo na praia, podia sentir a floresta respirando para dentro e para fora.

Ela estava nas costas de Lynx. Ela pensou que ele também gostaria de ver. Ele ficou imóvel embaixo dela, no momento em que eles se teleportaram para cá. Seus ouvidos estavam aguçados.

“O que você acha?” ela perguntou a ele.

Em resposta, ele foi embora.

Isla quase foi jogada de suas costas. Ela teve que se pressionar contra sua espinha, dedos cheios de seu pelo, para se segurar. "O que você está fazendo?", ela perguntou, enquanto ele atravessava a floresta que ela conhecia.

Ele não diminuiu a velocidade nem vacilou. Ele viajou por caminhos que ela nunca havia trilhado antes, subindo colinas, entrando em vales, com confiança.

Como se ele já tivesse estado aqui antes.

Isla deslizou mais para cima, para pressionar a mão entre os olhos dele.

Foi quando ela os viu. Flashes de memórias que Lynx lhe deu, derretendo-se no presente.

Os pais dela, aqui, nesta ilha. Comendo frutas das árvores. Cavalgando

Lince. Construindo fogueiras e—

A floresta se abriu. Lynx parou, bem na frente de uma casa que havia sido tomada pela floresta.

“Não,” ela disse, deslizando das costas de Lynx. Ela tinha vindo aqui dezenas de vezes nas últimas semanas e nunca tinha acontecido com ele.

Ele pressionou o nariz contra as costas dela, e ela observou seus pais construírem este lugar. Cada pedaço de madeira, cada decoração, cada pedra. Eles transportaram algumas de suas coisas favoritas e fizeram um lar. Para os dois.

Não... não só para os dois.

Em uma das memórias, ela viu sua mãe rir e então se virar para Lynx.

Sua barriga estava redonda, cheia. Suas mãos a acariciaram.

Ela. Eles fizeram isso para ela também.

Isla entrou na casa.

Nas últimas duas décadas, ele havia sido tomado. Videiras rastejavam para dentro, criaturas corriam pelos cantos. Teias de aranha grudavam no teto. Mas partes da história de seus pais permaneceram.

Uma mesa torta, com cadeiras que claramente foram feitas à mão.

Pinturas de Lynx e seu pai... ela o reconheceu das memórias de seu vínculo. Sua mãe tinha sido pintora.

No centro da mesa, havia um pedaço de papel coberto por uma camada de sujeira e amarelado pelo ar e pelo tempo.

Ela congelou ao ler a caligrafia familiar no topo.

Isla. A escrita do pai dela. A mesma dos mapas dele.

Com dedos trêmulos, ela desdobrou o pedaço de papel.

Minha querida Isla,

Você nascerá em poucos dias, de acordo com sua mãe. Ela adormeceu na cadeira ao meu lado, poucos minutos depois de dizer que não estava cansada. Achei que este seria um momento tão bom quanto qualquer outro para lhe contar um pouco da nossa história... e da sua.

Algumas dessas coisas, me disseram, você já deve saber. Algumas podem ser uma surpresa. Deixe-me contar tudo.

Eu estava trabalhando com um homem que odiava o mundo e a si mesmo. Ele procurava encontrar uma espada para que pudesse tomar a terra que seus predecessores haviam perdido. Eu o ajudei. Visitei um ferreiro e dei meu sangue para fazer um amuleto que lhe permitiria andar na noite, como eu podia. Em troca, ele fez o ferreiro me fazer um dispositivo de portal para que eu pudesse ajudar melhor em sua missão de encontrar a espada.

Eu a encontrei, mas fui ferido em meus esforços. Eu me transportei para a Wildling newland, por acidente. Sua mãe me encontrou e me salvou. Ela me disse que se eu desse a espada ao meu governante, o mundo sofreria e incontáveis inocentes morreriam em uma guerra sem fim. Então, depois de muito pensar, eu

decidi fazer parecer que eu estava perdido, a espada não encontrada, o dispositivo de portal destruído comigo. Deixei minha vida antiga para trás, e ela me matou. Mas sua mãe era uma luz na escuridão.

A maldição dela significava que quanto mais tempo passávamos juntos, mais minha vida corria perigo. Decidi fazer algo desesperado.

Usei o dispositivo de portal para visitar o ferreiro novamente, arriscando todo o meu plano. Implorei que ele me fizesse outro amuleto, para sua mãe, com meu sangue. Em troca, ele queria a morte, mas, por causa de sua maldição, eu sabia que se o matasse, Grim saberia que eu estava viva. Em vez disso, dei a ele minha armadura, que havia sido passada de geração em geração. Ela tinha poder original, e ele aceitou. Ele me fez o colar.

Eu não tinha certeza se ia funcionar, mas funcionou. Sua mãe ainda precisava de sangue para sobreviver, mas ela podia se apaixonar por mim sem se sentir compelida a me matar.

Eu queria poder contar cada detalhe da nossa história, Isla, mas isso terá que ser guardado para outra ocasião. Mas posso te contar isso. Nos primeiros dias em que conheci sua mãe, eu não podia ficar na Wildling newland. Ela estava sob supervisão quase constante, e minha presença teria sido notada. Então, toda noite, eu voltava para um lugar que eu havia descoberto anos antes, quando meu governante me deu o uso do dispositivo de portal pela primeira vez. Uma ilha

desconhecida tão adorável que eu a chamei pelo nome que sempre quis dar à minha futura filha: Isla.

Todos os dias antes de deixar sua mãe, eu pegava uma de suas flores ou frutas favoritas do jardim dela. Isso a irritava infinitamente.

Ela pensou que eu estava fazendo isso para ser cruel, mas eu estava plantando aqui. Nesta ilha. Para que fosse composto de todas as suas coisas favoritas.

Cada fruta, cada flor, cada animal, cada inseto nesta ilha era amado por sua mãe, Isla. E ela era amada, deixe-me dizer. Quando ela estava grávida, sua mãe começou a ter sonhos estranhos. Ela começou a acreditar que nosso filho nasceria no início de uma nova era. E que ela salvaria nosso mundo... ou acabaria com ele.

Você já se perguntou qual era o talento da sua mãe? Ela nunca contou aos seus guardiões, então eu acho que você não sabe.

Sua mãe podia ver o futuro, Isla. E é assim que sabemos que sua vida será difícil.

É por isso que sei que você lerá esta carta na véspera de um dia que mudará sua vida e este mundo para sempre.

É assim que sei qual será seu estilo.

É assim que sei que seu nascimento vai matar nós dois.

Se você se sente culpada pelo que fez, deixe-me dar um fim a isso.

Sabíamos o que aconteceria se escolhêssemos ter você, Isla. Sabíamos que tudo isso aconteceria. Fizemos uma escolha e nunca nos arrependemos.

Você terá meu talento. Você não conhecerá a dor das maldições.

Mas você não terá o da sua mãe, ainda não. Fizemos outra viagem ao ferreiro, e sua mãe disse a ele que ele morreria no próximo quarto de século. Ele ficou tão satisfeito que nos fez o favor de criar um recipiente para o talento da sua mãe. Ela queria que fosse sua escolha, conhecer o futuro, ou não. Ela sabe que você fará muitas escolhas difíceis.

O talento da sua mãe está aqui. Ele estava esperando por você.

Pegue-o e você saberá de tudo.

Você pode estar se perguntando como posso ser tão arrogante sobre minha própria morte iminente. A verdade é que meu respeito

pela minha própria vida não é nada comparado ao meu respeito pela sua mãe. Desde o momento em que a conheci, eu a amei. Desde o momento em que nos casamos, jurei protegê-la de qualquer coisa que pudesse causar-lhe perigo. Eu matei qualquer coisa que tentasse machucá-la. Só houve uma pessoa que amei mais do que sua mãe, Isla.

Só uma pessoa pela qual eu poderia suportar perdê-la.

E esse é você.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto, caindo na página. Eles sabiam. Eles sabiam que ela os mataria, e eles a pegaram de qualquer jeito.

Eles sabiam tudo o que aconteceria com ela. E ainda assim... eles acreditavam nela. Eles acreditavam que ela faria as escolhas certas.

Ao lado da carta havia uma pulseira. Ela reconheceu o trabalho do ferreiro.

Tinha um pequeno amuleto. Um frasco.

De alguma forma, ela sabia que quebrar o pequeno frasco significaria reivindicar o poder de sua mãe. Conhecer o futuro.

Sabendo se ela seria capaz de mudar seu destino. Sabendo qual dos dois homens que ela amava viveria.

Parte dela queria quebrá-lo, pegá-lo, saber imediatamente para parar a dúvida e a dor. Outra parte não queria saber. Só queria seguir seu plano.

Ela prendeu a pulseira no pulso.

Então, ela subiu nas costas de Lynx, acariciou-o entre as orelhas e disse: "Vamos para casa".

OceanofPDF.com



ILUSÃO

Seus planos estavam em andamento. Seu cabelo ainda estava molhado, seu braço queimado e seus músculos doloridos de tudo o que ela havia preparado.

Todos sabiam suas ordens. Grim estava se certificando disso agora.

Lynx dormia pacificamente no meio do salão do palácio de inverno.

Ela o ouviu soltar um rosnado baixo e sabia exatamente o que isso significava.

Ela se virou e quase colidiu com Grim.

Isla não o via tão exausto há algum tempo. Suas sombras estavam mais apertadas do que o normal. Sua postura estava levemente curvada.

Ainda assim, ele a pegou pelas costas das pernas e a colocou na mesa de jantar ao lado da qual ela estava andando. "Você está decepcionada", ele disse, seu nariz frio correndo pela lateral do pescoço dela, fazendo-a tremer. "Por quê?"

"Ninguém nunca lhe disse que é rude ler as emoções de alguém sem a sua permissão?"

"Sim," ele disse em seu pescoço. "Minha esposa. Constantemente." Ele olhou para ela. "Por que decepção, coração? Eu fiz alguma coisa?"

Ela balançou a cabeça. "Não. Claro que não. Tudo—tudo correu bem?"

Ele suspirou. "Tirei quase todo o meu poder, mas sim. Evacuamos todos deste lado de Nightshade, divididos entre cada ilha. Cada newland. Nunca fiz tanto portal em um dia na minha vida, mas todos estão seguros."

Bom. Isso foi bom.

Amanhã, Nightshade não seria um lugar habitável. As tempestades seriam piores do que qualquer um deles já havia experimentado antes. "E Oro?"

"Vivo. Por enquanto", ele disse.

Ela lançou-lhe um olhar fulminante.

“Ele está pronto.”

“A cotovia não apareceu?”

Ele balançou a cabeça. “Não. Astria e Enya estão se revezando na vigília. Acabei de vê-las. Nenhuma delas a viu.” Ótimo. Ela suspirou contra o peito dele.

Ele olhou para ela, expectante, ainda sem superar o fato de que ela, por um breve momento, sentiu decepção. Ela balançou a cabeça. “Não é nada. Com tudo o que está acontecendo, não significa nada.” Ele apenas continuou a esperar. “É só que... você parece cansada. E eu tinha... eu...”

Ela fez menção de sair da mesa, mas ele a deteve com uma mão gentil contra seu quadril.

“Ah,” ele disse. “Uma última noite juntos, caso todos nós morramos de uma morte horrível amanhã?”

“Algo assim”, foi tudo o que ela disse.

Seus olhos escureceram. “Eu nunca estou cansado demais para levar minha esposa para a cama,” ele disse. “A menos que você tenha planejado algo envolvendo portal, nesse caso, você terá que—”

Ela tentou beliscar seu estômago e não encontrou nada além de um pouco de pele. Ainda assim, ele fingiu estar machucado. Ele sorriu, e Isla morreu um pouco por dentro.

Seu sorriso murchou. “O que é?”

“A tempestade... o portal... temo que ele destrua este castelo.” Toda a parte de trás da casa era feita de vidro. Ela olhou ao redor. “Este é o único lar de verdade que você já teve, e ele pode ser destruído. Você deve estar devastada.”

Grim assentiu, entendendo. “Claro que sim”, ele admitiu. “Mas não moro aqui há séculos. Não sinto tanto apego quanto você pensa.” Ele arrastou os dedos pelos cabelos dela, a palma da mão em concha no rosto dela. “E esta não é minha casa”, ele disse. “Não mais. Minha casa é onde quer que você esteja.”

Uma lágrima escorreu por sua bochecha, e antes que Grim pudesse notar, ela esmagou seus lábios nos dele. No começo, o beijo deles foi gentil. Amoroso. Então foi desesperado.

Ele separou os lábios dela com a língua, e ela gemeu quando ele a provou completamente, acariciando o topo da boca dela, sua língua, seus dentes. Ele mordeu o lábio inferior dela, então lambeu a dor, e uma sacudida de prazer correu por sua espinha.

Os quadris dela se moveram para frente, desesperados por qualquer tipo de fricção; e lentamente, muito lentamente, os dedos longos dele traçaram a parte interna da coxa dela, trazendo o vestido com eles. O

polegar dele fez movimentos lentos e provocantes, tão perto de onde ela precisava dele, antes de puxar a bainha do vestido dela até o quadril em um movimento brusco. Grim pareceu ficar sobrenaturalmente imóvel quando percebeu que ela não estava usando nada por baixo.

“Devoradora de corações,” ele disse, sua voz tensa. “Você está tentando me matar?” “Sim,” ela disse.

“Bom. Agora abra suas pernas para mim.”

Ela fez o que ele pediu e arqueou quando os nós dos dedos dele roçaram direto no centro dela, seu toque leve como uma pena, sua pele fria contra a pele aquecida dela. Ele rosnou com o desejo dela, com o jeito que ela agarrou seus ombros como se ele fosse sua âncora, com o jeito que ela inclinou a cabeça para trás enquanto os dedos dele faziam movimentos longos e lânguidos bem onde ela precisava dele. Com o jeito que ela gritou quando ele finalmente a preencheu.

“Aquele barulho,” ele disse, sua voz cheia de um desejo tão brutal que ela encontrou seu olhar novamente. Seus olhos estavam quase totalmente pretos, escurecidos de desejo, e ele lentamente se inclinou, enrolou sua mão em volta da nuca dela, e disse bem contra seus lábios, “Faça de novo.”

Ela fez. De novo e de novo enquanto ela descaradamente se esfregava contra a mão dele, perseguindo seu prazer com abandono. O polegar dele traçou o pulso dela, então arrastou pelo pescoço dela até o peito sensível.

Ele acariciou, para frente e para trás, o ritmo acelerando. Ela ofegou em sua boca

enquanto combinava o ritmo dele com seus quadris; enquanto ela ficava tensa, então quebrava, pulsando ao redor dele.

Ele gentilmente removeu os dedos, e ela ficou querendo mais — mas não por muito tempo.

Ela estava em seus braços em um instante. Ele a beijou, arrastando seu lábio inferior inchado entre os dentes. Seus lábios não deixaram os dela enquanto ele arrancava seu vestido, costuras se partindo, botões voando, até que eram apenas pedaços de tecido no chão. Ela nem gritou com ele.

Tudo o que ela fez foi se atrapalhar com suas roupas, antes de desistir e transformá-las em cinzas enquanto ele a pressionava contra a janela. O

vidro estava frio contra sua espinha, e ela engasgou. Seus tornozelos travaram atrás dele.

Grim não perdeu um momento. Mãos se curvaram sob seu traseiro, ele entrou e entrou e entrou, e ela não sabia se algum dia se acostumaria com o tamanho dele, com a sensação dele.

"Esposa", ele sussurrou contra o pescoço dela quando estava totalmente dentro, seus braços tremendo de contenção enquanto esperava que ela se ajustasse a ele.

“Marido”, ela disse, bem no ouvido dele.

Aquela única palavra pareceu ser sua ruína. Ele arrastou os dentes pelo pescoço dela enquanto a penetrava em um golpe brutal, lento e profundo, alcançando um lugar que era todo nervos pulsantes. Ela fez um som que nunca tinha feito antes, e ele riu sombriamente contra sua garganta. "Lá?", ele disse, e ela assentiu furiosamente. Lá. Ele bateu naquele lugar novamente, e ela enterrou o rosto em seu ombro, cravando os dentes nele para não gritar.

Mais — ela precisava de mais, e ele parecia sentir isso, porque seus golpes se tornaram mais selvagens, até que ele estava se movendo tão forte e rápido, que ela não sabia como as janelas não se estilhaçaram atrás dela.

Ele a abraçou forte, um braço em volta das costas dela e o outro segurando seu quadril, enquanto o peito sensível dela arrastava-se contra sua pele fria.

“Eu te amo”, ela disse num suspiro baixo em seu ouvido.

"Eu amo somente você", ele disse. Então, ambas as mãos dele agarraram os quadris dela, e ele a tomou com mais força, como se pudesse fundir suas almas, como se pudesse mostrar seu amor a ela com cada movimento. Ela se agarrou a ele durante tudo isso, encontrando-o golpe por golpe, a espinha deslizando contra o vidro, suas testas pressionadas e

olhares travados, até que ela se apertou, e ele xingou. Ele se enterrou nela em um longo golpe, e eles se uniram, segurando um ao outro através do prazer pulsante e ofuscante.

Só mais tarde, quando estavam se lavando, ele disse: “Nós somos infinitos, coração. Nunca se esqueça disso.”

Ela esperava que ele estivesse certo.

O céu estava limpo acima do castelo de inverno. Isso mudaria em breve, ela pensou, enquanto olhava pelas janelas.

Ela se virou para encontrar Grim já vestido para a batalha. Ele usava folhas de metal e armadura, com uma espada nas costas, seu punho espreitando sobre seu ombro.

Ele parecia a própria morte.

Ela estava com roupas mais leves, adequadas para o papel que desempenharia. Grim estaria no chão, com Lynx... ela estaria nos céus com Wraith.

Seu leopardo não pareceu gostar muito da ideia.

Grim tinha suas instruções. “Procure meu sinal”, ela disse.

Ele assentiu. “Eu estarei lá. Oro também.”

“Bom. Ela é mais poderosa do que todos nós. Só temos uma chance nisso.”

Ela ficou na ponta dos pés para pressionar os lábios nos dele. Ele segurou a parte de trás da cabeça dela, os dedos entrelaçando os cabelos dela, e a beijou como se fosse a última vez que ele o faria. Quando ela finalmente se afastou e caiu de

volta nos calcanhares, ela se sentiu sem fôlego e ainda menos disposta a ir embora. Mas ela tinha que ir.

Eles foram para fora, onde uma camada de neve fresca cobria tudo, até mesmo Wraith. O dragão bateu suas asas, fazendo a geada voar.

Lynx lançou-lhe um olhar sofrido, que só se intensificou quando Grim caminhou em sua direção.

Grim lentamente ofereceu sua mão à testa de Lynx — uma trégua.

O leopardo bufou e se virou.

“Tenha cuidado”, disse Isla, apertando a mão de Grim e então olhando para Lynx.

“Vocês dois.”

Grim se teleportou para as costas do leopardo. Ele deu a ela um último aceno que continha todos os tipos de promessas — que hoje não seria o último, que eles repetiriam tudo o que fizeram na noite anterior várias e várias vezes, que eles eram infinitos e que a morte não tinha chance — e então eles partiram. Isla os observou partir, com medo e arrependimento apertando seu coração.

“Agora somos só você e eu”, disse Isla, esfregando o lugar entre os olhos de Wraith. Eles se aguçaram, como se ele pudesse sentir que a batalha estava chegando. Um hálito quente saía de suas narinas. Então ele se inclinou para que ela pudesse subir nele.

Ela se acomodou no lugar que Grim lhe havia ensinado. Curvou as mãos em volta das cristas certas e disse: "Vamos."

Uma hora antes, ela tinha ido até o caixão de Cronan. O portal era invisível, escondido, não confiável. O poder de Lark, ela imaginou, tinha rasgado a costura mais larga, suas habilidades chamando o outro mundo.

Ele, respondendo. Eles tinham se alimentado.

Mas Isla também tinha um pedaço do outro mundo. Dois deles.

Preparando-se contra a dor, ela fez seu primeiro skyre com o osso divino, bem sobre seu coração, onde o coração de Lightlark a marcou. A dor foi como engolir um rio de fogo — poder queimando em suas veias, desesperado por uma saída. Logo, ele a encontraria.

Mas ainda não.

Seu novo skyre pulsava contra sua pele, a tinta rodopiando, viva. A página que faltava estava certa — osso tinha mais poder do que sangue.

Ela podia sentir a força adicionada em sua corrente sanguínea, aquecendo-a e adicionando mais uma habilidade ao seu arsenal.

Era assim que ela iria abrir o portal. Fechá-lo, de acordo com a página, exigiria poder dela, Grim e Oro, junto com encantamento.

Primeiro, eles precisavam mandar Lark embora para sempre.

Wraith voou pelos céus, e não demorou muito para que ela ouvisse —

a marcha de um exército. Grim e Oro eram a isca, esperando que Lark os sentisse. Tirando-a do esconderijo.

De cima das nuvens, ela e Wraith mal conseguiam ver Grim e Oro — e a onda infinita de soldados sem sangue que agora os cercava. Isla engoliu

em seco, e uma voz ao seu lado disse: "Então. A morte de qual deles te machucaria mais?" A voz estava com raiva. Zombando.

Enya. Suas asas de fogo se espalharam atrás dela, crepitando.

Isla ignorou a pergunta. Por mais fácil que fosse não gostar da Sunling, ela admirava sua lealdade a Oro. Ela estava grata por ele ter alguém como ela em sua vida.

"Tenha cuidado", disse Isla das costas de Wraith, enquanto o exército abaixo se aproximava dos homens que ela amava. Enya apenas levantou uma sobrancelha e disse: "Preocupe-se consigo mesma, Isla. Eu não morro hoje." Então, com uma piscadela, ela despencou, suas asas de fogo crescendo, expandindo, ardendo. Pouco antes de atingir o chão, ela se virou bruscamente para o lado, e sua asa

arrastou-se pela terra, incendiando centenas de soldados sem sangue, queimando o mundo em uma linha espessa enquanto ela disparava para frente.

Ela pousou e virou bruscamente, asas se curvando, envolvendo-a em chamas rodopiantes. Isla observou de cima, paralisada, enquanto ela atravessava o exército como um tornado, cortando-os com seu fogo.

“Impressionante. Pode-se dizer que é impressionante,” uma voz ronronou bem atrás dela. Ela pulou, quase perdendo o equilíbrio, apenas para encontrar Zed descansando atrás dela, as mãos descansando atrás da cabeça, como se não houvesse uma batalha começando abaixo deles.

“Eles estão prontos?”, ela perguntou. Para que seu plano funcionasse, tudo tinha que estar no lugar.

Ele assentiu preguiçosamente. “Azul nos deu tudo o que precisávamos.

E algumas coisas que não precisamos.” Ele deu um tapinha no bolso, e ela balançou a cabeça. Ele se endireitou e gesticulou em direção ao mar.

“Calder também reuniu algumas surpresas. Você as verá.”

Então ele caiu bem do lado das costas de Wraith, disparando pela clareira em um raio azul. Ele pousou no centro de um grupo de soldados sem sangue e os cortou com uma lâmina curva feita de um vento cortante.

Era quase casual, a maneira como ele lutava — nunca vacilando, nunca parecendo que estava se esforçando demais.

Grim e Oro eram o oposto. Eles estavam costas com costas e se enfureciam. De cima, tudo o que ela via era uma sombra ruínosa

encontrando uma chama abrasadora. Ambos extinguindo tudo em seu caminho.

Ela nunca imaginou que eles trabalhariam juntos, mas Lark havia transformado inimigos em aliados. Ela esperou um momento, depois dois, pelo sinal.

Veio na forma de um sino tocando. O mesmo aviso da tempestade.

Astria estava observando Lark. Ela emergiu.

Estava na hora.

Isla inspirou e expirou. Wraith flutuou, mal movendo suas asas, mantendo-as bem paradas, enquanto ela lentamente se levantava.

Seu poder havia sido enterrado. Ele havia sido escondido. Ele havia sido esquecido. Agora ela alcançava as profundezas mais profundas de si mesma, mais longe do que acreditava ser possível — E chamava tudo.

Tudo o que está enterrado eventualmente ressurge.

Seus poderes surgiram com a força de uma onda gigante, quase a derrubando das costas de Wraith, mas ela se manteve firme. Firme, enquanto seu poder começava a emergir dela, fervendo, brilhando verde e vermelho.

Formou um escudo ao redor dela, um véu brilhante, e ela podia ver todos os seus poderes girando dentro dele. Cada pessoa que ela já havia matado. Cada habilidade que ela havia adquirido até então. Estava tudo ali, tudo ao seu alcance.

Seus skyres queimavam, implorando para serem usados. A nova tinta, formada de osso e sangue, girava em antecipação, bem sobre seu coração.

Estava na hora.

Ela o chamou para frente e seu peito brilhou, o padrão estrelado do skyre brilhando através de suas roupas, através do céu, como um raio de luz. Ela estava engolfada em poder, transbordando dele, como se tivesse engolido o sol e a lua e as estrelas e o céu e todo o universo entre eles.

Com as costas curvadas, os braços estendidos, ela lançou tudo em direção ao céu em um raio de força inflexível e sobrenatural.

Ela era o raio.

O mundo trovejou em resposta.

Ela podia sentir isso por toda a ilha, a fenda do portal se abrindo, chamada por seu poder, reconhecendo-o.

De longe, ela viu nuvens se formando do nada, como se tivessem sido transportadas para cá.

Elas eram escuras, pesadas, piores do que qualquer tempestade que ela tinha visto durante a temporada.

E quando elas se abriram, não choveu água.

Choveram criaturas.

Bestas escamosas e com garras caíam do céu em ondas infinitas.

Grim os viu primeiro. Uma debandada de criaturas retorcidas, com membros, pescoços e cabeças demais, avançando direto na direção deles.

No começo, suas sombras mataram todos eles. O fogo de Oro queimou tudo que não tinha virado cinzas.

Mas então, a chuva se tornou gotas de metal. Feitas de sombra.

E todos os seus poderes — incluindo o de Isla — desapareceram.

O céu ficou vermelho. Um vento a derrubou — ela só escapou da morte agarrando-se aos cumes de Wraith. Ela se levantou, achatou-se contra a espinha dele e disse: "Espere. Ainda não."

O chão estava tomado por criaturas rosnadoras, por soldados desossados que trabalhavam como um só, cercando aqueles que ela amava.

Ela observou, sua pele coçando para ir até lá, lutar ao lado deles, usar suas espadas do jeito que havia sido treinada.

Mas ela permaneceu no centro da tempestade enquanto as nuvens começaram a cercá-la. Estava quieto. Escuro. Ela mal conseguia enxergar além das nuvens noturnas.

Foi então que um relâmpago iluminou o céu por um momento, revelando que não eram nuvens, mas sim feras que faziam sombras.

A luz desapareceu. Isla tremeu contra as costas de Wraith.

E gritos como uma garra cortando a própria noite encheram o céu. Ela cerrou os dentes contra o som, e então Wraith saiu voando o mais rápido que pôde, para longe das feras que os seguiam pela tempestade. Ele foi mais alto, e mais alto, passando pelas nuvens. Por um momento, ela pensou que eles os tinham perdido.

Então as presas foram iluminadas por outro relâmpago, quase se fechando sobre a asa de Wraith.

“Mova-se!” ela gritou, e o dragão abaixou-se, virando-se, mergulhando de cabeça de volta na tempestade. Ela se segurou com unhas e dentes, dedos suados lutando para manter o contato.

A criatura não diminuiu o ritmo. Ela os perseguiu pela tempestade com asas pontiagudas e presas enormes que se curvavam para fora de seus lábios coriáceos, boca aberta, pronta para engoli-los inteiros.

Até ser devorado por uma criatura maior que uma montanha.

O dragão atirou de volta, pouco antes de sofrer o mesmo destino. Isla engoliu em seco.

A tempestade em si pareceu se acalmar, enquanto a besta se endireitava em sua altura máxima — e rugia de meia dúzia de bocas. Ela tinha asas que bloqueavam totalmente o céu, e seis cabeças, cada uma maior que Wraith.

Lentamente, muito lentamente, cada uma daquelas cabeças voltou sua atenção para eles.

Foi quando ela viu Lark sentada nas costas da criatura, observando-a.

Não haveria como voar mais alto que eles. A criatura era muito grande.

Seus poderes não funcionavam aqui.

Wraith tremeu abaixo, mas suas asas se abriram. Ele não correu. Ele estava pronto para encarar a morte certa de frente, com ela.

Ela pressionou uma mão contra a espinha dele, lembrando-se dele como um pequeno feixe de escamas. Lembrando-se dele chorando por causa do ferimento. Lembrando-se dele se curando. Ficando mais forte.

Ela estava tão orgulhosa dele.

Tão orgulhoso que quando a fera avançou, ele não vacilou.

Ele disparou em direção a ela sem diminuir a velocidade, com a cabeça baixa.

Determinado. Corajoso. Sabendo que não tinha chance, mas tentando mesmo assim.

Havia apenas alguns metros entre eles.

Foi então que Isla tirou a espada da bainha e sorriu maliciosamente ao ver a expressão no rosto de Lark ao reconhecê-la.

A espada de Cronan.

Ela levantou-o sobre a cabeça e rugiu.

E o próprio mundo pareceu tremer. Gritos cortavam o ar, o chão, uma cicatriz de terra se partindo em algum lugar próximo. Então, o sol foi bloqueado por mil pares de asas.

Droga.

Eles dispararam pelo ar como estrelas de arremesso, enterrando-se na criatura. Ela berrou. Suas muitas cabeças tentaram pegar cada drek, mas eram muito grandes, e as bestas aladas eram muito rápidas. Muito pequenas. Logo, elas atacaram a criatura e Lark. Elas comeram a carne da besta, infundindo-a com seu veneno, as mesmas veias escuras que ela uma vez vira em Grim. As feridas infeccionaram diante de seus olhos, e a criatura caiu alguns metros, desequilibrada, cega pelo bater das asas.

Isla subiu nas costas de Wraith novamente e disparou para frente.

Alguns dos dreks a cercaram, como uma legião, iluminados através da tempestade pelos anéis que carregavam em suas garras.

Os anéis de Azul. Centenas deles.

Centenas de tempestades. Poder, preso lá dentro, que ela podia liberar, mesmo

no metal. Que ela podia controlar.

Ela levantou a espada novamente, no comando, e todos os orbes se despedaçaram.

Energia encheu o céu, libertada das pedras. Cada tempestade orbitava ao redor dela como anéis de habilidade, tão rápido que se tornavam listras de cor. Com um rugido, ela atirou todos para a frente na fera montanhosa.

Uma cabeça foi morta por uma nevasca concentrada em uma lâmina.

Outra pela força de uma onda gigante que ela havia transformado em uma foice. Uma terceira por um furacão que passou direto por uma de suas gargantas. Tempestade após tempestade atacou a besta em todos os ângulos, até que só sobrou uma cabeça.

Wraith voou entre dois pescoços sem cabeça, virou-se bruscamente e, de pé nas costas dele, com os ventos da tempestade que ela agora controlava mantendo seu equilíbrio, ela fez uma lâmina de monções, inundações e tornados, e cortou a última cabeça fora.

A fera caiu do céu, levando Lark junto.

Suas tempestades rugiam, pintando-a com sua própria sombra de oceanos, neve, furacões, tempestades de areia e gelo, tudo controlado por ela, tudo se fundindo para criar a tempestade que acabaria com todas as

tempestades. Com os braços tremendo de força e esforço, ela moldou todos eles em um único orbe que ela encolheu antes de adicioná-lo ao seu cinto.

Ela girou Wraith em um círculo três vezes, marcando o sinal.

Grim pegaria Oro. Eles a encontrariam na forja de Ferrar.

Primeiro, eles precisavam de Lark.

Calder foi instruído a encontrar o corpo quebrado de Lark lá embaixo e prender seus pedaços no gelo, para que ela não pudesse se curar.

Ela precisava encontrar Oro e Grim na forja. O plano deles estava quase

completo.

Primeiro, porém, havia algo que ela precisava fazer.

Isla decolou para o céu, nas costas de Wraith. Ela viajou para o palácio de inverno para uma preparação final.

Ela estava andando pelas janelas largas da sala de jantar quando notou a neve. Ela estava aumentando. Caindo mais rápido do que o normal.

Gotas se tornaram uma rajada, e então lençóis, tão brancos e grossos que ela mal conseguia ver os jardins através deles. Ela descia cada vez mais rápido, e ela deu um passo para trás, mas era tarde demais.

A neve se transformou em água que rompeu todos os painéis de vidro. A onda a jogou pelo chão, enquanto ela lutava para se firmar. Ela se agarrou à mesa de jantar, às cadeiras, à janela, mas era persistente.

Não adiantava lutar enquanto a puxava para baixo.

Ela engasgou ao atravessar a superfície, desesperada por ar. Ela o engoliu em grandes goles, seus olhos piscando freneticamente, seu corpo dormente sob ela. Quando sua visão clareou, ela viu que estava no centro da longa fonte atrás do palácio, no meio do jardim.

Cleo e Lark estavam diante dela.

A Wildling deveria estar em pedaços. Ela deveria estar congelada.

Cleo. Isla mostrou os dentes para o Moonling. Ela esperava que Calder não tivesse se machucado.

Cleo respondeu puxando Isla para baixo novamente, e ela se debateu contra a água, lutando para invocar algum poder — mas ela estava submersa há muito tempo. Seu corpo poderia muito bem ser gelo. Suas

habilidades tinham afundado em um lugar bem fundo atrás de suas costelas.

Ela emergiu novamente, tremendo violentamente de frio, tossindo.

Lynx rugiu do outro lado dos jardins. Ela o ouviu se debater, como se lutasse contra restrições, e seu sangue esquentou. Grim o deixara ali, amarrado, por ela. Ele e Oro estavam esperando na forja do ferreiro. Eles deviam estar se perguntando por que ela estava demorando tanto.

“Você estava certa”, disse Lark. “Ela é escorregadia. Na verdade”, ela disse, os olhos brilhando de raiva, “eu pensei que você ainda estivesse no centro do chão, esperando por mim... imagine minha surpresa quando te vi na tempestade, nas costas de um dragão.” Lark olhou para ela curiosamente. “Como você conseguiu sair das pulseiras, pequena Selvagem?”

Isla cuspiu em sua direção e foi arrastada para baixo da água novamente. Ela tentou lutar contra o líquido, controlá-lo usando o poder de Oro, mas ele escorregou entre seus dedos, como se Cleo tivesse controle total sobre tudo isso. Ela era uma Moonling mais forte. Toda a água, gelo e neve que envolviam o Algid eram leais a ela.

"Ainda não", ela ouviu Lark dizer, e então ela estava ofegante novamente. "Eu preciso dela viva... por enquanto." Ela sorriu para Isla.

Seus olhos seguiram para seu coração e a cicatriz nele que estava quase visível em sua camisa de mangas compridas agora transparente. Estava brilhando fracamente. "Você achou que sua vida estava segura, porque você guarda um pedaço do coração de Lightlark?" Seu sorriso cresceu. "Eu não preciso disso. Eu só preciso de você. Eu vou te afogar em meu solo, e então você e seu poder pertencerão a mim. Eu vou te levantar assim como o resto, e você vai destruir este mundo, com toda essa grande habilidade que você tem. E então, com seus ossos, eu vou começar de novo. O

mundo será construído a partir de você, Isla", ela disse. "Encontre paz em saber que sua morte terá significado algo."

O chão abaixo da fonte começou a tremer. A pedra ao redor dela se fragmentou, rachando ao longo de suas veias. Isla cambaleou para o lado, tentando evitá-la.

Lark nunca tirou os olhos dela, um sorriso nos lábios, a mão na frente dela. Raízes romperam o fundo, enrolando-se em volta de Isla, puxando-a, sufocando-a. Arrastando-a para baixo em direção à água.

Ela se afogaria, então seria enterrada abaixo. Ela se levantaria.

Lark a usaria para sua destruição.

Ela se tornaria uma arma. Ela salvaria o mundo... ou acabaria com ele.

Os olhos de Lark brilharam de satisfação enquanto ela observava Isla lutar contra as videiras. Enquanto ela a observava tentar invocar sua habilidade Wildling apenas para ser dominada. Ela sorriu mais amplamente, mostrando os dentes.

Ela nem viu a lâmina de gelo até que ela atravessou sua garganta.

Então ela cortou seu peito, pernas e braços. O gelo continuou mudando de líquido para sólido, repetidamente, resistindo à cura de Lark.

“Obrigada,” Isla disse a Cleo, e ela se libertou das raízes que a prendiam. Ainda de joelhos, ela enfiou o braço na água, até que seus dedos se curvaram em volta da espada que ela havia jogado lá dentro minutos antes. “Além disso, você quase me matou.” Cleo apenas deu de ombros.

Lark observou, morrendo e se curando, uma e outra vez, enquanto Isla lentamente se erguia da água. Ela deu um passo, e o metal voou pelo jardim, para dentro da fonte, enrolando-se em seu tornozelo. Então em sua perna. A outra. Ela esticou o braço, e as peças se juntaram como quebra-cabeças, a armadura que Ferrar tinha feito para ela a partir da armadura de seu próprio pai se encaixando em cada centímetro de pele, até que ela estivesse luminosa e quente. Ela tinha escondido tudo.

Tudo havia sido planejado.

Ela puxou a espada de Cronan completamente para fora da água.

“Não posso segurá-la por muito tempo”, disse Cleo. “Vá. E não esqueça sua promessa.”

"Eu não vou."

Na noite anterior, ela havia visitado Cleo e lhe feito uma promessa. A Moonling havia libertado Lark do gelo. Ela a havia levado até lá.

Agora era a vez de Isla cumprir sua parte do plano.

Ela saiu correndo pelos jardins, ouvindo os gritos gargarejados de Lark.

As raízes sob seus pés começaram a se mover, e ela sabia que não tinha muito tempo enquanto corria pelo caminho em direção ao labirinto.

Um raio azul voou pelo ar, enquanto Cleo se impulsionava em direção ao oceano em um arco de gelo e água.

O tempo dela acabou.

Ela continuou correndo até chegar à boca do labirinto.

E Lark estava atrás dela. Ela estava ofegante, se curando, gelo caindo de seu corpo e batendo contra a grama congelada. Ela entrou no labirinto.

Estava na hora.

Isla cravou a espada na grama. Com gritos estridentes, os dreks emergiram e formaram uma barreira ao redor do labirinto, cercando-o, prendendo-os lá dentro. Eles se moviam em sincronia, como um único ser gigante sob seu comando.

Lark olhou para eles, depois para Isla. “Vocês acharam que eles poderiam me parar?” Ela deu um passo à frente. E mesmo que ambos estivessem dentro do labirinto, suas feridas começaram a cicatrizar, carne, músculos e ossos se reconstruindo. Seu rosto se abriu em um sorriso.

“Vocês acharam que meu poder seria anulado aqui?”

Tão perto de uma porta para o lugar de onde vim?”

“Não”, disse Isla. “Eu não fiz.”

E então ela transportou os dois para o centro do labirinto.

OceanofPDF.com



OURO

Ele não sabia o que estava demorando tanto. Grimshaw estava andando de um lado para o outro na forja, sombras comendo a neve recém-caída, destruindo tudo em seu caminho. Era isso que ele fazia, era nisso que ele era bom. Arruinar tudo o que era bom neste mundo.

“Seu ódio agudo por mim é lisonjeiro,” o demônio disse, sentindo suas emoções. “Mas é melhor mantê-lo sob controle enquanto trabalhamos juntos.” Falando em trabalhar juntos, onde ela estava?

A Beladona pareceu sentir sua impaciência, sua preocupação, porque ele disse rispidamente: “Ela está chegando.”

“Vamos até ela,” Oro insistiu. “Ela poderia—”

“Ela nos disse para esperar aqui,” Grim disse, sua raiva fazendo as sombras aos seus pés apontarem como uma dúzia de espadas na direção de Oro. Ele podia ver em seu rosto, no entanto, a preocupação que eles compartilhavam.

“Para quê, exatamente?” Grim mal lhe dissera alguma coisa.

“Fechar o portal requer todo o nosso poder. A ferreira tem encantamentos aqui que podem unir nossas habilidades. Ela vai abrir o portal aqui, e nós vamos mandar Lark para o bem.”

Oro franziu a testa. Ele estava prestes a perguntar que diabos de plano era esse, quando um grito cortou o ar ao meio.

Droga.

Eles deveriam ter ido embora agora. A tempestade tinha acabado.

Oro ficou imóvel, enquanto a compreensão o dominava. “Ela não precisa que abramos o portal”, ele disse. “Ela não precisa de um encantamento. Ela tem nosso poder. Ela pode fazer tudo sozinha.”

O medo, tão potente quanto qualquer coisa que ele já havia sentido, encheu seu peito. “Ela tem seu próprio plano. Foi por isso que ela só te contou. Eu saberia

que ela estava mentindo.”

Grim balançou a cabeça, ainda incrédulo. “Por que ela mentiria? O que ela poderia ter planejado?”

Oro tentou pensar, tentou juntar as peças. “Não tenho certeza, mas ela deve querer se sacrificar de alguma forma”, ele disse, chamando-se enrolando em suas palmas. “Para tentar contornar a profecia.”

A voz do Nightshade pareceu abalar o mundo quando ele disse, muito lentamente: "Que profecia?"

Oce.anofPDF.com



PORTAL

O portal no Lugar dos Espelhos foi criado a partir de metal feito por sombras... com sangue selvagem infundido. Levou um tempo para que ela descobrisse a técnica, com a ajuda da broca.

“É como um escudo com uma abertura do tamanho de uma espada”, ele disse, refletindo.

Foi assim que ela teve a ideia de vir ao labirinto e infundir seu próprio sangue no metal da tumba de Cronan. Como ela decidiu criar um novo skyre, a partir do sangue do metal.

Eles eram um.

Seu poder atravessou o escudo.

Ela liberou esse poder em Lark quando eles pousaram no centro do labirinto, fazendo-a disparar de volta para o labirinto.

Lark se recuperou rapidamente. Suas mãos estavam estendidas, e Isla foi engolida pelas sebes. Todo o interior delas era feito de espinhos como dentes pontudos. Sem sua armadura, eles a teriam rasgado em pedaços, mas esse metal não arranhou, não vacilou.

Isla convocou sua força. Ela cavou fundo em si mesma, nas fontes mais profundas de seu poder, e começou a arrastá-lo para fora.

Todas as pessoas que ela matou, toda a morte, todo o sangue, todas as porcarias, todas as coisas que faziam dela uma vilã, em vez de enterrá-las, ela as agarrou e deixou que a consumissem.

Lark era poderoso.

Mas ela também estava.

Isla saiu das sebes e sentiu-se brilhar, suas habilidades irradiando dela, circundando-a em uma galáxia.

Lark forçou as sebes atrás dela para baixo — mas elas passaram direto por ela: uma habilidade de Nightshade que ela havia aprendido. O Wildling enviou raízes para acorrentar seus tornozelos e forçá-la a ficar de joelhos, mas elas derreteram em nada contra sua armadura e a energia Starling que ela havia revestido sobre ela.

O chão abaixo de Isla se abriu, tentando engoli-la, mas ela foi mais rápida, fazendo seu próprio túnel para baixo e aparecendo atrás de Lark.

Ela se virou, mas Isla encontrou suas videiras com uma lâmina de sombra e as observou desaparecer.

Ela se envolveu em sombras, e cada pedaço da natureza que Lark jogou nela murchou. A própria Lark parecia enfraquecer quanto mais perto ela chegava dela, enquanto Isla crescia e crescia, até que sua escuridão era mais alta que as sebes. Este não era o poder de Grim. Era o dela. Do pai dela. Aquele que ela havia tomado, aquele que ele havia lhe dado de bom grado.

Isla permitiu que a escuridão abrisse caminho. Ela não lutou contra isso, não mais. Era parte de quem ela era.

Cada poder que ela possuía emergiu, fundindo-se, todas as habilidades dos seis reinos se fundindo para formar outra coisa. Algo diferente.

Foi sua distração em encontrar algo novo lá dentro que lhe custou caro.

Videiras brotavam do chão e se enrolavam em volta de sua cabeça, de modo que ela não conseguia ver, não conseguia ouvir e não conseguia se mover. Seus sentidos foram extintos um por um, e ela rugiu pouco antes de sua boca ser sufocada também, quando sentiu Lark pressionar um prego em seu peito. Era como se ela quisesse cavar direto em sua carne, na parte que o coração havia consertado, e pegá-la com suas próprias mãos. Isla tentou atirar seus poderes para o mundo; mas sem a maioria de seus sentidos, ela não tinha foco, nem direção.

Ela se virou violentamente, e não conseguia respirar — não conseguia pensar. Ela estava sufocando sob as videiras. Elas pertenciam a Lark; ela as controlava. Os braços de Isla ficaram moles ao lado do corpo. Seu peito se contraiu enquanto ela buscava ar.

Foi quando ela sentiu. Eles. Oro e Grim. Seus laços com ela. Se aproximando. Não.

Lark sorriu maliciosamente. “As pessoas mais perigosas são aquelas que não temem a morte, Isla.” Lark não precisava. Ela era impossível de matar.

“Espero que esteja certa,” Isla disse, um sorriso se espalhando por seu rosto. Seu próprio corpo estava sufocado, inútil—mas sua sombra não.

Ela se desprende do chão, e ela a direcionou como se fosse outro membro, assim como Sairsha havia feito. Ela a instruiu a enfiar a mão no bolso e remover a pena escondida dentro dela. A sombra começou a arrancar as farpas da pena, e Isla percebeu que as amarras ao redor dela estavam se soltando. Ela percebeu que o prego que havia começado a cravar em seu peito estava recuando.

Isla respirou fundo no espaço que lhe foi dado e soltou. As videiras se espalharam por todo o lado, e sua sombra caiu de volta no chão, mas não antes de lhe entregar a pena.

Lark estava de joelhos diante dela, ofegante, com uma mão no peito.

“Levei um tempo para descobrir”, disse Isla. “Mas então percebi...”

Aurora deve ter tentado falar com você. Ela deve ter descoberto sobre você de alguma forma. Ela deve ter considerado libertá-lo para conseguir o que queria. Ela era Starling. Ela não teria colocado parte de sua alma em algo como uma pena... mas você. Você faria. E você usou a letra dela como se fosse sua. Foi assim que você soube onde eu estava. Você já estava se levantando, espalhando veneno por Nightshade, mas não conseguia sair.

Meu sangue... ele te libertou, não foi, quando eu furei meu dedo?” Lark cambaleou, mas Isla encheu sua palma com chamas. Ela mergulhou a pena dentro, e Lark se contorceu de forma não natural, rugindo. “Isso deve doer... certo?” Isla disse, mal reconhecendo sua própria voz, a besta dentro dela se enfeitando com os sons de sofrimento.

Ela soprou a pena, quase queimando. Lark se levantou no chão diante dela. E Isla deu um passo em direção ao caixão. Ela colocou a mão contra ele, sentindo seu poder aumentar e o seu próprio correndo para encontrá-lo. Ela despejou tudo

de si dentro — as habilidades Nightshade, Wildling e Sunling que ela havia adquirido através do amor e da morte. Ela havia se teleportado centenas de vezes com seu bastão estelar, e ela invocou essa

habilidade, o talento de Grim. Ela tremeu com sua concentração, até que sentiu o mundo descascar na frente dela.

Nuvens começaram a se formar no alto.

Com um movimento de seu pulso, o caixão explodiu. Restou apenas um buraco. Era escuro e infinito, um pedaço de céu se abrindo, uma explosão de cor em seu centro, como se um amanhecer eterno florescesse lá dentro.

“Não,” Lark disse, ainda no chão, engasgando com suas palavras.

“Garota tola. Me empurre, e eu encontrarei uma maneira de retornar. Eu voltarei.”

Isla inclinou a cabeça para ela. “Não,” ela disse. “Você não vai.”

Ela pendurou a espada que controlava os dreks nas costas. Ela podia sentir Oro e Grim lutando contra as criaturas. Ela podia sentir uma quebra no escudo deles. Ao seu comando, eles se espalharam, ordenados a não machucar mais ninguém.

Ela não fez com que Zed e Grim roubassem a espada novamente para controlar os dreks, embora eles tivessem sido úteis.

Não, ela precisava porque tinha sido encantado pelo próprio Cronan.

Continha seu sangue.

O que significava que ela poderia encontrá-lo com ele.

Remlar explicou o pergaminho. Ele confirmou o que ela havia lido no deserto — que um portal só poderia ser fechado do outro lado.

Foi por isso que ela roubou o osso de Oro. Por isso que ela começou a moldar seu próprio plano.

Ela puxou Lark do chão, quebrando as videiras e raízes que tentavam mantê-la.

Enviar Lark através do portal significava salvar este mundo da destruição. Mas também significava a chance final de redenção de Isla.

O poder de Lark era trazer os mortos de volta à vida. Aqui, isso significava pouco. Significava criar monstros. Mas no outro mundo... Lark podia ressuscitar pessoas completamente. Remlar havia dito isso a ela. Lá, Isla poderia matá-la. Isla poderia tomar seu poder.

E ela poderia trazer todos que ela já havia matado de volta à vida.

Só havia mais uma coisa que ela precisava para usar o portal. Era por isso que ela tinha visitado o áugure na noite anterior.



“O pergaminho do profeta diz para ir para outro mundo, preciso saber seu nome... mas foi esquecido.”

O augur assentiu. “Foi de propósito, veja bem.” Ele sorriu. “Mas o profeta sabia disso... então ele esculpiu o nome em si mesmo antes de vir para cá, para garantir que nunca se esquecesse.” O augur rastejou até o fundo de sua caverna e retornou com algo branco brilhante. O apresentou a ela.

Ali, em escrita rabiscada, havia uma palavra, gravada em osso. O nome do outro mundo... era Skyshade.

OceanofPDF.com

SINISTRO

Ela não havia quebrado a maldição no labirinto; isso ficou claro quando seu próprio poder morreu antes de alcançar os dreks. Em vez disso, ela mesma havia quebrado, de alguma forma.

Ele tentou abrir caminho através das criaturas, apunhalando-as com sua espada, mas a pele delas era quase impenetrável e, sempre que uma caía, era substituída.

Oro lutou ao lado dele, rugindo enquanto os dreks o despedaçavam com suas garras, mas ele não vacilou, e Grim também não.

Houve um grande estrondo e rosnado atrás deles. O leopardo de Isla os seguiu. Ele correu em direção ao labirinto, em direção a ela, como se pudesse sentir algo que nenhum dos dois conseguia ver.

Com seu grande tamanho e força, ele rompeu os dreks, e Grim e Oro o seguiram. A cada curva, o leopardo colidia com as sebes, cortando-as ao meio, mas a criatura não diminuiu o ritmo. Ele podia sentir o cheiro dela, e eles o seguiram.

Grim não tinha poder para portal. Ele não tinha poder para transformar todas as cercas em cinzas. Tudo o que ele podia fazer era correr tão rápido quanto ele já tinha corrido em sua vida, ao lado de seu inimigo, cuja devastação ele podia ver era tão aguda quanto a sua.

Ela lhe contara sobre a profecia. Ela confiara nele. A dor se retorcia em seu intestino como uma espada, porque ele só tinha a si mesmo para culpar.

Agora, pela única vez em sua longa vida, ele estava grato pela presença do rei. Se ele pudesse ajudar a salvá-la, então ele se curvaria diante dele se fosse preciso, ele faria qualquer coisa. Ele faria qualquer coisa por ela, e ele estava apenas começando a provar isso.

O leopardo chegou primeiro, e seu rugido o abalou profundamente.

Um raio rachou o céu ao meio, pousando bem no meio do labirinto. A força dele os fez voar para trás. A terra começou a tremer. Todas as janelas do palácio atrás deles se estilhaçaram. Grim estava de pé em um instante. Ele não diminuiu o

ritmo. Ele não se importava nem um pouco com o palácio.

Tudo o que lhe importava era ela, e—

Ele chegou ao centro e caiu de joelhos. Onde o caixão uma vez esteve, apenas um círculo carbonizado e uma pena branca queimada permaneceram.

Lark tinha passado pelo portal para o outro mundo. E

Isla também.

OceanofPDF.com

AGRADECIMENTOS

Cada livro de uma série é sua própria jornada, e sou eternamente grata a todos que tornaram possível lançar Skyshade no mundo. Obrigada à minha editora, Anne Heltzel, por sua defesa incessante desta série desde o início e por tornar tanto possível. Sou incrivelmente grata por você ter se arriscado com ela e comigo. Obrigada a Andrew Smith, por acreditar nestes livros e por ver seu potencial. Obrigada à minha agente literária, Jodi Reamer, por ser minha estrela-guia e por, de alguma forma, ter tempo para falar comigo quase todos os dias. Sou muito grata por ter você ao meu lado. Obrigada ao meu advogado de entretenimento, Eric Greenspan, por me aceitar antes de tudo isso e por torcer por mim a cada passo do caminho.

Obrigado a Kim Lauber, por sempre ouvir minhas ideias e por ser um superhumano completo. A Mary Marolla, por ser extremamente organizada quando não estou e por fazer a mágica acontecer. Obrigado também a Megan Carlson, Maggie Moore, Josh Weiss, Taryn Roeder, Megan Evans e Angelica Busanet pelo trabalho incrível que vocês fazem para deixar este livro pronto para impressão e nas mãos dos leitores. E a Micah Fleming, Natalie C. Sousa e Sasha Vinogradova por criarem a capa cheia de cobras e tempestades dos meus sonhos.

Obrigado a Berni Vann, Michelle Weiner e Annika Patton por tudo.

Berni e Michelle — sou muito grato por trabalhar com vocês. Annika —

você é sempre a primeira pessoa a ler esses livros e, antes de tudo, sou muito grato por sua amizade. Obrigado também a Denisse Montfort e Allison Elbl por

tudo o que vocês fazem, e a Anqi Xu, por me dar ótimas notas.

Obrigado ao meu amor pelo seu apoio ao longo de tantos anos. Você torna o mundo real melhor do que um mundo fictício. Sou muito grato por poder passar todos os dias com você. Eu te amo.

Agradeço infinitamente à minha família e amigos por lidarem comigo e com minha falta de comunicação enquanto estou em um prazo que parece interminável.

Você sabe quem você é e sou muito grata por ter você em minha vida.

Por fim, e acima de tudo, obrigada, leitor, por fazer essa jornada comigo. Seu apoio a essa série me faz continuar escrevendo — cada livro é para você.

Obrigado por tudo

OceanofPDF.com

Pegue um

com *prévias* , bastidores, entrevistas e muito mais inspirado em nossos últimos livros YA [em piquebeyond.com](http://em.piquebeyond.com) !

OceanofPDF.com

Praise for the **LIGHTLARK** Saga

"Fantasy that reads like a breath of fresh air. Filled with secrets aplenty and enthralling magic, *Lightlark* will have you gasping then swooning."

—**CHLOE GONG**, #1 *New York Times* bestselling author of *These Violent Delights*

"Gorgeously lush and cinematic, *Lightlark* is the kind of fantasy that indulges all your senses, makes you swoon, and then knocks you sideways with twists. You won't want to put this down."

—**MARIE LU**, #1 *New York Times* bestselling author of *Skyhunter*

"If *The Hunger Games* was a dark fairy tale, you'd get the vicious and enchanting *Lightlark*. Get ready to be transported into a dazzling world."

—**ADAM SILVERA**, #1 *New York Times* bestselling author of *They Both Die at the End*

"Alex Aster's *Lightlark* is an ebullient, fast-paced fantasy, with a beautifully rendered world that seethes with intrigue, romance, and tension. I couldn't turn the pages fast enough."

—**SABAA TAHIR**, #1 *New York Times* bestselling author of *An Ember in the Ashes*


OceanofPDF.com